

independência, 200

Entenda o Brasil em 200 livros

Motivado pelo bicentário da independência, o projeto 200 anos, 200 livros reuniu sugestões de 169 intelectuais, como historiadores e sociólogos, para eleger as obras mais relevantes para entender o Brasil. Lançado em 1960, "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, encabeça a lista. **Especial p. 1**

Esporte B7

Milagre em 2 minutos

Tirado do banco no segundo tempo, brasileiro Rodrigo se torna o primeiro jogador a marcar duas vezes nos acréscimos, vira a partida contra o Manchester City e empurra o Real Madrid à final da Champions contra o Liverpool.

Nova pró-reitora não vê espaço para tirar cotas da USP

A historiadora Ana Lucia Duarte Lanna, que chefiará a nova pró-reitoria da USP focada em inclusão e diversidade, afirma que não há espaço para que as cotas sejam removidas da universidade atualmente. "[As cotas] têm mostrado resultados positivos e importantes", diz. **Cotidiano B3**

SABATINA FOLHA/UOL

Rodrigo Garcia endurece discurso sobre segurança

Durante sabatina promovida ontem por Folha e UOL, Rodrigo Garcia (PSDB), pré-candidato a governador de São Paulo e atual ocupante do cargo, evitou tratar João Dória (PSDB) como candidato à Presidência e declarou que a polícia vai reagir e atirar em criminosos. **Política A13**

Vinicius Poit critica STF e prega fim da era PSDB em SP

Política A13

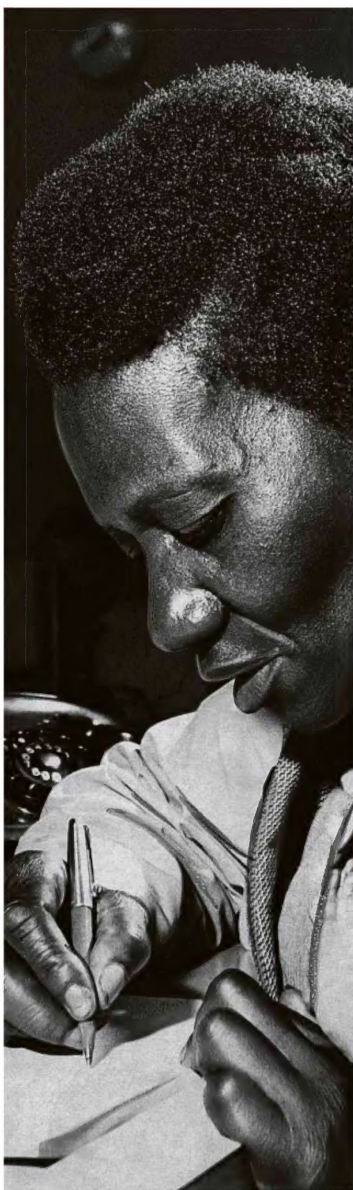
PF apreende ouro em avião escoltado por PMs

A Polícia Federal apreendeu ontem 78 kg de ouro em uma aeronave escoltada por agentes da Polícia Militar paulista, em Sorocaba. A PF suspeita de origem ilegal do material, avaliado em R\$ 23 milhões. **B1**

EDITORIAIS A2

Querelas inúteis
Acerca de intervenção de Bolsonaro na Petrobras.

A trilha do dinheiro
Sobre empreiteiras obscuras e obras da Codevasf.



A escritora Carolina Maria de Jesus, em 1960 **UOL/Folhapress**

Mais pessimistas, Brasil e EUA esticam escaladas de juros

Copom eleva Selic para 12,75% ao ano e prevê novas altas em ritmo menor; taxa do Fed tem maior salto em 22 anos

Pessimistas com as pressões do cenário global sobre a economia e a inflação, os bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos anunciaram ontem mais uma alta em suas respectivas taxas básicas de juros, estendendo um ciclo iniciado em março de 2021, no caso brasileiro, e há dois meses no americano.

Em Brasília, o Copom elevou a Selic em 1 ponto, para 12,75% ao ano, maior patamar desde 2017, e prevê mais aumentos.

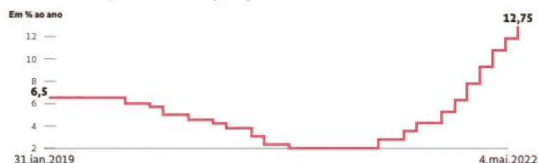
Em comunicado, o comitê citou a incerteza da conjuntura internacional e a inflação acima do esperado — o IPCA, que mede os preços ao consumidor, acumula alta de 12,03% em 12 meses.

Nas últimas dez reuniões, o órgão elevou a taxa em 10,75 pontos, o ciclo mais longo de aumentos desde que o sistema de metas inflacionárias foi criado, em 1999, e a taxa básica saltou de 25% para 45% ao ano.

O prolongamento da Guerra da Ucrânia, que onera os preços de combustíveis e alimentos, e o temor de novas quarentenas na China com a Covid também afetaram as expectativas nos EUA, onde a inflação é a maior em 40 anos. A alta de 0,5 ponto na taxa, que flutua entre 0,75% e 1%, é inédita no século. **Mercado A17 e A19**

Maior taxa em cinco anos torna investimento em renda fixa atraente **A18**

Taxa básica de juros no Brasil (Selic)



Fontes: Bloomberg e Banco Central

Vinicius Torres Freire

Arrocho de juros vai longe

Para quanto vai a Selic? Para começar, provavelmente a 13,25% no mês que vem e a 13,75% em setembro. No mínimo. O próximo governo vai começar com peso nas costas. **A20**

Vice em obras da Codevasf usa laranja e cresce sob Bolsonaro

Com sócio oculto, a construtora maranhense Construservice, vice-líder em licitações da estatal federal Codevasf, tem utilizado laranjas para participar de concorrências públicas na gestão Jair Bolsonaro (PL). **Política A4**

Atual ministro da Educação tentou nomear pastor lobista

Verba pública banca show de Mercury em apoio a Lula

A cantora Daniela Mercury recebeu R\$ 160 mil para cantar em um evento de centrais sindicais pelo 1º de Maio, palco para apoio a Lula (PT). O contrato foi fechado com a produtora que organizou a festa e pago com recursos da prefeitura paulistana. Segundo Ricardo Nunes (PSDB), a verba veio de emenda parlamentar de vereadores, e o caso será alvo de sindicância. **Política A7**

DIA DAS MÃES PEDE

NOVA CASASBAHIA

GELADEIRA MIDEA 425 LITROS POR APENAS **R\$ 119,00** MENSAIS

APROVEITE NO

MIRE A CÂMERA DO CELULAR E BAIXE O APP

COMPRE HOJE E RECEBA AMANHÃ

Zelenski também tem culpa, diz petista à Time
Em entrevista de capa para a revista americana Time, Lula (PT) declarou que considera o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, tão responsável quanto o russo Vladimir Putin pela guerra no país. **A6**

Eduardo Bolsonaro é alvo de ação na Câmara
O Conselho de Ética da Câmara instaurou processo contra Eduardo Bolsonaro (PL-SP) por ter ironizado a tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão, do jornal O Globo, durante a ditadura militar. **A10**

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patta
DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Beneç (comercial), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Querelas inúteis

Reações de Bolsonaro e do Congresso não parecem capazes de evitar nova alta dos combustíveis

O expressivo reajuste de preços da Petrobras revoltou consumidores e agitou o mundo político em março. Da direita à esquerda, candidatos, detentores de mandatos e o governo federal em particular atacaram os aumentos, de modo quase sempre demagógico e oportunista. O Congresso modificou o ICMS sobre combustíveis, que deverá ser cobrado por meio de um valor nacional fixo por litro. A União abriu mão de receita, zerando parte das alíquotas. Jair Bolsonaro (PL) deu início à presidente da Petrobras de modo tão conturbado quanto inócuo — preços continuaram a subir.

O diesel encareceu ainda mais do que a gasolina. Taria quando muito haver estabilidade, em relação ao início de março, caso os estados renunciassem ao valor total de sua arrecadação sobre o óleo. Não se trata de um caminho viável.

Ademais, a Petrobras está à beira de anunciar nova rodada de reajustes, caso prossiga a sua política — correta — de adequar seus preços aos do mercado internacional. E não há nenhum sinal de mudança, o que, aliás, é impedido pelo regulamento da gigante estatal.

O governo federal acusa os estados de terem fixado um valor excessivo para o novo ICMS dos combustíveis. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), acusa União e estados de minarem o esforço parlamentar de tentar baixar

o preço por lei. São desculpas rotas. Os governos estaduais alegam que fixaram o valor do imposto de modo a manter a receita em nível equivalente ao de novembro de 2021. Já estariam, por esse raciocínio, perdendo arrecadação.

O governo federal não se importa com os cofres. Abre mão de recursos em várias frentes, com objetivos eleitoreiros, concedendo subsídios socialmente iníquos.

Apenas com o diesel, deixará de receber cerca de R\$ 20 bilhões em um ano. Dito de outro modo, a dívida pública aumentará nesse montante, mais a taxa de juros que incidirá sobre o passivo. Além de não resolver um problema, o combustível caro terá piorado outro, o endividamento excessivo.

Demagogia e a incompetência técnica têm agravado os problemas nacionais, em particular desde o início da década de 2010. Voluntarismo e populismo impõem soluções simplistas e enganosas para máquinas complexas como o governo e a economia do país.

A maior inflação em quase 20 anos é sem dúvida um flagelo terrível, mas a intervenção espalhafato de Bolsonaro na Petrobras só serviu para corromper a imagem da maior empresa brasileira.

Devem-se buscar paliativos que favoreçam a população mais pobre, mas também essa discussão segue a reboque da política rasteira.

A trilha do dinheiro

Esquema do centrão começa nas emendas sem critério e termina em empreiteiras obscuras

Com o enfraquecimento da Presidência nos últimos anos, o Congresso assume poder crescente sobre o gasto federal; só Jair Bolsonaro (PL), a aliança com o centrão impulsiona despesas incluídas por deputados e senadores no Orçamento; graças a essas emendas parlamentares, elevam-se os recursos da estatal Codevasf.

Siga o dinheiro — a recomendação consagrada em língua inglesa para investigações intrincadas — e será constatado que os contratos da Codevasf privilegiam duas empreiteiras maranhenses pouco conhecidas e de práticas no mínimo heterodoxas, reveladas pela Folha.

A primeira delas é a Engesoft, para a qual estavam reservados R\$ 620 milhões em verbas orçamentárias até o início do mês passado. Em 2021, a empresa venceu 53 de 99 licitações por pregão eletrônico para obras de pavimentação, por 10 vezes disputando sozinho e ao lado de uma empresa de fachada de um irmão de seus sócios.

A outra é a Construservice, dona de R\$ 140 milhões em contratos firmados durante o governo Bolsonaro — antes de 2019, ela não tinha transações com a administração federal. As credenciais dessa empresa são ainda mais nebulosas.

Seus dois donos no papel já declararam não se-lo de fato, numa

investigação policial de 2015. O verdadeiro mandachuva seria Eduardo José Barros da Costa, réu nas Justas Estaduais e Federal em ações referentes a casos de corrupção.

Corrupção, claro, é a primeira suspeita a vir à mente em casos de transações mal explicadas entre governo e empreiteiras — e há elementos para dar início a uma apuração rigorosa. Mas há outros danos ao Orçamento e à política pública em jogo. Cumpre fazer de volta a trilha do dinheiro.

As verbas da Codevasf subiram de R\$ 1,7 bilhão (valores corrigidos), em 2018, para R\$ 2,1 bilhões neste ano, mais da metade oriunda de emendas parlamentares. O aumento se deu num período em que os investimentos federais como um todo minguaram. Antes mais voltada à irrigação, a estatal diversificou seus projetos.

Mais recursos não significaram bons serviços, como mostram o asfalto esfarelado em Petrolina (PE) e as crateras em Imperatriz (MA). A pulverização do gasto público em obras parciais, sem análise de relevância, tende a reduzir sua eficiência econômica e social.

É desejável, numa democracia, que o Congresso seja decisivo na elaboração do Orçamento. Mas tal papel deve implicar responsabilização e prestação de contas.



A revolução antiaborto nos EUA

Thiago Amparo

O rascunho de 98 páginas da Suprema Corte dos EUA em que o juiz ultraconservador Samuel Alito propõe fim ao direito de interromper a gravidez é estardalhaço — por ser o prenúncio de uma revolução que se estenderá muito além do aborto — e pouco surpreendente — por estar sendo cozinhado em banho-maria por republicanos há cinco décadas.

Não há nada de conservador na proposta. Conservador seria preservar o direito ao aborto em respeito ao precedente dos anos 70, mesmo que com modificações, como fez em 1992 a juíza da Suprema Corte Sandra O'Connor — ela mesma conservadora. Tampouco é democrática num país cuja maioria apoia o aborto.

O que Alito propõe é reacionário: fingir preservar a tradição devolvendo aos estados o poder de decidir sobre o tema mas na verdade implodir décadas de jurisprudência que tentaram tirar leite e mel de uma Constituição esquelética, que não previa direitos em 1788 e constitucionalizou atrocidades como escravidão.

Esse rascunho da Corte vai muito

além do aborto: defende que os direitos constitucionais seriam apenas os expressamente garantidos na Constituição, abrindo espaço para reverter uma pleiade de decisões — como o casamento homoafetivo — baseadas na penumbra de direitos implícitos, como privacidade, e no devido processo legal.

Uma decisão, se assim adotada, estará no panteão dos piores julgados da corte. E a competição é dura. A Suprema Corte já disse que negros não podiam ser cidadãos (1857), aprovou a esterilização forçada para pessoas com deficiência intelectual (1927), leis segregacionistas (1896) e campos de internação para americanos japoneses na Segunda Guerra (1944).

O EUA tem muito a aprender com os latino-americanos, cujos enfocações em desigualdade, e não em privacidade, levaram a poucas mas sólidas vitórias, como na Argentina. E o Brasil poderia melhor disfarçar a indignação inscensável, já que o STF mantém o nosso Roe vs Wade na gaveta desde 2017, enquanto mulheres pobres morrem por aborto inseguro.

O golpe de Bolsonaro é militar

Bruno Boghossian

O ministro Luís Roberto Barroso foi até generoso quando perguntou se as Forças Armadas são "orientadas para atacar" as eleições. Depois de três anos no coração do poder, com uma adesão continuada às ameaças golpistas de Jair Bolsonaro, é impossível ver os generais como colaboradores que apenas obedecem cegamente às ordens do presidente.

Se Bolsonaro levar adiante o plano de mela as eleições, o golpe será militar. As Forças Armadas trabalham ativamente na confecção do roteiro que o presidente parece disposto a seguir para invalidar a votação e continuar no poder. Além disso, os generais passaram a disparar insinuações cada vez mais ameaçadoras de intervenção nesse processo.

Há meses, o militar indicado pelo Exército para atuar no TSE procura as brechas que Bolsonaro e seus sócios pretendem usar para anular a votação em caso de derrota.

Num ofício ao tribunal, o general Heber Garcia Portella tentou abrir a porta para a realização de novas eleições caso sejam apontadas ir-

regularidades. Os governistas querem saber quais são os critérios para repetir a votação caso haja perda de dados nas urnas — uma hipótese que o TSE considera remota.

Os militares também decidiram forçar a barra para justificar sua interferência na disputa. Em duas notas, o Ministério da Defesa afirmou que "as eleições são questão de soberania e segurança nacional" e avisou que a instituição estará em "permanente estado de prontidão" para cumprir missões constitucionais.

As Forças Armadas se comportam como protagonistas políticos, não como personagens que só acompanham Bolsonaro nessa história. Não há notícias, aliás, de que o capitão tenha dado ordem ao general Eduardo Villas Boas, em 2018, quando o comandante do Exército tentou pressionar o STF no julgamento de um habeas corpus de Lula.

Ainda há quem alimente a ilusão de que uma "ala militar" poderia fazer as aspirações autoritárias de Bolsonaro. Lances recentes já deveriam ter sepultado essa fantasia.

A seguir: ditadura com Bolsonaro

Ruy Castro

Há dois anos, quando comecei a dizer aqui que a cooptação por Jair Bolsonaro de militares, policiais e civis armados era a preparação para um golpe em caso de derrota na eleição, ouvi que estava vendo fantasmas debaixo da cama. No passado, essa imagem se aplicava aos comunistas, que, solertes, esperavam a hora de se pôr de pé, acender a luz e render os inocentes de pijama e camisola. Passaram-se 62 anos. Os comunistas seguem debaixo da cama, de onde nunca saíram, e quem hoje prepara o golpe — o autogolpe, como o definiu, com descaro, um general — é quem já está no poder.

É um golpe preparado às claras, com direito a ser pregado em caretas, motociatas, cavalatas e outras atas bancadas com dinheiro público, sob a indiferença de instituições também pagas para cobri-las. É tão ostensivo que, desde há algumas semanas, passou a ser abertamente denunciado pelos jornais e demais veículos de opinião, e nem assim os suspeitos de tramá-lo se

dão à pavora de desmenti-lo. É como se já a dessemos de barato — algo previsto para acontecer entre a eleição e o Dia de Finados.

Os golpes são dados para manter ou derrubar o status quo. O golpe que se anuncia pertence à primeira categoria. Significa que seus adeptos militares e civis estão contentes com o Brasil de Bolsonaro. Para eles, não há alta corrupção, destruição do meio ambiente, estupro e assassinato de indígenas, dissolução das instituições e afronta à autoridade por mandríons bombados aqualados pelo mandrário mor.

É normal que nada disso diga respeito aos empresários. Mas eles parecem não se alterar também pelo desemprego, inflação, miséria, asco administrativo e estagnação da economia. A Bolsa não acaba de perder R\$ 77 bil de investimento estrangeiro e o Brasil não continua fora do G7 nem cada vez mais esnobado pela comunidade internacional.

A solução? Ditadura com Bolsonaro — é o que nos prometem a seguir.

O golpe pode dar errado

Maria Hermínia Tavares

Pesquisadora do Cebap e professora aposentada da USP. Escreve às quintas

Ele não disse nada, nem precisava. Ao participar, no Primeiro de Maio, de dois atos promovidos para atacar a Suprema Corte e ameaçar as instituições democráticas, Bolsonaro disparou um aviso pontiagudo do que intenta neste ano eleitoral. Que seu discurso vazio tenha sido recebido com certo alívio é um indicio desalentador do quanto a política nacional foi sequestrada pelas provocações do ex-capitão.

Isso porque ele se prepara para tumultuar o processo de sua sucessão e contestar a legitimidade do resultado lhe for desfavorável. Abdicando de governar, dia sim, o outro também, a pé ou de moto, ele se dedica a aqualar a militância raivosa. Quando necessário, mostra que defende a sua turma — como fez com o Daniel Silveira — e vai dosando o xingatório contra ministros do STF, a Justiça Eleitoral e a urna eletrônica.

Nos porões dessa radicalização, ataques mais virulentos circulam nas redes bolsonaristas. Segundo o professor Marcelo Alves, do Departamento de Comunicação da PUC do Rio de Janeiro, de setembro do ano passado a marca YouTube, pipocaram no YouTube 1.701 vídeos contra o sistema eleitoral, vistos 69 milhões de vezes. Por fim, é explícita a corte do presidente às Forças Armadas, bem como o uso que delas faz para desfilar autoridade. Que outro sentido teria sua participação nas redes bolsonaristas, na reunião do Alto Comando do Exército, na terça-feira passada (3/5)?

São mínimas as chances de serem pacíficas as eleições para o Planalto. Mesmo assim, o desfecho dessa ansiosa tragédia política ainda não está dado. Para um pensador americano Robert Dahl, no seu clássico "Poliarquia", editado no Brasil (Edusp), a democracia se estabelece quando as elites políticas consideram que os custos da repressão superam os de aceitar os resultados de eleições livres e limpas.

Uma solução violenta, que abra caminho para o autoritarismo sem disfarces, teria custos elevados não só para os brasileiros comuns, mas também para uma parcela importante das referidas elites. Como observou o historiador Luiz Felipe Alencastro, não basta dar o golpe em Brasília. Numa federação como a nossa, se as eleições forem contestadas, serão numerosos os interesses golpeados: dos candidatos a governos e câmaras legislativas, todos com campanhas nas ruas e vultosos recursos empenhados.

A estratégia de Bolsonaro está traçada, com objetivo e métodos definidos. Mas pode acabar dando errado se o grande arco de forças presentes no sistema político e na sociedade colocar a defesa das instituições democráticas à frente de disputas que, aliás, só podem ser travadas em regime de liberdade.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Decisão da ONU sobre Lula é lição para o Brasil

Diplomacia brasileira tentou obstruir trabalho, competência que não lhe cabe

Hussein Kalout

Cientista político, professor de relações internacionais e pesquisador na Universidade Harvard; ex-secretário especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (2017-2018, governo Temer) e ex-colunista da Folha

A decisão do Comitê de Direitos Humanos da ONU sobre o julgamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi uma lição para o Brasil e, em particular, para o Poder Judiciário e para o Ministério Público.

O teor das 35 páginas, subscritas por profissionais independentes e de elevada reputação internacional, pode até representar uma reparação de cunho moral; a decisão, contudo, está longe de reparar a indignação de quem se sentiu injustiçado.

Além de um julgamento desvirtuado do ponto de vista jurídico — por ser conduzido com o objetivo de efetuar uma perseguição política, não penal —, segundo o comitê da ONU, descobre-se que o despautério não ficou apenas restrito às salas dos tribunais brasileiros. Eivada de lisura foi, também, a periclitante atuação do governo Jair Bolsonaro (PL), que não hesitou em efetuar diversas investidas junto aos integrantes do comitê para impedir um resultado favorável ao ex-presidente.

A Delegação Permanente do Brasil em Genebra envidou renitentes e vergonhosos esforços, buscando interferir nos trabalhos do comitê que analisava a procedência da postulação de Lula. A diplomacia brasileira foi mobilizada para atuar na desconstrução da defesa do ex-presidente — competência legal que não lhe cabe.

A instrumentalização do Itamaraty pelo governo Bolsonaro não apenas atentava contra o legítimo direito ao contraditório sobre a parcialidade da atuação de agentes públicos, mas, sim, buscava obstruir o avanço dos trabalhos do comitê da ONU. Torpe, ideológica e indecorosa, a diplomacia do atual governo expôs o Brasil a mais um capítulo obs-

ceno nas relações internacionais — exime-se aqui o atual embaixador brasileiro à frente daquela delegação, que nada a ver teve com o início da empreitada. Não bastasse a desonra ao Estado brasileiro e ao seu povo, por meio de discursos presidenciais anônimos que, desde 2019, da maior tribuna geopolítica (a das Nações Unidas), fazem o Brasil se envergonhar diante do mundo, a diplomacia bolsonarista ornamentada com o seu inapagável requinte de hipocrisia e de incompetência colocou-se a prestar um serviço de afronta ao devido processo legal.

Apesar de a atuação diplomática contra o recurso do ex-presidente Lula não ter inspirado seriedade e tampouco credibilidade, é a imagem do país nos corredores da ONU que saiu desgastada. Tratava-se de uma nova perseguição política por meio do aparato, desta vez, do Poder Executivo.

[...]

O despautério não ficou apenas restrito às salas dos tribunais brasileiros. Eivada de lisura foi, também, a periclitante atuação do governo Jair Bolsonaro (PL), que não hesitou em efetuar diversas investidas junto aos integrantes do comitê para impedir um resultado favorável ao ex-presidente

Além de uma política exterior deslocada do interesse nacional, a decisão dos integrantes do comitê da ONU representa uma repreensão ao Brasil. Quando as instituições e agentes públicos se aproveitaram de instrumentos e dispositivos travestidos com colorações da legalidade para subjugar os direitos civis e políticos de seus concidadãos, colocam a segurança jurídica em risco. A vitória moral nas Nações Unidas de Lula, do PT e de seus competentes advogados já repercutiu nos principais centros de pensamento, nos EUA e na Europa, como caso concreto de "lawfare". Além de ser uma decisão histórica, é uma vitória de todos que acreditam na democracia.

O povo, que busca um futuro governo de viés mais democrático e menos autoritário, mais humano e menos aterrorizador com a saúde pública, mais preocupado com a geração de emprego e menos com "motocicla", mais focado na inclusão econômica e na redução da desigualdade do que em indústrias que subvertem a ordem jurídica e o Estado de Direito, sabe que a escolha não será difícil.

Do finado ex-chanceler ao atual chanceler, as linhas da política exterior são praticamente as mesmas. Qualquer mudança concreta e real, enfim, somente se dará com a chegada de um novo mandatário ao Palácio do Planalto a partir de 2023.

Precisamos de um Poder Judiciário e de um Ministério Público livres de justicioros e desinibidos de ideologias, de uma diplomacia séria, profissional e digna de sua história e tradições — e o Brasil precisa, mais cedo do que nunca, de um novo presidente que dê rumo ao país e que resgate a sua normalidade democrática e credibilidade internacional.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Painel de Opinião, 425, São Paulo, CEP 02032-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Na capa

Lula ter saído na capa da revista Time nesta quarta-feira (4/5) deve ter deixado o presidente Bolsonaro, o ex-juiz Sérgio Moro e Deltan Dallagnol morrendo de ciúmes.

Francisco José Bedé e Castro

(São Paulo, SP)

*

"As reações nas redes à capa da revista Time com Lula" (Hashtag, 4/5). Falando sobre as reações nas redes à capa da revista Time com Lula, Nayani Real escreve que "do lado positivo, lembranças de programas assistencialistas empregados durante os mandatos do PT aparecem nas redes sociais". Penso que a adjetivação "assistencialistas" afasta o texto do caráter informativo e estereotipado pela exposição de opinião ideológica. Os 15 programas listados logo abaixo, num irônico formato do PowerPoint do Dallagnol, contradizem a avaliação da jornalista.

Jonas Nunes dos Santos

(Juiz de Fora, MG)

Golpe

Terríveis as palavras de Mariliz Pereira Jorge ("Vai ter golpe", Opinião, 4/5). Mas ela está coberta de derrogação. E o pior mesmo é ver como o Legislativo e o Judiciário estão convenientes. Só operam em benefício próprio, assim como os partidos políticos. E a sociedade civil assiste a tudo isso passivamente. Onde está aquele povo que em 2013 foi às ruas? A situação era pior do que é hoje? Não se incomodem de nos terem levado a isso?

Maria Paula Twisscher (São Paulo, SP)

*

Conclusão triste exposta por Mariliz Pereira Jorge. As instituições no Brasil nunca estiveram verdadeiramente fortes. Esse discurso era bobagem. Havendo ou não o golpe que se anuncia desde a última eleição presidencial, a democracia aqui já está fragilizada há muito tempo.

Jairo G. Guimarães (Santo André, SP)

Militares e o governo

Sensacional a coluna de Celso Rocha de Barros nesta Folha ("Exército logo se chamará Exército para se continuar bolsonarista", Política, 2/5). Vai ao ponto que deve ser questionado: militares são nacionalistas ou bolsonaristas? É inadmissível, no século 21, ter as Forças Armadas brasileiras nesse papel ridículo e triste, sendo fantoche no desgoverno bolsonarista.

Paulo Eduardo Alves Camargo-Cruz

(São Paulo, SP)

Eleições

"Forças Armadas têm de interferir se TSE não corrigir falhas, diz deputado bolsonarista" (Painel, 4/5). O coronelzinho, as Forças Armadas entendem de golpe, não de eleição, sabia?

Antonio Carlos Cunha (Goiânia, GO)

*

Clara estratégia para desacreditar o TSE e criar justificativa para uma ação antidemocrática, já planejada. E as Forças Armadas? Como reféns ou protagonistas dessa vergonha?

Gilda Rachel Wajnsztein

(São Paulo, SP)

*

A Câmara dos Deputados precisa cassar imediatamente o mandato desse deputado. Ele está afrontando a Constituição brasileira.

Marcos A. R. Araújo (Brasília, DF)

Lula na capa da "Time" com o título: "O segundo ato de Lula"; a revista entrevistou o ex-presidente

Reprodução

Estou meio confusa. Essa urna eletrônica tão cheia de falhas é a mesma que elegeu esse senhor como deputado, além de ter servido para eleger o Jair e seus zeros por mais de duas décadas?

Helena Hawad (Rio de Janeiro, RJ)

*

Deputado! Onde está na Constituição e em leis infraconstitucionais essa atribuição das Forças Armadas? Ademais, o senhor é incoerente ao dizer que não confia no processo eleitoral pelo qual foi eleito.

Antonio Adélmo Belmonte Ferreira de Carvalho (Belém, PA)

Guerra na Ucrânia

"Lula diz que Zelenskyy é tão responsável quanto Putin pela Guerra da Ucrânia" (Mundo, 4/5). O único responsável pela guerra na Ucrânia, e por todas as demais, são os EUA.

Carlos Alberto de Oliveira Joppert

(Juiz de Fora, MG)

Tirotoir

Este país enlouqueceu e o estado de São Paulo pirou de vez com essa malucade de deputado do PL querer criar o projeto do "Tirotoir", criando a tiroterapia no estado ("Deputado bolsonarista propõe rota turística do tiro em SP e defende 'tiroterapia'", Painel, 4/5). Teremos até SPAN "Parabéns". Gerarão mais empregos e mais mortes, com certeza.

Antonio Sérgio de Jesus

(São Vicente, SP)

Mazzucato

Críticas são sempre bem-vindas, mas escoradas em argumentos. O artigo de Deirdre McCloskey não os tem ("A economista mais perigosa", Opinião, 4/5). Faz uma série de ataques retóricos e ideológicos a Mariana Mazzucato, certamente porque a italiana sustenta que o desenvolvimento econômico deve muito à pesquisa patrocinada pelo Estado e nem tanto à empresa privada. McCloskey poderia argumentar, mas prefere ironizar. Suas motivações são ideológicas, não científicas. Lamento.

Renato Janine Ribeiro, professor titular de ética e filosofia política na USP e presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (4.MAI, PÁG. A9) O jornalista Vladimir Herzog foi assassinado em 1975, não em 1977, como publicado no texto "Sertanejo contra a censura".

MERCADO (4.MAI, PÁG. A23) Em parte dos exemplares, o texto "Metade de uma vaca é vendida por R\$8,99 mil, em leilão em Uberaba" afirmou incorretamente que o negócio estabelecia um recorde mundial. O recorde pertence à venda da vaca Parla, em 2021, por um valor que corresponderia hoje a R\$8,66 milhões considerando a inflação.

O MELHOR DE SÃO PAULO (1º MAI, PÁG. 46) Diferentemente do afirmado, em parte dos exemplares, no texto "Lojas esportivas diversificam suas frentes de negócio", foi o Grupo SBF, controlador do Centauro, que adquiriu a NWB, empresa de entretenimento online, e a operação da Nike no Brasil.

LGPD e transparência: é hora de acertar o passo

Correta, lei virou subterfúgio para o governo federal ocultar dados públicos

Bruno Bioni, Fernanda Campagnucci e Rafael Zanatta

Diretor da Escola e Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa

Diretora-executiva da Open Knowledge Brasil

Diretor da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa

A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), um avanço jurídico, tem sido usada como pretexto conveniente para retroceder nas políticas de transparência. Exemplos não faltam: dos registros dos visitantes ao Palácio do Planalto aos dados de empresas autuadas por trabalho análogo à escravidão, a lei virou mote para ocultar dados públicos.

Um exemplo mais extremo foi a recente remoção de 25 anos de dados educacionais pelo Inep, um dos principais produtores de estatísticas do país, citando uma futura "adaptação" à LGPD. O novo formato do Censo Escolar de 2021 reduziu dezenas de milhões de registros apenas aos dados de escolas, inviabilizando análises das desigualdades na educação. O mesmo foi feito com o Censo da Educação Superior, consolidando esse formato simplificado e virou mote para ocultar dados públicos.

Após cobrança da sociedade civil, o Inep explicou a decisão com um só estudo, encomendado a um laboratório de computação da UFMG para testar o risco de "reidentificação". Segundo ele, quando se sabe de antemão dez atributos sobre um estudante (nascimento, sexo, escola etc.), há 75% de chances de identificá-lo numa base detalhada como a do Censo Escolar. Usando esse cenário hipotético, recomendaram excluir toda a riqueza de detalhes que permitia entender os desafios de educar todas as crianças no Brasil.

A anonimização é fundamental às políticas de abertura de dados, pois

cria uma camada extra de proteção sem prejuízo ao interesse público. Boas práticas devem equilibrar as duas necessidades: para pesquisar distorção idade-série, não é preciso saber a data de nascimento exata, apenas a idade de cada aluno.

Essa decisão, porém, não deveria considerar apenas a chance de reidentificar um aluno que já se conhece. A LGPD reconhece que a anonimização não é uma "bala de prata": ela pode acabar revertida, com maior ou menor dificuldade. Cabe verificar quanto risco podemos to-

[...]

Cabe verificar quanto risco podemos tolerar sem prejudicar o legítimo interesse público nos dados. Pensar em termos binários e fechar tudo é reducionismo. Ao se abrir dados públicos, sempre pode haver riscos residuais à privacidade. Mas o benefício à sociedade é maior, tomadas as devidas cautelas

ler sem prejudicar o legítimo interesse público nos dados.

Pensar em termos binários e fechar tudo é reducionismo. Ao se abrir dados públicos, sempre pode haver riscos residuais à privacidade. Mas o benefício à sociedade é maior, tomadas as devidas cautelas. Em Barcelona e Seattle, onde as políticas de transparência e de proteção de dados foram interligadas, os programas de dados abertos foram mantidos. Em nome do interesse público, essas cidades criam relatórios de impacto, pesando riscos e benefícios, e os publicam em seus portais.

Tal instrumento evita argumentações genéricas como "precisamos proteger a privacidade". Cabe aos gestores avaliar benefícios, riscos e medidas de mitigação, caso a caso. A regra é a transparência; o ônus argumentativo é de quem busca ocultar os dados. A LGPD é uma lei que habilita o fluxo de dados de forma justa.

Subtrair a transparência deve ser exceção. O episódio do Inep é um alerta para que a colisão entre a abertura de dados e a LGPD seja corrigida antes que o prejuízo ao interesse público seja irreversível.

A solução desse falso conflito está na própria LGPD. É preciso mitigar riscos, sim, mas ponderá-los frente aos benefícios da abertura. Sendo os dados públicos um bem comum a toda a sociedade, o Estado não pode deixar de ouvir todos os envolvidos antes de decidir unilateralmente ocultar informações.

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Destino selado

Presidente da Câmara Municipal de SP Milton Leite (União Brasil) diz que já há ampla maioria de vereadores para cassar Camilo Cristóforo (ex-PSB), que usou a expressão "coisa de preto" durante sessão na Casa. Ele acredita que o caso terá chegado a um desfecho até o final de junho, após votações na corregedoria e no plenário da Câmara. "A pena alternativa à cassação é pequena. Ele ofendeu a sociedade como um todo. Como negro que sou, quero que se cumpra a lei", afirma.

PRECEDENTE Vereadores dizem que o caso de Arthur do Val (União Brasil), que sofreu processo de cassação na Assembleia por gravar áudios sexistas, deve pesar contra Cristóforo. A avaliação é de que poupar o vereador enquanto o ex-deputado é punido geraria comparação desfavorável.

RAIZ Uma ala do PTB em SP trabalha para lançar o ex-secretário municipal de Esporte Bebetto Haddad candidato ao governo. Eles acreditam que Tarcísio de Freitas (Republicanos) está fazendo muitos acenos ao centro. Haddad poderia servir como outro palanque para Jair Bolsonaro (PL), mais identificado com a direita.

PORTA ABERTA Embora tenha abandonado as conversas com os partidos de centro sobre candidatura única, a União Brasil vai abrir espaço para os antigos parceiros indicarem o vice na chapa do presidente da legenda, Luciano Bivar.

VENHA Segundo o líder do partido na Câmara, Elmar Nascimento (BA), a candidatura própria é irreversível. Para aumentar as chances de Bivar, dirigentes da sigla começarão agora o diálogo em busca de apoios.

NA ESTRADA O ministro da Infraestrutura, Marcelo Sampaio, embarca na próxima semana para Nova York em um road show com investidores estrangeiros. O objetivo é sinalizar que o governo mantém o programa de concessões, mesmo com as trocas no ministério e a proximidade do calendário eleitoral. Entre os interlocutores, gigantes como a Global Infrastructure Partners (GIP), o fundo soberano de Cingapura GIC e o australiano Macquarie.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

XERIFE Em mais um aceno às forças de segurança, o governador Rodrigo Garcia (PSDB) vai liberar o pagamento de dois bimestres de bônus repassados a policiais civis, militares e técnico-científicos. Em 2021, ação similar distribuiu R\$ 175,6 milhões para 96 mil policiais, que receberam cerca de R\$ 1.826 referentes a um bimestre.

CHUMBO Garcia tem endurecido o discurso sobre segurança, área em que bolsonaristas como Tarcísio de Freitas (Republicanos) têm força. Nesta quarta (4), disse que "bandido que levantar arma para a polícia vai levar bala da polícia".

FORA... O deputado federal Coronel Tadeu (PL-SP) defendeu que os militares interfiram na eleição caso o TSE não corrija "falhas" na votação eletrônica. "Eles têm de abrir essa caixa de Pandora", disse à rádio Jovem Pan de Bauru (SP) na sexta (29). "Senão deve haver interferência um pouco mais contundente das Forças Armadas".

...DAS 4 LINHAS Ao PAINEL Tadeu disse que se referia à participação dos militares na discussão criada pelo TSE para discutir o processo eleitoral.

BARRA PESADA O estudante Victor Carrazzato, 18, diz ter recebido ameaças de morte após ter viralizado um vídeo em que ele faz perguntas em tom crítico à deputada Carla Zambelli (PL-SP) durante ato no último domingo (4). Ele registrou boletim de ocorrência.

VISITA À FOLHA Atílio Roque, diretor da Fundação Ford no Brasil, esteve no jornal nesta quarta-feira (4). Acompanhada de Elaine Gaglianone, assessora de imprensa.



Vice-campeã em obras da Codevasf cresce com sócio oculto sob Bolsonaro

Governo federal já reservou R\$ 140 milhões para a Construservice; estatal federal afirma que suas licitações seguem a lei vigente

Hávio Ferreira e Mateus Vargas

SÃO PAULO E BRASÍLIA. A vice-líder em licitações da estatal federal Codevasf tem utilizado laranjas para participar de concorrências públicas na gestão do presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição que se repete o discurso de que não há casos de corrupção em sua gestão.

Trata-se da construtora maranhense Construservice, com sede em Codó (a 300 km de São Luís). Desde 2019, o governo reservou a ela R\$ 140 milhões, tendo desembolsado R\$ 10 milhões disso até agora.

Todos os contratos da empreiteira com a administração federal foram firmados após 2019, ou seja, no governo Bolsonaro. A empresa também só recebeu recursos federais na atual gestão, segundo dados do Portal da Transparência.

As duas pessoas registradas oficialmente como donas da empresa são as mesmas que, em 2015, foram ouvidas em uma investigação policial e admitiram que foram chamadas para constar formalmente como sócias na construtora, embora não mantivessem nenhuma ligação pessoal ou empresarial entre elas.

Os convites, dizem os sócios laranjas, partiram de Eduardo José Barros Costa. Ele é sócio oculto da Construservice e é conhecido como Eduardo DP, Segundo apurações da Polícia Civil e do Ministério Público do Maranhão, Costa é suspeito de comandar uma quadrilha responsável por crimes em mais de 40 municípios, ao menos de 2009 a 2012, entre eles desvios de recursos do Ministério da Educação.

Costa é réu em ações nas Justiças Estadual e Federal que tratam dos supostos desvios e atos de corrupção e chegou a ser preso nas ações policiais relacionadas a esses casos, mas segue em liberdade. Ele não aparece nos registros da Construservice. Mas em pelo menos uma ação trabalhista a Justiça do Maranhão o reconhece como sócio de fato da construtora.

Na agenda da Codevasf, há o registro de uma audiência de "Eduardo Costa - Empresa Construservice" com o presidente da estatal, Marcelo Moreira. Esse encontro ocorreu em 16 de dezembro de 2020.

A Codevasf não quis esclarecer se o "Eduardo Costa" mencionado na agenda é Eduardo José Barros Costa e qual foi o teor da conversa. A estatal disse que esse tipo de encontro trata de "temas de interesse institucional e de projetos".

A Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) foi entregue por Bolsonaro a partidos do centrão em troca de apoio político no Congresso, em especial para evitar a abertura de um processo de impeachment contra ele.

Eduardo Costa é referência para políticos locais na hora de questionar o andamento de obras da Construservice. Em 12 de abril, o deputado estadual Vinicius Louro (PL) disse, na tribuna da Assembleia Legislativa maranhense, que telefonou ao "proprietário da empresa, da Construservice, Eduardo DP" para cobrar-lhe sobre o andamento de obras em estradas.

O deputado disse à Folha que não conhece o quadro societário da construtora, mas que "todo mundo no Maranhão sabe que ele [Costa] responde por ela [a empresa]". Ele disse "falar direto" com Costa sobre a empreiteira.

Em inquérito que começou como desmembramento das investigações do assassinato do jornalista Décio Sá em São Luís (MA), em 2021, a polícia do Maranhão delatou em 2015 a Operação Império, cujo título é uma alusão ao apelido de Costa.

Costa não se tornou réu pelo assassinato, mas, segundo as autoridades, as apurações revelaram que ele arregimentou um laranjal para constar nos quadros de sócios de construtoras usadas no esquema. Entre outros, foram alvos da operação a Construservice e duas pessoas que constam oficialmente como seus donos.

Um deles é o motorista Adilton da Silva Costa. Em depoimento de 2015, Adilton afirmou que trabalhava para a família de Eduardo Costa desde 1982 e que recebia um salário mínimo, sem carteira assinada, para fazer serviços gerais. Ele disse saber que havia empresas registradas em seu nome, mas não sabia os nomes delas, e que Costa costumava levar papéis para ele assinar.

Uma ex-companheira de Costa, Eridan Pinheiro Dias, disse à polícia que muitas ve-

“Todo mundo no Maranhão sabe que ele [Costa] responde por ela [a empresa]”

Vinicius Louro (PL-MA) deputado estadual

zes Costa debochava da situação, "dizendo que ia buscar o empresário Adilton" para assinar documentos.

O outro sócio formal da empreiteira é o engenheiro Rodrigo Gomes Casanova Júnior.

Em seu depoimento em 2015, Casanova Júnior afirmou que Costa o procurou em dezembro de 2013 com uma "proposta de uma parceria".

Essa parceria consistiria na entrada dele "como sócio de uma empresa controlada por Eduardo José Barros Costa, no caso a Construservice, o que foi aceito pelo declarante, que entraria como sócio em razão de sua experiência no ramo de construção civil e de seu conhecimento técnico na área".

Disse também que à época possuía "formalmente" 98% das ações da empreiteira, porém não sabia quem era o outro sócio, "achando apenas que tal pessoa se chama Adilton", e o viu em apenas duas ocasiões de forma breve, segundo o testemunho.

Casanova Júnior também afirmou que cuidava da "operacionalização" da empresa. Porém ele disse morar em São Luís, a 300 km da sede.

Costa também foi interrogado em 2015. Ele admitiu que colocou empresas e bens em nome do motorista Adilton. Mas, em relação à Construservice, declarou que só mantinha "parceria e participação" com a construtora e que realizam obras juntas, e a empresa pertencia a Casanova Júnior.

A Folha, por chamada de áudio, Costa negou ser dono da Construservice. Ao ser questionado sobre a reunião com o presidente da Codevasf em dezembro de 2020, não respondeu e desligou.

Um contrato com o Governo do Tocantins para sinalização e conservação de rodovias foi assinado em 2019 por Costa como representante da Construservice.

A maior reserva orçamentária feita à empresa pelo governo Bolsonaro foi de R\$ 20 milhões para obras no Tocantins. A empreiteira também firmou contratos para serviços em Goiás, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e no Distrito Federal desde 2019.

A Folha visitou obras da Construservice no Tocantins realizadas por meio de contratos da Codevasf.

Continua na pág. A5

Cláudio



GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Ad. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
Do 1º ao 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90
Do 4º ao 12º MÊS	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 29,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb. dom.	Assinatura semestral*
MC, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50
		R\$ 1,764,90

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

357.813 exemplares (março de 2022)

uma empresa de fachada registrada no nome do irmão de seus sócios.

Advogados de Costa negam que ele tenha ligação com empresa

OUTRO LADO

Segundo nota enviada pelos advogados Tharick Ferreira, Daniel Leite e Luis Eduardo Bouères, que defendem Eduardo Costa e também a Construservice, seu cliente não é sócio da empreiteira. A defesa diz que "Costa não tem conhecimento de afirmações por parte do Ministério Público Federal que afirma a existência de ligações da sua pessoa com a empresa Construservice".

De acordo com os advogados, Costa já prestou "esclarecimentos, no sentido de comprovar a legitimidade e correção de suas condutas" nos processos em que é acusado.

A Folha buscou contato com a Construservice e um de seus números de telefone é o do escritório de advocacia que também defende Costa.

Na nota, os advogados afirmam que "a Construservice reafirma que nunca sofreu quaisquer condenações em processo judicial ou administrativo em que seja acusada de superfaturamento, desvio de recursos públicos, atos de corrupção, ou improbidade administrativa".

Em nota, a Codevasf disse que faz licitações abertas à livre participação de empresas de todo o país e suas contratações cumprem a lei.

A Folha procurou Rodrigo Gomes Casanova Júnior por ligações telefônicas, emails e por seu advogado, mas não obteve uma manifestação do engenheiro.

Ministro da Educação tentou nomear pastor lobista para o governo

Documentos mostram trâmite para dar cargo na pasta a pivô de escândalo no MEC, mas iniciativa não deu certo

Paulo Saldaña

BRASÍLIA O Ministério da Educação trabalhou oficialmente para nomear o pastor Arilton Moura em cargo comissionado na pasta. O trâmite burocrático ocorreu por iniciativa do atual ministro da Educação, Victor Godoy Veiga, na época secretário-executivo no MEC.

Os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos são peças centrais no escândalo do balcão de negócios do MEC. Eles negociavam com prefeitos a liberação de verbas federais mesmo sem cargo no governo.

Prefeitos relataram pedidos de propina, até em ouro. Em áudio revelado pela Folha, o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro disse que priorizava pedidos dos amigos de um dos pastores a pedido do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A Folha teve acesso aos trâmites da tentativa de nomeação por meio da Lei de Acesso à Informação após ter recebido relatos dessa iniciativa.

Victor Godoy Veiga solicitou o provimento do cargo em 17 de novembro de 2020, pelo ofício nº 696/2020. O plano era que nomear Arilton ge-

rente de projetos da secretaria-executiva do MEC, com salário base de R\$ 10.373,30. Além disso, foram encaminhados pelo MEC à Casa Civil seis documentos, como declarações de idoneidade moral, reputação ilibada, currículo e ausência de vínculos que configurassem nepotismo.

O trâmite para nomeação de Arilton na pasta foi tocado pelo MEC até dezembro de 2020. No dia 11 daquele mês, consta no processo de nomeação a negativa da Casa Civil após consulta no Sine (Sistema Integrado de Nomeações e Consultas).

A Folha questionou o MEC e a Presidência, mas não recebeu respostas.

Bolsonaro decidiu manter Victor Godoy Veiga como ministro após a demissão de Ribeiro, em 28 de março, na esteira do escândalo.

Arilton Moura é secretário da entidade religiosa comandada por Gilmar Santos e o trata como chefe.

Como secretário-executivo, Veiga era número 2 do MEC e também esteve com os pastores. O cargo é considerado o motor da pasta, por onde passam quase todas as decisões.

Apesar de não ter conseguido

nomear Arilton Moura, Veiga abrigou em sua equipe no MEC, meses depois, um advogado ligado aos pastores. Luciano de Freitas Musse foi nomeado gerente de projetos em abril de 2021 e só foi exonerado após Ribeiro ser demitido.

Musse integrava a comissão dos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura e esteve

Investigações miram compras de kit de robótica

As compras milionárias de kits de robótica de uma empresa cujo dono tem ligação com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), entraram na mira das investigações pelo país. As aquisições foram feitas com recursos do MEC, que priorizou os repasses. O caso tem sido apurado por tribunais de contas e Secretaria da Fazenda de Alagoas. Até uma CPI deve ser instalada em uma das cidades com contrato de robótica. O governo Bolsonaro se esforça para minimizar o caso.

em ao menos três encontros oficiais com Ribeiro antes de integrar a equipe do MEC.

Mesmo sem cargos no governo, os pastores circulavam no MEC e no Palácio do Planalto com assiduidade. Eles visitaram 127 vezes o Ministério da Educação e o FNDE durante o governo Bolsonaro.

Eles têm proximidade com Bolsonaro desde o primeiro ano do governo. Eles também somaram 45 entradas no Palácio do Planalto desde 2019.

Só Arilton Moura esteve 90 vezes no MEC. O equivalente a uma vez por semana, considerando o período em que Milton Ribeiro esteve no cargo.

O ex-ministro e os pastores negam irregularidade. Todos foram procurados, mas se mantiveram em silêncio.

No currículo entregue ao governo federal, Arilton Moura afirma ter se graduado em administração em 2016 pela Fafiara (Faculdade Integrada de Araguatins) de Araguatins. A instituição aparece como extinta no sistema de cadastro da pasta, o e-MEC. Ele ainda teria feito ciências contábeis na Universidade Federal do Pará, com conclusão em 2004.

Entre as experiências profissionais, ele cita trabalhos no governo do Pará em 2018 e no período entre 2007 e 2011.

O religioso ainda descreve suas habilidades: "Experiência em liderança; objetivo; comunicativo; íntegro e boa relação com as pessoas (Networking)".

A Folha mostrou como os pastores usavam um hotel no Setor Hoteleiro Sul de Brasília para negociar com prefeitos e receber integrantes do governo. Funcionários relataram à reportagem ter visto Arilton com uma barra de ouro no bolso no restaurante do hotel.

Continuação da pág. A4

Em Araguatins (a 620 km de Palmas), o asfalto feito pela empresa possui trechos tão precários que expõem os motoristas ao risco de acidente. Os moradores relatam que o pavimento aplicado há poucos meses amolece e afunda nos dias de muito calor.

A Folha examinou a documentação de 99 concorrências de pavimentação da Codevasf no ano de 2021. A Construservice foi a segunda colocada no ranking de vitórias nesse setor, com 10 licitações. Ela só ficou atrás de outra empreiteira do interior do Maranhão, a Engfort, que ganhou mais da metade dos pregões. Nessas concorrências, a Engfort chegou a participar sozinha ou na companhia de

DIA DAS MÃES PEDE

> NOVA CASAS BAHIA

SAMSUNG GALAXY A03 CORE 32 GB

Tela infinita de 6.5" Bateria de 5.000 mAh

R\$ 629,00 À VISTA (CADA)

FRETE GRÁTIS

EXCETO NORTE



PLANO TIM CONTROLE

MAIS DE 20 MILHÕES DE REAIS EM DESCONTOS E CUPONS



LIQUIDIFICADOR, ASPIRADOR OU PAINEL ELÉTRICO

POR APENAS

R\$ 149,00 À VISTA (CADA)

ou 5X R\$ 29,80 sem juros no cartão

SMART TV 50" 4K SAMSUNG

Crystal UHD Controle remoto único Borda infinita

30X R\$ 96,90 MENSAL

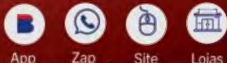
sem juros no cartão Casas Bahia ou R\$ 2.899,00 à vista

FRETE GRÁTIS

EXCETO REGIÃO NORTE



APROVEITE NO



MIRE A CÂMERA DO CELULAR E BAIXE O APP



*Válido somente para uma seleção de produtos vendidos e entregues por Casas Bahia em São Paulo, para compras até 16:00 e com pagamento aprovado até 17:00 de 05/05/2022.

*Esse valor corresponde ao desconto somado de todo o estoque de produtos promocionados ou com cupom durante a campanha de 1º a 31/5/2022.

Lula diz que Zelenski é tão responsável quanto Putin pela guerra

À revista Time, pré-candidato petista à Presidência afirma que o ucraniano poderia ter negociado mais

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse à revista Time que considera o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, tão responsável quanto o russo Vladimir Putin pela guerra em seu país.

Também afirmou que os EUA e a União Europeia estimularam o conflito e criticou a ONU, que, segundo ele, "não representa mais nada" e "não é levada a sério pelos governantes".

Na entrevista ao periódico americano, dada no fim de março e publicada nesta quarta (4), Lula disse que Zelenski poderia ter negociado mais com a Rússia, mas transformou o conflito em um espetáculo.

"Fico vendo o presidente da Ucrânia na televisão como se estivesse festejando, sendo aplaudido em pé por todos os parlamentos, sabe? Esse cara é tão responsável quanto o Putin. Ele é tão responsável quanto o Putin. Porque numa guerra não tem apenas um culpado", afirmou.

Segundo a Time, Lula preparou seu "segundo ato", a nova etapa da vida política. A revista diz que o "presidente mais popular do Brasil retorna do exílio político com a promessa de salvar a nação".

Questionado sobre a Guer-

ra da Ucrânia, Lula condenou a invasão de Putin, mas repetiu que ele não é o único responsável. "Putin não deveria ter invadido a Ucrânia. Mas não é só o Putin que é culpado, são culpados os EUA e é culpada a União Europeia. Qual é a razão da invasão da Ucrânia? É a Otan? Os EUA e a Europa poderiam ter dito: 'A Ucrânia não vai entrar na Otan'. Estaria resolvido o problema".

A aproximação da Ucrânia com a aliança militar ocidental foi uma das justificativas de Pu-

tin para invadir o país vizinho, em 24 de fevereiro. Em meados de fevereiro, após conversar com o russo e uma semana antes da invasão, o chanceler alemão, Olaf Scholz, disse que a adesão de Kiev à aliança não estava na agenda e que "todas as partes sabiam disso".

Em 15 de março, em meio a negociações de paz, Zelenski chegou a sinalizar que os ucranianos deveriam reconhecer que não seria possível entrar na organização. Mas o Kremlin quer garantias mais fortes e pediu mudança na Constituição ucraniana, garantindo que nunca aderiria à Otan ou à UE.

A Time Lula disse que a UE, a Otan e Zelenski deveriam ter negociado mais tempo com a Rússia para evitar o conflito e crítico o líder ucraniano.

"Ele aparece na televisão de manhã, de tarde, de noite, aparece no Parlamento inglês, no alemão, no francês, como se estivesse fazendo uma campanha. Era preciso que ele estivesse mais preocupado com a mesa de negociação".

Zelenski, diz Lula, "quis a guerra". "Eu fiz uma crítica ao Putin quando estava na Cidade do México, dizendo que estava errado ao invadir. Mas eu acho que ninguém está procu-

Fico vendo o presidente da Ucrânia na televisão como se estivesse festejando, sendo aplaudido em pé por todos os parlamentos, sabe? Esse cara é tão responsável quanto o Putin

Lula em entrevista à revista Time



Capa da revista Time com o ex-presidente Lula (PT)
Reproduzido

rando contribuir para paz. As pessoas estão estimulando o ódio contra o Putin. Isso não vai resolver! É preciso estimular um acordo".

As declarações de Lula sobre Zelenski provocaram reação da embaixada da Ucrânia em Brasília. A missão diplomática afirmou, em um comunicado, que o líder petista está "mal informado sobre os motivos da guerra da Rússia contra a Ucrânia". A embaixada também disse que vai solicitar uma audiência de Lula com o chefe

da missão diplomática, Anatoli Tkach, "para esclarecer a posição da Ucrânia".

Afirmou ainda que o presidente dos EUA, Joe Biden, "está vivendo um momento difícil" e não tomou a decisão correta na guerra. "Os Estados Unidos têm um peso muito grande, e ele poderia evitar isso, não estimular. Poderia ter falado mais, participado mais, o Biden poderia ter pegado um avião e descido em Moscou para conversar com o Putin. É esta atitude que se espera de um

líder. Que tenha interferência para que as coisas não aconteçam de forma atabalhada. Eu acho que ele não fez."

Lula disse que a ONU não é levada a sério — a publicação da declaração veio seis dias após um comitê do organismo concluir que ele foi vítima de julgamento parcial na Lava Jato. "É urgente criar uma nova governança mundial. A ONU de hoje não representa mais nada, não é levada a sério pelos governantes. Cada um toma decisão sem respeitar a ONU."

Ex-presidente petista amplia repertório de erros ao falar sobre Guerra da Ucrânia

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece decidido a testar todos os limites de seu repertório de erros políticos nesta pré-campanha para voltar ao Planalto.

O salto alto do petista, líder cada vez mais contestado da corrida eleitoral, agora o expôs naquilo em que usualmente surfa: a imagem externa. Lula resolveu falar o que pensa sobre a Guerra da Ucrânia e, como em episódios recentes, perdeu uma oportunidade de no mínimo modular sua expressão.

À revista americana Time, o ex-presidente disse que o ucraniano Volodimir Zelenski é tão culpado quanto Vladimir Putin pela invasão de seu país pela Rússia. Mais: o Ocidente "fica estimulando o cara e ele fica se achando o máximo, fica se achando o rei da cocada", em relação ao apoio ao presidente em Kiev.

Com a devida boa vontade e tirando a referência derogatória e paternalista sobre Zelenski ser "um bom comediante", Lula não está de todo errado. Ele defende que os lados deveriam ter tentado para conversar antes da guerra, dado que ambos tinham suas demandas. De fato, o ucraniano foi altamente inábil sobre a questão até a invasão.

O problema é que quem disparou os mísseis em 24 de fevereiro foi Putin. Lula até diz condenar a invasão, mas o estrago da acusação que sofrerá de falsa equivalência está feito. Ainda mais falando para uma audiência internacional.

De brinde e inadvertidamente porque a entrevista foi feita em março, a crítica à inutilidade das Nações Unidas, correta no conteúdo, vem poucos dias depois de Lula e o PT celebrarem a mesma ONU por um relatório de comitê

dizendo que ele foi vítima de perseguição judicial.

Mesmo durante os anos do escrutínio da corrupção em seu governo e do embate com a Lava Jato, Lula passou relativamente incólume no tribunal externo. Houve a crítica nas memórias de Barack Obama a suas agruras, mas a ojeriza global ao governo Jair Bolsonaro (PL) e as vitórias judiciais do petista recolocaram a mitologia do "presidente mais popular da história" de pé novamente.

Adição da Time é a primeira prova disso, e Lula conseguiu jogar carne podre no cozido. Para desespero de seus apoiadores, não é a primeira, nem a segunda vez.

Nas últimas semanas, Lula sugeriu que militantes de esquerda cercassem casas de deputados para pressioná-los caso ganhe a eleição. Também fez defesa, correta como argumento mas politicamente fora de hora, do direito ao aborto. Primeiro, a prática não foi liberalizada em seu governo; segundo, Lula conhece o país onde vive e sabe que é dar munição a um adversário que vive imerso numa agenda extremista nos costumes.

Também tinha falado em demitir os militares agregados ao governo, algo que sempre existiu e é necessário em pastas como a Defesa. Novamente, faltaram modula-

ção e ponderação institucional, já que na crispação atual tudo vira briga de cachorro grande — como a fala do ministro Luís Roberto Barroso sobre as Forças Armadas na eleição provocou.

No domingo em que Coelho escreveu, Lula subiu ao palco de uma manifestação esvaziada para esbravejar como o sindicalista dos anos 1970, não sem antes tentar consertar uma gafe em que sugeriu que policiais não eram seres humanos.

Como dizem seus aliados, Lula já tem o voto da centro-esquerda hoje. Seu desafio é ampliar a faixa centrista, algo que a figura anódina do ex-tucano Geraldo Alckmin em sua chapa como vice não parece nem de longe garantir.

Uma argumentação petista é de que o voto dos mais pobres é o mais importante. É verdade em parte, por ignorar que, se ideologia conta pouco para quem tem problema financeiro ou fome, este é um segmento altamente conservador. Logo, vulnerável duplamente a Bolsonaro, por políticas de transferência de renda e de discurso.

E, principalmente, por não entender o poder de mobilização da classe média a partir de 2013, com o ápice na campanha pelo impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2016. Em favor de Lula no episódio Ucrânia da Time, do ponto de vista de impacto negativo, há algo que não é falsa equivalência: ele pensa exatamente como o governo Bolsonaro, que condenou a invasão, mas também as sanções contra a Rússia e não aderiu a nenhum tipo de punição internacional a Putin.

O atual presidente esteve em Moscou prestando "solidariedade à Rússia" uma semana antes da guerra, e nada indica que Lula faria diferente na cadeira, a julgar por sua avaliação à revista americana.

APOIE A DEMOCRACIA. SUA ASSINATURA VALE MUITO.

ASSINE A FOLHA DIGITAL COM 1 ANO DE DESCONTO:

Apenas R\$ 1,90/mês durante 3 meses

+ 9 meses por R\$29,90 R\$ 9,90/mês

ASSINE AGORA PELO QR CODE

folha.com/apoieademocracia
Cancele quando quiser



FOLHA
DE SPALLO

Daniela Mercury recebeu R\$ 160 mil por show de centrais em apoio a Lula

Contrato foi fechado com empresa que fez evento e contou com recursos da Prefeitura de SP

Mônica Bergamo

SÃO PAULO A cantora Daniela Mercury recebeu R\$ 160 mil para cantar no domingo (7º), no Pacaembu, em evento de sete centrais sindicais pelo Dia do Trabalhador. Ela foi contratada pela produtora que organiza a festa. A celebração servia também para manifestar o apoio das organizações a Lula (PT), que esteve presente e discursou como a estrela da manifestação.

O pagamento do cachê gerou ruído depois que um suposto contrato entre ela e a Prefeitura de São Paulo passou a ser divulgado nas redes bolsonaristas.

A produção da artista esclarece que, em um primeiro momento, assinou um contrato com a administração municipal. Mas ele acabou cancelado, já que o acordo inicial dizia que Daniela Mercury seria contratada pela produtora M Giora Comunicações, que organiza o evento para as centrais.

Por esse contrato com a M Giora, ao qual a coluna teve acesso, a cantora recebeu em duas parcelas, de R\$ 80 mil.

Já a M Giora, contratada para organizar o palco da festa, será reembolsada pelas centrais pelo pagamento de cachês. Além de Daniela Mercury, se apresentaram no Pacaembu artistas como Dexter Oitavo Anjo, Francisco, el Hombre e DJ KL Jay e integrantes do grupo de rap Racionais MC's.

Os recursos para o evento, de acordo com a assessoria da CUT, uma de suas organizações, vieram mesmo da Prefeitura, e foram reservados à festa por meio de emendas parlamentares de vereadores que garantiram dinheiro para a estrutura e também para o pagamento do cachê dos artistas.

De acordo com a central, é comum a prefeitura apoiar eventos que são gratuitos e abertos a todos os paulistanos.

Em nota enviada à coluna, os presidentes das sete centrais sindicais afirmam que "o uso das emendas parlamentares para a realização de festas populares é respaldado pela lei orçamentária do município, que permite a vereadores e vereadoras destinar o valor das emendas a atividades culturais com apresentações artísticas abertas ao público, como festas juninas, festas de aniversário de bairro, atividades esportivas amadoras, como corridas de rua e campeonatos, Dia do Trabalhador, entre outras".

ambos do PT, e Sidney Cruz (Solidariedade).

"A prefeitura não iria negar a solicitação por emenda para lamentar para fazer uma festa para os trabalhadores, ressaltando que não é permitido em qualquer atividade paga com recursos públicos o uso político partidário", disse o prefeito.

"Além disso, o evento de 1º de Maio é organizado e realizado, anualmente, pelas centrais sindicais, responsáveis por toda a infraestrutura necessária, curadoria e conteúdo exposto durante o evento", afirmou a administração

municipal por meio de nota.

A Folha procurou no início da tarde os três vereadores citados pelo prefeito, mas não obteve retorno de Alfreddinho e Suplicy até a publicação deste texto.

O vereador Cruz afirmou que não deverá ser respon-

sabilizado pelo que ocorreu durante o evento.

"Eu como vereador e ligado aos trabalhadores, não poderia me negar a ofertar uma emenda para um evento oficial e comemorado no mundo todo. Todas as edições anteriores receberam dinheiro

público e, em momento algum, levantaram suspeita de alguma irregularidade", diz. "Se aconteceu algo no evento, eu entendo que a responsabilidade não é de nenhum parlamentar".

O vereador diz que, no momento em que Lula discursou, não estava no palco. "Mesmo com a presença de um político [no palanque], não somos os responsáveis pela organização e não temos como interferir. São as classes sindicais quem organiza."

Candidato à Presidência da República, Lula discursou como uma das estrelas da manifestação. O ato teve ainda uma série de ataques ao presidente Jair Bolsonaro (PL).

#AGORA
VCSABE

O QUE É
#AGORAVCSABE

é a primeira passeata
virtual do mundo que vai
romper com o silêncio
sobre a violência sexual
contra crianças
e adolescentes

ACESSE

AGORAVCSABE.COM.BR

E GRAVE O GRITO DA PASSEATA



Prefeitura abrirá
sindicância para
apurar contratação

Carlos Petrólio

SÃO PAULO A Controladoria Geral do Município (CGM) de São Paulo deverá abrir uma sindicância para investigar a contratação de um show da cantora Daniela Mercury, por R\$ 160 mil, que serviu de palco para manifestação de apoio a Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no dia 1º de maio.

A apresentação em comemoração ao Dia do Trabalhador, no Pacaembu (zona oeste da cidade), foi paga com recursos da prefeitura.

O assunto deixou o prefeito Ricardo Nunes (MDB) irritado. À reportagem Nunes afirmou nesta quarta-feira (4) que a CGM abrirá uma sindicância e ressaltou que o recurso é oriundo de emenda parlamentar dos vereadores Alfreddinho, e Eduardo Suplicy,



HÁ 40 ANOS VOCÊS COMPLETAM NOSSA HISTÓRIA

Você é nosso convidado para celebrar todos esses anos repletos de histórias e momentos inesquecíveis.



Acesse o QR Code e confira a programação de **40 dias** que preparamos para **comemorarmos juntos esse aniversário**

05
/maio

Venha comemorar nosso aniversário com a gente!
Espetáculo às 19h45

Chegue com antecedência para não perder o espetáculo. Com a sua presença, a nossa festa de 40 anos ficará completa!



MorumbiShopping
Multiplan



O ministro sem qualidades

André Mendonça vai construindo o novo subtipo de estilo antijudicial no STF

Conrado Hübner Mendes

Professor de direito constitucional da USP, é doutor em direito e ciência política e embaixador científico da Fundação Alexander von Humboldt

Cristãos estão irritados com André Mendonça. Não quais- quer cristãos, mas os intér- pretes de uma Bíblia parale- la, adeptos de um cristianismo sem Cristo, cheio de gritos, ódio e permutas lucrativas, livres de imposto, com o demônio.

Silas Malafaia está "terri- velmente decepcionado" com o ministro que "se rende ao di- tador da toge e envergouha o peto evangélico". O "ditador, cretino e desgraçado" foi pa- ra Alexandre de Moraes.

Bolsonaristas estão furio- sos com André Mendonça. Seu voto de condenação de Dani- el Silveira foi considerado por

Carla Zambelli uma "vergo- nha". Janaina Paschoa tuitou "Amados, eu não sou hipócri- ta!" Eduardo Bolsonaro viu um Silveira "perseguido e mesmo assassinado com requintes de tortura".

Magno Malta se disse "ter- rivelmente representado" pe- lo voto de Kassio Nunes. Na jurisprudência da liberdade de expressão de Nunes, pro- fessor que o critica é crimino- so (calúnia, injúria e difama- ção), punível com prisão. De- putado que ameaça ministros de morte é bravaiteiro e fanfar- roso no exercício da liberdade, premiável com eleição.

O ministro "terivelmente evangélico" correu para se ex- plicar. Sentiu "dever de escla- recer que: como cristão, não creio que tenha sido chamado para endossar comportamen- tos que incitam violência, co- mo jurista, a avaliar graves ameaças físicas contra quem quer que seja".

Esqueceu-se que, como mi- nistro, sua identidade cristã não importa. Ao menos na li- turgia pública. Como não im- portou a tantos ministros cris- tãos. Como jurista, em respeito ao tribunal, e não só a sua re- putação e credibilidade, deve- ria saber que só presta conta

à esfera pública e democrática.

E mais uma dica, entre pa- rénteses: não pega bem, mi- nistro, continuar a utilizar sua identidade de AGU no Twit- ter, mesmo que a vocação de AGU não tenha saído do co- rpo de vossa excelência. Parece um detalhe menor. Chama-se decoro e compostura.

No exercício dessa vocação, Mendonça, que aceitou calado a honrosa credencial de "nos- sos 10% lá", e calado ficou quan- do o presidente prometeu "al- moçar com ele toda semana", foi se explicar também a Bolso- nara, a quem um dia chamou de "profeta". E Bolsonaro veio

em sua defesa: "é um homem que está ao lado do Brasil".

Há muitas formas de encan- nar, no STF, um ministro sem qualidades. Esse ministro opta por não ser juiz clássico (tam- bém conhecido como "juiz"), discreto, que conhece e pratica os compromissos intelectuais, morais e performativos que a instituição demanda, que en- tende a importância de ser e de também parecer imparcial.

O ministro sem qualidades normaliza hábitos antijudiciais (muitos ilegais). Esse "juiz operador" tem subtipos, com graus diferentes de gravidade. Tem o populista, que invoca o "sentimento social" e a "voz das ruas" para justificar con- clusões. Tem o amigo de mi- lico, que se deixa seduzir por medalhas ao mérito concedi- das por instituições cujos mé- ritos históricos não se conse- guiu descobrir. Os deméritos estão até em áudios de tribu- nal militar.

Outro muito em evidência é

o juiz negociador, membro do centrão magistratocrático, que vende a corte mas não perde a oportunidade de buscar o "di- álago" e a "harmonia entre os poderes". Não se esqueça do ju- iz patrimonialista e nepotista (que nomeia filha ao tribunal, pede patrocínio para sua em- presa, articula nomeações ju- diciais, viria credor de favores etc.), e do juiz correligionário, que organiza e participa de congracamentos partidários.

Não faltam ministros sem qualidades no STF, mas An- dré Mendonça inventou o sub- tipo dessa nova era: o juiz se- ctário, que presta conta a elei- torado, que se engolfa na ló- gica cristomiliciana do pacto de sangue e fidelidade ca- nina. Não é um ministro que, como outros, professa uma re- ligião. Coloca-se como repre- sentante de uma igreja e de los interesses econômicos e po- líticos de pastores e seus desig- nados pouco "divinos". Inédito e aberrante.

DOM, Elío Gaspari, Janio de Freitas | SEG, Celso R. de Barros | TER, Joel P. da Fonseca | QUA, Elío Gaspari | QUI, Conrado H. Mendes | SEX, Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvío Almeida | SÁB, Demétrio Magnoli

Daniel Silveira recusa intimação e diz que não usará tornozeleira

Banco Central afirma ter transmitido ordem de bloqueio de contas do deputado

Marcelo Rocha e Danielle Brant

BRASÍLIA O deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) se recusou nesta quarta-feira (4) a rece- ber intimação do STF (Supre- mo Tribunal Federal) sobre o uso de tornozeleira eletrônica, segundo informou a oficial de Justiça encarregada da tarefa.

Segundo a servidora, o pa- rlamentar afirmou que não vai mais usar o equipamento "pois está cumprindo o decreto do presidente da República" e não recebeu o mandado.

Silveira foi localizado por volta das 12h30 no anexo 2 da Câ- mara, onde funcionam as co- missões temáticas da Casa — a oficial de Justiça esteve antes no gabinete do parlamentar.

Na terça (3), o ministro Alexandre de Moraes, responsável pela ação penal em que o de- putado é réu, determinou que Silveira devolvesse a tornozeleira eletrônica que está em seu po- der e que uma outra seja colo- cado nele. Segundo as autori- dades penitenciárias do Distri- to Federal, o equipamento atual não emite sinais desde o dia 17 de abril, por falta de carga.

A intimação recusada pelo



MICHELLE BOLSONARO PEDE AVIVAMENTO DOS PODERES NA CÂMARA
Em culto da Frente Parlamentar Evangélica na Câmara, a primeira-dama se ajoelhou e, em soluços, pediu a Deus por um "avivamento na nossa nação"

deputado era para notificá- lo dessa decisão. Na noite desta quarta, a Secretaria de Admi- nistração Penitenciária do DF informou ao STF que o advoga- do de Silveira, Paulo Faria, de- volveu o dispositivo eletrônico.

O órgão disse que a torno- zeleira será encaminhada ao Instituto de Criminalística da Polícia Civil para ser periciada

por causa de questionamentos acerca da integridade e funcio- namento. Moraes ordenou ainda bloqueio de R\$ 455 mil em contas do parlamentar, referentes à soma das multas diárias (R\$ 15 mil) por desre- pto a medidas restritivas im- postas no curso do processo.

"Desde a decisão que fixou a multa diária, proferida em

30/3/2022, o réu desrespeitou flagrantemente várias das me- didas", afirmou Moraes.

O Banco Central informou ao STF que a ordem de blo- queio "foi transmitida a todas as instituições financeiras, pa- ra providências e atendiemen- to do requerido", por volta das 17h30 desta quarta.

Além do bloqueio, o minis-

tro mandou notificar o pre- sidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para que o oitiva se- ja descontado dos salários do réu, na proporção de 25%, até a quitação do total.

A direção-geral da Câmara foi notificada sobre essa de- cisão e informou à presiden- cia da Casa que determinou o processamento do descon- to no salário do parlamentar.

No mesmo dia, Moraes sol- tou nova decisão sobre o caso.

A coluna Mônica Bergamo mostrou que o empresário Otávio Fakhoury ajudou Silveira para que ele pudesse com- parecer a manifestações em diferentes cidades a favor do presidente Bolsonaro e contra o Supremo no último domín- go (1º). Presidente do PTB em São Paulo, Fakhoury colocou um jato particular à disposi- ção do parlamentar.

Moraes também determinou que a Polícia Federal colha o depo- imento do empresário em co- nito dias. A ordem ocorreu no inquérito que investiga a atu- ação de milícias digitais volta- das ao ataque às instituições.

O ministro destacou que a ida de Silveira a São Paulo, palco de um dos eventos bolsonaristas que contou com a presença do deputado, foi uma violação a medidas restritivas decretadas no curso do processo. E lem- bra a conclusão de investigação de Fakhoury no âmbito do STF.

A Folha o empresário disse que o aliado iria a São Paulo em aeronave comercial, mas perdeu o voo em razão dos protestos do Rio de Janei- ro. "Eu já estava no aeropor- to em SP esperando por ele.

Liguei na empresa que admi- nistra as horas do meu avião e mandaram um jato na hora para buscá-lo", afirmou.

O deputado bolsonarista foi condenado a 8 anos e 9 meses de prisão por ataques verbais e ameaças a ministros do Su- premo. O julgamento ocor- reu no dia 20 do mês passa- do e, no dia seguinte, ele foi agraciado pelo presidente Ja- ir Bolsonaro com um indulto.

Cinco dias após o decreto presidencial, Silveira apare- ceu na Câmara sem usar a to- rnozeleira eletrônica. "Eu nem era para ter usado. Estou sem ela", disse na ocasião.

Na segunda (2), o parlamen- tar esteve em São Paulo para debate entre pré-candidatos do PTB ao Senado e voltou a dizer que estava sem o dispo- sitivo. "Qual tornozeleira [está sem sinal]? A que eu não de- veria usar? Só a do poder? Ter si- do aplicada após a deliberação da Casa. Claríssimo pelo regimento. Estou sem ela", disse.

Na terça, ele esteve na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara antes do início dos trabalhos e circulou por pouco tempo antes de ir à Comissão de Segurança e Com- bate ao Crime Organizado.

Na CCJ, deputados da oposi- ção criticaram a indicação de Silveira para a comissão. "Essa é a comissão de Constituição e Justiça. Logo, cabe a essa co- missão zelar pela Constituição. E um deputado que atacou o STF, propondo seu fechamen- to, ameaçando juizes, ele se colocou para participar dessa comissão", criticou o deputado Paulo Teixeira (PT-SP).

Conselho de Ética da Câmara abre processo contra Eduardo Bolsonaro por ataques a Miriam Leitão

Danielle Brant

BRASÍLIA O Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câma- ra instaurou nesta quarta-fei- ra (4) processo contra o de- putado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) por ter ironizado a tortu- ra sofrida pela jornalista Mi- riam Leitão, do jornal O Glo- bo, durante a ditadura militar.

O colegiado também instau- rou processo contra o depu- tado Kim Kataguiri (União Bra- sil-SP) por ter dito que foi um erro a Alemanha ter criminali- zado o partido nazista.

Foram sorteados três mem- bros do colegiado para relatar cada caso. Caberá ao preside- nte do conselho, Paulo Azi (União Brasil-BA), apontar, dentre eles, quem será responsável pelo parecer pela admissibili- dade ou não das ações.

O filho do presidente Jair Bol- sonaro (PL) foi alvo de repre- sentações de PT, PC, do B, PSOL e Rede por causa do episódio

—as do PT, PSOL e Rede foram apensadas à ação do PC do B.

Em abril, Miriam postou um artigo e escreveu: "Qual é o erro da terceira-vida? É tratar Lula e Bolsonaro como iguais. Bolso- nara é inimigo confesso da democracia".

Em rede social, Eduardo pu- blicou imagem da coluna e es- creveu: "Ainda com pena da [emoji de cobra]".

Miriam estava gravando quan- do foi presa e torturada por agentes do governo durante a ditadura. Em uma sessão, foi deixada numa numa sala escura com uma cobra.

Ela é alvo recorrente de bol- sonaristas. No começo do ano, em entrevista à rádio Jovem Pan, o presidente disse que ela deveria trabalhar melhor. E que se fosse boa teria sido lembra- da para trabalhar no governo.

Em uma das representações, o PSOL e Rede dizem que Edu- ardo evidenciou mais uma vez "seu caráter misógino e ma-

chista". A cassação (...) é im- perativa e urgente. Não há ne- nhuma condição moral e po- litica dele permanecer à fre- nte de qualquer cargo público".

Já o PT diz que ele faz "apo- logia à tortura e à ditadura mi- litar, numa postura de intolê- rância e ódio dentre tantos que vem pautando a trajetória po- lítica" do deputado.

E o PC do B defende que, ao "praticar apologia da tortura, (...) atacou o Estado democrá- tico de Direito, porque ofende a dignidade da pessoa humana, justamente um dos fundamen- tos da democracia brasileira".

Foram sorteados Mauro Lo- pes (PP-MG), Pinheiro (PP- MG) e Vanda Milani (PROS- AC) para emitir parecer.

O conselho abriu processo contra Kim Kataguiri por ter dito, no Flow Podcast, que foi um erro a Alemanha ter cri- minalizado o partido nazista.

Ele pediu desculpas pela fa- la e disse que a melhor forma

de combater é expor o que há de ruim no nazismo. E que não é a favor de apologia ao tema.

PP e PT entraram com repre- sentações contra ele. Os depu- tados Diego Garcia (República- nos-PR), Fernanda Melchion- na (PSOL) e Adolfo Viana (PSDB-BA) foram sorteados.

O conselho instaurou tam- bém representação contra o deputado Josimar Maranhão- zinho, suspeito de desvio de recursos de emendas para a Saúde.

Ele é investigado no STF (Su- premo Tribunal Federal) e tam- bém pela Procuradoria Regio- nal Eleitoral no Maranhão por atos típicos de campanha an- ticipada. Em uma das apura- ções do STF, foi flagrado contando milhões de dinheiro em seu es- critório político. Ele é suspeito de desviar dinheiro de emen- das parlamentares. As imagens foram captadas pela Polícia Fe- deral com autorização do mi- nistro Ricardo Lewandowski.

Exposição exalta importância do jornalismo para a democracia

BRASÍLIA A exposição "Liber- dade & Imprensa: O Papel do Jornalismo na Democracia Brasileira" será lançada nesta quinta-feira (5) no STF (Supremo Tribunal Federal).

O evento é parte da agenda comemorativa do Dia Mui- litar da Liberdade de Impren- sa, celebrado em 3 de maio.

Nesta quarta (4), o pre- sidente do Supremo, Luiz Fu- z, afirmou que a Impren- sa livre é um dos pilares da democracia. "É de suma im- portância prestigiarmos a imprensa profissional, que tem sido fundamental para a história do nosso Brasil".

A iniciativa é uma parceria do tribunal com a ANJ (Associação Nacional de Jornais) e estará aberta para visita- ção pública no Museu do STF, na Praça do Três Poderes, de 6 de maio a 4 de julho, às se- gundas e sextas, das 14h às 18h. A entrada é gratuita.

A exposição trará peças pu- blicitárias sobre a importân- cia do jornalismo na preser-

vação e no fortalecimento dos princípios democráticos.

Vinte painéis vão reprodu- zir anúncios publicados pe- los jornais associados da ANJ nos últimos anos. Parte do material terá ênfase no com- bate à disseminação de notí- cias falsas sobre as eleições.

Após a fala de Fux, a minis- tra Cármen Lúcia também abordou o papel da impren- sa. "Não há democracia sem imprensa livre. Acho que é al- go bem simples de ser enten- dido", disse Cármen, frisando que direito à informação é garantia constitucional.

De acordo com ela, não se pode prescindir de informa- ção num período "de tantas mentiras, mentiras dolosas, planejadas para cumprir de- terminados objetivos".

"É a imprensa que conse- gue desfazer [fake news], esclarecer, informar, para que a gente tenha uma democra- cia com padrões de dignida- de humana que se pretende."

Marcelo Rocha

coleção **FOLHA** GRANDES PINTORES

FOLHA
DIÁRIO DE SÃO PAULO

30 livros de arte para ler, compreender e se inspirar


VAN GOGH (Terrapça do Café à Noite)
NA COMPRA
DO VOLUME 1
grátis
3 PÔSTERES
COM OBRAS
DE VAN GOGH
APENAS
R\$22⁹⁰
CADA LIVRO

30 VOLUMES

Já disponível no site
e 15/5, nas bancas.

A genialidade e a beleza das pinceladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

**Peça sua
coleção completa**

Ligue **11 3224 3090**
(Grande São Paulo)
 ou **0800 775 8080**
(outras localidades)

DE SEGUNDA A SÁBADO, ENTÃO
FERIADOS, DAS 8h ÀS 14h

**FRETE
GRÁTIS***

PAGUE EM
12x até
sem juros
 no cartão*

Compre por aqui
 ESCANEIE O QR CODE



folha.com.br/grandes pintores

*DISPONÍVEL NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PI, SC E DF. PARA DEMAIS ESTADOS, A VENDA SERÁ VIA SITE OU TELEFONE.
 FRETE GRÁTIS VÁLIDO PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PI. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTE FOLHA.COM.BR/GRANDESPINTORES.
 CONFIRA AS DATAS DE ENTREGA NO SITE. PARCELAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS ÍTEMS DESTA COLEÇÃO.

política

Bivar anuncia chapa puro sangue e enfraquece 3ª via

Presidente da União Brasil desiste de formar aliança com MDB e PSDB

Julia Chaib

BRASÍLIA O presidente da União Brasil, Luciano Bivar, confirmou nesta quarta-feira (4) que o partido terá uma chapa puro sangue, com um candidato a vice do mesmo partido, para disputar a Presidência da República, enfraquecendo ainda mais o grupo de legendas da chamada terceira via. Bivar é o pré-candidato à Presidência da sigla. "Esperamos até o último momento para fazer uma coligação com outros partidos. Entretanto, os outros partidos não tiveram a mesma unidade que tem o União Brasil. Em função disso, não restou a nós

uma única alternativa do que saíramos com uma chapa pura", diz Bivar em vídeo.

A União Brasil discutia com PSDB e MDB a hipótese de as siglas se unirem em torno de um só nome para tentar romper a polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL).

O pré-candidato do PSDB é o ex-governador paulista João Doria e o do MDB, a senadora Simone Tebet (MDB).

Os partidos haviam estabelecido o dia 18 de maio como o prazo final para bater maroto a respeito da candidatura, mas sem definir os critérios mínimos para a escolha de

um representante.

Irritado com a demora, Bivar já havia indicado na semana passada que iria romper com o grupo com a promessa de resolver nesta quarta o futuro da sigla que preside.

"Por que uma chapa pura? Porque a gente não aceita. Eu me recuso a aceitar os extremos que estão aí estabelecidos. Então, é por isso que a União Brasil segue em frente para essa candidatura para, definitivamente, em outubro desse ano, nós nos candidataríamos e sermos eleitos presidente desse país", diz Bivar.

"Conto com vocês e espero que vocês entendam o sentimento que passa, não só em

mim, mas em todo o povo brasileiro em busca dessa alternativa."

A União Brasil detém o maior fundo eleitoral e tempo de televisão entre as siglas e por isso o apoio da legenda era cobçado pelos demais.

Desde os sinais dados por Bivar na semana passada, porém, dirigentes de PSDB e MDB não contavam mais com a sigla nas conversas em torno de uma candidatura única, possibilidade que tem se mostrado cada vez mais remota.

Integrantes da cúpula da União Brasil defendem que seja escolhida uma mulher para formar a chapa com o presidente do partido.

Fernando Haddad lança livro para rerepresentar a história da humanidade

Ulrrá Machado

SÃO PAULO Quando Fernando Haddad (PT) publicou um artigo na Ilustríssima sobre a criação de uma moeda sul-americana e a integração regional, muitos observaram que o tema nada tinha a ver com a agenda de um pré-candidato a governador de São Paulo.

O que o ex-prefeito da capital paulista e ex-ministro da Educação no governo Lula queria com o texto escrito em parceria com o economista Gabriel Galipolo?

A resposta, ou parte dela, está no livro que Haddad lança pela Zahar: "O Terceiro Excluído - Contribuição para uma Antropologia Dialética".

Nele, o petista reconta a história da humanidade a partir de novo enfoque, procurando mostrar como avanços da biologia e da antropologia deveriam ser incorporados ao materialismo histórico, linha de pensamento que tem em Karl Marx (1818-1883) seu intelectual mais célebre.

Como fica claro desde o título, é obra acadêmica cheia de termos técnicos que provavelmente se revelarão barreira para parte dos leitores.

Ele, professor de ciência política da USP, dedica um capítulo à biologia, outro à antropologia e o terceiro à linguística, costurando-os com referências de economia, história, sociologia e filosofia. São citados 16 pensadores, e é difícil imaginar que alguém estará familiarizado com todos.

A Folha, Haddad diz não estar preocupado com a possi-

bilidade de assustar com o livro, que a princípio era tese de livre-docência na USP.

"Meu livro é ciência, não literatura. E se debruçar sobre a ciência é tarefa que exige esforço", diz. "Além disso, vivemos uma dramática crise socioambiental para a qual não haverá respostas fáceis."

"Acabei me estendendo na apresentação de alguns autores por ter a certeza de que poderia prestar um serviço para o leitor", afirma Haddad. "Sobretudo para aquela parte da juventude que quer transformar o mundo, eu entendo que isso pode ser proveitoso."

Mas quebrará a cara quem comprar o livro pensando que traz soluções para crises contemporâneas. Ele não faz isso, embora sua maneira de recontar a história dê pistas sobre um plano de ação política.

Uma delas é que o desenvolvimento nacional não tem relação necessária com o desenvolvimento das nações. Um país pode enriquecer e melhorar no ranking das nações sem que isso melhore os problemas centrais da humanidade.

Outra é que desafios só podem ser enfrentados com respostas supranacionais, seja na economia, seja na ecologia. Ou seja, não adianta cada país fazer a lição de casa sem pensar no conjunto de toda a espécie humana.

O Terceiro Excluído - Contribuição para uma Antropologia Dialética
Autor: Fernando Haddad. Editora: Zahar (288 págs.). Preço: R\$ 64,90 (R\$ 39,90 ebook). Lançamento: 6 mai

PEC que amplia idade máxima de entrada de ministros no STF avança

BRASÍLIA A Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou nesta quarta (4) uma proposta de emenda à Constituição que aumenta para 70 anos a idade máxima para indicações de ministros para o STF (Supremo Tribunal Federal) e outros tribunais superiores. A proposta foi aprovada de maneira simbólica pelos senadores membros da comissão e agora precisa ser votada pelo plenário da Casa, antes de ser promulgada.

A PEC eleva de 65 para 70

anos a idade máxima para indicações de ministros do STF, do STJ (Superior Tribunal de Justiça) e do TST (Tribunal Superior do Trabalho) e juizes dos TRFs (Tribunais Regionais Federais) e TRTs (Tribunais Regionais do Trabalho), além dos ministros do TCU (Tribunal de Contas da União) e dos ministros civis do STM (Superior Tribunal Militar).

No caso dos ministros civis do STM, a Constituição atualmente não estabelece um teto de idade. **Renato Machado**

TSE publicará boletins no dia da eleição para apurações paralelas

BRASÍLIA O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) decidiu que, pela primeira vez, neste ano, os boletins com o resultado de cada urna eletrônica serão disponibilizados ao público no mesmo dia da eleição. Assim, órgãos e entidades que acompanham o pleito ou até cidadãos comuns poderão fazer a totalização dos votos em tempo real e em paralelo à corte eleitoral.

Antes, os boletins eram publicados na internet até três dias depois do pleito. A mu-

dança foi aprovada pelo plenário do tribunal em março.

A alteração faz parte da estratégia de criar um discurso que fortaleça a Justiça Eleitoral frente à ofensiva do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o sistema eletrônico de votação.

O tribunal vem adotando uma série de medidas para ampliar a transparência do sistema, para tentar esvaziar o discurso de Bolsonaro de que as urnas são passíveis de fraudes. **Matheus Teixeira**

VALE UMA VAGA NA GRANDE FINAL.



FRANKFURT

X



WEST HAM



É DECISÃO.
É NA CULTURA!
HOJE | 15H45



**Rodrigo Garcia, 47**

Atual governador de São Paulo, foi criado em São José do Rio Preto (SP), é advogado e dono de uma empresa de agropecuária. Foi deputado estadual, federal e secretário estadual, além de vice-governador do estado

Próximas sabatinas com pré-candidatos ao Governo de SP

5.mai
• **10h** Tarcísio de Freitas (Republicanos)
• **16h** Gabriel Colombo (PCB)

6.mai
• **10h** Altino Junior (PSTU)
• **16h** Fernando Haddad (PT)

**Vinicius Poit, 36**

Graduado em administração de empresas pela FGV, fez carreira no setor privado até entrar para a política. Foi aluno do RenovaBR, entidade privada que prepara candidatos

Rodrigo Garcia endurece discurso sobre segurança

Pré-candidato do PSDB ao Governo de SP afirma na sabatina Folha/UOL que não é candidato de ninguém

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O governador de São Paulo e pré-candidato ao cargo, Rodrigo Garcia (PSDB), evitou tratar o ex-governador João Dória (PSDB) como candidato à Presidência da República e disse que a polícia vai reagir e atirar em criminosos. As afirmações foram feitas durante sabatina realizada por Folha e UOL com postulantes ao Palácio dos Bandeirantes. Rodrigo teve 6% na pesquisa Datafolha de abril, empatado no limite da margem de erro com Tarcísio de Freitas (Republicanos). A corrida é liderada por Fernando Haddad (PT), com 29%, à frente de Márcio França (PSB), com 20%.

Ele assumiu no início de abril, após Dória deixar o cargo para tentar se viabilizar como candidato a presidente. Depois disso, o PSDB decidiu que a escolha seria feita entre partidos da chamada terceira via, grupo formado também por MDB e União Brasil.

Rodrigo não quis tratar Dória como candidato ao Planalto. Entre seus aliados, há entendimento de que, se o ex-governador for candidato à Presidência, pode atrapalhar Rodrigo em São Paulo, devido à sua impopularidade.

Ele defendeu as credenciais de Dória, às prévias do partido e disse que ele é o mais experiente dos pré-candidatos. Mas afirmou que seu nome deve ser submetido aos partidos da terceira via e citou credenciais também de Simone Tebet (MDB), a quem classificou como "mulher de fibra" e "com muita experiência".

O tucano disse que por meio de pesquisas o grupo vai identificar o "que melhor representa o futuro do Brasil".

"Entendemos que o centro democrático, os partidos que não querem eleger nem Lula nem Bolsonaro escolhem um único candidato. Esse esforço da melhor via está sendo feito", disse. "Eu vou lutar enquanto governador, agente político, para que a gente consiga manter esse centro democrático unido".

Ele repetiu que não é candidato de ninguém e tentou se esquivar da nacionalização da corrida ao governo. "Não sou candidato de A ou de B, sou candidato da minha história, de tudo o que construí por São Paulo e pelo que penso para o futuro de São Paulo."

São Paulo não vai andar na grana de ninguém nessas eleições nacionais".

Tentando fugir de respostas polêmicas a todo momento, ele falou dos bastidores do dia em que Dória ameaçou não deixar o governo, mas sem relatar os momentos tensos ocorridos dentro do Palácio dos Bandeirantes.

"Existiu uma avaliação se ele conclutira essa decisão da renúncia, de buscar a candidatura presidencial, eu respeitei em todos os momentos a decisão que era unilateral dele e ao final do dia 31 ele tomou a decisão de sair do cargo para disputar a Presidência", disse. E afirmou que, se não tivesse terminado assim, não saberia qual seria seu futuro político e que houve muita especulação sobre o caso.

Sugeriu que está em busca de eleitores de todos os espectros políticos e, na corrida nacional, fugiu de respostas sobre se preferia Bolsonaro ou Lula. "Se tiver que dialogar com o Lula para defender os interesses de São Paulo, eu vou dialogar. Se tiver que dialogar com Bolsonaro, eu vou dialogar".

Questionado quem votaria em eventual disputa entre os dois, hoje os mais bem colocados na disputa, se esquivou novamente. "Não vou ter essa encruzilhada, a melhor via vai para o segundo turno", disse. Rodrigo também afirmou que o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) errou ao virar pré-candidato a vice de Lula. "Eu respeito a história do Geraldo Alckmin, mas não faria o que ele fez".

Na área da segurança pública, o governador reafirmou discurso duro e disse que "a ordem é que se cumpra a lei em São Paulo". "Dou sim uma palavra muito dura de proteção ao cidadão de bem e de combate à criminalidade".

"Bandido que cometer cri-

me em São Paulo vai ser preso. Bandidos que reagirem e levantarem a arma para a polícia vão tomar bala. Falei isso sim porque acredito que a polícia deve e vai reagir contra o crime. Bandido que não quer ser morto não reaja quando for abordado. É defender a vida do policial e fazer com que ele possa dentro dos limites da lei exercer a sua atividade", disse.

A linha lembra a adotada por Dória, que tinha um discurso repressivo nas eleições de 2018 e pegou carona no bolsonarismo. Na ocasião, o tucano disse que em seu governo a polícia iria atirar para matar.

Sobre a atual onda de roubos, afirmou que acontecer porque a vida está voltando ao normal, citando que os números atuais são parecidos com 2019, antes da pandemia.

"É um novo governo, um novo momento e estamos diante de vários problemas que estão vindo aí. Essa quadrilha do Pix um ano atrás não existia, esse volume de roubo de celulares não existia", disse.

Ele disse que haverá blitz contra falsos entregadores que roubam na cidade, que é a favor das câmeras corporais em uniformes policiais e que essa política será mantida.

Sobre a afirmação do pré-candidato Márcio França (PSB), que disse que em seu governo criaria uma masculinidade em dois anos, disse: "Não é uma tarefa simples, eu já vivente prometendo que vai acabar com dois ou três anos, é uma tarefa permanente e nós não vamos desistir enquanto não vir a situação melhor ali na raciolândia".

Na área da saúde, disse que não há expectativa da volta de medidas restritivas e obrigatoriedade de máscaras. Na educação, se disse a favor de cobrança de mensalidades em universidades públicas. "Se for para aumentar vaga para pobre estudar na USP, quem pagar não vejo problema".

Defendeu a ação de sua base na Assembleia Legislativa, que bloqueou uma CPI para investigar crimes na Dersa, afirmando que o caso já foi investigado.

A entrevista foi conduzida pela apresentadora Fabíola Gidral, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Vinicius Poit critica Supremo e defende as privatizações

Pré-candidato do Novo a governador diz discordar da ação da corte no caso Daniel Silveira e alfineta Dória

Joelmir Tavares

SÃO PAULO O pré-candidato do partido Novo ao Governo de São Paulo, deputado federal Vinicius Poit, criticou o STF (Supremo Tribunal Federal), pregou a saída do PSDB do comando do estado e defendeu a privatização de empresas como a Sabesp durante sabatina realizada por Folha e UOL, nesta quarta-feira (4). Com plataforma liberal e um discurso em prol da retomada do diálogo na política, Poit disse discordar da postura do STF no caso da condenação do colega deputado Daniel Silveira (PTB-RJ).

Para ele a perda do mandato de Silveira "de maneira alguma deve ser decisão do STF" e é preciso manter o equilíbrio entre os Poderes, com "um controlando um pouco o outro". Ele defende que a discussão sobre a cassação só cabe ao Legislativo, embora ache que Silveira "tinha que estar fora" da Câmara.

"Não acho que respeite o decoro parlamentar, que dá bom exemplo como político", afirmou declarando-se defensor da liberdade de expressão.

Poit fez reiteradas críticas à perpetuação do PSDB no governo paulista, lembrando que "o estado está há 70 anos com o mesmo partido". "A gente não vai ter resultados diferentes fazendo sempre da mesma forma", disse ele.

Reclamou da política de privatizações prometida pelo ex-governador João Dória (PSDB), considerada por ele lenta no caso de empresas como a Sabesp. "A coragem para enfrentar o tema das concessões e privatizações nunca existiu no Governo de São Paulo", afirmou.

"Tem que tirar a privatização da Sabesp do papel. É uma geradora de caixa para muitos diferentes, que o partido que está no poder há 70 anos. Não adianta gerar caixa para o governo guardar o dinheiro para fazer obra eleitoreira no final do mandato. Não é para isso que serve a Sabesp".

E continuou: "Fica lá o governo fazendo caixa, se mantendo no poder, [e ao mesmo tempo] problemas de saneamento enormes. A gente tem que caminhar com a privatização da Sabesp o quanto antes". Poit disse ainda que o estado "ainda tem muito problema de saneamento" e que a

companhia local poderia ser mais eficiente. "Ela serve para deixar o governo rico, e a população continua pobre e perdendo os empregos".

Para ele, a transferência de serviços públicos à iniciativa privada trava porque ameaça "feudos" da classe política.

Poit afirmou ainda que, caso sua vitória em outubro, deve se espelhar em medidas adotadas pelo primeiro governador eleito por seu partido, Romeu Zema, em Minas Gerais. Uma das ações que ele deve copiar deve ser a redução do número de secretarias.

Não se aprofundou na questão do racha na legenda provocado por integrantes simpáticos a Jair Bolsonaro (PL), mas disse que "de maneira alguma o Novo é um partido bolsonarista" e que projetos do governo foram aprovados pela sigla não em função do presidente, mas das pautas.

Destacando o fato de a agremiação abrir mão do fundo eleitoral, disse que "no Novo não tem ladrão, não tem ninguém com tornezoleira, não tem corrupto, só tem ficha limpa".

Ele evitou dar opinião sobre a cassação do ex-deputado estadual Arthur do Val, o Mamãe Falei (União Brasil-SP), que renunciou após o escândalo das filias machistas sobre mulheres ucranianas vítimas da guerra, mas afirmou repudiá-las "totalmente as falas e a atitude dele".

Em março, quando Arthur retirou a pré-candidatura ao governo estadual pelo Podemos, Poit disse que poderia herdar parte do eleitorado propenso a votar no outro postulante, já que ambos encampavam uma agenda liberal e dialogavam com uma faixa da população semelhante.

Em estocada da Dória, disse que o tucano "prometeu, e não melhorou a remunera-

ção" dos policiais. "Tem que melhorar a remuneração do policial, treinamento contínuo, capacitação psicológica, deixá-lo ainda mais preparado, e aumentar o efetivo". Os recursos, apontou, viriam "de onde o Estado gasta mais, o Estado [com] 27 secretarias, um monte de estatistas, cheio de privilégios".

"A gente vai cortar no Estado, para sobrar dinheiro para a gente precisa", completou. Também fez reparos à condução da crise provocada pela pandemia de Covid-19, citando falhas de diálogo e a ausência de política de restrições distinta para cidades maiores e menores.

Poit se disse a favor do uso de câmeras nas fardas da PM como é hoje e que a perda de privacidade dos agentes, apontada por pré-candidatos como Márcio França (PSB), não é justificativa, já que o equipamento poderia ser desligado quando o policial, por exemplo, vai ao banheiro.

"Há mecanismos para preservar a privacidade. Perguntem para policiais e eles me contaram que podem desligar quando têm uma situação privada", disse, acrescentando que "a segurança pública no estado claramente não está dando certo. A sensação de insegurança é gigantesca".

Em meio à onda de furtos e roubos por falsos entregadores que levou a gestão Garcia a desencadear uma mega operação, sugeriu que policiais à paisana sejam usados como "isca" e, caso sejam alvos de criminosos, reajam.

"Eu defendo, inclusive, o seguinte: policiais na rua disfarçados de cidadão que está ali na calçada ao mexer no celular, e aí vamos ver se esse bandido que quiser assaltar esse policial ele vai ter uma surpresa, não, possivelmente negativa para ele", afirmou.

Poit se declarou favorável a cotas sociais transitórias, à concessão de parques públicos à iniciativa privada, à privatização de presídios, à cobrança de mensalidade em universidades públicas para quem pode pagar, às operações policiais na raciolândia e à posse e porte de armas por cidadãos comuns.

Asabatinas foi conduzida pelo apresentador Diego Sarza, pelo colunista do UOL Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.



Se for para aumentar vaga para pobre estudar na USP, quem puder pagar não vejo problema



Tem que tirar a privatização da Sabesp do papel. É geradora de caixa do partido no poder

mundo



O premiê Boris Johnson participa de atividade de campanha ao lado do parlamentar conservador Paul Holmes no aeroporto de Southampton. Adrian Dennis/Reuters

Eleição regional no Reino Unido vira referendo pessoal de Boris Johnson

Pleito testa força da liderança do premiê e oferece aos trabalhistas sinais para disputa geral, em 2023

Lucas Alonso

SÃO PAULO Os escândalos de festas clandestinas realizadas durante a pandemia, a recuperação econômica após a crise sanitária, o aumento do custo de vida, a Guerra da Ucrânia, uma espécie de ranço que se instaurou entre parte da população e até o visual de cabelos desgrenhados de Boris Johnson serão alguns dos aspectos que acompanharão os britânicos às urnas nesta quinta (5). As eleições regionais no Reino Unido vão decidir quem serão os ocupantes dos milhares de assentos em conselhos municipais, distritais e em outras divisões da política local. Mas também serão uma espécie de referendo pessoal sobre a figura do primeiro-ministro, um teste para sua liderança à frente do Partido Conservador e talvez o prenúncio do desafio que a oposição trabalhista enfrentará se sair vitoriosa. Em geral, grandes temas internacionais não costumam ter influência em pleitos locais. Em circunstâncias normais, pouco importa para o eleitor que vai escolher um novo conselheiro municipal em uma cidadezinha no norte da Inglaterra se Boris vai enviar £ 300 milhões em ajuda militar à Ucrânia.

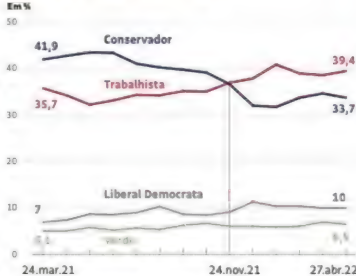
Mas os desdobramentos do conflito na dinâmica local, como o aumento do custo de vida, são, sim, determinantes na hora de votar. Será ainda o primeiro pleito regional após o brexit e em um momento em que a Covid começa a ficar para trás — e as lideranças locais serão julgadas por sua conduta no período. Nessa equação entra também a imagem pessoal que os britânicos construíram do premiê — moldada nos últimos meses por uma série de escândalos. O relatório da investigação interna que apurou os eventos irregulares realizados em Downing Street, sede do governo, concluiu, sem mencionar Boris diretamente, que houve “falhas de liderança e de julgamento” por diferentes membros de sua gestão. O premiê foi multado, tornando-se o primeiro chefe de governo a ser punido por violar a lei durante o exercício do cargo. Também é alvo de investigação que aponta se ele mentiu deliberadamente ao Parlamento quando negou a realização das festas clandestinas. “Estou absolutamente enojado com a maneira como ele se comportou”, disse John Jones, 75, morador de Newcastle-under-Lyme, à agência de notícias Reuters. “Já cansei de vê-lo

agir como um palhaço. Basta olhar para o corte de cabelo para a maneira como se veste para perceber que não está levando esse trabalho a sério.” Votos como o de Jones, que Boris já perdeu, foram determinantes nos últimos pleitos para consolidar o governo conservador. Se as projeções das pesquisas de intenção de voto se concretizarem, porém, a mudança na paisagem do cenário político britânico pode se tornar um marco da derrocada dos correligionários do premiê e uma nova chance para os opositores do Partido Trabalhista. “Isso pode tanto fortalecer a oposição quanto criar o pretexto para que os conservadores, de alguma forma, tentem se ‘livrar’ de Boris antes das próximas eleições [gerais], do próximo teste de força”, afirma Leandro Consentino, cientista político e professor do Insper. O adeus de Boris, cujo jogo de cintura político até agora o ajudou a se manter no cargo, pode não ocorrer tão facilmente — mas também nunca esteve tão perto. A esperança de uma revanche nas eleições desta quinta pode ser o gatilho para fomentar o voto de desconfiança que há meses assombra o premiê. Se 54 dos 360 deputados conservadores no Parlamen-

Raio-X do Reino Unido



Intenção de votos por partido nas eleições locais do Reino Unido



Fontes: Banco Mundial, PNUD e Britain Elects

Esquerda da França se une contra Macron para legislativas

Michele Oliveira

MILÃO Os principais partidos de esquerda da França se preparam para disputar as eleições legislativas unidos em uma única chapa, na tentativa de impedir que o presidente reeleito, Emmanuel Macron, consiga maioria absoluta na Assembleia Nacional, como aconteceu em sua primeira eleição, há cinco anos. Após intensas negociações nos últimos dias, o partido França Insubmissa, de esquerda radical, anunciou nesta quarta (4) um acordo com o Partido Socialista (PS), de centro-esquerda, após também ter atraído os comunistas e os verdes nesta semana. Juntas, as siglas somaram 30% dos votos no primeiro turno. “Queremos eleger deputados para evitar que Macron continue sua política injusta e brutal e para derrotar a extrema direita”, afirma tre-

cho do comunicado divulgado por insubmissos e socialistas. A decisão ainda precisa ser aprovada internamente pelo Partido Socialista, que deve se reunir nesta quinta. A chapa de esquerda foi batizada de Nova União Popular Ecológica e Social, e a campanha será lançada oficialmente no próximo sábado (7), mesmo dia da cerimônia de posse do segundo mandato de Macron. A eleição legislativa acontece em dois turnos, em 12 e 19 de junho. Estão em disputa 577 cadeiras, cada uma representando um distrito eleitoral. A maioria absoluta na Assembleia Nacional é alcançada com 289 assentos, número que permite a um governo aprovar suas propostas sem depender das demais forças políticas. Em 2017, o recém-criado partido de Macron elegeu 308 parlamentares. As tratativas para a aliança de esquerda foram lidera-

das pela equipe de Jean-Luc Mélenchon, terceiro colocado no primeiro turno, com 21,95%, menos de dois pontos percentuais atrás da ultradireitista Marine Le Pen, que acabou derrotada no segundo turno. A intenção de juntar forças contra Macron foi anunciada por Mélenchon poucos minutos depois de confirmada a reeleição do presidente, na noite de 24 de abril. No ocasião, chamou a eleição legislativa de “terceiro turno” e pediu votos nos candidatos da França Insubmissa para que, com a maioria dos assentos, ele pudesse se tornar primeiro-ministro. Nos dias seguintes, as conversas partidárias foram intensificadas, e os primeiros acordos foram fechados na noite do último domingo, após as manifestações do 1º de maio, que registrou gritos contrários a bandeiras de Macron, como a proposta de aumen-

tar a idade mínima da aposentadoria de 62 para 65 anos. A aliança entre os quatro partidos, dada como incerta até poucos dias atrás, encontra resistência especialmente entre os socialistas, a sigla de esquerda mais tradicional da França, que elegeu dois ex-presidentes, François Mitterrand e François Hollande, mas teve desempenho desastroso nesta campanha. Entre os pontos de divergências entre os grupos está a própria figura de Mélenchon, que fez parte do PS por mais de 30 anos, antes de lançar sua própria legenda, em 2016. Considerado um líder autoritário, é visto como ambíguo em relação ao antissemitismo e simpatizante do presidente russo, Vladimir Putin. Nos últimos dias, foi o posicionamento euroscéptico histórico de Mélenchon. Um dos itens do acordo anunciado na

quarta reforça que a saída da França da UE, “sua desintegração e o fim da moeda única” não farão parte da política da eventual futura legislatura. Desde o início das conversas, a aliança divide os socialistas. Na semana passada, Hollande considerou a união com a França Insubmissa inaceitável. Nesta quarta, o ex-premiê socialista Bernard Cazeneuve anunciou que deixará o partido após a decisão da cúpula de se submeter à liderança de Mélenchon. Pelo combinado, as quatro siglas vão se unir em torno de um único candidato em cada um dos 577 distritos. Os verdes terão direito a cem distritos, os socialistas, a 70, os comunistas, a 50, enquanto a maioria ficará a cargo da França Insubmissa. “São várias questões que dividem a esquerda francesa, e na eleição presidencial essas diferenças foram evidentes”,

to enviarem a um órgão da legenda um pedido para que sua liderança seja desafiada, dá-se início ao processo que pode desencadear a renúncia. O precedente já existe. Em 2019, o mau desempenho nas eleições locais foi um presságio para a antecessora de Boris, Theresa May. A conservadora perdeu cerca de 1.300 assentos no pleito em maio daquele ano e, no mês seguinte, viu-se obrigada a renunciar à posição de liderança. Carolina Pavese, professora de relações internacionais da ESPM, afirma que a eleição não trará grandes surpresas em termos de que partido domina cada região do país. Mas o cenário de longo prazo pode ser alterado e influenciar as eleições gerais, previstas, sem data definida, para 2023. “O que vai se tirar agora é uma fotografia da situação política atual, da opinião pública hoje, mas isso vai dar insumo para os partidos trabalharem o que falta em suas imagens e em suas agendas”, diz Pavese. Na visão da especialista, Boris agiu de forma semelhante a Joe Biden e conseguiu angariar capital político interno por meio de uma crise externa como a Guerra da Ucrânia. Ambos anunciaram nas últimas semanas pacotes bilionários de ajuda à Kiev. O britânico se tornou o primeiro líder ocidental a discursar ao Parlamento ucraniano desde o início do conflito, e lá fez promessas de que a Ucrânia vai vencer a guerra. Para Consentino, uma derrota dos conservadores nesta quinta seria debitada quase totalmente da conta de Boris. Talvez seja esse o recado de alguns candidatos que, embora dividam a mesma legenda com o primeiro-ministro, omitiram seu nome e sua imagem dos materiais de campanha e passaram a se denominar “conservadores locais”, marcando distanciamento da agenda nacional do premiê. Esta talvez seja a chance que os trabalhistas aguardam desde 2010, quando Gordon Brown deixou Downing Street. O editor de economia do jornal britânico The Guardian descreveu a vantagem dos opositores de Boris com uma metáfora esportiva. “No futebol, seria o equivalente a um atacante a dois metros do gol com um pé na bola e os defensores longe da vista. Se o Partido Trabalhista não estiver a rede agora, então há realmente apenas uma pergunta a fazer: quando na Terra é provável que o faça?” Assim, o ambiente político, ainda que favorável aos trabalhistas, poderia ser um tiro saído pela culatra. Com o Reino Unido fora da União Europeia, em recuperação pós-coronavírus e envolvido na Guerra da Ucrânia, não se sabe como o partido que foi oposição nos últimos 12 anos se comportaria no governo.



Depósito de combustível pega fogo nos arredores de Donetsk, no leste ucraniano Alexander Ermachenko/Reuters

Aliada da Rússia, Belarus faz manobra militar de surpresa

Moscou ataca infraestrutura para envio de armas da Otan e promete trégua em Mariupol

Igor Gielow

SÃO PAULO Após semanas fora do foco da Guerra da Ucrânia, a Belarus ressurgiu em cena na quarta (4) ao iniciar exercícios militares de surpresa em seu território. O país é o principal aliado da Rússia na ofensiva contra o vizinho de ambos.

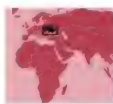
O movimento ocorre no 70º dia da invasão russa, quando Moscou ampliou as forças envolvidas nos ataques na região do Donbass, a leste russofona do país, e anunciou ter usado pela segunda vez um submarino da Frota do Mar Negro em bombardeios com dois mísseis de cruzeiro Kalibr. A ditadura de Aleksandr Lukashenko é uma antiga amiga de Moscou, mas sempre buscou se equilibrar entre a ex-metrópole soviética e a União Europeia. Isso se rompeu em 2020, quando protestos contra mais uma reeleição fraudada do líder o levaram a procurar o apoio de Vladimir Putin.

Deu certo, a repressão encorrou dissenso mais agudo, mas a conta veio. O Kremlin conseguiu unificar sua doutrina militar com a do vizinho, e nos meses anteriores ao início da guerra teve permissão para concentrar homens e equipamentos por lá. O resultado foi a frente que atacou Kiev já no início do conflito, descendo diretamente de Belarus e com o apoio de sistemas antiaéreos baseados no país. Nenhum soldado de Lukashenko, contudo, tomou parte oficialmente da ação.

O Ocidente não se convenceu muito e incluiu autorida-

70º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas



des do país em listas de sanções, mas nada parecido com o progressivo desligamento do sistema internacional imposto à Rússia. De lá para cá, Belarus fingiu ser figurante de luxo e sediou conversas de paz, embora a retirada da tropa que fracassou em tomar a capital ucraniana e seu deslocamento para o leste tenham ocorrido por seu território. Segundo o Ministério da Defesa belaruso, as manobras só visam a "testar sua pronti-

dade para combate" e não oferecem perigo a vizinhos. Kiev não comprou o discurso pelo valor de face. "Estamos prontos", disse o porta-voz do serviço de fronteiras ucraniano, Andrii Demchenko, sobre um eventual reforço de Minsk.

Ele seria bem-vindo por um lado, já que há uma ameaça crônica de cruzes humanos para Putin, que não decretou uma mobilização geral para evitar chamar a guerra pelo nome —ele se

atém a "operação militar especial". O Kremlin negou, nesta quarta, que usará a data mais importante do calendário político do país, o dia da vitória sobre os nazistas, em 9 de maio, para declarar guerra e mobilização nacional.

"Isso é nonsense, zero chance", afirmou o porta-voz Dmitri Peskov. A especulação está forte nos meios militares russos, insatisfeitos com o que vem como uma guerra com esforço limitado e sem sucesso.

USP promove debate virtual sobre Guerra da Ucrânia

O Laboratório de Estudos da Ásia, ligado ao Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), promove em 12 de maio, uma quinta-feira, às 17h30 (horário de Brasília), um debate virtual sobre a Guerra da Ucrânia. Participam do debate online os professores Angelo Segrillo (USP), Svetlana Ruseishvili (UFSCar) e Daniel Araújo Reis (UFF) e os pesquisadores associados da USP César Albuquerque, Camilo Domingues e Vicente Ferraro. O evento será transmitido na página do Laboratório de Estudos da Ásia no YouTube (youtu.be/Wj1dBLZ7zFM).

Igreja russa critica papa Francisco, e Cirilo entra na mira da UE

GUARULHOS O conflito que se desenrola no Leste Europeu desta quarta (4) sinais de que pode contribuir para um desgaste ainda maior na relação entre a Igreja Ortodoxa Russa e a Igreja Católica Romana.

O Departamento de Relações Exteriores da instituição russa acusou o papa Francisco, líder católico, de ter "usado o tom errado" ao fazer comentários sobre a conversa de aproximadamente 40 minutos que teve com o patriarca Cirilo, líder ortodoxo, em março.

O pontífice havia relatado, a um canal italiano, que Cirilo apresentou uma lista de justificativas para a guerra e chegou a afirmar que o russo não deveria se tornar um "coroinha de Putin". Entre outras coisas, o papa alega ter pedido a Cirilo para que abandonasse a linguagem da política e priorizasse a de Deus.

Anota a Igreja Ortodoxa descreve a postura como lamentável e diz que "é improvável que as falas contribuam para o estabelecimento de um diálogo construtivo entre as Igrejas Católica Romana e Ortodoxa Russa, [algo] especialmente necessário no momento atual".

Cirilo, também nesta quarta —70º dia de guerra—, entrou na mira da Comissão Europeia, o braço executivo do bloco europeu, que propôs congelar seus bens como parte do sexto pacote de sanções que deve ser aplicado contra Moscou junto com um embargo ao petróleo.

Diplomatas e documentos acessados por veículos como The New York Times, Reuters e Politico mostram que Cirilo foi descrito como um dos mais proeminentes apoiadores do conflito.

Um porta-voz da Igreja Ortodoxa criticou a União Europeia por pensar que as sanções terão algum efeito. "Tentar intimidar nossa igreja colocando o clero em algum tipo de lista só é possível para alguém que não esteja familiarizado com a história", escreveu Vladimir Legida em um aplicativo de mensagens.

Outro desdobramento no campo religioso marcou esta quarta, com a reação da Federação das Comunidades Judaicas da Rússia aos comentários do chanceler russo, Serguei Lavrov, para quem Adolf Hitler "tinha sangue judeu". O grupo russo, citou a agência de notícias Tass, pediu que não sejam feitas menções à história da Segunda Guerra, "que deve ser tratada com a devida reverência, pois os eventos [...] seguem uma ferida aberta".

Com The New York Times

LEAF LOEFGREN

UMA NOVA ESPÉCIE EM ARQUITETURA

VILA MARIANA

RUA LOEFGREN, 2270 | 11 4118-3514 | [LEAF.SKR.COM.BR](https://leaf.skr.com.br)

3 SUÍTES | 3 a 4 DORMS | 2 VAGAS

123m² e 165m²

ABERTURA DO STAND 07/05

PIÇINHA ELEVADA

SKR ARQUITETURA VIVA

Minoria dificulta aborto nos EUA

Destino de temas caros à ultradireita está nas mãos de pequena cabala togada

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT, além de columnista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

Vamos falar de números?

Uma a cada quatro mulheres americanas vai fazer um aborto durante a vida, segundo um estudo publicado em 2017. A maioria dos americanos defende o direito ao aborto. Na população em geral, o apoio à legalização do aborto tem sido relativamente estável e hoje é de 59%, contra 37% que desaprovam. O apoio ao aborto entre os homens é de 59%, e de 62% entre as mulheres. Hoje, 58% das americanas em idade reprodutiva vivem em estados

"hostis" ao aborto, revela um estudo do Instituto Guttmacher. O apoio ao aborto sobe para 87% na população em geral em casos em que a saúde da mãe está em risco e para 84% em casos de gravidez resultante de estupro ou incesto. Entre os católicos — cerca de 21% numa população de 334 milhões —, 48% dizem que uma mulher deve ter o direito de interromper a gravidez "na maioria dos casos", com 47% se declarando contra 5% sem opinião, de acordo com pesquisa recente do Pew Research Center.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) afirmou que 49% das mulheres que fazem aborto nos EUA vivem abaixo do nível da pobreza. Só 33% são brancas, e 62% já tiveram pelo menos um filho. O declínio no número de abortos legais nos Estados Unidos é expressivo e contínuo desde os anos 1980. De uma alta de 30 abortos por mil mulheres, caiu para 13,5, queda atribuída em parte ao acesso regular a métodos anticoncepcionais e a programas educativos

que reduziram a atividade sexual entre adolescentes. Eleições têm consequências. A radical direita evangélica americana obteve uma barganha com um playboy novaiorquino de passado notoriamente promiscuo. Em troca de financiamento à candidatura de Donald Trump, evangélicos reunidos num hotel de Times Square, em 2016, receberam a garantia de que ele ia aparelhar a Suprema Corte e tribunais federais com juízes conservadores. O pacto grotesco produziu

uma vitória nesta semana, quando vazou o rascunho redigido pelo juiz Samuel Alito que abre o caminho para re-criminalizar o aborto em dezenas de estados. O vazamento espantoso do documento pode ser obra de insiders progressistas indignados com a derrota ou um esforço para atrelar os quatro juízes (três nomeados por Trump) que endossaram a posição. Como explicou a Folha a historiadora Anne Nelson, no primeiro aniversário da tentativa de golpe no 6 de janeiro, a invasão do Capitólio foi um ensaio da direita americana que não tem mais a expectativa de chegar ao poder pelo voto. O plano organizado pela minoria conservadora religiosa americana, cujo epicentro é o obscuro Conselho para Política Nacional, já dura 45 anos e vem resistindo às mudanças

demográficas que formam um eleitorado em desacordo com esse projeto de poder. Um grande aliado do projeto de ditadura da minoria é o juradíssimo Senado, que confere duas vagas para cada um dos 50 estados americanos. Assim, os três juízes mentirosos que Trump plantou na Suprema Corte — os três afirmaram, sob juramento, nas sabatinas, que respeitariam o aborto legal — conseguiram o cargo vitalício graças a senadores de esvaaziados estados rurais. Os senadores democratas representam 41,5 milhões de eleitores a mais do que os republicanos. O destino do aborto legal e possivelmente do casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outros temas caros à ultradireita, está nas mãos de uma pequena cabala togada cujos defensores foram eleitos por uma minoria.

[SEG. Mathias Alencastro] | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzkovsky

Confinados, brasileiros passam aperto em Xangai

Surto de Covid-19 deixou 490 mortos em pouco mais de duas semanas em maior cidade e polo financeiro da China

Thiago Amâncio

SÃO PAULO No começo de 2020, quando ficou claro que a Covid-19 seria uma crise séria que traria problemas aos sistemas de saúde de todo o mundo, a dançarina Fabiane Fonseca, hoje com 35 anos, diz que não se sentiu com medo por estar no epicentro da epidemia, a China, onde mora há seis anos. "O protocolo de segurança era rígido, mas sempre foi muito funcional, e no fim eu me sentia segura", ela afirma. Pouco mais de dois anos depois, proibida há mais de um mês de sair de casa em Xangai, polo financeiro do país, a impressão mudou. "Esse ano foi um choque. A gente já sabia como era a política de Covid zero", já via lockdowns acontecendo desde o ano passado em outras cidades, mas era uma quarentena de 14 dias. Quando começaram a fazer os testes aqui, jamais imaginamos que chegaria a esse ponto", conta, referindo-se à extensão da medida e ao envio de infectados a centros de confinamento longe de casa. Primeiro, anunciaram que a região em que Fabiane mora seria fechada por 48 horas, que se estenderam por mais 48 horas, e, depois, por cinco dias. "Agora estamos numa espécie de prisão domiciliar há mais de um mês, em que não desço nem na área externa do meu condomínio a não ser para fazer teste de Covid". A variante ômicron, muito mais contagiosa, furou as rígidas barreiras que a China

construiu contra a doença — a "Covid zero" dificultou a entrada no país, impôs testes em massa e chegou a zerar as contaminações. Agora, o regime dobra a aposta na medida, sob protestos da população, em um momento em que Xangai tornou-se o centro da crise no país. Em 18 de abril, a cidade registrou oficialmente as primeiras mortes por Covid em dois anos. Hoje já são 490, 16 das quais na terça (3).

Desde 10 de março sem trabalho, já que os espetáculos de dança estão suspensos, Fabiane relata que precisou contar com a compreensão do dono do apartamento onde vive para adiar o pagamento do aluguel, de cerca de R\$ 4.000. "Eu tinha alguma reserva, mas a situação é muito difícil, muito instável".

Ela diz que as cestas de alimentos distribuídas na cidade chegaram pouquíssimas vezes nos bairros afastados, como o dela. "O preço das coisas dobrou, e a gente só consegue fazer compras em quantidades enormes, em grupos grandes". Hoje, ela tenta juntar dinheiro para deixar o país. "Cresceu muito o preconceito contra estrangeiros aqui."

“[É como] prisão domiciliar, [só saio] para fazer teste de Covid”

Fabiane Fonseca
bailarina em Xangai



Agente de saúde isola área residencial em Xangai. Aly Song/Reuters

Perguntavam sempre minha nacionalidade, ficou mais difícil conseguir trabalho". A frustração atinge até quem acabou de chegar. Um brasileiro que pediu para não ser identificado contou estar há mais de dois meses preso em casa, com a mulher e os dois filhos, porque acumulou duas quarentenas, com um pequeno intervalo entre elas. Primeiro, a da chegada no país, onde foi trabalhar como engenheiro para uma firma europeia, no fim de fevereiro. Na ocasião, cumpriu quarentena obrigatória de 21 dias. Depois, teve menos de uma semana de liberdade, quando pôde circular pela cidade sem restrições, até que Xangai entrou em lockdown no começo de abril. No domingo, o governo da cidade começou a permitir que residentes de cinco dos 16 distritos, onde vive cerca de um quinto da população, saíssem brevemente, lotando os poucos mercados abertos ao público. Outras cidades também apertam as regras. Nesta terça, Zhengzhou, na região central do país, onde vivem 12,6 milhões de habitantes, anunciou restrições de 4 a 10 de maio. Pequim foi na mesma direção, suspendendo o funcionamento de mais de 60 estações de metrô — cerca de 15% da rede da capital — e de 158 rotas de ônibus e estendendo o fechamento das escolas por mais uma semana. Quem quiser entrar ou sair da cidade também precisará de um teste com resultado negativo realizado há menos de 48 horas.

Em vez de destacar falas parciais, Folha deveria se surpreender com resiliência do sistema cubano

RÉPLICA

Pedro Monzon

Consul geral de Cuba em São Paulo

Em 25 de abril foi publicada na Folha uma reportagem superficial sobre Cuba que, espero, seja apenas resultado de ignorância. Não é estranho, desde o triunfo da Revolução em 1959, que Cuba seja alvo de uma chuva de fake news. A intenção é promover uma imagem virtual negativa do país. O grande pecado que Cuba cometeu foi conquistar, pela primeira vez, a verdadeira independência e começar a edificar um país beneficiado por mudanças muito profundas. Por isso se converteu em um péssimo exemplo. Daí a perseguição implacá-

vel por mais de 60 anos, com frequentes agressões e um cruel bloqueio econômico, comercial e financeiro, que ocasionaram perdas superiores a US\$ 1 trilhão, justificadas com muitos argumentos falsos. As votações da imensa maioria dos membros da ONU contra o bloqueio por 29 anos consecutivos não provocaram nenhuma mudança nessa política dos EUA. É impossível qualificar Cuba sem considerar o que representa para os cubanos o dano causado pela agressividade da maior potência do planeta. Porém, apesar desses grandes obstáculos, Cuba exibe conquistas que a distinguem mundialmente. A educação é gratuita, razão pela qual toda a população tem al-

to nível educacional; o sistema público de saúde tem alto nível profissional, abrange todos os cantos do país e permite que Cuba ajude muitos países do mundo com centenas de milhares de médicos; graças ao desenvolvimento da ciência, o país imunizou contra a Covid, com vacinas próprias, mais de 97% da população, incluindo todas as crianças; uma política de segurança social beneficiou toda a população; ninguém passa fome nem morre de fome; não existem moradores de rua. O Unicef considera que Cuba demonstra alto nível de proteção e desenvolvimento às crianças e aos adolescentes; o tráfico e o consumo de drogas não representam problemas; desapareceu estrutu-

ral e legalmente a discriminação por raça ou gênero. O indicador de expectativa de vida está entre os mais elevados do mundo, e o de mortalidade infantil, entre os mais baixos. Cuba é considerado um país com IDH alto e cumpriu grande parte dos Objetivos do Milênio, segundo o Conselho de Direitos Humanos. Cuba é um dos países mais seguros do mundo, e a delinquência é mínima. A estabilidade política e social outro atributo do país. Em 60 anos, desde a tomada de poder, não houve manifestações de descontentamento, muito menos manipulações internacionais. Uma em 1994 e outra (77 anos depois) em 2021, provocadas no marco de situações internacionais complexas e em momentos nos

quais o bloqueio foi reforçado. Os incidentes de julho de 2021 foram detonados pelo endurecimento extremo do bloqueio, em uma situação tão difícil como a pandemia de coronavírus. Tal contexto foi acompanhado de uma campanha internacional de descrédito e da utilização de milhões de dólares para financiar pequenos grupos, fora e dentro de Cuba, sem nenhum apoio popular, com o objetivo de provocar uma catástrofe social. Todos esses esforços sucumbiram porque são resultados artificiais de um fenômeno importado. O verdadeiro inimigo político de Cuba não está dentro de seu território — são os EUA. Cuba constitui um Estado de Direito. Depois do triunfo da Revolução, não se praticou tortura, não há desaparecimentos nem repressão, como visto em muitos outros países. Qualquer afirmação contrária é pura mentira. Como em qualquer país, o vandalismo é punido, assim

como as ações violentas instigadas por interesses estrangeiros. Também é certo que proliferaram informações alteradas sobre os processos legais legítimos que foram realizados contra quem provoca esses distúrbios violentos e vandalismo. Em vez de destacar quatro ou cinco depoimentos parciais para qualificar Cuba, o que deveria surpreender é como foi possível, em tão difíceis condições e durante tanto tempo, o sistema cubano não ter colapsado, como poderia ter ocorrido com qualquer outro país. Ao contrário, o povo historicamente foi o protagonista de numerosas manifestações massivas em apoio à Revolução, o que acabou de se repetir nas imensas manifestações em todo o território nacional neste 1º de Maio. Este é o que nos dá leveza tentou qualificar insuficientemente a grande reportagem publicada na Folha, jornal que nos ofereceu espaço, o que agradecemos.

BC eleva juros para 12,75% ao ano e indica que ciclo de alta vai continuar

Copom sugere novo aumento em junho, em ritmo menor; patamar da Selic é o mais alto em cinco anos

Nathalia Garcia

BRASIL O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central elevou nesta quarta (4) a taxa básica de juros (Selic) novamente em um ponto percentual, passando de 11,75% para 12,75% ao ano, confirmando as expectativas do mercado. O colegiado também indicou que o ciclo de aperto monetário deve continuar "avancando significativamente em território ainda mais contracionista".

Sobre seus próximos passos, o BC antecipou que prevê uma nova alta, de menor magnitude, no encontro de junho.

Com a alta, a Selic atingiu agora o maior patamar desde 22 de fevereiro de 2017, quando a taxa de juros estava em 13% ao ano, ainda no governo de Michel Temer (MDB). Foi a décima elevação consecutiva da Selic, que acumula alta de 10,75% desde março de 2021, o que faz desse ciclo de aperto o mais forte desde a criação do sistema de metas para inflação, em 1999, quando a taxa foi de 25% para 45% ao ano.

"O Comitê nota que a elevação da incerteza da atual conjuntura, além do estágio avançado do ciclo de ajuste e seus impactos ainda por serem observados, demanda cautela adicional em sua atuação", disse no comunicado da decisão.

"O Comitê entende que essa decisão reflete a incerteza ao redor de seus cenários e um balanceamento de riscos com variação ainda maior do que a usual para a inflação prospectiva e é compatível com a convergência da inflação para as metas ao longo do horizonte relevante, que inclui o ano-calendário de 2022", disse.

A decisão do Copom veio em linha com a projeção unânime do mercado. Levanta-

mento feito pela Bloomberg mostrou que todos os analistas consultados esperavam alta de um ponto na tentativa de frear a inflação.

Desde do encontro anterior do colegiado, em março, houve uma significativa piora no ambiente inflacionário global com os choques nos preços dos combustíveis e dos alimentos decorrentes da Guerra na Ucrânia.

Os temores de novas medidas restritivas na China devido ao avanço da Covid-19 e do potencial impacto nas cadeias produtivas globais também entraram no radar, bem como o aumento dos juros pelo Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) e a recente desparada do dólar, que voltou a operar acima de R\$ 5.

País volta a liderar ranking de taxas reais

O Brasil é o país com a maior taxa de juros ao ano, descontada a projeção de inflação, segundo o ranking mundial de juros reais compilado pelo portal MoneyYou e pela gestora Infinity Asset Management. A lista tem 40 países. Até fevereiro, o país estava no topo do ranking, mas foi ultrapassado pela Rússia em março, após o forte aumento de juros no país em meio à Guerra da Ucrânia. Como o banco central russo cortou a taxa de 20% para 14% ao ano, o Brasil voltou ao topo. Para chegar aos juros reais de 6,69% ao ano, é considerada a taxa do depósito interbancário (DI) de um ano, vencimento em maio de 2022, e a inflação projetada para os próximos 12 meses (5,91%) na pesquisa Focus do BC.

No ambiente externo, na avaliação do BC, o cenário seguiu se deteriorando. Na análise, pontuou que as pressões inflacionárias decorrentes da pandemia se intensificaram com problemas de oferta advindos da onda de Covid na China e da Guerra da Ucrânia.

"A reprecificação da política monetária nos países avançados eleva a incerteza e gera volatilidade adicional, particularmente nos países emergentes". O colegiado disse também que a inflação ao consumidor seguiu surpreendendo negativamente tanto nos componentes mais voláteis como nos itens associados à inflação subjacente.

"As diversas medidas de inflação subjacente apresentam-se acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta para a inflação".

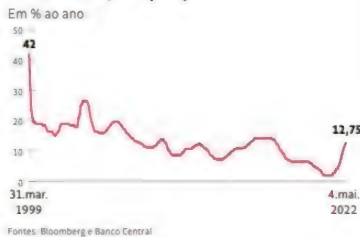
Em março, o IPCA subiu 1,62% e chegou a 11,30% em 12 meses. Na semana passada, o IBGE informou que o IPCA-15 subiu 1,73% em abril — a maior variação para o mês em 27 anos — e alcançou 12,03%.

Internamente, o BC também passou por um período turbulento, com a mobilização dos servidores por reajuste salarial e reestruturação da carreira. A primeira etapa da greve, que durou de 1º a 19 de abril, provocou uma série de atrasos na rotina da autoridade monetária, especialmente na divulgação de indicadores financeiros, como o boletim Focus.

Mas a suspensão da greve por duas semanas, antes da retomada na terça (3), permitiu ao mercado tomar conhecimento da evolução das expectativas antes da reunião do Copom.

Segundo a pesquisa Focus divulgada na segunda-feira (2), a mediana das projeções

Taxa básica de juros (Selic)



Brasil tem maior juro real entre 40 economias

Taxas de juros atuais, descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses



dos economistas para o IPCA subiu de 7,65% para 7,89% em 2022. Para 2023, a estimativa também aumentou, passando de 4% para 4,10%.

A expectativa do mercado coloca a inflação cada vez mais distante do objetivo perseguido pelo BC, que é de 3,50% para este ano e 3,25% para o próximo, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou menos.

Se as projeções para 2022 se confirmarem, será o segundo ano de estouro consecutivo da meta, que é estabelecida pelo CMN (Conselho Monetário Nacional). Em 2021, o IPCA somou 10,06%.

No cenário de referência do Copom, as projeções de inflação situam-se em 7,3% para 2022 e 3,4% para 2023. Já as projeções para a inflação de preços administrados são de 6,4% para este ano e 5,7% para o próximo.

Na análise, o BC optou por manter a premissa de que o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura de mercado até o fim deste ano, terminando 2022 em US\$ 100/barril e passando a aumentar 2% ao ano a partir de janeiro de 2023.

"O Comitê julga que a incerteza em torno das suas premissas e projeções atualmente é maior do que o usual", afirmou. Na avaliação do BC, permanecem fatores de risco para a inflação em ambas as direções.

Entre os riscos de alta, destacou "uma maior persistência das pressões inflacionárias globais e a incerteza sobre o futuro do arcabouço fiscal do país, parcialmente incorporada nas expectativas de inflação e nos preços de ativos".

Já entre os riscos de baixa, ressaltou "uma possível reversão, ainda que parcial, do aumento nos preços das commodities internacionais em moeda local, uma desaceleração da atividade econômica mais acentuada do que a projetada".

Rafaela Vitória, economista-chefe do Inter, diz que o BC ajustou sua comunicação, antecipando a provável extensão do ciclo com uma alta em junho, em linha com a expectativa majoritária de mercado.

"Apesar de acharmos que poderia encerrar o ciclo neste momento, uma provável alta de 0,5 ponto percentual em junho tem impacto residual, uma vez que a taxa já está em território bastante contracionista".

Segundo ela, o comunicado do BC trouxe mais cautela, além da consideração de que ainda há muita incerteza no cenário. "A preocupação principal ainda é com as surpresas inflacionárias recentes e como tem afetado as expectativas, que ainda não estão ancoradas, pelo menos não para 2023", disse.

"O comunicado ainda cita o risco fiscal, apesar dos recentes superávits, mas vale o alerta para as discussões políticas atuais que poderiam alterar essa trajetória no próximo ano, como renúncias fiscais e novos gastos", continuou.

Leia mais nas pág. A18 e A19 e na coluna de Vinícius Torres Freire, na pág. A20



Servidores do BC durante manifestação em frente da sede da autoridade monetária durante o Copom; em greve, categoria quer reajuste e reestruturação da carreira. Pedro Ladeira/Folhapress



Armazéns automáticos que multiplicam a produtividade

☎ 0800 771 3036 🌐 mecalux.com.br



mercado

PAINEL S.A.

Latido

Um grupo de estudos sobre direito dos animais, da Faculdade de Direito da USP, vai lançar uma cartilha com conceitos básicos sobre o assunto para tentar fomentar o debate. Segundo o material, a reivindicação central de diferentes vertentes é a de que os animais não devem ser considerados propriedade ou recursos naturais para fins humanos, devendo ser vistos como sujeitos de direito. O trabalho não aborda diretamente a questão do veganismo, mas dá base para a discussão.

MIADO "A defesa dos direitos animais é um movimento que defende a inclusão dos animais na comunidade moral e, portanto, a igual consideração de seus interesses, tanto ética como legalmente. Argumenta-se que a supremacia humana perante os animais é uma forma de discriminação arbitrária, denominada 'espécismo'", diz a cartilha.

CÓDIGO O material cita a utilização de animais em testes de produtos comerciais, fins educacionais e outros usos, como na alimentação, no entretenimento, no vestuário. O projeto, coordenado pelo professor Carlos Frederico Ramos de Jesus, vai indicar fontes de estudos e decisões judiciais sobre direito animal proferidas por tribunais superiores.

BOLSO Movidos pela inflação, os consumidores elevaram a procura por produtos das marcas próprias de supermercados, que costumam ter preço inferior. Segundo o Grupo Pão de Açúcar, a participação da linha no faturamento superou 21% no ano passado. Em 2019, girava em torno de 13%.

CARRINHO As marcas próprias, como Taq e Qualidade, chegam a representar até 40% de algumas categorias de produtos, diz o GPA. A empresa registra aumento na parcela dos clientes que expandiram as compras de marca própria de itens como chocolates (47%), água de coco (30%) e óleos (27%).

SALA Os estudos trimestrais do Secovi-SP (Sindicato da Habitação) vão começar a monitorar também o setor imobiliário corporativo. Pela primeira vez na história da entidade, o setor passa a acompanhar os dados de escritórios de São Paulo e de condomínios logísticos localizados em um raio de 120 km da capital.

ELEVADOR Além de oferta e demanda, as informações abrangem absorção bruta, taxa de vacância e variação de valores de locação. O projeto faz parte de uma série de iniciativas que o departamento de estatísticas do Secovi-SP vai inaugurar neste ano. Os preços de locação de escritórios estão em tendência de alta, segundo a pesquisa.

com Andressa Motter e Paulo Ricardo Martins

INDICADORES



CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Contribuição (abr.)

Autônomo e facultativo

Valor mín.: R\$ 1.212,00 20% R\$ 242,40
Valor máx.: R\$ 7.087,22 20% R\$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo - Dólar de casa de baixa renda podem receber sobre 5% do piso nacional. O preço para o facultativo e o autônomo que recebe por conta própria vem em 16 ms.

MICROEMPREENDEDOR

Valor mín.: R\$ 1.212 5% R\$ 60,60

ANUALIDADE

Abr de R\$ 1.212,00 7,5%
Abr de R\$ 1.212,01 até R\$ 2.427,35 9%
De R\$ 2.427,36 até R\$ 3.641,03 12%
De R\$ 3.641,04 até R\$ 7.087,22 14%

O preço para recolhimento das contribuições de previdência vem em 20 ms. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

BUQUÊ Às vésperas do Dia das Mães, a disparada nos preços das flores gera tensão no mercado de floriculturas. Para alguns tipos de rosas vermelhas, os valores chegaram a dobrar, de acordo com Tanus Saab, da Abaf, associação que representa floristas de 14 estados. Ele orienta os clientes a preferirem os produtos que tiveram menor variação, como orquídeas e flores brancas.

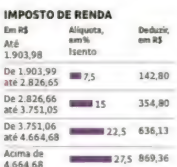
BOTÃO Renato Opitz, diretor do Ibrafior (Instituto Brasileiro de Floricultura), atribui o problema à pandemia, que levou parte dos produtores a abandonar a atividade, reduzindo a oferta. "Muitos desses produtores, jogaram 90% da sua produção fora e o que eles venderam foi a preço irrisório. Fecharam as portas ou reduziram a produção", diz.

ESPINHO Agora, com o aumento da demanda impulsionado pela retomada das festas, casamentos e feiras, os preços das chamadas flores de corte (que são vendidas fora do vaso, para buquês e decorações) decolaram. Neste mês, a Abaf vai se reunir com representantes do setor para discutir medidas que favoreçam os preços altos e contornem os efeitos das comemorações, como o Dia dos Namorados.

EXTRA, EXTRA! "Quem liga para essa porcaria de revista TI-ME?!" A provocação foi publicada pelo ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, no Twitter, nesta quarta (4), após o lançamento da revista americana Time, com o ex-presidente Lula na capa.

VEJAM-SE A opinião do ex-ministro em relação à importância da Time mudou da água para o vinho em poucos meses. Em fevereiro, ele havia publicado uma montagem falsa da capa da revista com a foto de Bolsonaro e parabenizava o presidente.

LONGEVIDADE Levantamento da Fenaprev (Federação Nacional de Previdência Privada e Vida) perguntou aos entrevistados como eles se sustentariam caso vissemem até 150 anos. Cerca de 8% deles disseram acreditar que teriam dinheiro suficiente guardado para se manter até lá.



EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o pró e na capital e Grande SP

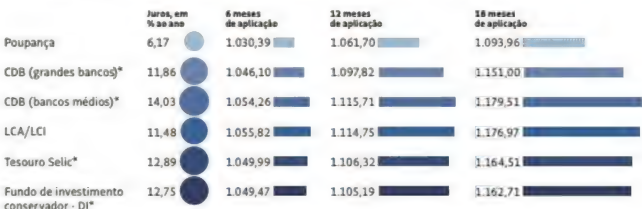
R\$ 1.296,32 Valor, em R\$

Emprego 98,48
Empregador 259,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vencer em 6 ms. A guia de pagamento do empregador vence em 12 ms. Contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS 12% de multa rescisória do FGTS 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. Contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o pró da Grande SP, as alíquotas de empregado são de 7,5% e 8%. Para salário maior de 7,5%, 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS.

Quanto rendem R\$ 1.000 com a Selic a 12,75% ao ano

Os valores mostram o resultado líquido após o desconto do Imposto de Renda (se houver), sem considerar a inflação, em R\$*



*Rendimentos com incidência de IR. As alíquotas variam conforme o período da aplicação, sendo de 15% (36 meses), 17,5% (12 e 18 meses) e 20% (6 meses) | Fonte: Anbima

Investimento em renda fixa ganha mais apelo com nova alta da Selic

Especialistas indicam títulos pós-fixados e apontam a importância de manter alguma diversificação da carteira

FOLHA INVEST

Lucas Bombana

SÃO PAULO O aumento da taxa básica de juros, a Selic, para 12,75% ao ano, eleva ainda mais a atratividade de títulos de renda fixa, em especial daqueles pós-fixados, que passam a oferecer um rendimento maior a cada alta da Selic. Embora ações de maior risco como as ativas na Bolsa de Valores tendam a permanecer sob intensa volatilidade com os juros mais altos não são o Brasil, mas também nos Estados Unidos, especialistas apontam a importância de manter alguma diversificação da carteira.

O aumento contínuo dos juros é a estratégia do BC para combater uma inflação que custa a dar sinais de trégua. O IPCA-15, prévia da inflação oficial do país, teve alta de 1,73% em abril, o maior percentual para o mês desde 1995.

No comunicado divulgado junto à decisão, a autoridade monetária sinalizou a continuidade do ciclo de alta dos juros, mas em uma intensidade de menor. "Para a próxima reunião, o Comitê antevê como provável uma extensão do ciclo com um ajuste de menor magnitude", diz o Copom.

Desde que o BC iniciou o processo de aperto nas condições monetárias, com a Selic saindo da mínima histórica de 2% em março de 2021 para os atuais 12,75%, a classe da renda fixa tem atraído um interesse cada vez maior por parte de investidores em busca de ganhos polípedos e risco baixo.

Levantamento do buscador de investimentos Yubb mostra que, entre as principais aplicações da classe de renda fixa, as debêntures incentivadas lideram em termos de retorno esperado com a nova alta da Selic. Esses títulos emitidos por empresas do setor de infraestrutura e isentos de IR (Imposto de Renda) de

vem entregar um retorno médio acumulado em 12 meses de 6,05%, já descontada a inflação de 7,89% estimada pelo mais recente boletim Focus. As Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e do Agronegócio (LCA), que também contam com a isenção fiscal, devem apresentar rentabilidade média anual de 4% pelos cálculos da plataforma.

Já a poupança, que mantém o rendimento bruto estável em 6,17%, com a nova alta dos juros, entrega ao aplicador um rendimento real negativo de 1,59%, descontada a inflação. A aplicação também não tem incidência do IR.

A alta da Selic torna os títulos de renda fixa mais atraentes, ao mesmo tempo em que ações e outros ativos de maior risco perdem parte do apelo junto aos investidores, diz Bernardo Paschowitch, fundador do Yubb.

"É importante que os investidores tenham um horizonte de longo prazo para os seus investimentos e busquem a diversificação", afirma Paschowitch, que diz ainda que os títulos de renda fixa tendem a apresentar uma rentabilidade de mais atrativo no curto prazo, enquanto os ativos de renda variável, como ações e fundos imobiliários, tendem a reaver o longo prazo.

Segundo Marília Fontes, sócia-fundadora da empresa de análise de investimentos Nord Research, com a alta da Selic nesta quarta, e com um novo aumento já esperado para a reunião do Copom de junho, os títulos pós-fixados acabam sendo os mais beneficiados dentro da renda fixa.

Esses papéis, como o próprio nome já indica, acompanham o rendimento que é pago pela taxa Selic. Portanto, conforme a taxa sobe, automaticamente os títulos pós-fixados também aumentam o retorno oferecido aos aplicadores, explica ela.



CRÉDITO, FINANCIAMENTO E CARTÃO MUDAM COM A TAXA
A sequência de aumentos da Selic eleva o custo do crédito. Um empréstimo pessoal de R\$ 5.000, financiado em 12 meses, teria parcela mensal de R\$ 530,91 com a taxa atual, segundo a Anefac (Associação Nacional de Executivos). Se compararmos com janeiro de 2021, quando essa prestação estaria em R\$ 507,72 com a taxa de juros da época, a parcela aumentou R\$ 23 por mês. Para quem financiar um veículo de R\$ 40 mil em 60 vezes até fevereiro de 2021, uma parcela custava de R\$ 974,42. Já quem for financiar um carro no mesmo valor agora vai pagar prestações de R\$ 1.159,09. Uma geladeira de R\$ 1.500 custaria 12 parcelas de R\$ 166,01 com a Selic em 2%. Agora, a prestação sobe para R\$ 171,92.

"Minha maior preferência neste momento recai sobre os pós-fixados, até porque, se continuarmos sendo surpreendidos com dados altos de inflação, esses títulos vão render mais", diz Marília.

Entre as principais opções para o investidor se expor aos papéis pós-fixados no mercado, a especialista aponta os títulos Tesouro Selic, negociados pela plataforma online Tesouro Direto, com liquidez diária e aportes a partir de poucos mais de R\$ 100,00.

Fundos de investimento do tipo DI de bancos e gestoras e CDBs emitidos por grandes instituições que paguem 100% do CDI, ou até um pouco mais do que isso, também são citados entre as opções. Já no caso dos títulos prefixados ou daqueles indexados à inflação, que também podem ser acessados por meio do Tesouro Direto, a sócia da Nord lembra que o aumento dos juros pelo BC provoca um efeito negativo no patrimônio alocado nesses papéis conhecido como marcação a mercado.

Marília recomenda que se faça aportes em títulos prefixados ou indexados à inflação apenas de curto prazo, com um ano de prazo no máximo, para serem carregados até o vencimento.

Superintendente-executiva de investimentos do Santander, Luciane Effting endossa a avaliação quanto às oportunidades oferecidas neste momento pelos rendimentos crescentes dos títulos pós-fixados.

O banco projeta uma taxa Selic de 13,25% ao final do ciclo de aperto monetário, com uma inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 7,9% no acumulado do ano.

Elá ressalta, no entanto, que mesmo em um cenário de rendimentos cada vez maiores na renda fixa de baixo risco, a diversificação do portfólio não deve ser deixada de lado.

Expectativa de retorno dos investimentos com nova alta da Selic

Rendimento em 12 meses com uma Selic de 12,75% ao ano, em %

Investimento	Bruto	Com desconto do IR	Após IR e inflação
Poupança	6,17	6,17	-1,59
Tesouro Selic	12,65	10,12	2,07
CDB banco médio	14,55	11,64	3,47
CDB banco grande	9,49	7,59	-0,28
LC	15,18	12,14	3,94
LCA*	12,4	12,4	4,18
LCI*	12,78	12,78	4,53
RDB	14,67	11,74	3,57
Debênture incentivada*	14,42	14,42	6,05

*Investimentos isentos de Imposto de Renda IR de 20% para aplicações com vencimento de 181 a 360 dias. Inflação anual de 7,89% prevista pelo boletim Focus 2 de 2 de maio. Fonte: Yubb



O presidente do Fed, Jerome Powell, após anúncio de alta dos juros Win McNamee/Getty Images/APP

EUA elevam juros em 0,5 ponto percentual, maior alta desde 2000

Mercados têm forte alta depois de presidente do Fed dizer que não considera aumentar ritmo para 0,75 ponto

WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES O Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) aumentou as taxas de juros em 0,5 ponto percentual e anunciou um plano para reduzir suas enormes participações em títulos, medidas decisivas destinadas a conter a maior inflação em 40 anos.

A decisão desta quarta-feira (4) marcou o maior aumento da taxa de juros do Fed desde 2000 e, ao encolher simultaneamente seu balanço patrimonial de US\$ 9 trilhões, o Fed está reduzindo rapidamente sua política de estímulos. Juntas, as ações devem repercutir nos mercados e na economia, ao tornarem o crédito mais caro.

O rápido recuo da ajuda monetária é sinal de que o banco central leva a sério o resfriamento da economia e do mercado de trabalho, à medida que a inflação persiste e as autoridades temem que ela possa se tornar permanente. Os preços estão subindo no ritmo mais rápido em 40 anos há meses.

Os índices acionários das Bolsas americanas, que iniciaram esta quarta (4) no campo negativo, passaram a registrar ganhos expressivos após a decisão da autoridade monetária americana vir em linha com as expectativas dos agentes de mercado.

Nos EUA, o S&P 500 avançou 2,99% e o Dow Jones teve ganhos de 2,8%, enquanto o Nasdaq, onde se concentram as empresas de tecnologia, valorizou 3,19%. O avanço de quase 3% do S&P 500 foi o maior desde 18 de maio de 2020.

No Brasil, o Ibovespa também foi atingido pela onda de otimismo dos mercados e igualmente reverteu a tendência de queda observada no início da sessão. O índice terminou o pregão com ganhos de 1,70%, aos 108.343 pontos.

O dólar também reverteu a tendência no meio da tarde e passou a registrar desvalorização, na esteira da decisão do Fed. A divisa norte-americana fechou o dia em queda de 1,22%, cotada a R\$ 4,9030.

Os formuladores de políticas passaram grande parte de 2021 esperando que a inflação diminuísse por conta própria, à medida que a escassez de oferta se moderava e a economia se equilibrava após as interrupções iniciais da pandemia. Mas a nor malidade ainda não voltou e a inflação apenas acelerou.

Agora, novos bloqueios por causa da pandemia na China e a Guerra da Ucrânia estão elevando ainda mais os preços de bens, alimentos e combustíveis. Ao mesmo tempo, há pouca oferta de mão de obra e os salários estão subindo rapidamente nos Estados Unidos, alimentando os preços mais altos dos serviços, pois a demanda do consumidor continua forte.

Os 'bloqueios na China provavelmente vão exacerbar as disrupções na cadeia de suprimentos', e a invasão da Ucrânia 'é eventos relacionados ascendente criando uma pressão ascendente adicional sobre a inflação e provavelmente pesará sobre a atividade econômica', disse em comunicado do Comitê Federal de Mercado Aberto de maio. "O comitê está muito atento aos riscos de inflação".

O Fed reiterou que "a inflação permanece elevada, refletindo desequilíbrios de oferta e demanda relacionados à pandemia, preços mais altos de energia e pressões mais amplas sobre os preços".

Autoridades do Fed decidiram que não podem mais se dar ao luxo de esperar que a inflação se modere por conta

própria e deverão continuar aumentando as taxas em suas reuniões ao longo do ano, com muitos investidores esperando grandes aumentos em junho e julho.

Algumas autoridades até sinalizaram que um movimento de 0,75 ponto percentual pode ser possível, mas o presidente do Fed, Jerome Powell, afirmou em entrevista nesta quarta após a reunião que isso não está sendo considerado ativamente.

Embora o Fed reconheça que a inflação pode permanecer rápida à medida que as interrupções no fornecimento da China e a Guerra da Ucrânia exacerbam as pressões sobre os preços, alguns analistas duvidam que isso justificaria um movimento ainda maior.

"O que eles estão tentando fazer é dizer ao mercado: a inflação pode aumentar a curto prazo", disse Gennadiy Goldberg, estrategista de taxas da TD Securities, sobre as referências do Fed à Ucrânia e à China. "Isso não sugere que eles devam subir 0,75 ponto percentual, porque esse não é o tipo de inflação que o Fed pode controlar".

Decidir que que rapidez recuar nas políticas de apoio é um exercício difícil. Os banqueiros centrais esperam agir de forma decisiva para conter a alta dos preços sem limitar o crescimento de forma tão agressiva que leve a economia a uma recessão grave. No entanto, projetar o chamado pouso suave provavelmente será um desafio.

O Fed planeja encolher seu balanço patrimonial a partir de junho, permitindo que os títulos vençam sem reinvestimentos. Ele disse nesta quarta-feira que deixará até US\$ 60 bilhões em dívidas do Tesouro expirarem a cada mês, juntamente com US\$ 35 bilhões em dívidas lastreadas em hipotecas. Esse plano será implementado em fases até setembro.

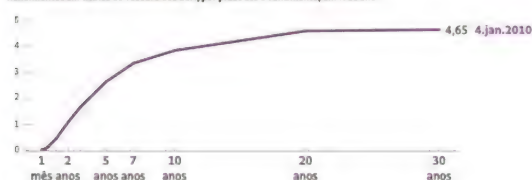
O plano do Federal Reserve de reduzir suas participações deve tirar o fôlego dos mercados financeiros e pode ajudar a esfriar o mercado imobiliário, pois eleva os custos de empréstimos em longo prazo, reforçando o efeito dos aumentos das taxas de juros do banco central. Os movimentos antecipados do Fed já começaram a elevar as taxas de hipotecas.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves; colaborou Lucas Bombana, de São Paulo

Juros nos EUA

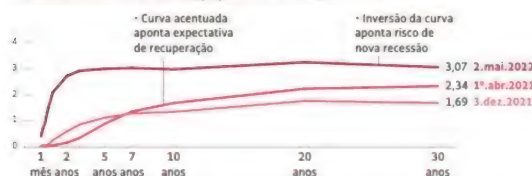
Um exemplo de curva de juros

Rendimentos em títulos do Tesouro dos EUA, por prazo até o vencimento, em % ao ano



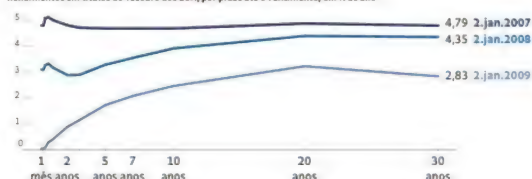
A curva de rendimentos tende a se achatar quando os investidores esperam uma desaceleração econômica ou uma recessão

Rendimentos em títulos do Tesouro dos EUA, por prazo até o vencimento, em % ao ano



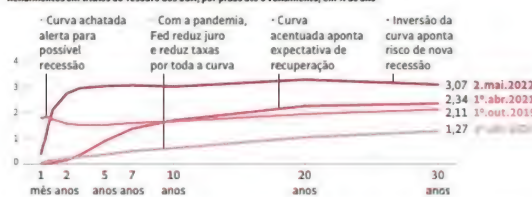
A curva se inclina quando os investidores estão antecipando um período de crescimento, como a recuperação da crise financeira de 2008

Rendimentos em títulos do Tesouro dos EUA, por prazo até o vencimento, em % ao ano



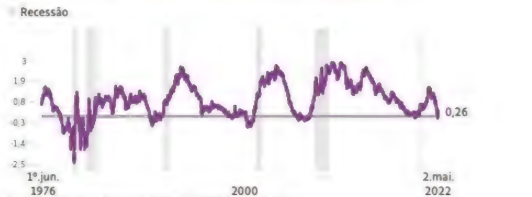
Comportamento da curva de juros nos EUA durante a pandemia

Rendimentos em títulos do Tesouro dos EUA, por prazo até o vencimento, em % ao ano



Uma curva de rendimento 'negativa' tem sido tipicamente um prenúncio de uma recessão

Diferença entre os rendimentos do Tesouro dos EUA de 2 e 10 anos, em pontos percentuais



Fontes: Departamento do Tesouro dos EUA e Federal Reserve de St. Louis

Entenda por que inversão da curva de juros pode prenunciar recessão

FINANCIAL TIMES | LONDRES

Os mercados de títulos lançam um sinal de alerta sobre as perspectivas de crescimento dos EUA, no momento em que os bancos centrais se preparam para combater a inflação via aumento nos juros.

A disparidade entre os custos de captação a curto e longo prazo pelo governo se reduziu drasticamente nas grandes economias desenvolvidas desde o fim de 2021. Nos EUA, uma "inversão da curva de juros" aconteceu no mês passado, pela primeira vez desde 2019.

"evento que, no passado, serviu de prenúncio a desacelerações econômicas. Historicamente, tende a acontecer uma recessão nos EUA um ano depois que a curva se inverte, ainda que a variação seja grande e que ocasionalmente haja falsos indicadores", disse Priya Misra, que comanda a área de estratégia mundial de juros da corretora TD Securities.

Os investidores não dispõem de uma bola de cristal, mas a curva de juros é um bom substituto. Ela mostra as taxas que os compradores de títulos de di-

vidua do governo exigem antes de emprestar seu dinheiro por períodos variados de tempo — no overnight, um mês, dez anos ou até cem anos.

Como emprestar aos governos de economias grandes e desenvolvidas é considerado uma aposta segura, essas taxas de captação são influenciadas principalmente pelas avaliações do investidor quanto às perspectivas de crescimento e inflação e pelo efeito que isso terá sobre os juros dos bancos centrais.

A curva de juros dos EUA, especialmente — graças à posição central do dólar no sistema financeiro mundial —, funciona como uma espécie de barômetro da sabedoria coletiva dos investidores sobre o percurso futuro da maior economia do planeta, e seu histórico quanto à sinalização de desacelerações antes que elas ocorram é forte.

A curva de juros em geral é ascendente, o que aponta que emprestar dinheiro por períodos mais longos propicia uma taxa de retorno fixo mais alta. O rendimento de empréstimos de prazo mais curto tende a representar aquilo que os investidores acre-

ditam que vá acontecer com as políticas dos bancos centrais no futuro próximo. Vencimentos mais longos representam o melhor palpite dos investidores sobre a direção que a inflação, o crescimento e as taxas de juros tomarão em médio e longo prazo.

No entanto, quando uma economia está se desacelerando e as expectativas de inflação caem, os rendimentos sobre os títulos de 10 e 30 anos tipicamente caem em direção daqueles oferecidos pelos papéis de vencimento mais curto, como as notas de três meses e dois anos, já que os investidores apostam que haverá menos necessidade de os bancos centrais elevarem os custos de captação no futuro; em lugar disso, eles podem ter de encorajar gastos.

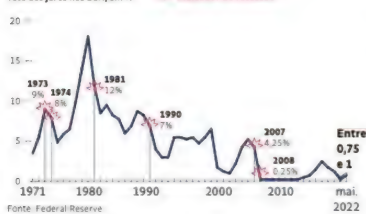
Essa atenuação da curva de juros pode em algum ponto se tornar um sinal recessivo, especialmente se a curva se inverte e passar a ser descendente, como aconteceu na semana passada. Uma "inversão" da curva de juros precedeu cada uma das recessões acontecidas nos EUA nas últimas cinco décadas.

Tradução de Paulo Migliacci

EUA elevam juros no maior ritmo em 22 anos

Taxa dos juros nos EUA, em %

25% Indicador de recessão



Fonte: Federal Reserve

mercado

Arrocho de juros vai longe

Em março, Banco Central dizia que aperto monetário acabaria em março; não deu

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

O arrocho vai continuar, como era previsível. O Banco Central aumentou a taxa básica de juros, a Selic, de 11,75% para 12,75% ao ano, como havia jurado em meados de março. Mas, então, muito otimista, dissera que a onda de aperto terminaria neste mês.

Não vai dar. Haverá pelo menos mais um aumento, na reunião de 15 de junho, a não ser que a paz baixe na Ucrânia, chova mais do céu e o coronavírus desapareça da China — o olhe lá.

Para quanto vai a Selic? Para começar, provavelmente a

13,25%, no mês que vem e a 13,75% em agosto. No mínimo.

O próximo governo vai começar com um peso ainda maior nas costas. Se disser muita bobagem na campanha e na "transição", pode arruinar suas possibilidades de sucesso logo de cara.

O maior aperto de juros desde 2013-2015 só acaba quando termina, escreveu a direção do BC no comunicado da sua decisão desta quarta-feira (14): "é apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais con-

tracionista" ... "até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas".

O arrocho vai até que a expectativa de inflação de 2023 volte para a meta. Tem chão aí.

O que pesa, de mais negativos, além da inflação ainda fora de controle e imprevisível? Carestia mundial e risco de a dívida pública crescer sem limite (sabe-se lá o que será da política econômica que sairá das urnas e se o próximo governante do Brasil terá algo dentro da cabeça).

O que poderia atenuar altas de juros futuras? Preço de commodities e dólar em baixa, economia crescendo ainda menos do que o previsto para 2022 (2,7%) e para 2023 (1%).

Parte grande da inflação está fora do controle dos bancos centrais, a não ser que decidam promover uma recessão profunda como os infernos. Por ora, não parece ser nem de longe a intenção do BC mais importante do mundo, o americano, que nesta quarta-feira afirmou que não vai acelerar a alta de juros por lá.

Além das agruras domésti-

cas de cada freguês, há dois problemas internacionais de semestados.

Um deles é a Guerra da Ucrânia, com implicações já muito sabidas sobre preços de energia e comida. Não se tem ideia de quando a guerra vai terminar ou quando haverá fontes alternativas de energia bastantes para atenuar o dano econômico básico e mais imediato do conflito.

A outra fonte de inflação é a política de "Covid zero" na China, país que é a oficina básica da indústria mundial. Se a produção chinesa é interrompida por "lockdowns", há desabastecimento de produtos finos, peças e outros insumos industriais.

Desde meados de 2020 se diz que, "daqui a uns seis meses", o abastecimento vai voltar ao normal. O próximo prazo a ser descumprido agora é o início de 2023. Até lá, essa pressão inflacionária continua.

Para piorar, a inflação para o consumidor na maior economia do mundo está além de 8% ao ano, em parte por causa de aperto no mercado de trabalho. A carestia e o superaquecimento da economia americana continuam preços pelo mundo.

Nesta quarta-feira, o Fed, o banco central americano, elevou a taxa de juros básica de volta para a faixa de 0,75% a 1% ao ano, em um raro aumento de meio ponto percentual. É possível que a taxa vá a 2,75%-3% até o final do ano. Muito? A taxa real de juros (ex post) ainda estaria muito negativa. A inflação passou de 2,6% ao ano em março de 2021 para 8,5% em março de 2022.

Além de saber o que vai ser da inflação mundial, a questão agora é ver se os EUA vão ser capazes de atenuar o aumento de preços sem embicar para a recessão.

vinicius.torres@rupolho.com.br



O presidente Jair Bolsonaro e a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, durante anúncio de programa Adriano Machado/Reuters

Governo libera uso de FGTS para mulher custear creche

Público é ponto fraco de Bolsonaro nas pesquisas de intenção de voto

Idiana Tomazelli e Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou nesta quarta (14) a flexibilização das regras do jovem aprendiz e a liberação de recursos do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) para mulheres custearem creches para os filhos ou cursos profissionalizantes, em uma tentativa de impulsionar a geração de empregos em ano eleitoral.

O público-alvo das medidas

é justamente o ponto fraco de Bolsonaro nas pesquisas de intenção de voto para a Presidência da República: mulheres e jovens.

Segundo pesquisa Datafolha divulgada no fim de março, 29% do eleitorado feminino afirma espontaneamente que votará no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder nas pesquisas, ante 18% em Bolsonaro. No levantamento anterior, a margem era de 30% a 14% para Lula.

Uma MP (medida provisó-

ria) assinada pelo presidente prevê a possibilidade de mães trabalhadoras com filhos de até cinco anos sacarem recursos do FGTS para bancar despesas com creche.

O dinheiro não estará disponível imediatamente: uma resolução do Conselho Curador do FGTS vai estabelecer o número de parcelas, o valor dos saques e as demais regras.

A matrícula de crianças de 0 a 3 anos em creches não é obrigatória, mas a lei do PNE (Plano Nacional de Educação)

estipula que, até 2024, metade das crianças da faixa etária esteja na escola.

Reportagem da Folha de outubro passado, com base em dados de 2020, mostra que nem um terço (33%) das crianças nesta faixa etária estava em creche no ano passado, o que distanciou o país do cumprimento da meta do PNE.

"Entendemos que, pelo volume de trabalhadores, a medida não vai dar conta de toda a demanda de creches fe-

derais", afirmou o secretário-executivo do Ministério do Trabalho e da Previdência, Bruno Dalcolmo.

De acordo com ele, a liberação do FGTS será uma opção adicional à oferta de creches pelo poder público. "Mas obviamente o esforço é bastante grande para ampliar a empregabilidade da mulher, e para isso precisamos de alternativas", afirmou.

A medida do governo anunciada nesta quarta também permite às trabalhadoras resgatar recursos do fundo para investir em qualificação profissional, desde que dentro de uma lista de cursos a ser estipulada pelo governo.

Segundo a secretária-adjunta de Trabalho, Tatiana Severino de Vasconcelos, a intenção é incluir cursos relacionados a engenharias e inovação, áreas geralmente têm remunerações mais elevadas e que costumam ser dominadas por trabalhadores.

A MP do governo também insere na lei algumas regras de incentivo para que pais possam se afastar do trabalho para auxiliar as mães no primeiro ano de vida da criança. A adoção desses instrumentos não será obrigatória, mas a intenção do governo é colocá-los no radar de negociações coletivas entre categorias de trabalhadores e empresas, disseminando seu uso.

A ideia é incentivar o trabalhador homem a negociar flexibilizações como uso de banco de horas, adoção de regime parcial de jornada, antecipação de férias, flexibilidade dos horários de entrada e saída.

Os pais também poderão, também no primeiro ano de vida do filho, optar por um afastamento temporário, mediante a realização de um curso de qualificação a distância. Os estudos, porém, deverão se dar por aulas gravadas, não ao vivo. Segundo os técnicos, a prioridade nesse caso não é a formação do trabalhador, mas sim a assistência à mãe.

A secretária-adjunta disse

que o foco nas medidas no homem é justamente para fomentar uma divisão de tarefas no ambiente doméstico. Do contrário, muito provavelmente as adesões ocorreriam entre as mulheres, sem maior compartilhamento da responsabilidade pelos cuidados da criança.

"É a semente para uma mudança cultural", afirmou Vasconcelos. Hoje em dia, segundo ela, a possibilidade de adotar essas medidas já existe, mas na prática elas não são direcionadas para ajudar as mães trabalhadoras.

As mulheres, por sua vez, terão a opção de negociar individualmente com a empresa um afastamento (lay-off) por período adicional, mediante o pagamento de uma bolsa qualificação pelo FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

O governo também vai flexibilizar o programa Empresa Cidadã, que concede benefícios a companhias que permitem se trabalhadores se afastar por mais de 62 dias após a licença-maternidade (que é de 120 dias).

A ideia é que a trabalhadora tenha a opção de usar o benefício nos mesmos moldes atuais ou escolha usufruir de um período de 120 dias em jornada parcial, com 50% da carga horária regular.

Quando mães e pais estiverem ambos empregados em empresas que integram o programa, o governo também vai permitir que os 62 dias adicionais sejam usufruídos pelo homem, ou divididos entre o casal. A licença-paternidade é obrigatória, porém, foi mantida em cinco dias.

O governo também promete a abertura de 250 mil novas vagas de jovens com mudanças no programa de aprendizagem. O presidente também enfrenta dificuldades para alavancar sua pré-candidatura nesse público de eleitores. O Datafolha divulgado no final de março e no levantamento de 15 a 24 anos, o ex-presidente Lula lidera nas intenções de voto, com 51%.

Congresso aprova piso para agentes de saúde e enfermeiros

BRASÍLIA O Senado aprovou nesta quarta (14) proposta de emenda à Constituição que estabelece um piso salarial para os agentes comunitários de saúde, de dois salários mínimos — atualmente R\$ 2.424.

O texto foi aprovado em primeiro turno com 72 votos a favor e nenhum contrário. Na segunda rodada, foram 74 votos a favor e nenhum contrário. Como já havia tramitado para a promulgação.

A proposta cria um piso salarial para a categoria e determina que os vencimentos para os profissionais serão pa-

gos pela União. Os recursos devem constar no Orçamento com dotação própria e específica. Estimativas de consultores legislativos apontam um impacto de R\$ 3,7 bilhões para os cofres públicos.

Lideranças governistas presentes na sessão não orientaram os parlamentares da base sobre como deveriam se posicionar na votação. Por outro lado, o líder do PL, partido do presidente Jair Bolsonaro, Carlos Portinho (PL-RJ), orientou favoravelmente à proposta.

Também está previsto que os valores da remuneração desses agentes não sejam incluídos no cálculo para fins de li-

mite de despesa com pessoal.

O texto determina que os profissionais terão direito adicional de insalubridade e aposentadoria especial, considerando os riscos enfrentados no exercício das atividades.

A justificativa da proposta explica que os agentes comunitários de saúde e os agentes de combate às endemias "exercem trabalho árduo, de alta e sol escaldante, de chuva a chuva, subindo ladeiras e descendo morros. Tudo somado ao contato permanente com moradores, por vezes portadores de doenças infectocontagiosas", afirma o texto.

Estados e municípios po-

dem ainda criar outras parcelas remuneratórias, tais como vantagens, incentivos, audiências e gratificações.

Também nesta quarta, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto que estabelece um piso nacional para enfermeiros sem apontar uma fonte específica para custear a despesa, em texto criticado pela equipe econômica e por estados e municípios pelo receio do impacto dessa mudança sobre suas finanças.

O texto, do senador Fabiano Contarato (PT-ES), foi aprovado por 449 a 12. Como não houve alteração em relação ao projeto do Senado, segue

para sanção ou veto do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O projeto cria um piso de R\$ 4.752 para os enfermeiros. Técnicos em enfermagem receberão 70% desse valor, e auxiliares de enfermagem e parteiras, 50%. Segundo a proposta, o valor será corrigido anualmente pelo INPC.

O texto veio do Senado sem fonte apontada para custear o piso. Entidades do setor, por sua vez, buscaram alertar para o impacto do projeto. A Anahp (Associação Nacional de Hospitais Privados) calculou por 449 a 12. Como não houve alteração em relação ao projeto do Senado, segue

para sanção ou veto do presidente Jair Bolsonaro (PL). Outros R\$ 6,4 bilhões afetam instituições privadas sem fins lucrativos, eleito que poderia acabar recaído sobre o governo, uma vez que parte dessas organizações não remuneradas pelo SUS (Sistema Único de Saúde) pela prestação de serviços.

O Tesouro Nacional, por sua vez, estima um impacto ainda maior, de até R\$ 7 bilhões, no caso de hospitais públicos, e de R\$ 8 bilhões, no caso das filantrópicas. Segundo os técnicos do governo, o custo adicional recalc quase totalmente sobre as finanças de estados e municípios.

Danielle Brant, Idiana Tomazelli Renato Machado

SONDA DO BRASIL S.A. | CNPJ 04.641.327/0001-25

DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE 31 DE DEZEMBRO DE 2021 E 2020 (em milhares de reais, exceto quando indicado de outra forma)

AVISO: As demonstrações financeiras apresentadas são demonstrações financeiras resumidas e não devem ser consideradas substitutas para a tomada de decisão. O entendimento da situação financeira e operacional da companhia depende da leitura das demonstrações financeiras completas disponíveis, elaboradas na forma da legislação societária e da regulamentação contábil vigente. A administração da companhia declara, sob a palavra de honra, que as demonstrações financeiras resumidas não representam uma fraude deliberada.

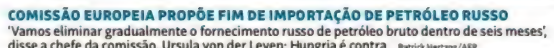
Balancete patrimonial		2021	2020	2019	2018	2017	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998	1997	1996	1995	1994	1993	1992	1991	1990	1989	1988	1987	1986	1985	1984	1983	1982	1981	1980	1979	1978	1977	1976	1975	1974	1973	1972	1971	1970	1969	1968	1967	1966	1965	1964	1963	1962	1961	1960	1959	1958	1957	1956	1955	1954	1953	1952	1951	1950	1949	1948	1947	1946	1945	1944	1943	1942	1941	1940	1939	1938	1937	1936	1935	1934	1933	1932	1931	1930	1929	1928	1927	1926	1925	1924	1923	1922	1921	1920	1919	1918	1917	1916	1915	1914	1913	1912	1911	1910	1909	1908	1907	1906	1905	1904	1903	1902	1901	1900	1899	1898	1897	1896	1895	1894	1893	1892	1891	1890	1889	1888	1887	1886	1885	1884	1883	1882	1881	1880	1879	1878	1877	1876	1875	1874	1873	1872	1871	1870	1869	1868	1867	1866	1865	1864	1863	1862	1861	1860	1859	1858	1857	1856	1855	1854	1853	1852	1851	1850	1849	1848	1847	1846	1845	1844	1843	1842	1841	1840	1839	1838	1837	1836	1835	1834	1833	1832	1831	1830	1829	1828	1827	1826	1825	1824	1823	1822	1821	1820	1819	1818	1817	1816	1815	1814	1813	1812	1811	1810	1809	1808	1807	1806	1805	1804	1803	1802	1801	1800	1799	1798	1797	1796	1795	1794	1793	1792	1791	1790	1789	1788	1787	1786	1785	1784	1783	1782	1781	1780	1779	1778	1777	1776	1775	1774	1773	1772	1771	1770	1769	1768	1767	1766	1765	1764	1763	1762	1761	1760	1759	1758	1757	1756	1755	1754	1753	1752	1751	1750	1749	1748	1747	1746	1745	1744	1743	1742	1741	1740	1739	1738	1737	1736	1735	1734	1733	1732	1731	1730	1729	1728	1727	1726	1725	1724	1723	1722	1721	1720	1719	1718	1717	1716	1715	1714	1713	1712	1711	1710	1709	1708	1707	1706	1705	1704	1703	1702	1701	1700	1699	1698	1697	1696	1695	1694	1693	1692	1691	1690	1689	1688	1687	1686	1685	1684	1683	1682	1681	1680	1679	1678	1677	1676	1675	1674	1673	1672	1671	1670	1669	1668	1667	1666	1665	1664	1663	1662	1661	1660	1659	1658	1657	1656	1655	1654	1653	1652	1651	1650	1649	1648	1647	1646	1645	1644	1643	1642	1641	1640	1639	1638	1637	1636	1635	1634	1633	1632	1631	1630	1629	1628	1627	1626	1625	1624	1623	1622	1621	1620	1619	1618	1617	1616	1615	1614	1613	1612	1611	1610	1609	1608	1607	1606	1605	1604	1603	1602	1601	1600	1599	1598	1597	1596	1595	1594	1593	1592	1591	1590	1589	1588	1587	1586	1585	1584	1583	1582	1581	1580	1579	1578	1577	1576	1575	1574	1573	1572	1571	1570	1569	1568	1567	1566	1565	1564	1563	1562	1561	1560	1559	1558	1557	1556	1555	1554	1553	1552	1551	1550	1549	1548	1547	1546	1545	1544	1543	1542	1541	1540	1539	1538	1537	1536	1535	1534	1533	1532	1531	1530	1529	1528	1527	1526	1525	1524	1523	1522	1521	1520	1519	1518	1517	1516	1515	1514	1513	1512	1511	1510	1509	1508	1507	1506	1505	1504	1503	1502	1501	1500	1499	1498	1497	1496	1495	1494	1493	1492	1491	1490	1489	1488	1487	1486	1485	1484	1483	1482	1481	1480	1479	1478	1477	1476	1475	1474	1473	1472	1471	1470	1469	1468	1467	1466	1465	1464	1463	1462	1461	1460	1459	1458	1457	1456	1455	1454	1453	1452	1451	1450	1449	1448	1447	1446	1445	1444	1443	1442	1441	1440	1439	1438	1437	1436	1435	1434	1433	1432	1431	1430	1429	1428	1427	1426	1425	1424	1423	1422	1421	1420	1419	1418	1417	1416	1415	1414	1413	1412	1411	1410	1409	1408	1407	1406	1405	1404	1403	1402	1401	1400	1399	1398	1397	1396	1395	1394	1393	1392	
Ativos		1.506.156	1.249.107	1.047.034	842.107	681.107	542.107	442.107	342.107	242.107	142.107	42.107	2.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1.107	1																																																																																																																																																																																									

[illegible]

Medida provisória, que já havia passado pela Câmara, é aprovada no Senado; programa terá R\$ 88,6 bilhões

O líder da minoria, Jean Paul Prates (PT-RN), afirmou que o incremento e a perenização do valor de R\$ 400 ainda são insuficientes para lidar com uma

Castro foi questionado qual seria sua posição, caso o governo federal optasse por retirar os gastos do programa social do teto dos gastos. Castro respondeu que, por enquanto, apenas escuta "informações de um lado e do outro" sobre essa possibilidade, mas que não obteve nenhum fato concreto. No entanto, adiantou ser favorável.



<p>1. Nome do candidato: _____</p> <p>2. Número do documento de identidade: _____</p> <p>3. Data de nascimento: _____</p> <p>4. Assinatura: _____</p> <p>5. Localidade: _____</p>	<p>6. Nome do candidato: _____</p> <p>7. Número do documento de identidade: _____</p> <p>8. Data de nascimento: _____</p> <p>9. Assinatura: _____</p> <p>10. Localidade: _____</p>	<p>11. Nome do candidato: _____</p> <p>12. Número do documento de identidade: _____</p> <p>13. Data de nascimento: _____</p> <p>14. Assinatura: _____</p> <p>15. Localidade: _____</p>
---	--	--

DE CILINDROS E EQUIPAMENTOS DE MANUTENÇÃO PREVENTIVA E CORRETIVA DOS SISTEMAS INSTALADOS, por temporais, e no mês: NEGÓCIOS PROVIMENTO

Data para Apresentação dos Projetos: Até às 09h00 do dia 06/06/2022, no Setor de Protocolo da Secretaria Supracitada, Rua Ministro Raphael de Barros Monticini, nº 240, Jd. dos Camarupá, Barueri/SP.

EMERGÊNCIA, E AÍDA, ATIVIDADES DE ENSINO E PESQUISA, do Pronto Socorro - UPA II, com Centro de Diagnóstico Municipal, de forma complementar, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Para mais informações entrar em contato com a Secretaria Municipal de Saúde, por intermédio do telefone (12) 3123-2900, ou pelo endereço eletrônico: distriçãoderedesaud@guararapueti.sp.gov.br, até o dia 11/05/2022, às 17h.

DE CILINDROS E EQUIPAMENTOS E MANUTENÇÃO PREVENTIVA E CORRETIVA DOS SISTEMAS INSTALADOS, por tempoística, e no máximo, NEGÓCIOS PROVIMENTO

Elza de Oliveira Silva - Presidente da Comissão Permanente de Lactações

do telefone (12) 311-2900, ou pelo endereço eletrônico: governadordesaude@goiass.gov.br, até o dia 11/05/2022, às 17h.

II - Manifestação analisada em 22/05/2022 às 09h00 (NINHO) e 05/06/2022 às 14h30 (CINCO) de acordo com o Edital do Pregão Eletrônico para as 09h00 (NOVE HORAS) DO DIA 05 (CINCO) DE MAIO DE 2022.

[illegible][illegible][illegible]

mercado

Pandemia, inflação, guerra, lockdowns na China, eleição; tempestade perfeita?

Cresce a necessidade de perseguir rapidamente os ajustes que ficaram para trás

Solange Srouf

Economista-chefe de Brasil do banco Credit Suisse. É mestre em economia pela FUC-Rio

Quando pensávamos ter saído de um dos maiores desafios econômicos da história, as perspectivas para o mundo voltam a ficar nebulosas. Com a Guerra da Ucrânia, o aumento da inflação global e o retorno dos lockdowns na China, as dificuldades a serem enfrentadas nos próximos anos tendem a ser conjunturais e estruturais.

No Brasil, apesar de uma maior expectativa para o PIB deste ano, as previsões para 2023 foram revisadas para baixo, com o processo de desinflação cada vez mais custoso. Enquanto isso, o debate eleitoral polarizado não trouxe ainda

discussão de propostas para o país. Estamos despreparados para encerrar as restrições do cenário externo mais adverso.

As consequências da Guerra da Ucrânia vão muito além da redução da oferta de commodities e do risco de estagnação. O "Consenso de Washington", baseado na globalização e no livre-comércio como caminhos para a prosperidade e a convergência entre economias avançadas e emergentes, faz parte do passado. Se a pandemia exacerbou a preocupação com a autossuficiência nacional, a guerra escancarou limitado espaço para a neutralidade

de diante de uma maior tensão geopolítica entre EUA/Europa e China/Rússia. Não sabemos qual será a "nova ordem mundial", mas dificilmente seremos beneficiados como antes pela integração entre economias.

Por outro lado, a maior persistência da inflação global amplia a chance de juros mais restritivos, diminuindo a abundante liquidez internacional e o crescimento mundial. Mais do que a questão econômica, a aceleração da inflação pode trazer instabilidade política. Vale lembrar que a Primavera Árabe foi, em larga medida, provocada pelo aumento

de preço de alimentos.

Com mais de 275 milhões de pessoas enfrentando insegurança alimentar aguda no mundo, os organismos multilaterais têm expressado preocupações com o aumento substancial da pobreza e seus impactos sociais. Levou a inflação para patamares significativamente mais baixos será uma tarefa árdua, pois seu combate, em muitos casos, leva a um aumento do desemprego.

Para completar o quadro, o crescimento chinês tem sido afetado pela política de "zero Covid", que reduziu a mobilidade de 35% do PIB do país, cau-

sando mais uma quebra das cadeias produtivas, escassez de alimentos e aumento das tensões sociais. Ainda que as autoridades chinesas garantam estímulos a investimentos e recuem no aperto regulatório em curso, o modelo de crescimento baseado na contínua expansão da oferta doméstica no momento em que a demanda global desacelera dificilmente pode ser sustentado sem os surgimentos de novas "bolhas".

Até agora, o cenário externo favorável propiciou a forte expansão da arrecadação com o resultado fiscal, podendo ficar dois anos consecutivos em terreno positivo. Enquanto a atividade econômica se mostrou mais resiliente às altas de juros, o emprego já recuperou o nível pré-pandemia.

Nos contentamos com uma "foto melhor", sem pensar nas mudanças dos ventos externos. Do ponto de vista de agenda macroeconômica, nenhum grande avanço foi realizado após a aprovação da reforma da Previdência. Retrocedemos. Para triplicar o Bolsa Família

de forma permanente, alteramos a regra do teto sem discutir alternativas superiores na redução da pobreza com menos despesas. Ao mesmo tempo, o discurso de ganho de arrecadação permanente ameaça os resultados primários futuros com desonerações realizadas sem um desenho sustentável.

O teto está ameaçado por todos os lados. Discute-se agora tirar o Auxílio Família e os investimentos públicos das despesas sob controle. Sem um limite efetivo para a despesa total, nossa dívida pública terá trajetória explosiva. A enorme incerteza sobre qual regime fiscal vai prevalecer a partir de 2023 pressiona as expectativas de inflação, a taxa de câmbio e os juros.

Faltando poucos meses para a eleição, estamos ao largo do importante debate sobre qual agenda econômica e social o Brasil perseguirá. A única certeza é que, quanto mais difícil o cenário externo, maior a necessidade de perseguir rapidamente os ajustes que ficaram para trás.

| DOM: Samuel Pessôa | SEG: Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER: Michael França, Cecília Machado | QUA: Hélio Beltrão | QUI: Cida Bento, Solange Srouf | SEX: Nelson Barbosa | SÁB: Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

José Vicente Se 300 empresas fizeram LinkedIn mudar, imagine 3.000 pelas cotas raciais

Além de gerar emprego e pagar tributo, setor privado deve se posicionar diante da desigualdade racial, afirma reitor da Zumbi dos Palmares

ENTREVISTA

Joana Cunha

SÃO PAULO O posicionamento de dezenas de empresas que assinaram manifesto no mês passado para contestar a decisão do LinkedIn de derrubar um anúncio de emprego voltado a negros e indígenas, pode servir de exemplo para o debate sobre a revisão da Lei de Cotas neste ano, segundo José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares.

Depois da divulgação do caso pela Folha, a rede social recuou e mudou sua política global após ser questionada por entidades e companhias em diversas ocasiões afirmativas. "Se a gente demonstrasse para todo o ambiente corporativo como eles têm um papel relevante, seria possível ter uma perspectiva transformadora. Se 300 empresas estão fazendo o LinkedIn mudar, imagine se tivéssemos 3.000 dizendo: 'Olha, essa agenda é do nosso interesse e precisa sofrer uma transformação'", diz. Para José Vicente, que é membro do Conselho Editorial da Folha, as empresas privadas têm um papel social que, além de gerar emprego e pagar impostos, requer um posicionamento diante da desigualdade racial.

Recentemente, parceria entre a Universidade Zumbi dos Palmares e o Procon lançou o Impacto. Isso ajuda a mostrar o impacto que o racismo dentro de um estabelecimento comercial pode levar a outras esferas da vida de uma vítima? Uma agressão do tipo "seu cabelo é ru-



José Vicente, 61

Reitor e fundador da Universidade Zumbi dos Palmares, criada em 2004 para impulsionar o protagonismo negro. Membro do Conselho Editorial da Folha, é integrante da Comissão Arns (Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns) e do Movimento AR. É doutor em educação pela Unimip, mestre em administração pela instituição e mestre em direito pela Escola Paulista de Direito.

im" é suficiente para produzir um dano interno terrível nas pessoas. Imagine a cena do Assaí. Um senhor de 57 anos foi despedido em um ambiente público sob a pecha de que ele estava furtando [caso aconteceu em agosto de 2021, em Limeira (SP)]. Imagine o impacto que causou para ele, para a esposa, o neto, o filho e todo o seu entorno de amigos? Nunca vai apagar da vida dele. O dano, a vergonha. Para determinadas pessoas, pode significar suicídio. E a gente não tratou e não estu-

do isso ao longo do processo. Essa perspectiva psicológica, das patologias que o racismo pode impactar na vida das vítimas, tem outra dimensão importante. Essas vítimas são pessoas medianamente desinformadas. Não sabem que um dano dessa natureza é assegurado por lei como responsabilidade do autor e que pode ser indenizado. Pode entrar na Justiça.

Você identificaram que falta essa informação para as pessoas? Precisa ter a informação

do direito que as acolhe para que possam exercitá-lo. Ação de injúria racial exige a representação da vítima. Ela tem de concordar para prosseguir, enquanto o racismo é automático. Mas a pessoa não tem essa informação com precisão. As vezes, deixa de exercer um direito por não saber. E a outra dimensão é a ignorância. Muitas das pessoas que cometem o ato racial nem sabem que essa atitude racista vai produzir um dano que vai produzir uma responsabilização dessa envigadura.

Levando para a dimensão institucional e lembrando o caso João Alberto, em que o Carrefour teve de firmar um termo que custou R\$ 115 milhões à empresa, aquilo serviu de exemplo para outras empresas, recebendo esse tipo de custo, se esforçassem em prevenir casos do tipo? Não ainda, porque isso não foi de glúndia da forma adequada.

É lógico que chamou a atenção, mas não teve o ímpeto de produzir uma atitude e um posicionamento da empresa em relação a isso. Tanto é que depois do Carrefour aconteceram mais casos em shoppings, supermercados, no próprio Assaí, em tantos outros. Então, a empresa não conseguiu se posicionar da forma que poderia e deveria para dar um salto de qualidade na questão.

No que já resultou o Procon Racial? Resultou na carta de princípios. Um conjunto de empresas se dispôs a sentar-se à mesa e fazer uma carta de princípios. Parece simples, mas é muito difícil você colocar esse setor na mesa e convidá-los ou convencê-los a tomarem uma posição que será definitiva e obrigatória.

Esse caso recente do LinkedIn, que mudou a política de pois de tentar derrubar anúncio de vaga de ação afirmativa? Que salto foi dado com essa história? Nalei Afonso Arns, de 1951, proibiram as empresas de cercear a presença do negro. Mas nessa época os anúncios de emprego diziam que não aceitavam pessoas negras ou tinham preferência por pessoas brancas. A comunicação dizia de forma clara que o espaço do ambiente corporativo não aceitava negros.

Nós caminhamos até aqui. Mas, quando a gente faz o grande movimento para valorizar a diversidade e passa a colocar "aceito negros", aí a empresa diz: "Olha, vamos derrubar porque isso é uma manifestação do racismo". A contradição se apresentou. O LinkedIn justificou isso dizendo que se tratava de medida global que estava sendo dada por um manual de conduta que valorizava os direitos universais. O que faltou para o LinkedIn, e que depois ele reconheceu, é que essa universalidade não está completa. Ou seja, é impossível tratar de forma linear as perspectivas que têm especificidades históricas ou políticas atuais. No caso do Brasil, temos uma trajetória histórica de uma desigualdade e uma discriminação racial terrível que cerceia a competição igualitária no am-

biente corporativo. De modo que, se você quiser fazer justiça ou ser correto, tem que estimular as ações afirmativas.

Quando ele entendeu isso, resolveu mudar a norma mundial com a relativização para cada ambiente em que atua. Foi legal que eles compreenderam isso, voltaram atrás e, não só a opinião pública, mas sobretudo a opinião pública corporativa se posicionou.

Tem uma mudança aí? Nesse caso do LinkedIn, as empresas se manifestaram individualmente para contestá-lo. Não foi só em nome das associações. Por que isso é tão relevante? Esse é o fruto dessa transformação histórica longuíssima. Uma janela de oportunidade se abriu. Só vamos mudar algumas características do nosso país quando aqueles que detêm o poder, sobretudo econômico, se posicionarem a favor desses valores. Para que isso aconteça, esses ambientes precisam ter a convicção de que existe uma obrigação além de gerar emprego e pagar imposto.

Isso é pouco. Tem que fazer mais. Tem que dizer algo sobre as desigualdades que limitam as pessoas e definem a vida e a morte das pessoas. Se você não tiver uma atitude sobre isso, você é cúmplice dessa morte.

Como isso conversa com o debate da revisão da Lei de Cotas, que é o grande assunto neste ano? Qual é o papel das empresas nesse tema? Temos uma janela de oportunidades. Para todos aqueles que almejam um país com menos desigualdade racial, a situação exige que eles se posicionem.

Não há mudança sem posicionamento. As empresas podem e devem se posicionar. Não sei quantas farão, mas, sem elas, talvez, a gente perca um pouco do impacto. Mas, com elas, a vitória seria consagrada, pois, mais que cotas, representaria uma mudança de atitude a partir das empresas, que são, afinal de contas, um conjunto de pessoas.

Deve ter umas 200 empresas que estão mais confortáveis e que atuam, fazem, falam. Mas o nosso país tem milhões de empresas. Se a gente demonstrasse para todo o ambiente corporativo como eles têm um papel relevante e como é fácil fazer a mudança, seria possível ter uma perspectiva transformadora. Se 300 empresas estão fazendo o LinkedIn mudar, imagine se tivéssemos 3.000 dizendo: "Olha, essa agenda é do nosso interesse e precisa sofrer uma transformação".

Bandido que levantar arma para polícia vai levar bala, afirma governador de SP

Declaração foi feita em evento para anunciar aumento de efetivo de policiais militares nas ruas

SÃO PAULO O governo de São Paulo iniciou nesta quarta (4) uma megaoperação contra roubos e furtos de celulares e contra golpes com Pix. O anúncio da ação policial foi feito pelo governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), ao lado do prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB). O governador disse que "em São Paulo, o bandido que levantar arma para a polícia vai levar bala".

Na chamada Operação Sufoco, o efetivo policial no estado, atualmente em 5.000 agentes, pode aumentar em até mais 4.740 PMs por dia. "Pedimos a compreensão da população e iremos dobrar o número de policiais nas ruas, com patrulhamento terrestre e aéreo para combater a criminalidade", afirmou o governador.

Para aumentar a quantidade de policiais nas ruas, o governo deverá ampliar as vagas do Dejem (Diária Especial por Jornada Extraordinária de Trabalho Policial Militar), programa que permite que integrantes da Polícia Militar paulista façam até dez turnos de oito horas consecutivas fora do seu expediente padrão por mês. A adesão ao programa pelo policial é facultativa.

Garcia citou a morte de Renan Silva Loureiro, 20, morto por um falso entregador na zona sul como exemplo do aumento da criminalidade após a flexibilização do isolamento social da pandemia.

"Com a vida voltando ao normal, infelizmente os crimes contra o patrimônio cresceram. Quero deixar em nome da população de São Paulo um aviso muito claro a esses bandidos, que de maneira covarde estão escondidos atrás do capacete, com mochilas de fuzis entregadores: que eles mudem de profissão ou de estado, porque a polícia vai atrás de cada um deles. Quem cometer crime aqui em São Paulo vai ser preso".

Garcia manteve a linha de discurso contra a criminalidade durante sabatina realizada por Folha e UOL, com postulantes ao Palácio dos Bandeirantes, nesta quarta. "Dói, sim, uma palavra muito dura de proteção ao cidadão de bem e de combate à criminalidade", afirmou.



O governador Rodrigo Garcia (PSDB) durante anúncio da nova operação da PM. Pablo Jacoby/Governo do estado de São Paulo

Pedimos a compreensão da população e iremos dobrar o número de policiais nas ruas, com patrulhamento terrestre e aéreo para combater a criminalidade

Rodrigo Garcia
governo de SP

"Falei isso, sim, porque acredito que a polícia deve e vai reagir contra o crime. Bandido que não quer ser morto não reaja quando for abordado. É defender a vida do policial e fazer com que ele possa, dentro dos limites da lei, exercer a sua atividade".

Participaram do anúncio nesta quarta o secretário de Segurança Pública, general João Camilo Pires de Campos, o comandante-geral da PM, coronel Ronaldo Miguel Vieira, e o delegado-geral da Polícia Civil, Osvaldo Nico Gonçalves.

De acordo as autoridades, a Prefeitura pagará 1.240 policiais por meio de Operação Delegada, e 3.500 terão pagamentos feitos pelo governo estadual em programas de jornada extra de trabalho.

Segundo o governo, a Operação Sufoco, que também contará com a Polícia Civil e GCM (Guarda Civil Metropolitana), terá 500 pontos de atenção, principalmente grandes corredores de trânsito, como as marginais Tietê e Pinheiros, avenida Rebouças (zona oes-

te) e corredor Norte-Sul.

Garcia ainda disse que foi firmada uma parceria com empresas de entrega para fiscalizar entregadores. O governo vai compartilhar informação do banco de dados dos aplicativos com o Detecta, sistema de monitoramento por câmeras. "A integração da base de dados é fundamental", afirmou o general Campos.

De acordo com o secretário, o foco neste momento da polícia é resolver o problema com os falsos entregadores que estão cometendo assaltos.

As recentes notícias de crimes provocaram uma mudança na estratégia do governador, que passou a mostrar a realização de ações policiais no grupo de imprensa normalmente usado para divulgar agenda ou entrevistas.

Na última sexta-feira (29), o grupo divulgou a prisão de um falso entregador suspeito de ter assassinado o jovem praticando o mesmo momento em que ele era levado para a delegacia. Garcia havia cobrado a resolução desse caso.

Em entrevista à **Folha** no início da semana, o novo comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo afirmou que o roubo é o principal crime a ser combatido no estado.

"Para segurança deles [de entregadores] e para segurança da sociedade, nós vamos fazer operações visando abordar esse público".

Fala de Garcia não ajuda corporação, dizem especialistas

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Especialistas em segurança pública criticaram a fala do governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), que nesta quarta-feira (4) afirmou que "bandido que levantar arma para a polícia vai levar bala da polícia".

Para Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz, Rodrigo foi infeliz

porque, na opinião dela, a Polícia Militar de São Paulo vem fazendo um excelente trabalho nos últimos dois para redução da letalidade policial.

"Precisamos reconhecer que com a profissionalização do uso da força, a letalidade policial caiu", afirmou ela.

Medidas implementadas pelo governo de São Paulo para redução da letalidade policial, entre as quais o uso de câmeras "grava tudo" acopladas aos uniformes de policiais militares, levaram a uma queda de 36% no número de pessoas mortas em supostos confrontos no estado de São Paulo em 2021.

A especialista afirma ainda que pesquisas apontam que quando uma liderança pública legítima o uso da violência, muitas vezes isso acaba sendo reproduzido pela tropa policial. "Precisamos continuar profissionalizando o trabalho da PM e fazer operações planejadas com a Polícia Civil para enfrentar o problema de roubos".

Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, afirma que não cabe ao político dizer como o trabalho operacional deve ser realizado ou como a polícia vai reagir.

"É uma típica e perigosa bandeira de campanha, que tenta repetir o que João Doria [ex-governador que deixou o cargo para tentar concorrer à Presidência da República] fez em 2018 ao prometer novos 'Bacpe padrão Rota', que na prática tirou efetivo do policiamento ostensivo cotidiano", diz.

Para Rafael Alcadiçani, professor da área de segurança da FGV (Fundação Getúlio Vargas), a fala é uma ação populista para tentar angariar votos. "É lamentável que se use a segurança pública não como política de Estado".

Garcia alcançou 6% na pesquisa Datafolha de abril, empatado no limite da margem de erro com Tarcísio de Freitas (Republicanos). A corrida é liderada por Fernando Haddad (PT), com 29%, à frente de Marco França (PSB), com 20%. Ele assumiu o governo no início de abril, após Doria (PSDB) deixar o cargo.

Lima diz que a polícia precisa agir com profissionalismo e estar preparada para dar as respostas legais mais adequadas para cada tipo de ameaça.

Alcadiçani, que pesquisa a formação policial em vários países, afirma que o estado de São Paulo investe muito dinheiro na formação das escolas tanto da Polícia Civil quanto da Militar. "Não precisamos um governador explicar como um policial deve fazer seu trabalho, ele sabe usar arma".

Motoboy afirma ter sido parado seis vezes pela PM desde a morte de jovem

Matheus Moreira

SÃO PAULO A onda de casos de roubo e violência envolvendo falsos entregadores de serviços de aplicativos em São Paulo piorou a vida dos motoboys, segundo profissionais da área.

Marcos Cardoso Alves, 46, diz ter sido parado seis vezes pela Polícia Militar no mesmo dia e na mesma rua no Jabaquara, zona sul, na semana passada. "Me sinto oprimido, constrangido", disse à Folha. Para o motoboy, que foi contratado, mas também trabalha como autônomo, as abordagens se devem à morte de Renan Silva Loureiro, 20. No último dia 25, o jovem foi assassinado em uma rua no Jabaquara após reagir a roubo cometido por um falso entregador.

Alves diz que a polícia se tornou mais "opressora". Além disso, a seu ver, a população teria passado a desconfiar de todo e qualquer motoboy por não saber distinguir os trabalhadores dos criminosos.

"Sou a favor da polícia, das blitzes, mas eu me sinto oprimi-

do", diz Alves. "Até ontem, na pandemia, éramos anjos, heróis. Agora temos a ingratidão do governo, da população. Viramos vilões. Para sobreviver, a gente paga o preço do racismo, da discriminação contra motoboy, da opressão da polícia, do risco dos acidentes, de ser roubado. Tudo sem ajuda dos aplicativos".

Negro, Alves diz ignorar episódios de racismo por não ter tempo de ir à delegacia.

Para o presidente do Sindicato dos Motoboys, Gilberto Almeida dos Santos, há exagero nas abordagens policiais. Ele diz temer que o aumento do efetivo policial anunciado pelo governador Rodrigo Garcia leve as abordagens de trabalhadores sem que haja melhora na segurança pública. Para ele, a polícia não consegue distinguir entregadores de criminosos.

Santos atribui o quadro atual à falta do cumprimento da lei municipal 14.491/07. O texto, de 2007, proíbe o uso de "bags" (as mochilas de entregadores) em toda a capital paulista. Há uns cinco anos apareceu

o iFood, dominou o mercado e nunca respeitou a lei. As vezes, o iFood manda mensagem e diz que vai trocar as bags; aí aparece com carretas cheias de mochilas e distribui. Parte dessas bags está sendo usada para roubar", afirma Santos.

Ele diz que estado e município aceitam o descumprimento. A lei 14.491/07 diz que condutor autônomo ou empregado por pessoa jurídica pode oferecer o serviço caso tenha li-

ção para a operação e tenha o Cadastro Municipal de Transportes. O motoboy deve ter o Condutor, que permite trabalhar com transporte de pequenas cargas. A lei municipal lista como obrigatórios: baú, coleira de proteção com identificação do condutor e capacete certificado pelo Inmetro com identificação do condutor.

Questionada sobre a lei, a prefeitura disse que "estuda a melhor forma de regulamentar o serviço dos aplicativos de entrega, buscando desenvolver legislação adequada às inovações tecnológicas e levando em conta a atual questão soci-

al e a necessidade de emprego desses entregadores".

O órgão municipal diz fiscalizar o cumprimento da lei por meio de agentes do Departamento de Transportes Públicos. A prefeitura não respondeu por que não exige o cumprimento por parte de aplicativos de entrega como o iFood.

O governo de SP afirma, em nota, que a iniciativa da reunião entre autoridades estaduais e representantes dos aplicativos partiu de Rodrigo Garcia. E diz que o posicionamento do sindicato em relação à atuação policial é equivocado.

Quanto à lei municipal, o governo diz aguardar a "adequação das normas locais às inovações tecnológicas e novas modalidades de trabalho".

Das "bags", o iFood diz, em nota, entender que a "natureza da atividade de entrega intermediada por aplicativos é privada e os entregadores parceiros não se enquadram como motofretistas". Para a empresa, aplicam-se as regras de trânsito em linha com a resolução 356 de 2010 do Conselho Nacional de Trânsito. O texto diz que "não há vedação à utilização de equipamento fixado por alça junto ao corpo do condutor, como presente na regulamentação municipal".

PF apreende 78 kg de ouro em aeronave escoltada por policiais

BRÁSILIA E SÃO PAULO A Polícia Federal apreendeu na tarde desta quarta-feira (4) 78 kg de ouro em uma aeronave em Sorocaba, interior de São Paulo. Pela cotação atual, o carregamento é avaliado em cerca de R\$ 23 milhões.

O avião, um King Air, foi abordado pelos agentes federais enquanto o ouro era descarregado em malas de viagens. Durante a ação, a PF descobriu que policiais militares do estado de São Paulo eram os responsáveis pela escolha do carregamento.

Um dos PMs que estava na escolta é um tenente-coronel que está lotado na Casa Militar do governo de São Paulo, que é o órgão que cuida da segurança do governador, mas está afastado desde dezembro para cumprir licença antes de passar para a reserva.

Segundo apuração da Folha, os responsáveis pelo carregamento apresentaram uma documentação para justificar o volume.

A PF, no entanto, suspeita que a origem do ouro é ilegal e deve abrir uma investigação para apurar o caso. Um dos objetivos da apuração será entender o envolvimento dos policiais militares no transporte do ouro. Além do ouro, a PF apreendeu a aeronave e celulares de todas pessoas abordadas no local. Elas foram ouvidas pela polícia. Não é a primeira vez que ouro é apreendido em aeronaves no país. Em agosto do ano passado, a Polícia Federal apreendeu 52 kg do metal em barras no aeroporto do Campo de Marte, na zona norte paulista. Segundo a polícia, a carga não tinha documentação e a pericia apontou indícios de que o minério tinha vindo de áreas de grube clandestino no norte do país. De acordo com a PF, parte do ouro era usado para fabricação de joias na Itália. Em junho de 2019, 110 kg de ouro (R\$ 20 milhões na cotação da época) foram apreendidos no aeroporto de Goiânia em uma aeronave e, ainda, 10 kg de ouro e 10 kg de prata em um avião no Pará e Maranhão. Fábio Serapião e Rogério Pagnan

Holiday acusa ex-vereador de São Paulo de tentar atraí-lo para esquema

Em gravação autorizada pela Justiça, Zé Turin fala em 'contrapartida' em liberação de recursos

Fábio Zanini

SÃO PAULO O vereador paulistano Fernando Holiday (Novo) acusa seu ex-colega de Câmara Municipal Zé Turin (ex-Republicanos) de propor a ele participação em um esquema de corrupção envolvendo emendas parlamentares.

Turin, que foi eleito vereador em 2016, mas não obteve novo mandato em 2020, foi gravado por Holiday em conversas presenciais e por telefone entre ambos no primeiro semestre do ano passado.

O ex-parlamentar, atualmente sem partido, nega qualquer irregularidade.

As gravações foram feitas com autorização do juiz Marco Antonio Martin Vargas, da 1ª Vara de Crimes Tributários, Organização Criminosa e Lavagem de Bens e Valores da Capital, a partir de solicitação do Gaeco (Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado) do Ministério Público de São Paulo.

Holiday afirma que, ao ser abordado pela primeira vez por Turin, no início de 2021, procurou o Gaeco para denunciar o caso. O vereador e a Promotoria então acertaram uma ação controlada, mecanismo previsto em lei pelo

qual se buscam provas a respeito de um crime.

Segundo o denunciante, Turin o procurou pela primeira vez em 22 de fevereiro do ano passado, mencionando a existência do esquema e sugerindo que Holiday participasse dele. Os dois teriam se aproximado porque Holiday herdou o gabinete físico do ex-colega na Câmara.

Na conversa relatada por Holiday ao Ministério Público, Turin declarou que seria possível obter uma "contrapartida" nas emendas a que cada vereador tem direito anualmente no Orçamento municipal. Naquele ano, o valor era de R\$ 4 milhões.

Ainda segundo Holiday, Turin disse que de 25% a 30% dos recursos de emendas destinados a entidades que fomentam a cultura na cidade poderiam ser devolvidos ao parlamentar em dinheiro vivo, de forma irregular.

Ele teria se mostrado disposto a indicar duas entidades da área para Holiday, mediante recebimento de uma comissão desta "contrapartida". Não citou os nomes dessas organizações.

Nesta conversa inicial, teria dito também que já participou do esquema anteriormente e

que outros vereadores fariam o mesmo, embora sem citar o nome de nenhum. Por fim, teria afirmado que haveria funcionários da Secretaria Municipal da Cultura a par do esquema, mas não os nominou.

A partir do relato inicial de Holiday aos promotores e da autorização judicial para a ação controlada, o vereador passou a gravar Turin de forma escondida. Em 29 de março de 2021, ambos se encontraram na casa de Turin em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, e conversaram por cerca de duas horas. Holiday levava um gravador no bolso da calça.

No começo do diálogo, Turin, 53, reforça que gostaria de firmar uma parceria entre ambos e se coloca como uma espécie de "mentor" de Holiday, 45.

Empresário na região de Santo Amaro, Turin pede a Holiday, que iniciou sua carreira política no MBL (Movimento Brasil Livre), que abra as portas de seu gabinete para ele, inclusive acomodando alguns de seus ex-assessores.

"A única coisa que você precisa me ajudar, para que eu possa te ajudar, fechando aqui para a gente trabalhar junto, é abrir as portas do gabinete, dentro de uma parceria

[...] Então, vamos estar sempre juntos, não tem esse negócio de fazer nada escondido, não. Seja o que for, vai ser sempre junto", afirma Turin.

Instado por Holiday a detalhar o funcionamento do esquema, o ex-vereador diz em outro trecho que o valor da contrapartida não é fixo, dependendo do caso.

"Mas quantos por cento da contrapartida?", pergunta Holiday. "Então, aí vai depender do projeto ali, e aqui, entendendo? Pode chegar a isso aqui [faz com a mão o número 4, dizendo que pode chegar a

40%]. Aí depende muito do projeto", afirma o interlocutor.

Ambos discutem também que seria importante assumir o controle de alguma subprefeitura, para que os repasses a entidades fossem facilitados. Holiday, na época, cogitava filiar-se ao Avante, e simulou no diálogo preocupação com a possibilidade de ter de dividir a contrapartida com o comando do partido.

Um ano depois, a investigação ainda segue aberta no Gaeco. Procurado, o Ministério Público não quis se manifestar por se tratar de investigação sigilosa.

O ex-vereador Zé Turin diz que desconhece a investigação do Ministério Público e as acusações feitas por Fernando Holiday.

"Eu sinceramente desconheço. Obviamente tem que ser apurado, e estou aqui à disposição para qualquer esclarecimento. Não tem nada que desabone minha conduta durante o mandato", diz ele, que atualmente está sem partido.

Turin se mostrou surpreso quando informado pela Folha de que teve conversas gravadas por Holiday. Ele colocou em dúvida a integridade do material. "Talvez ele tenha gravado trechos da conversa

Não gravou as perguntas que fez conforme eu estou te esclarecendo agora", declarou.

Turin afirma que, ao mencionar "contrapartida", não estava se referindo a valores, mas à exposição que um vereador teria por estar associado à liberação de um recurso para uma entidade.

"Contrapartida de aparecer o nome da pessoa. No momento que você encaminha a emenda, é um trabalho que é realizado e não tem por que não aparecer o nome do vereador. Não é contrapartida de recurso para o vereador. Eu acho que o Fernando Holiday está se precipitando nessa informação", afirmou.

Ele disse também que muitas vezes o pagamento por serviços prestados em eventos é feito em dinheiro vivo, sempre mediante recibo fiscal.

"A entidade tem que pagar os profissionais e ela pode pagar em dinheiro. Não tem problema nenhum, se ela vai ter o recibo daqueles profissionais que prestaram serviços naquele evento".

"Se eu estivesse falando de valores com ele, eu teria falado de alguma entidade. Em momento algum eu coloquei o nome de alguém, porque de fato isso não existe", acrescentou. Turin confirma que, após deixar o mandato, propôs a Holiday uma parceria e diz que isso foi feito com o propósito de manter o trabalho em prol da população que ele atendia.

"Em momento algum eu pedi nada para ele em troca a não ser continuar atendendo os nossos municípios nas demandas que ficaram pendentes", afirmou.



A única coisa que você precisa me ajudar, para que eu possa te ajudar, fechando aqui para a gente trabalhar junto, é abrir as portas do gabinete, dentro de uma parceria

Zé Turin
ex-vereador de São Paulo
em conversa com Holiday



O vereador Camilo Cristóforo durante sessão na Câmara André Buzoni - 11 jun. 17 / CMSP

Câmara Municipal articula cassação de Camilo Cristóforo por crime de racismo

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Os dois líderes no ranking de denúncia na Corregedoria da Câmara Municipal de São Paulo, o vereador Camilo Cristóforo (sem partido) terá dificuldades para es-

capar de um processo de cassação em seu segundo mandato depois de mais uma polêmica. Na terça-feira (4), no início de uma sessão da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos Aplicativos, Cristóforo disse uma frase na qual

é possível ouvir "não lavaram a calçada, é coisa de preto, né".

A vereadora Luana Alves (PSOL) e a União Brasil protocolaram denúncias na Corregedoria nesta quarta (4) em razão desta nova ofensa, ambos acusando o vereador de

ter cometido o crime de racismo. Além disso, há outros nove pedidos de investigação contra ele em andamento.

Entre os processos, pelo menos dois têm acusações de racismo contra Cristóforo. No primeiro, ele foi flagrado em

vídeo puxando os olhos com as mãos se referindo ao vereador George Hato (MDB), de ascendência japonesa, em junho de 2018.

No segundo caso, em setembro de 2019, Cristóforo chamou o vereador Fernando Holiday (Novo) de macaco de auditório, no plenário da Câmara. A expectativa é que esta segunda acusação seja votada nas próximas semanas.

Holiday considera que o cenário atual é favorável para uma punição severa. "Tenho observado um sentimento de revolta na Câmara e uma articulação para que essa cassação vá adiante. Eu, particularmente, defendo", afirma ele.

"Mas é difícil uma previsão já que o procedimento na Corregedoria demora, e é possível que muitos vereadores mudem de opinião até lá", diz o vereador do Novo.

O presidente da Corregedoria, Gilberto Nascimento (PSC), tem dúvidas se Cristóforo pode ser cassado pelos casos de Holiday e Hato, já que os dois aconteceram no mandato anterior —ele foi reeleito em 2020.

Em mensagem à reportagem, Cristóforo disse que não é racista e que não tem medo de perder o cargo porque "não existe medo" em suas ações. Em nota, sua assessoria disse que ele "pede desculpas para toda população negra por esse episódio que destrói minha construção

política na busca de garantia à cidadania dos paulistas".

O vereador deve encontrar dificuldade para evitar alguma punição porque está cada vez mais isolado na Casa.

Nesta quarta (4), o presidente da PSB, Jonas Donizette, disse à Folha que aceitou um pedido feito pelo próprio vereador para deixar o partido. Além disso, sua lista de desavenças dentro da Câmara vai da esquerda à direita.

Além disso, o presidente da Casa, Milton Leite (União Brasil), pediu para que o processo seja resolvido rapidamente, em até 60 dias, já que teme que o assunto perca força com o passar do tempo. Nascimento, por sua vez, prevê que são necessários ao menos 90 dias.

Vários vereadores e de várias bancadas, negros ou não, não aceitam mais esse tipo de atitude. A gente vê que a figura do vereador [Camilo] é extremamente polêmica. Mas, como de costume e para todos os casos, existe o direito de defesa", disse o responsável pela Corregedoria.

Nesta quarta, a bancada do PSOL na Casa registrou um boletim de ocorrência na Decará, a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, em São Paulo, contra Cristóforo. A Secretaria de Segurança Pública do estado informou que o vereador já está sendo formalmente investigado pelo caso.

MORTES

Dedicou-se incansavelmente a servir aos outros

HENRIQUE ARTHUR HOEHN FILHO (1969-2022)

Anelise Gonçalves

RIO DE JANEIRO Parecia não ter dia nem hora para que Henrique Hoehn ajudasse as pessoas. Tanto com a família quanto no trabalho ele tinha prazer em ser prestativo e servir aos outros a qualquer hora.

"Não tem quem não gostasse, ele era muito humano", diz a esposa, Catia Hoehn, 49. Natural do Rio de Janeiro e

morador de Petrópolis, nem mesmo a distância o parava. "Se eu tivesse vontade de comer um pão no Rio, mesmo morando aqui, ele iria buscar", diz ela —pouco mais de 60 quilômetros separam as duas cidades.

Henrique fazia este trajeto praticamente todos os dias úteis para chegar ao trabalho na ECO (Escola de Comunicação da Universidade Fe-

deral do Rio de Janeiro), onde ingressou como servidor em maio de 2025.

Lá, era querido e admirado pela comunidade acadêmica por sua incansável vontade de ajudar a todos. Conta que o marido ficava disponível sempre para contato por email ou celular.

Henrique chefiava a seção de ensino da ECO, que atende de cerca de 1.300 estudantes de graduação, mais o corpo docente e outros servidores da UFRJ.

Suzy dos Santos, 52, professora e diretora da ECO, diz, em tom de brincadeira, que muitos alunos diziam que deviam

sua graduação e diploma a ele. "Com bom humor do tamanho do mundo e eficiência impar, ele era o que entendemos como excelência no serviço público. Tinha empatia, afeto e conhecimento profundo dos setores".

Apaixonado por futebol, Henrique era torcedor do Flamengo e sabia nomes e escalas do próprio time e de outras equipes de todo o mundo. Também era fã de tecnologia e computação.

Amante da natureza, ele tinha árvores plantadas em vasos, como uma jabuticabeira de estimação. Também tinha quase um zoológico

em casa: gatos, peixes, porquinho-da Índia e calopsita habitavam o lar.

Sua grande sonho era se aposentar e ter uma casa grande com jardim onde pudesse cultivar um pomar, piscina e espaço para receber os amigos. Os planos foram interrompidos.

Henrique morreu em 4 de abril, aos 53 anos, de aneurisma cerebral. Ele deixa a esposa, Catia, os filhos, Matheus e Nicolas, e o irmão mais novo, Carlos Eduardo, além de amigos, professores, alunos e colegas.

SHLOSHIM

RENE ALVARO WOLFF Nesta sexta (6/5) às 8h30, Sétor R, Quadra 366, Sepultura 105, Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Educandário, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:

tel. (11) 3395-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3242-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 19h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até às 18h para publicação no dia seguinte (18h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3242-3305 das 18h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarmos das informações.

coluna.ohituario@ufopfolha.com.br

Fascismo brasileiro é de manual

Bolsonarismo cumpre 14 exigências e tira nota máxima no teste de Eco

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Dribble" e "Viva a Língua Brasileira"

Outro dia, no Twitter, observei que apoiadores do governo — e seus bots, que se multiplicaram nas últimas semanas — demonstram grande nervosismo quando são chamados de fascistas.

Um deles, não sei se humano ou robótico (faz diferença?), me desafiou a definir a palavra e apresentar um único argumento em defesa da afirmação. Um só? Que tal 14?

O bolsonarismo não é apenas uma forma de fascismo. É uma forma especialmente bem acabada daquilo que o pen-

sador italiano Umberto Eco (1932-2016) chamou de "Ur-fascismo" ou "fascismo eterno". É fascismo de manual.

Numa conferência de 1995, incluída no livro "Cinco Escritos Morais" e depois publicada da parte como "O Fascismo Eterno" (Record, ambos), o ex-menino levado a cultivar Mussolini faz uma lista de 14 características do fascismo.

Resalva que nem todos os requisitos precisam ser preenchidos para haver fascismo, pois este tem certa maleabilidade. No caso do bol-

sonarismo, todos os 14 são, como veremos.

Primeiro é preciso entender como, sendo tão fascista, o bolsonarismo pode ter a pretensão de se esquivar de uma palavra que veste como luva.

Isso se deve a uma deterioração da linguagem iniciada há décadas, quando, tal vez por se julgar a salvo do fascismo real, parte da esquerda passou a empregar a palavra de modo abrangente demais, esvaziando-a.

A ideia era xingar adversários políticos em geral ou de-

nunciar o autoritarismo cotidiano, as pequenas violências que dormem no subsolo da civilidade. No dia em que um acadêmico chamou Caetano Veloso de fascista (meninos, eu vi!), ficou claro que a palavra já não prestava.

No entanto, hoje precisamos dela como nunca, e não só no Brasil. Será possível devolver à palavra fascista seu gume, sua goma, seus engulhos?

Vou resumir a lista de Eco e acrescentar, de forma bem sucinta e incompleta, alguns dos muitos dados históricos

que fazem do bolsonarismo um fascismo modelar.

Os três primeiros itens são o culto da tradição ("ah, o regime militar, ah, o Império..."), a recusa da modernidade ("vacina mata, a Terra é plana") e o ódio à cultura ("artista é tudo vagabundo").

Em seguida vêm a negação do pensamento crítico, do debate e da negociação ("o STF é o inimigo") e dois itens que dispensam explicação, por serem bolsonarismo puro: o medo do diferente e o ressentimento nascido do fracasso individual ou social (Mário Frias à frente da cultura etc.).

Os itens seguintes são nacionalismo ("Brasil acima de tudo"), humilhação diante da suposta riqueza do inimigo ("abaixo a lei Rouanet, como pode minha empregada ir à Disney, cadê os bilhões dados aos regimes de esquerda?"), culto à guerra perma-

nente e "elitismo de massa" — que, para diferenciar do aristocrático, Eco associa à hierarquia militar.

Os requisitos de números 11 e 12 são o culto do herói ("mito, mito", mas serve até Daniel Silveira) e este candidato a alegoria mais vistosa do desfile bolsonarista, o desvio da potência sexual para as armas. "Seus jogos de guerra são devidos a uma inveja do pênis permanente", diz Eco.

Completam a lista o "populismo qualitativo", em que o líder afirma falar pelo povo e isso basta, pois este, o povo, não passa de "ficção teatral" (como nas motocratas); e aquilo que George Orwell batizou de "novilíngua", uma linguagem empobrecida e sistematicamente deturpada.

Que vem a ser, claro, o que permite a um fascista dizer que não é fascista, não, imagina! Olho vivo com essa cambada.

[DOM: Antonio Prata | SEC: Marcia Castro, Maria Homem | TER: Vera Iaconelli | QUA: Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI: Sérgio Rodrigues | SEX: Tati Bernardi | SÁB: Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho]

Não há espaço para tirar cotas, diz nova pró-reitora da USP

Nova entidade cuidará de temas ligados a inclusão e diversidade da universidade

Matheus Moreira

SÃO PAULO A historiadora Ana Lucia Duarte Lanna, que chefiará a nova pró-reitoria da USP, afirma que não há espaço para que as cotas sejam removidas da universidade atualmente.

"Precisaremos das cotas para a graduação, elas completaram o primeiro ciclo em ano passado [2021] e têm mostrado resultados positivos e importantes. Não existe espaço para sua remoção nesse momento", disse ela, que é professora da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), em entrevista à Folha.

A nova pró-reitora afirma ainda que espera poder conduzir o processo de discussão sobre inclusão e diversidade na pós-graduação e nas carreiras docentes. "É nossa responsabilidade conduzir isso, até para saber em que momento nós devemos usar as cotas e quando utilizar outras ações afirmativas [para pós-graduação e contratações de professores]", afirmou.

Lanna defende que o tema seja debatido, mesmo que existam visões conflitantes dentro da instituição. "Seremos capazes de construir um campo de diálogo e qualificar as diferenças, valorizar a diversidade nela mesma e não tentar fazer com que todos se tornem iguais", disse.

Ela é a primeira pessoa a chefiar a Pró-Reitoria de Inclusão e Diversidade da universidade, que foi aprovada pelo Conselho Universitário na terça-feira (3) e começa a funcionar oficialmente já nesta quarta-feira (4).

Questionada sobre qual o orçamento para o novo órgão, ela afirmou ainda não ter os dados completos.

A criação da nova entidade era uma promessa de campanha do atual reitor, Carlos Gilberto Carloti Júnior, que assumiu o cargo no início do ano. "Desde então estamos trabalhando na estruturação da pró-reitoria, elaborando regimento, objetivos, toda a organização que viabilizasse a incorporação de outros órgãos da universidade", disse Lanna, que nesse período teve o apoio da nova pró-reitora adjunta, Miriam Debieux Rosa (que é professora do Instituto de Psicologia da USP).

A nova entidade terá sob seu guarda-chuva todos os órgãos que cuidam do assunto da universidade, como o escritório da USP Mulheres e a



A historiadora Ana Lucia Duarte Lanna, a nova pró-reitora da USP

Marcus Santos/USP Imagens

Superintendência de Assistência Social, por exemplo. A ideia é que isso facilite uma aproximação entre elas.

Para a historiadora, que é diretora da FAU, a criação da pró-reitoria é um passo importante para tirar do papel projetos e ações de inclusão e diversidade. "A USP tem um programa de políticas e projetos dedicados a diversidade que crescem, mas que estavam dispersos no âmbito da universidade. Isso dificul-

tava ampliar e potencializar essas ações", disse.

"Reunir esses órgãos em uma pró-reitoria foi uma decisão tomada para mostrar com veemência a importância que a universidade está dando à inclusão e ao reconhecimento não só dos alunos, mas também dos professores e servidores técnicos administrativos. Tivemos um esforço grande de deixar claro que são ações para todos", afirmou a pró-reitora.

Durante a reunião do Conselho Universitário em que se aprovou a criação da Pró-Reitoria, Reinaldo Santos de Souza, representante dos funcionários, disse que iria se abster durante a votação por acreditar que não houve discussão suficiente com a categoria sobre o projeto.

Ele também reclamou que não há previsão de participação dos servidores no conselho da nova entidade.

Questionada sobre este assunto, a nova pró-reitora disse que a medida foi tomada porque as outras pró-reitorias também não têm representação dos funcionários e seguiu uma orientação da área jurídica.

Lanna afirmou que o tema

é importante e que a categoria poderá ter representação nos conselhos das unidades de ensino e pesquisa da USP.

"A forma como estruturaremos as comissões em cada unidade permitirá que os servidores tenham suas representações. Essas comissões poderão ser definidas e constituídas com muita liberdade", afirmou.

A nova pró-reitora disse que um de seus projetos prioritários será uma pesquisa para saber se os estudantes tem uma sensação de pertencimento nos oito campi da instituição.

Também já estão em andamento as ações de revitalização do Conjunto Habitacional da USP, o Crusp, na Cidade Universitária — ela deve se reunir já nesta quarta com a SEF (Superintendência de Espaço Físico) para debater um cronograma de reformas nos edifícios.

"A situação da moradia [universitária da USP] na capital é muito diferente daquela vista nos demais campi. A situação do Crusp é muito delicada, estamos conversando com os estudantes e temos essa reunião com o SEF para discutir a recuperação física e material do conjunto", afirmou.

Um ano após chacina em creche de SC, acusado não foi a julgamento

Mauren Luc

CURITIBA Cinco balões brancos subiram para o céu de Saudades, cidade no oeste de Santa Catarina, na manhã desta quarta-feira (4). O gesto buscava lembrar das três crianças, uma professora e uma funcionária mortas há um ano a golpes de facão — o homem acusado pelo crime está preso desde a tragédia, mas não foi a julgamento.

"Fizemos uma reza na escola, soltamos cinco balões, simbolizando as vítimas, mas ninguém falou muito", conta Alfeu Schuh, tio de uma das três crianças.

Um ato ecumênico em lembrança às vítimas foi realizado no Centro de Educação Infantil Aquilante, onde aconteceu o crime. Velas, orações e lágrimas marcaram o encontro. Em 4 de maio de 2021, um jovem de 18 anos invadiu a creche e matou as cinco vítimas a golpes de facão. Um outro bebê foi ferido, mas sobreviveu.

Desde a chacina, a cidade tenta voltar ao normal, mas as marcas do crime ainda estão presentes. "Vieram algumas famílias, professores, mas ninguém consegue falar sobre o assunto. É muito difícil quando mexe nesta história. Sabemos a dor delas, pois foi uma tragédia que nunca será esquecida por nenhum de nós", afirma Schuh, que também é vereador na cidade.

Ele conta que sua sobrinha, mãe de uma das crianças mortas, não conseguiu mais trabalhar fora e agora tem um salão de beleza.

O pai trabalha como pintor. Para tentar amenizar as lembranças, a prefeitura e um grupo de voluntários realizaram reformas em toda a creche. "Mudamos todo o ambiente, estrutura física in-

terna, criamos um espaço de livre circulação no lugar das salas individuais, usamos cores mais leves para um ambiente mais acolhedor e para evitar as lembranças terríveis", explica o prefeito da cidade, Maciel Schneider.

Segundo ele, aos poucos a cidade vai voltando a sua rotina, mas medidas de segurança precisam ser implantadas. "Colocamos sistemas de segurança nas escolas, com câmeras eletrônicas, vigias, botão do pânico e 24 novos profissionais. Criamos um espaço psicossocial para todos que buscam atendimento psicológico e de assistência social".

Crimes são raros em Saudades, que tem 10 mil habitantes. A cidade tem hoje oito escolas municipais, com 1.132 crianças. Na creche atacada, os alunos têm entre 6 meses e 2 anos.

O homem acusado pelo crime, Fabiano Kipper Mai, hoje com 19 anos, continua preso. A defesa dele solicitou novos exames de sanidade mental, negados pelo Judiciário. Com isso, ele pode ir a júri popular.

De acordo com o Ministério Público de Santa Catarina, o rapaz, que chegou de bicicleta à escola, entendia perfeitamente o que estava fazendo. "O denunciado era mentalmente capaz, agiu de forma consciente e premeditada e era plenamente imputável, devendo ser devidamente responsabilizado pelo massacre praticado", declara o MP em nota.

O acusado responde processo por cinco homicídios qualificados e 14 tentativas de homicídio por motivo torpe e meio cruel, sem possibilidade de defesa das vítimas. A reportagem não conseguiu contato com os advogados dele.



Cerimônia em memória das vítimas do ataque a creche em Saudades (SC) Rádio Nova FM

Pós-Carnaval não afeta quadro, e UTIs para Covid permanecem esvaziadas

Rio, que teve multidão em blocos de rua e Sapucaí, está com apenas 17% dos leitos ocupados

RIO DE JANEIRO, SALVADOR, RECIFE, CONSELHEIRO LAFAIETE (MG), PORTO ALEGRE, CURITIBA E SÃO PAULO - O Carnaval fora de época no feriado de Tiradentes, que levou foliões às ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro e aos desfiles no Anhembi e na Sapucaí, não impactou até o momento o volume de internações de pacientes graves de Covid-19 em UTIs. Somente o Distrito Federal e cinco estados — Alagoas, Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina — tinham mais de 30% de suas UTIs com pacientes com Covid-19 na última segunda-feira (2). O quadro é semelhante ao do dia 11 de abril, com seis estados e o DF nesta situação.

No Rio de Janeiro, as aglomerações provocadas pela folia não parecem ter refletido nas internações.

A ocupação de UTIs públicas no estado permanece baixa, em 17%, inferior à marca de 21% registrada em 11 de abril. Atualmente, o número de vagas (741) é quase a metade da daquela época (1.378).

Na capital fluminense, a parcela de leitos preenchidos é mais alta e chega a 49%, mas também com a ponderação de que o total de vagas disponíveis atualmente (223) é quase a metade do total de dois meses atrás (469). Os casos de síndrome gripal subiram 13% na última semana na cidade (de 12.163 para 13.698).

Em São Paulo, segundo Secretaria de Estado da Saúde, os números da Covid-19 não apresentam preocupação neste momento, devido à alta cobertura vacinal e ao baixo patamar de internações.

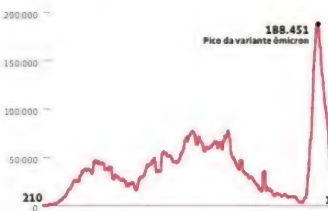
Conforme a pasta, o número de hospitalizações na segunda-feira era de 1.295 pacientes, entre suspeitos e confirmados, sendo 448 em UTI. Na mesma data, a taxa de ocupação era de 20% (havia 2.241 leitos para Covid), a mesma observada em 11 de abril (havia 2.660 leitos para Covid).

Também na segunda-feira, a cidade de São Paulo mantinha 471 leitos para Covid-19, sendo 175 em operação na UTI e com 30 internados — ocupação em 17%. Em 7 de abril,

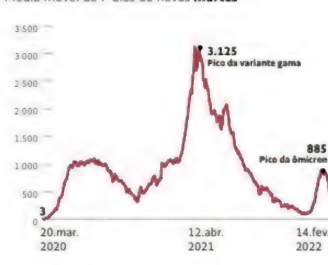
Alta recente de casos e mortes ainda é pequena comparada a outras ondas da Covid no Brasil

Números voltaram a subir nos últimos dias, mas pode ser cedo para prever tendências futuras

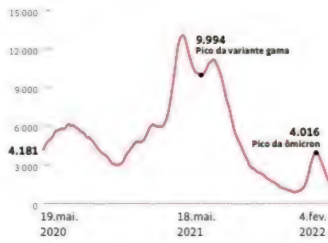
Média móvel de 7 dias de novos casos



Média móvel de 7 dias de novas mortes



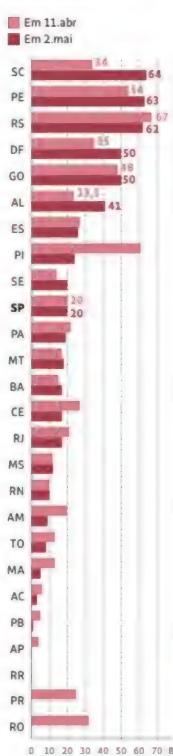
Média móvel de 7 dias de pacientes internados em UTI por Covid no estado de São Paulo



Fontes: Consórcio de veículos de imprensa e Governo de São Paulo

Ocupação de UTIs para Covid nos estados

Na rede estadual, em %



AL, BA, CE, PE, RJ, RN e SE incluem leitos estaduais, municipais e federais; Teresina inclui leitos públicos e privados; RS e Porto Alegre contabilizam todos os leitos, e não apenas os para Covid-19; UTIs pediátricas sem público; em São Paulo, em primeiro plano, leitos em regime metropolitano e outros; PI considera leitos de UTI adulto, pediátrico e obstétrico; Palmas inclui leitos estaduais e privados contratados pelo estado; São Luís considera apenas leitos estaduais; SP tem um número não oficial de UTIs pediátricas; MS não separa mais dados de pacientes sob de Covid; PE ignora síndrome respiratória aguda grave.

31 pacientes ocupavam leitos públicos de UTI Covid-19 no município.

Para a Secretaria Municipal da Saúde, o cenário epidemiológico na capital paulista é considerado estável e com tendência de redução. O órgão explica que os dados de internações são variáveis e dependem do quadro de saúde de cada indivíduo.

Potanto, o aumento de hospitalizações em alguns dias não significa, necessariamente, alta de casos da doença. Na segunda-feira, a unidade com maior ocupação em leitos de terapia intensiva era o Hospital Municipal Brasilândia, na zona norte, com 22%.

Por outro lado, se observarmos as médias móveis de novas internações (UTI mais enfermaria), o cenário é diferente.

Em 2 de maio, a média móvel de pacientes que necessitaram de internação no estado de São Paulo chegou a 174, 15% maior que a registrada em 11 de abril (151). Se comparada com a do dia 18 do mesmo mês (149), houve variação de 17%. Em relação à de 25 de abril (164), o aumento foi de 6%.

Na capital paulista, a média móvel de pacientes hospitalizados chegou a 75, 10% maior que a registrada em 11 de abril (68). Se comparada com a do dia 18 do mesmo mês (62),

A situação ainda requer cautela, apesar de não ser caótica. Os cuidados sanitários são necessários, principalmente para os grupos de risco e idosos, que voltaram a ser o centro das atenções

Wallace Casca
coordenador da plataforma SP Covid-19 Info Tracker

houve variação de 21%. Em relação à de 25 de abril (69), a alta foi de 9%.

A expectativa é que os números cresçam mais um pouco, mas não na magnitude do que foi observado nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, durante o pico causado pela variante ômicron.

Três fatores corroboram para esse aumento: ausência de políticas de contenção, as festividades do Carnaval e o fato de termos várias sublinhagens da ômicron competindo entre si, explica Wallace Casca, coordenador da plataforma SP Covid-19 Info Tracker, criada por pesquisadores da USP (Universidade de São Paulo) e da Unesp (Universidade Estadual Paulista) com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) para acompanhar a evolução da pandemia da Covid-19.

"A situação ainda requer cautela, apesar de não ser caótica. Os cuidados sanitários são necessários, principalmente para os grupos de risco e idosos, que voltaram a ser o centro das atenções. É importante que as pessoas elegíveis para a dose de reforço procurem uma unidade e tomem a vacina", completa.

O Maranhão é um dos estados nordestinos com a menor taxa de ocupação de leitos de UTI para tratamento de casos graves de Covid. Caiu de 13%, em 11 de abril, para 5% na segunda-feira. O governo manteve ativas 62 vagas de leitos nesse intervalo.

A constante queda no número de casos de Covid levou o Governo da Bahia a desativar 146 leitos de UTI em 11 de abril e 2 de maio. A atual taxa de ocupação é de 17% das 254 vagas disponíveis, ante 15% dos 400 leitos em 11 de abril, segundo a Secretaria da Saúde do Estado.

Já na capital baiana, Salvador, os leitos de UTI públicos para tratamento de casos graves da doença caíram de 175 para 129. Assim como a taxa de ocupação dos leitos para adultos, que passou de 24% para 14%, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde.

No Ceará, 78 leitos de UTI foram desativados pela Secretaria da Saúde do Estado, o que fez o número de vagas cair de 107 para 29. A taxa de ocupação caiu de pontos percentuais, de 27%, em 11 de abril, para 17%, na segunda-feira, das vagas preenchidas.

Júlia Barbon, Franco Adailton, Matheus Rocha, José Matheus Santos, Isaac Godinho, Ana Laura Albuquerque, Caue Fonseca, Mauren Luc e Patrícia Pasquini

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acessa
folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

PARA ANUNCIAR EM
CLASSIFICADOS FOLHA
11 3224-4000

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer as funções de Médico (Clínica Geral), Repetidores (Cirurgia Geral) e Cirurgião (Clínica Geral). Requisitos: Graduação em Medicina, residência em Clínica Geral, Cirurgia Geral ou Cirurgia Plástica. Salário: R\$ 10.000,00. Interessados devem enviar currículo e certificação de residência em Clínica Geral ou Cirurgia Geral, para o e-mail: recrutamento@fmed.unesp.br, com o assunto: "Vagas de Medicina".

NEGÓCIOS

FRANQUIAS, REPERTÓRIOS, EXERCÍCIOS

INVESTIR OU SOCIO
Indústria de produtos orgânicos
Criação de produtos orgânicos
Criação de produtos orgânicos

VOVO JOANA
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

ADVOCACIA
Especialidade em
Processos Trabalhistas
Acidentes do Trabalho
Aposentadoria
Benefício para Idoso e Deficiente
Pensão por morte

11- 95001-9143
2362-0162 - 2361-5366
2366-8842 - 2362-3214

COMUNICADOS

COMUNICADO AEREA
Indústria de produtos orgânicos
Criação de produtos orgânicos
Criação de produtos orgânicos

LIÇÕES

PROFISSIONAIS
LIBERAIS

ACOMPANHANTES

DEBORA MULHERÃO
Bela Safadinha
Bela Safadinha

BRUNA MULATA
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

PARA ANUNCIAR EM
CLASSIFICADOS FOLHA
11 3224-4000

CASA DAS CORAOS
Fritas e outros doces
Fritas e outros doces
Fritas e outros doces

RODRIGUES, MARCOS
2296-7868

ANALISANDO-IMPRES
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

MECENOS DO RIO
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

PHILIP CASARIS
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

CLINICA
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês
Atividade de ensino de Inglês

SOLD EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

11 3224-4000

SOLD EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

11 3224-4000

ASSINE A FOLHA
www.folha.com/assine

Rodrygo ressuscita Real com milagre inédito e impede nova final inglesa

Brasileiro entra no 2º tempo, faz dois gols nos acréscimos, e espanhóis vão à decisão da Champions

SÃO PAULO Pela terceira vez em três confrontos de mata-mata na atual edição da Champions League, o Real Madrid se viu muito perto da eliminação. Pela terceira vez, mostrou a força de sua camisa e sobreviveu na luta por seu 14º título da Champions League.

Para isso, contou com o que os jornais espanhóis chamaram de "milagre" de Rodrygo. O brasileiro de 21 anos marcou dois gols no finalzinho, nos minutos 45 e 46 do segundo tempo, forçando a prorrogação contra o Manchester City. De acordo com o site oficial da competição, nunca um jogador havia feito mais de um gol a partir do minuto 45 em uma partida eliminatória.

No tempo extra, Rodrygo voltou a aparecer bem, com participação no lance em que Benzema sofreu pênalti. O francês foi preciso na cobrança, o Real Madrid triunfou por 3 a 1, no estádio Santiago Bernabéu, e avançou à decisão, no próximo dia 28, em Paris.

O City havia vencido a partida de ida, em Manchester, por 4 a 3, e estava à frente no marcador em Madrid. Aos 28 minutos da etapa final, após boa troca de passes, Mahrez fez o gol que parecia definir o adversário do Liverpool na final. Então, Rodrygo apareceu, antecipando-se ao goleiro Ederson após passe de Benzema em direção à pequena área. Em seguida, Carvajal fez cruzamento da direita, leve-



Com atuações decisivas pelo Real, Rodrygo se fortalece para ir à Copa do Qatar

Carl Recine/Reuters

mente desviado na cabeça de Asensio. Também de cabeça, Rodrygo deixou o placar agregado do confronto empatado.

Segundo a agência de estatísticas Gracenote, foi o milésimo gol marcado por um brasileiro na Champions Le-

ague. A conta inclui apenas os números obtidos no formato atual do torneio, inaugurado em 1992.

Independentemente da contagem, os lances fortaleceram as chances de Rodrygo disputar a próxima Copa do

Mundo. Menos badalado do que o compatriota e titular Vinícius Júnior, ele briga por uma vaga no grupo da seleção brasileira.

O paulista já havia sido decisivo na etapa anterior, contra o Chelsea, também mar-

cando o gol que forçou a prorrogação. E deu nova sobrevivência ao time de Carlo Ancelotti, que vem obtendo classificações suadas desde as oitavas de final, contra o Paris Saint-Germain.

Após quase três eliminações, a equipe 13 vezes campeã está na final, contra o Liverpool. Está eliminado o Manchester City, controlado pela família real dos Emirados Árabes Unidos. Como já estava o Paris Saint-Germain, ligado ao governo do Qatar e também derrubado pelo Real Madrid.

Herói madrileno foi sondado também pelo Liverpool em 2018

SÃO PAULO Herói do Real Madrid, Rodrygo, 21, poderia facilmente estar do outro lado da decisão da atual Champions League. Em 2018, quando o Santos escutou propostas pelo talento precoce de 17 anos, seu empresário Nick Arca apareceu com dois interessados.

"Ele poderia escolher entre o Liverpool e o Real Madrid", disse na época o presidente da agremiação, José Carlos Peres.

O empresário consultou a família e, principalmente, o atacante. Rodrygo não pensou duas vezes. Queria jogar no Real Madrid. Ele tinha na cabeça a imagem de Cristia-

no Ronaldo, que naquele ano conquistaria o torneio europeu pela terceira vez consecutiva na equipe espanhola (e contra o Liverpool).

"Não tem explicação [a virada]. São coisas que só se passam no Real Madrid. Esta camiseta ajuda a gente a lutar até o final", disse após a obtenção da vaga improvável.

"Acho que estou trabalhando para isso", afirmou, sobre a possibilidade de disputar o Mundial no Qatar, no fim do ano. "Estou muito feliz pelo momento que estou vivendo".

O astro do Real Madrid vem de uma família de futebolistas. Além do pai, seu avô e tios também atuaram. Sua mãe, Denise, jogou de maneira amadora.

Aos 32 anos, em 2016, Eric Batista decidiu abandonar a carreira para cuidar da do filho, então com 15. Deixou o elenco do Cuiabá para apostar em Rodrygo, que já era uma revelação do Santos e seria profissionalizado no ano seguinte. Quando o garoto nasceu, seus pais tinham 17 anos.

A família dele é tão ligada ao futebol que uma de suas lembranças de infância era dormir entre várias bolas em sua casa, em Osasco, onde nasceu.

Ao chegar ao Santos, aos dez anos, começou a se destacar até ser visto como o apostado que recai sobre todas as apostas que aparecem no clube: o novo raio. Rodrygo começou a se firmar na equipe principal em 2018, em um período de estresse para o clube que dura até hoje.

Foram 80 jogos pelo time alvinegro antes de uma transação de 45 milhões de euros (R\$ 195 milhões, na cotação da época), ainda em 2018. A venda ajudou a melhorar a complicada situação financeira do clube praiano e vai se mostrando decisiva para a temporada 2022 do Real.

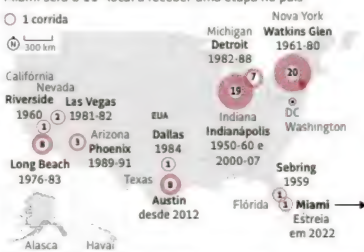
F1 consolida expansão nos Estados Unidos com estreia em Miami e três GPs em 2023

SÃO PAULO "São milhões de dólares em jogo na disputa entre duas equipes, Renault e Haas. É a velha Europa contra o Novo Mundo. A realza francesa contra a potência americana." O nono episódio da primeira temporada da série "Drive To Survive", lançada pela Netflix em 2019, dedicou-se a mostrar os bastidores de uma disputa que envolvia equipes do meio do grid do Mundial de 2018 da F1. A narração, porém, buscava criar um significado maior do que a rivalidade em si.

As duas equipes não tinham chances de vencer corridas naquele ano, mas essa história era fundamental para os planos da gigante do entretenimento — e da própria categoria.

Corridas de F1 realizadas nos EUA

Miami será o 11º local a receber uma etapa no país



*Drag Reduction System, na sigla em inglês. Sistema hidráulico que reduz a resistência aerodinâmica e facilita a ultrapassagem. Fontes: FIA e Graphic News

5ª etapa

Autódromo Internacional de Miami

1º Setor cronometrado

==== Pode usar DRS*

■ Proibido usar DRS*



Distância: 57 voltas - 308.370 km

Desde 2017, quando a empresa norte-americana Liberty Media comprou a F1 do britânico Bernie Ecclestone, os novos donos traçaram como no Brasil a modernização do campeonato, atrair público mais jovem, aumentar a presença nas redes sociais e expandir mercados, sobretudo nos Estados Unidos.

No domingo (7), quando Miami se tornou o 11º local em solo norte-americano a sediar uma etapa da F1, os planos traçados há cinco anos poderão ser dados como muito avançados.

A quinta etapa, com largada marcada para as 16h30 (de Brasília), teve ingressos esgotados. A prova será no circuito recém-construído em torno do Hard Rock Stadium, a casa do Miami Dolphins, da NFL (liga de futebol americano).

Em mais de 70 anos de história, a competição criada na Europa vive o momento de maior ascensão entre os nor-

te-americanos. Eles representam o mercado mais atingido pelo sucesso da produção da Netflix e serão os únicos com três corridas em 2023, com a adição do GP de Las Vegas, juntando-se a Miami e Austin.

A abertura da atual temporada, no Bahrein, teve uma média de 1,35 milhão de espectadores. Foi a maior audiência da ESPN desde a aquisição da categoria. A corrida também foi a segunda mais vista na história da TV a cabo dos EUA.

Pesquisa apresentada pela categoria em 2021, encomendada à Nielsen Sports, indicou que o público da F1 tem, em média, 32 anos. Comparado a outros esportes, a base de fãs é muito mais jovem. Segundo dados da consultoria Magna Global, entre 2006 e 2016, o público da NASCAR subiu de 49 para 58; a idade média da fã da NFL é de 50 anos; e da NBA, de 42. Luciano Trindade

Final de gigantes

Real Madrid e Liverpool decidirão jogo fadado a entrar para história

Juca Kfourir

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

O francês Karim Benzema contra o egípcio Mohamed Salah. Os merengues madrilistas contra os vermelhos de Liverpool. O clube mais vitorioso do mundo contra o time mais encantador da atualidade.

O maior e o melhor têm encontro marcado no sábado, 28 deste mês em Paris que, além de valer bem uma missa, vale o jogo que já tem lugar reservado na história.

A final assinala ser espanhola quando o atrevido Villarreal fez 2 a 0 nos Reds. Mas a entrada do colombiano Luis Díaz evitou

o naufrágio da esquadra inglesa no embate com o Submarine Amarelo e a virada aconteceu sublime, por 3 a 2.

Coube ao verdadeiro imortal Real Madrid impedir a final britânica ao ressuscitar pela terceira vez nesta Champions, ao virar nos derradeiros minutos com dois gols de Rodrygo, e um de Benzema na prorrogação, para 3 a 1, o jogo que perdia para o City. Inacreditável!

Vergonha naturalizada

Acredite a rara leitora, acredite o raro leitor, o Corinthi-

ans apresentou uma réplica da Taça Libertadores com uma tarja preta sobre a placa que identifica o título do Palmeiras de 1999.

A notícia, do Globo Esporte, nem sequer repercutiu, ao que tudo indica porque a direção corinthiana tem protagonizado tantos absurdos que a vergonha do ato infame passou ao largo.

Nem se sabe de providência alguma em relação ao funcionário engraçadinho que cometeu a barbaridade, digna de demissão — ou de impeachment

do presidente que tenha permitido apenar o Corinthians a esse ponto. É claro que estupidete virou alvo de chacota no rival.

Houve até quem tenha proposto, no Palmeiras, a providência de mandar mais duas tarjetas ao Parque São Jorge para esconder também os títulos alviverdes de 2020/2021.

Como se vê não basta ao Corinthians levar calote de patrocinadores sem credibilidade e de dinheiro.

Os vexames são tantos que ninguém nem liga mais.

Machismo e racismo

Como o futebol imita a vida e vice-versa, não surpreende que depois de um treinador agredir uma bandeirinha, um jogador tenha tentado bater numa árbitra. Assim agiram Rafael Soriano, da Desportiva Ferroviária, do Espírito Santo, contra Marcielly Santos, e Jean Carlos, do Náutico, de Pernambuco, contra Deborah Cecilia.

Diante da montanha de músculos de Anderson Daronco nem desses valentes jamais se meteu.

Como não se meteria com um deputado o tucano Fernando Cury, apenas suspenso por seis meses quando deveria ter sido cassado por assédio à deputada Isa Penna, agora ofendida também pelo deputado Olim, presidente do Tribunal de Justiça Esportiva da FPF.

Percebe como tudo faz sentido?

Olim é tão machista, a ponto de dizer que a deputada se deu bem com o infamante episódio, que certamente abalaria o treinador e o jogador covardes.

De tão misógino ele é incapaz de pronunciar a palavra, o que o microfone na Assembleia Legislativa captou e Freud explicaria.

A violência de gênero é epidemia nacional, assim como o racismo estrutural que o treinador Roger Machado denuncia com coragem e em vão.

Houve-se a punição necessária e o vereador Camilo Cristóvão não se sentiria à vontade para fazer o que fez, pegando calças na mão com microfone aberto para vomitar o que lhe vai na alma, assim como Mãe Falei deu-se mal com suas gravações.

A bem da verdade nada disso é novidade no Brasil. É óbvio que a barbárie bolsarista estimula o ambiente.

O que fazer para não enlouquecer nas noites de insônia?

É possível aprender a sonhar sem conseguir dormir

Mirian Goldenberg

Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é autora de "A Invenção de uma Bela Velhice"

Desde menina, sou viciada em livros. Amo o livro impresso, gosto de riscar os trechos mais importantes com canetas coloridas, imagino que estou conversando com o autor quando faço minhas observações no livro e marco as passagens mais significativas. Tenho o hábito de escrever no próprio livro as perguntas e dúvidas geradas pela leitura. Meus livros são repletos de cores e anotações.

Nunca havia escutado um audiobook até que, em setembro de 2019, fui convidada para gravar o meu livro "Liberdade, Felicidade e Foda-se!". Perguntei o nome da profissional que iria

gravá-lo e a resposta me surpreendeu: "Queríamos que você mesma fizesse a gravação".

"Como assim? Nunca fiz isso. Não é melhor uma profissional?"

"Achamos que seria muito melhor a sua própria voz. Sua voz já é muito conhecida. O livro é baseado no seu TEDx 'A Invenção de uma Bela Velhice' que já foi visto por mais de 1 milhão e 200 mil pessoas no YouTube. E sua voz também é conhecida por suas participações na televisão".

É verdade. Já fui reconhecida no supermercado e caminhando na rua, de costas, por

mulheres que apenas ouviram a minha voz.

"Adoro te assistir no 'Encontro com a Fátima Bernardes', sou sua fã. Você tem uma voz tão doce que me acalma".

"Já ouvi mais de dez vezes seu TED e compartilhei com todas as minhas amigas. Você tem uma voz tão calma e gostosa".

Tudo o que eu não sou é calma. Sou ansiosa, preocupada, tensa e intensa. Mas já ouvi inúmeras vezes que minha voz é calma, suave e doce.

Aceitei o desafio e lá fui eu, de metrô, para a Barra da Tijuca gravar meu primeiro audiobook. Foram duas tardes inteiras em um pequeno estúdio. No início, fiquei tímida e emvergonhada, mas depois fui me soltando e passei a interpretar as conversas que tive com meus entrevistados.

Le e interpretar o meu próprio livro foi uma experiência divertida e saborosa. E ficou melhor ainda quando escutei o audiobook pronto. Descobri o quanto eu me acalmo ao ouvir a minha própria voz me acalmando. Como sofro de insônia, passei a escutar meu audiobook na hora de dormir. E passei a dormir muito bem, sem precisar de calmantes ou ansiolíticos.

Continuo viciada e apaixonada pelos livros impressos, mas, desde então, adquiri o hábito de adormecer ouvindo audiobooks. Lógico que não é mais o meu, que já sei de cor. Tenho adormecido ouvindo audiobooks de psicologia, especialmente sobre o funcionamento do cérebro, sobre como ser mais corajosa e resiliente, como lidar com meus medos, ansiedades, preocupações, angústias, perdidas, dores, sofrimentos, tristezas, frustrações e muito mais.

Para escolher um audiobook que me acompanhará nas minhas madrugadações insone, mais importante do que o assunto é a narração do livro. A voz do homem ou da mulher que narra o livro tem que ser firme, agradável, doce, suave, sedutora. Não pode ser uma voz lenta e grave demais nem aguda, pretensiosa e ansiosa. Para mim, o pior pesadelo é ouvir o abuso irritante e desagradável do "a gente" e de outros vícios de linguagem.

Nos últimos dois anos, o audiobook tem sido um excelente companheiro na hora de dormir e também nas minhas ca-

madas diárias. Ontem adormeci ouvindo um audiobook que está me ensinando que o cérebro é muito curioso e que ele adora aprender coisas novas, ler, sonhar, criar, dar risadas e brincar.

Muitos dizem que o livro morreu. A realidade prova o contrário. A venda de livros tem superado as expectativas do mercado editorial brasileiro: em 2020 foram vendidos 41,9 milhões de exemplares; em 2021 foram 55 milhões de livros.

Rubem Alves escreveu, na crônica "Sob o Fetiche dos Livros", que "nem só de beijos e transas viverá o amor, mas de toda palavra que sai da mão do escritor".

"O meu mundo seria muito pobre se em mim não estivessem os livros que li e amei... Os livros que amo não me deixam. Caminhando comigo... Escrever e ler são formas de fazer amor".

Parafraseando meu cronista favorito, digo que nem só de beijos e transas vivem minhas madrugadações insone, mas de todos os livros que caminham comigo e que me fazem sonhar.

que está me ensinando que o cérebro é muito curioso e que ele adora aprender coisas novas, ler, sonhar, criar, dar risadas e brincar.

Muitos dizem que o livro morreu. A realidade prova o contrário. A venda de livros tem superado as expectativas do mercado editorial brasileiro: em 2020 foram vendidos 41,9 milhões de exemplares; em 2021 foram 55 milhões de livros.

Rubem Alves escreveu, na crônica "Sob o Fetiche dos Livros", que "nem só de beijos e transas viverá o amor, mas de toda palavra que sai da mão do escritor".

"O meu mundo seria muito pobre se em mim não estivessem os livros que li e amei... Os livros que amo não me deixam. Caminhando comigo... Escrever e ler são formas de fazer amor".

Parafraseando meu cronista favorito, digo que nem só de beijos e transas vivem minhas madrugadações insone, mas de todos os livros que caminham comigo e que me fazem sonhar.



CAMISA DE MARADONA É VENDIDA A PREÇO RECORDE DE US\$ 9,3 MILHÕES (R\$ 44,8 MILHÕES) NO LEILÃO SOTHEBY'S

Peça foi usada no jogo do famoso gol 'meio de cabeça, meio com a mão de Deus' nas quartas de final da Copa de 1986, contra a Inglaterra. Adriano Demici/APP

ACERVO FOLHA
Há 100 anos
5.mai.1922

General afirma que Clube Militar aprovou carta do marechal Hermes

O general Odílio Bacellar disse que a diretoria do Clube Militar aprovou a carta que o presidente da associação, o marechal Hermes da Fonseca, enviou ao senador Antônio Azevedo, vice-presidente do Congresso, a propósito da instituição do Tribunal de Honra para resolver o caso da sucessão presidencial (o resultado oficial da eleição de 1º de março, ainda não foi proclamado). Bacellar fez a declaração, divulgada pelo jornal A Noite, para negar a informação de um jornal matutino que havia escrito que ele nem tinha sido consultado sobre o texto.

Segundo o general, a carta foi apoiada sem discrepância na diretoria do Clube Militar.



LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

Cientistas registram botos supostamente brincando com uma cobra sucuri em rio

Carolyn Wilke

THE NEW YORK TIMES Em agosto de 2021 uma equipe de cientistas estava documentando biodiversidade perto do rio Tijamuchi, na Bolívia, quando viu animais normalmente difíceis de observar: botos bolívianos.

Os simples fatos de ver os botos com a cabeça acima da superfície já foi extraordinário, contou um membro da equipe, o biólogo Steffen Reichle, do Museu de História Natural Noel Kempff Mercado, de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

Foi apenas depois de olhar com mais cuidado as fotos feitas pela equipe que os cientistas perceberam que os botos estavam nadando com uma sucuri pendurada em suas bocas.

Os pesquisadores descreve-



Registro inédito mostra botos brincando com cobra em rio na Bolívia. Omar M. Entiaque Neto, Steffen Reichle, Alejandro dos Reis/The New York Times

ram o que viram no periódico Ecology no mês passado. Os golfinhos que vivem em cativeiro e na natureza são conhecidos por serem brincalhões, mas o comportamento surpreendente dos cetáceos bolívianos pareceu ter alcançado um novo patamar nas brincadeiras entre ma-

míferos aquáticos, e alguns cientistas ainda não sabem ao certo como interpretar o que a equipe observou.

Em um momento, dois botos machos pareciam nadar de modo sincronizado, segurando uma cobra em suas bocas. Sucuris são cobras semi-aquáticas e podem prender

a respiração por algum tempo. Mas, pelo fato de essa sucuri ter sido manipulada pelos botos por pelo menos sete minutos, boa parte desse tempo submersa, é provável que ela tenha morrido.

Devido ao tempo que durou a interação, os cientistas pensam que se tratou de brincadeira, não de predação. As sucuris da bolívia são superpredadoras. Excetuando um único caso de canibalismo, cientistas nunca documentaram ocasiões em que essa serpente tenha sido comida.

No caso em questão, os cientistas não viram o que acabou acontecendo com a sucuri. Considerando como os golfinhos são brincalhões, parece provável que tenha se tratado de uma brincadeira, disse o taxonomista Omar Entiaque Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e um dos autores do artigo.

Alguns dos botos reunidos eram jovens, fato que pode sugerir outra dimensão da interação: os adultos podiam estar ensinando aos jovens

sobre sucuris ou lhes mostrando uma técnica de caça.

Mas a ecologista comportamental Sonja Wild, do Instituto Max Planck de Comportamento Animal, na Alemanha, que não participou do estudo, duvidou que a interação tenha sido intencionalmente instrutiva. Para ela, é mais provável que os botos estivessem observando porque estavam curiosos.

Outra coisa visível nas fotos chamou a atenção: os pênis eretos dos botos machos.

"Pode ter sido sexualmente estimulante para eles", aventou Diana Reiss, cientista de mamíferos marinhos e psicóloga cognitiva do Hunter College, em Nova York, que não participou do estudo. "Pode ter sido algo no qual eles podiam se esgarar".

Cientistas que estudam golfinhos têm consciência das tendências sexuais dos animais, como esfregar seus genitais em brinquedos ou inserir seus pênis em objetos animados ou inanimados.

Tradução de Clara Alban

VOCÊ VIU?

O ator Leonardo DiCaprio, 47, elogiou Anita, 29, após ter conversado com a cantora no baile Met Gala 2022, que aconteceu nesta segunda (2), sobre a importância dos jovens brasileiros tirarem o título de eleitor. Em seu Twitter, ele falou sobre a artista em um texto feito em português.

"O compromisso da Anita com a democracia é inspirador", escreveu ele, em resposta a um tuíte da artista.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta terça-feira (3) para o ator, crítico ao seu governo principalmente no aspecto ambiental, "ficar de boca fechada".

Outros famosos fazem coro a Anita e DiCaprio no incentivo ao cadastro eleitoral de jovens, caso de Luísa Sonza, Juliette e até dos atores Hollywoodianos Mark Ruffalo e Mark Hamill, que tuítaram apelos em português.



O rapper
Criolo

Heider Frutkina/
Divulgação

Sobrevivendo no inferno

Criolo retorna ao rap e faz retrato duro do Brasil de Bolsonaro e da melancolia pós-Covid em álbum que equilibra dor, raiva, esperança e o luto por sua irmã mais nova

Lucas Brêda

SÃO PAULO Antes de fazer "Sobre Viver", seu quinto álbum, Criolo achava que não conseguiria mais escrever um rap. "Fiquei uns três anos pensando 'meu Deus, o que está acontecendo?', ele diz. "Até fazia minhas escritas, mas é tão triste o que estamos passando que isso te põe para baixo até umas horas, tá ligado?" O disco marca o retorno de Criolo ao rap —seu último

disco no estilo foi "Convoque Seu Buda", de 2014—, gênero ao qual ele dedicou uma vida, mas que ficou de lado nos últimos anos, quando se inclinou mais à MPB e ao samba. E um evento em especial acabou sendo central para a obra —a morte de Cleane Gomes, irmã do artista, aos 39 anos, vítima da Covid-19, no ano passado. "Acabou com a gente. Arrasou minha família. Pensei que eu ia dar força para minha mãe, mas foi ela que deu pa-

ra mim. Tenho que agradecer de joelhos às pessoas na minha vida. Esse álbum é um recorte de muita coisa que está aqui", diz, mostrando com as mãos o entorno de sua cabeça. Esses sentimentos são representados em "Pequenina", faixa singela em que Criolo rima com o funkeiro Haniel e pontua os versos com falas de sua mãe, dona Vilani, além do refrão cantando por Liniker. "Cuidar da minha irmã/Agora só emprece/ Ela não es-



Esse abismo social que a gente vive já estava aí antes. Ele se fortaleceu com a pandemia, a pandemia vai acabar e ele vai continuar —infelizmente

Criolo
músico

tá mais aqui/ É que esse mundo não te merece", ele canta. É uma tragédia pessoal, mas que reflete um sentimento social, após anos de isolamento, crise e mais de 600 mil mortes no país. "É o que eu falo, a pandemia nunca vai acabar para quem perdeu um ente querido. Nós já vivíamos uma vida sofrida. E agora está além. É rememorar tudo de novo, com muita fé, não desistindo dos sonhos. É levantar a cabeça, e vamos. Mas tem horas que é louco."

Em "Sobre Viver", Criolo tenta se equilibrar entre esse jogo de forças, a desilusão e a esperança na arte e na fé. A princípio, o disco se chamaria "Diário do Kaos" —com "K" de Kleber, seu nome de batismo—, mas o título mudou para refletir o desejo do rapper de não só retratar a desventura social e pessoal, mas também apresentar ferramentas para superar esse quadro —ou, melhor, sobreviver a ele.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

NOME E SOBRENOME

A resistência do deputado federal Daniel Silveira (PTB-SP) em obedecer a determinações do Supremo Tribunal Federal (STF) está aumentando a indignação de magistrados da corte contra ele. Há ministros que se referem ao parlamentar agora apenas como "marginal".

SOBRENOME 2 O processo contra Silveira ainda corre no Supremo, já que o indulto dado a ele pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) não interfere na tramitação —mas apenas o livra do cumprimento da pena, que ocorreria quando se esgotassem todos os recursos da defesa dele na Justiça.

SOBRENOME 3 Silveira, no entanto, se recusa a usar a tor nozeleira eletrônica, como determinou o ministro Alexandre de Moraes. E chegou também a se negar a assinar uma citação em que o magistrado determinava que ele voltasse a utilizá-la.

SOBRENOME 4 Nesta semana, ele teve as contas bloqueadas por instituições financeiras, conforme determinação do ministro, justamente por descumprir as medidas cautelares do STF.

SOBRENOME 5 Além do uso da tor nozeleira, Moraes proibiu o parlamentar de participar de eventos públicos —or dem que ele tem desprezado solenemente, comparecendo a manifestações e a eventos de seu partido, o PTB.

FOGO ALTO As negociações para que Fernando Haddad (PT SP) e Márcio França (PSB) se unam em uma chapa única na disputa pelo governo de São Paulo se intensificaram nesta semana.

Interlocutores do PT e do PSB tentam saídas para que isso possa ser oficializado nos próximos dias.

FOGO 2 França mantém a posição de que as duas legendas façam uma pesquisa para ver quem tem melhores chances de vencer as eleições. A condição será novamente levada a Haddad e à cúpula do PT.

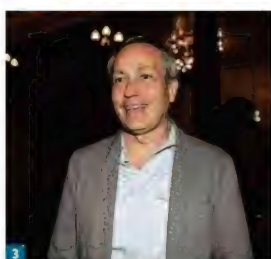
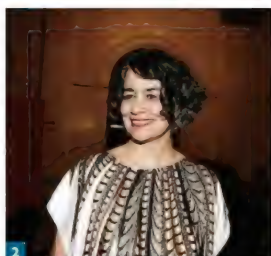
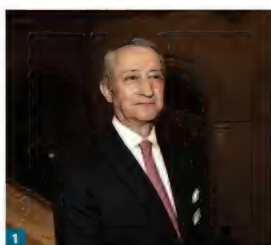
FOGO 3 A pressão para que um acordo entre os dois seja selado vêm também de partidos como o PSOL e o PV —que pretendem também ver definidos o papel de cada um na chapa de Haddad.

LISTA O PSOL pretende indicar o presidente do partido, Juliano Medeiros, para o Senado —posto até agora reservado para França pelo PT. Já o PV gostaria de indicar o vice.

PESOS Lideranças do PT ainda acreditam que França pode ser candidato, e veem uma vantagem: ele impediria o crescimento do atual governador, Rodrigo Garcia (PSDB), nas pesquisas, já que dividiriam o mesmo eleitorado.

MEDIDAS De todos os personagens envolvidos nos diálogos, os que mais acreditam que a união sai são Lula (PT) e Geraldo Alckmin (PSB). Os dois acreditariam que o simbolismo da junção de forças no estado de São Paulo seria fundamental para impulsionar a chapa nacional à Presidência.

SOBRE O PALCO



Fotos: Greg Salbhan/Folhapress

O consultor da Espanha em São Paulo, Miguel Gómez de Aranda y Villén, e a diretora-executiva da empresa Sustenidos, que administra o Theatro Municipal de São Paulo, Alessandra Costa, compareceram à estreia da ópera "Café", na capital paulista. Baseado em libreto de Mário de Andrade, o espetáculo tem direção de Sérgio de Carvalho.

MEGAFONE O babilorixá Sidney Nogueira e o advogado e ex-secretário de Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo Hélio Silva Júnior vão enviar uma notificação extrajudicial para o YouTube pedindo que a plataforma retire conteúdo de intolerância religiosa relacionado com a escola de samba Acadêmicos do Grande Rio. A campanha do Carnaval carioca apresentou um enredo sobre Exu em seu desfile. Eles ainda vão entrar com representação criminal contra os autores.

MEGAFONE 2 Os dois listam canais que falam em "batalha espiritual" contra demônios e acusam a escola de colocar "pessoas sendo possuídas" no desfile. Entre os youtubers estão o pastor Rodrigo Mocellin e o cantor gospel Rafael Bittencourt, que têm mais de 328 mil e 700 mil inscritos em seus canais, respectivamente. Procurados, o YouTube, Bittencourt e Mocellin não se manifestaram até a conclusão desta edição.

ADIANTE O caso das chamadas Mães de Acari foi levado à Corte Interamericana de Direitos Humanos pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão vinculado à Organização dos Estados Americanos (OEA). Elas buscam conclusões para o desaparecimento de seus filhos no caso conhecido como chacina de Acari, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1990. O inquérito policial foi encerrado sem que os responsáveis fossem encontrados. A AGU (Advocacia-Geral da União) diz que "aguarda o decurso das fases iniciais" do processo.

CELEBRAÇÃO O SporTV exibirá neste domingo (8) um programa especial de Dia das Mães que vai reunir as ex-atletas Hortência, Fabi Alvim e Paula Pequeno. As convidadas vão falar sobre os desafios de conciliar maternidade e carreira.

Sobrevivendo no inferno

Continuação da pág. C1

"É muita tristeza, mas eu não quero que ninguém se sinta triste. Muito ódio, mas quero isso longe do coração. Muita dor, e não quero que ninguém sinta dor. Isso vem junto. Agora, como transformar isso em algo que vai pavimentar algum caminho de sobrevivência? O caos existe desde antes de meu avô nascer".

Esse caos é apresentado já nas primeiras falas do álbum, quando Criolo diz que "isso é um pesadelo, onde a morte se aproxima". De toda a desgraça, de tudo que te leva à depressão, à quase morte, o rap salva. Em "Diário do Caos", com tempero soul, a voz oscila como estivesse se despedaçando, enquanto ele se apresenta, evocando Racionais MC's, como "mais um sobrevivente".

Sem dizer o nome Jair Bolsonaro, Criolo retrata o governo atual em "Sétimo Templário", quando recupera seus flows clássicos para rimar sobre a Amazônia e o genocídio indígena e cantar que "vocês votaram na morte" e sobre o presidente que diz "plau" e depois pergunta "isso é matança?".

"Quantas vezes você já escutou 'atira e depois pede o documento?', pergunta. 'Meu pai já foi parado várias vezes. Por que? Porque é preto. Uma vez me acidentei, meu pai chegou do trampo. Era metalúrgico, estava com uniforme do trabalho. Do jeito que chegou, me levou ao hospital, e o pessoal chamou a polícia, dizendo que eu estava em cativeiro. Não é que li, ouvi falar, vi num filme. É louco isso, é revolta'". Em "Me Corte na Boca do Céu, A Morte Não Pede Perdão", ele canta com Milton Nascimento por cima de uma melodia que ecoa Chico Buarque e opõe a solidão da depressão à euforia de um Carnaval.

"Foi difícil, para nós, entender a importância do Carnaval, do desabafo, do porquê estar juntos numa rua em que só pode carro. Mas às vezes você se vê sozinho. Todo mundo festejando e você sem motivo para festejar. E não é criticar quem está se divertindo. Simplesmente tem uma hora que você pensa, 'só quero que esse dia acabe antes que ele acabe comigo'".

Com produção de Tropikláz, Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral, além do próprio rapper, "Sobre Viver" mira os sintetizadores de The Weeknd em "Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais", passeia pelo trap e pelo dub e recupera estéticas de álbuns anteriores como "Nó na Orelha", de 2011, e "Convoque Seu Buda", de 2014. E o Criolo desludido da já clássica "Não Existe Amor em SP", mais de dez anos depois, olhando para o Brasil de Bolsonaro e pós-pandêmico, se esforçando para lidar com a dor e com a raiva.

"Esse abismo social já estava aí antes da pandemia. Ele se fortaleceu com a pandemia, a pandemia vai acabar e ele vai continuar", diz. "O bagulho tá louco, irmão. Olha o número de pessoas abaixo da linha da pobreza, o quanto piorou. Isso porque são números".

Enquanto se questiona se a ascensão social de pessoas periféricas é também uma vitória do sistema e aponta o racismo religioso, Criolo se agarra à fé e à música para apresentar táticas de sobrevivência não só para o país, mas para ele próprio. Como se manter são em meio ao caos?

"Não sou referência para ninguém, mas tem um monte de gente que me ajuda e não me faz desistir. Peço desculpas, mas não tenho essa resposta para você", diz, emocionado. "Estou no processo. É cuidar dos meus pais, que estejam bem e tranquilos no meio dessa desgraça toda. Ainda estamos vivendo o luto —e vai demorar muito tempo. Que venham a música e a poesia e de algum jeito isso nos conforte".

Sobre Viver

Artista: Criolo. Gravadora: Oloko Records. Nas plataformas digitais



“É muita tristeza, mas não quero que ninguém se sinta triste. Muito ódio, mas quero isso longe do coração. Como transformar isso em algo que vai pavimentar algum caminho de sobrevivência?”

Criolo
música

O rapper
Criolo
Heider Frutera

Augusto de Campos lê de Maiakóvski a poesia chinesa no livro-CD 'Entredados'

Poeta lança projeto ao lado do filho Cid e parte de reunião com Haroldo de Campos e Décio Pignatari

Claudio Leal

RIO DE JANEIRO Há 25 anos, a récita de "Um Lance de Dados", de Stéphane Mallarmé, surgiu de improviso no programa da rádio Cultura de São Paulo com os concretistas Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Munição de sua tradução de Mallarmé, Haroldo propôs a leitura do poema de complexa estrutura verbal, sonora e visual.

O registro do encontro abre o livro-CD "Entredados", do selo Laranja Original, agora lançado por Augusto e seu filho, Cid Campos, autor das ambientações musicais no MC2 Studio. Na obra, o concretista lê textos poéticos de Maiakóvski, Lewis Carroll, James Joyce, Gregório de Matos e Ezra Pound, recitador da antologia clássica chinesa compilada por Confúcio.

Os impasses da vocalização de poemas concretos são desmontados pela habilidade de Augusto de Campos de encontrar correspondências orais às criações visuais. No disco "Poesia É Risco", de 1995, a leitura de "Cidade", de 1963, representou uma proeza ao lidar com a subversão da sintaxe.

"Cada poema pede uma estratégia de leitura específica. 'Cidade', assintático, com todos os fragmentos desembocando em 'vora', e a mesma terminação transposta uma única vez para o final, me sugeriu a leitura veloz, de um só fôlego", conta Campos.

"No caso de 'Um Lance de Dados', as 'subdivisões prismáticas' das frases favoreceram uma leitura a várias vozes, e acho que foi o que pensou Haroldo ao propor a transcrição do trio, como fizíamos anteriormente com trechos do 'Rosa d'Amigos' do Décio, no filme da Cristina Fonseca, e de 'O Escarvalho de Ouro', no CD 'Ouvindo Oswald', que organizei com Cid e estamos tentando reeditar pelo Sesc." "Entredados" celebra ainda os 70 anos da revista Noigandres. Criada em 1952 por Décio Pignatari e os irmãos

Campos, ela incorporou, em sua existência de cinco números, os cariocas Ronaldo Azevedo e José Lino Grünwald. Na língua occitana do trovador Arnaut Daniel, a palavra "noigandres" significava, segundo o lexicógrafo Emil Levy, "olor que afugenta o tédio". Aos 91 anos, Augusto de Campos vê um cenário adverso para a poesia de invenção na vida dos leitores contemporâneos. "De modo geral, ainda que eu me devesse sentir animado com os 30 mil leitores que me arranjou o Álvaro Dutra, no link do Instagram [@poetamenos] que ele inventou para mim, sou pessimista quanto ao destino da poesia de alto repertório. É coisa de 'ghetto'."

"O Décio, nosso Oswald magro, dizia que todo mundo gosta de poesia mas ninguém compra livro de poesia. É que a poesia acabou. Os jornais, antes acolhedores, já a cancelaram há muito tempo, substituindo por banalidades cinematográficas e divertimentos chamativos. Sobrevive na vertente cancionista, de jargão cotidiano, onde, por exceção, pode ganhar altitude estética, mas onde artesanista vocabular não é necessária, e você pode chegar a excelências com um simples 'amor em vão'. Mesmo aí o nível mais corriqueiro é sempre o mais bem-sucedido."

O concretista vincula a miséria intelectual à mediocridade política do país. "Na TV se normatiza agora um péssimo português, onde o 'e' 'põe' em lugar do 'o' e do 'lo'. Os letrados que, por ação ou omissão, ajudaram a eleger Bolsonaro, e ameaçam ainda apoiá-lo, mostram a que veio: chegou a cultura brasileira que o capitão não se cansa de pisotear. Tempo de pobreza para a poesia. O livro-CD 'Entredados' é uma recusa e um teste. Veremos no que vai dar."

Entredados

Autores: Augusto de Campos e Cid Campos. Editora: Laranja Original. Gravadora: MC2. Studio: R\$ 50 (80 págs.)



Escritor Augusto de Campos em fotomontagem de André Vallias Divulgação

Filho de Armínio Fraga exhibe faceta de 'ateu místico da natureza'

Gustavo Zeitel

RIO DE JANEIRO Era fim de tarde desta segunda-feira, e o barulho das motocicletas cortava o silêncio do Jardim Botânico, na zona sul do Rio de Janeiro. Entre caos e bululismo, o rosto de Sylvio Fraga resolvia aquele contraste, oferecendo aos passantes um semblante sereno, típico de um sujeito boa praça.

O poeta, cantor e compositor de 36 anos lançou, em abril, seu quarto álbum, "Robalo Nenhum", e prepara um novo livro de poemas, "Quero-Quero na Várzea", a ser lançado em outubro. "Esse é o primeiro disco com o qual me sinto totalmente representado, talvez seja uma questão de maturidade", ele diz, bebendo café na calçada.

Filho do economista Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central e sócio fundador da Gávea Investimentos, o artista, que chegou a se formar em economia na PUC do Rio de Janeiro, reforça, em "Robalo Nenhum", seu interesse pela musicalidade das religiões de matriz africana, prenunciado em "Canção da Cabra", de 2017, disco assinado em parceria com o maestro Letieres Leite, morto em outubro do ano passado. Foi graças ao músico baiano, aliás, que Fraga passou a es-

tudar percussão, entendendo que sua música teria o ritmo como alicerces. "Quando ouvi a Orquestra Rumpilezz, lá em 2016, fiquei maluco. Aquilo resolvia o que queria dizer", afirma. Não por acaso, as composições do novo disco são embaladas pelo som dos atabaques de Luizinho do Jê e Reinaldo Boaventura. Já o trompete de José Arimaté acrescenta sofisticação às composições, se combinando à percussão com textura refinada.

Na primeira faixa entramos, nestes tempos apocalípticos, num "Mini-Dilúvio", como descrevem os versos "gota a gota que dana a jançada/ que tomba na boca da morte". A canção tem aura construtivista e mimetiza o barulho da chuva.

Em dois momentos de "Robalo Nenhum", a temática da relação entre o ser humano e a natureza, talvez a principal inquietação de Fraga, aparece de forma evidente. Por ironia, a letra de "Um Baobá e Eu", a exemplo de "Mini-Dilúvio", não foi escrita por ele mesmo, mas pelo compositor Thiago Amud, que conhece muito bem o amigo. "Tenho fé na natureza. Eu nasci com esse encanto, sou um ateu místico da natureza", diz Fraga, que vive rodeado pelo cão Panda e os gatos Roger e Ilii. Na escrita, o compositor esbarra no poeta—e vice-versa.

Nega caminhos melódicos intuitivos, evita rimas dadas e se distancia dos refrões pop. Fraga faz questão de separar as duas águas por onde navega.

Em poemas e canções, o

artista parece em paz com o homem que se tornou. Ele se maravilha com a vida em seu sentido mais amplo, sem se esquecer, porém, de exercitar a compaixão. Por isso, ele

deixa uma dica ao filho no poema "Talvez Ele Leia este Livro" — "a sorte nos deixa egoístas/ mas é possível vencer isso como os animais/ prestando bastante atenção".



ilustrada

Multiverso expõe nossas loucuras, afirma o astro de 'Doutor Estranho'

Benedict Cumberbatch protagoniza novo longa como o mago, dessa vez com boa dosagem de terror na trama

Henrique Artuni

SÃO PAULO Super-herói da Marvel, indicado ao Oscar por "Ataque dos Cães", defensor da representatividade LGBTQIA+ — mesmo sendo um britânico branco, hétero e pai de três filhos —, celebridade filantropa disposta a abrigar refugiados ucranianos em sua casa. Até já salvou um ciclista de quatro assaltantes em Londres. São muitos os títulos que a mídia estampou no ator Benedict Cumberbatch, que estrela a nova cartada da Marvel, "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura". E dessa vez ele encarna não apenas o mago, mas pelo menos três versões diferentes dele.

Isso é fruto dos últimos longas da grife que, incapazes de fugir da fórmula estabelecida desde 2008, com "Homem de Ferro", estão escapando da continuidade clássica para explorar outros mundos possíveis — o tal do multiverso.

Essa não era uma palavra comum na época de contrâneos de Cumberbatch como Peter Sellers — conhecido por viver vários papéis num mesmo filme, muitas vezes com efeito cômico. "Ou talvez um Alec Guinness", relembra o ator em entrevista a este repórter, lembrando o ator que viveu oito papéis em "As Óito Vitimas".

Agora, Stephen Strange tem de defender a novata América Chavez — vivida por Xochitl Gomez, de ascendência mexicana — de forças malignas que querem roubar seu poder de viajar pelo multiverso.

Apesar da pretensa seriedade, não deixa de ser engraçado ver Cumberbatch correndo com um rabo de cavalo ou com uma barbicha desgrenhada e um terceiro olho na testa, só para falar das versões já exibidas em trailers do filme, que chega nesta quinta, cercado de "alertas de spoilers".

Não é para menos. O último "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa", ao reunir os três atores que consagraram o herói — e "esconder" esse detalhe até a estreia —, rendeu a terceira maior bilheteria na história dos Estados Unidos.

E o cuidado não parte só dos fãs ansiosos, mas de toda a produção, com suas sacadas de marketing e ao impedir que Cumberbatch cometesse seus diversos papéis para poupar a audiência. "Foi uma ótima autoterapia para o personagem e um bom desafio de atuação", resumiu.

Mesmo assim, não deixou de dar suas impressões sobre o multiverso, que aproxima uma necessidade de dar novas camadas aos personagens.

Nisso, o Doutor Estranho — com toda a sua faceta psicodélica que o acompanha desde a origem nas HQs — é o personagem certo para abordar os efeitos terríveis da interação entre esses mundos. "Espero que não exista um multiverso. Se houver, não quero ter nada a ver com ele. Nossas vidas já são complicadas o suficiente no dia a dia", brinca Cumberbatch. "É como [nos versos do poeta] Walt Whitman, 'eu contendo multidoes', isso é com todo mundo."

Segundo o ator, o multiverso aponta para todas as nossas loucuras, como sugere o título de tintas aventurosas. "São os problemas do mundo real que todos temos e que

envolvem interpretar vários papéis num mesmo mundo."

O próprio filme sofreu com isso devido à censura em países como a Arábia Saudita, que pediu à Disney que cortasse um trecho de poucos segundos em que faz referência às mães de América Chavez. A cena não passa de um curto flashback, sem referências sexuais, mas que é definitiva para o caráter da personagem.

Cumberbatch considera, porém, que os estúdios são mais persistentes em trazer representatividade do que os ataques de seus detratores — dentre eles, não só as comissões de censura, mas mesmo colegas de Hollywood, a exemplo de Sam Elliott, que criticou as referências gays em "Ataque dos Cães" e depois se desculpou, ou fãs que detestam heroínas menos sexualizadas ou defensores homo ou bissexuais.

"Mesmo que acabemos vivendo numa utopia, acredito que a personagem [Chavez] exista independente disso. [Além da comunidade LGBTQIA+], ela representa a América Latina e é responsável por conduzir a história", afirma.

Outra estrela que abrilhanta o lançamento é o diretor Sam Raimi, responsável pela trilogia original de "Homem-Aranha" nas telas de cinema.

Mas, desta vez, além da experiência no gênero, o cineasta dá um novo sentido à "mão chifrada" do Doutor Estranho e a transforma menos numa referência mística do que num simbolismo "roll e demoníaco". Na Itália, a mão teve de ser alterada num pôster para que os espectadores não achassem que fosse um xingamento.

É o terreno ideal para o autor de outra trilogia clássica do cinema de terror, conhecida por aqui como "A Morte do Demônio", ou "Uma Noite Alucinante". E, pelo resultado, alguns críticos apontam que a visão do cineasta foi certa para contrastar com as insuportáveis piadinhas da Marvel.

Raimi não era o primeiro nome do projeto, que era de Scott Derrickson, diretor do filme de 2016. E Kevin Feige, presidente do Marvel Studios, segue conduzindo o império com mão de ferro. Se o espectador deve sair com a impressão de ter visto um filme da marca, também não deve esquecer a boa dose de horror. Dovovyeurismo de um monstro invisível, passando pelo gosto por maquiagens grotescas, zumbis, almas penadas, bruxaria e livros enfeitados — o conhecido "Necronomicon" só muda de nome —, Raimi faz um festival infernal.

"Há todo aquele horror escuridão e os sustos que marcam seu cinema", diz Cumberbatch. "Em termos de tom, é bem a praia dele." Resultados à parte, é um retorno de lá de longe após o fracasso de "Oz: Mágico e Poderoso", de 2013. "A reputação fala por ele", conclui Cumberbatch, sobre o cineasta cujo nome se tornou grife. Arremata com uma anedota. "Em um ensaio ele gritou 'eu sou Sam Raimi e estou dirigindo este filme'."

Pode até ser. Mas nesse conflito de egos, num filme cheio de ilusões, aver se a audiência vai apreciar mais o repertório excêntrico ou os "fan services" que o poderoso chefe Feige planeja para manter esse universo sob seu controle.

Sam Raimi brilha ao manejar estilo da Marvel sem sabotar a própria identidade visual

CINEMA

Doutor Estranho no Multiverso da Loucura

★★★★

EUA, 2021. Direção: Sam Raimi. Com: Benedict Cumberbatch, Elizabeth Olsen e Xochitl Gomez. 14 anos. Em cartaz

João Montanaro

Há quase duas décadas, Sam Raimi levou para as telas de cinema a primeira adaptação de "Homem-Aranha". Sua mistura inusitada do melodrama de Douglas Sirk e de ação cartunesca ajudou a pôr em movimento a febre do gênero de super-heróis que se consolidou com o chamado Universo Cinematográfico Marvel.

Após um hiato de quase dois anos, ele volta à direção para comandar "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura" e testa seu estilo dentro da fórmula Marvel. Ou melhor, testa a própria fórmula Marvel dentro do estilo de um inegável autor cinematográfico.

Se outros realizadores consagrados e oscarizados entraram na ciranda das superproduções do estúdio sem experiência prévia com o gênero, Sam Raimi não só o revolucionou como ainda mantém sua trilogia estrelada por Tobey Maguire entre as melhores obras que ele pode oferecer.

O novo filme, protagonizado por Benedict Cumberbatch, serve então como termômetro da extensão da liberdade criativa dentro do universo de filmes comandado a mão de ferro pelo produtor Kevin Feige. O resultado? Digamos que num multiverso de infinitas possibilidades, poderíamos estar num lugar um pouco melhor.

Sam Raimi começou na década de 1980 quando, com só 21 anos, lançou o visceral terror "A Morte do Demônio". O filme era um "tour de force" de inventividade visual com ângulos de câmera inusuais, humor pastelão e um sem-número de soluções cinéticas, para compensar a precariedade do valor de produção.

O resultado foi uma mistura de George Romero — o mestre por trás de "A Noite dos Mortos-Vivos" —, Buster Keaton e "Os Três Patetas", mas também sinalizou um talento que exprimita uma força juvenil, uma vontade de explorar o léxico visual do cinema comercial sem limites.

O melhor de "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura" vem quando há espaço para o diretor exercitar seu estilo e referenciar sua obra.

Há o terror de suspense visual inventivo, o humor físico e o uso e abuso das ferramentas do cinema comercial — um duelo entre duas versões diferentes do Doutor Estranho, por exemplo, tem como arma as notas musicais da trilha sonora, decompondo e dissecando os elementos da cena enquanto a luta segue.

Ainda assim, de longe, Raimi é o melhor diretor a trabalhar no Universo Cinematográfico Marvel porque é também o único que conseguiu pulverizar um naco da sua identidade de forma perceptível.

Mas ele precisa prestar contas à fórmula. E se para escapar do estúdio como terror cósmico. O excessivo uso de ironia pós-moderna e a necessidade de contextualizar o filme dentro da sua relação com os outros e elaborar o que acontecerá nos próximos aristas o longa para o inferno.

Como os personagens do filme, precisamos aprender a conviver com a chance de estar no pior cenário possível e seguir em frente, deixando para trás a nostalgia de promessas e reconhecendo que estamos presos no universo do Universo Cinematográfico Marvel.



Benedict Cumberbatch em pôster de "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura" Divulgação

ilustrada



Enganação eletrônica

Para fabricante, tanto faz qual cigarro usuário prefere, desde que fique dependente

Drauzio Varella

Médico cancerologista, autor de 'Estação Carandiru'

Descontada a escravidão, o cigarro é o maior crime já praticado pelo capitalismo global.

Ele nada mais é do que um dispositivo projetado para administrar nicotina, droga que causa a mais escravizadora das dependências químicas. A experiência clínica em cadeias tem me ensinado que é mais fácil largar o crack. Não é à toa que cerca de 20% da

população mundial caíram nas garras dos fornecedores: em sua maioria empresas multinacionais que fabricam 6 trilhões de cigarros por ano.

Tamanho sucesso de público é explicado pelo fato de que 15 segundos depois de uma tragada, cerca de 25% da nicotina chega aos neurônios dos centros de recompensa do cérebro. Está provado que quanto

mais rápido o pico de ação de uma substância psicoativa, maior é o risco de dependência. Causador de um grande número de doenças graves, o cigarro causa cerca de 6 milhões de mortes por ano, segundo a OMS, a Organização Mundial da Saúde.

Se somarmos a esse contingente de desafortunados os que conseguem parar, enten-

deremos por que a indústria do tabaco adota estratégias de marketing tão perversas: a necessidade de repor a clientela perdida. As custas de quem? Das crianças e dos adolescentes — os mais vulneráveis —, um a cada três dos quais irá sofrer e morrer por causa do fumo.

Por essa razão, a OMS classificou o tabagismo "no grupo dos transtornos mentais e de

comportamento decorrentes do uso de substâncias psicoativas". Motivo pelo qual deve ser "considerado como doença crônica e epidêmica, transmitida por meio da publicidade e propaganda nas quais a indústria do tabaco exerce o papel de vetor".

A partir dos anos 1990, a prevalência do fumo no Brasil caiu de forma sustentada. Em minha adolescência, cerca de 60% dos rapazes fumavam (incluive este que vos escreve); hoje a prevalência entre nós está abaixo de 10%. Fumamos menos do que os americanos e do que em todos os países da Europa, resultado numa população bem menos letuada do que a europeia e a americana.

Com muito esforço conseguimos destruir a imagem fake do cigarro que a publicidade construiu durante décadas, com recursos imorais. Ele deixou de estar associado ao sucesso de homens maduros, a cubóis indômitos, aos esportes radicais e às mulheres lindas e livres, para ficar reduzido ao que realmente é: um vício chinfrim, que dá mau hálito, mau cheiro no corpo, acessos de tosse com expectoração acinzentada, além de deixar a pele envelhecida e o rosto com aparência doentia.

Sempre atenta à queda nas vendas, a indústria foi atrás dos dispositivos eletrônicos para administração de nicotina, droga que fez a fortuna das grandes companhias. O pretexto era o da redução de danos: seria melhor fumar a nicotina "limpa" retirada das folhas do fumo, sem o alcatrão e demais impurezas do amaldiçoado cigarro. Passaram, então, a defender

os eletrônicos como tratamento para os que pretendem se livrar do fumo. Que gente generosa, não? Propõem disponibilizar um dispositivo para curar a doença provocada por outro, fabricado por eles mesmos.

A verdade é que a tal redução de danos nunca foi comprovada no caso dos eletrônicos. Há pouquíssimos estudos publicados: os existentes são de baixa consistência e contêm erros metodológicos graves. Da mesma forma, dizer que não fazem mal é negar as evidências científicas em contrário.

No outro lado da moeda, reside o vil interesse da indústria: a legião de crianças e adolescentes da geração que não fumaria cigarros comuns, mas que adere aos eletrônicos por julgá-los seguros. Para os fabricantes tanto faz qual dos dois o usuário prefere, desde que fique dependente de nicotina pelo resto da vida. É às custas da dependência química dos nossos filhos e netos que essa gente faz dinheiro.

Neste momento, a Anvisa sofre o impacto do lobby milionário da indústria tabaqueira para liberar a comercialização dos eletrônicos. O parecer do corpo técnico da agência é contrário. Sugere a implementação de campanhas educativas para conscientizar crianças e adolescentes sobre os riscos dos eletrônicos, entre outras medidas preventivas.

Seria um ato inconsequente da nossa Anvisa a liberação dos eletrônicos, sem levar em conta o incentivo para criar uma multidão de crianças e jovens fissurados por nicotina. Vamos andar para trás também nessa área?

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUA. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti



Edilson Silva, que vive o aspirante a boxeador Maycon, em cena do filme nacional "Mirador", dirigido por Bruno Costa Divulgação

‘Mirador’ mostra o que o olhar distraído não vê

Filme de Bruno Costa, sobre lavador de pratos que se aventura no boxe, joga luz sobre a periferia, muitas vezes ignorada

CINEMA

Mirador

★★★★★

Brasil, 2022. Dir. Bruno Costa. Com: Altamar Cezar, Maria Luiza da Costa e Stephanie Fernandes. 14 anos. Nos cinemas nesta quinta (5).

Inácio Araújo

O Brasil às vezes é uma coisa estranha. Todo dia algum canal esportivo de televisão por assinatura exibe o espetáculo deprimente de pobres que se arrebatam para diversão de uma plateia sádica. Não importa o nome do esporte. Não é boxe, que já é violento

o bastante. Importa que toda hora aparece nos sites, portais, anúncios de brigas, desafios, disputas de campeonato. Importa que nada sabemos sobre essas pessoas, a não ser que elas têm a cara deformada e os dentes quebrados. Que mais existe a saber?

Bem, é isso que "Mirador" mira. Quem são as pessoas com quem nós, classe média, cruzamos tão continuamente quanto ignoramos? Pode ser um pouco mais. Mesmo nosso cinema não observa, senão muito raramente, os bairros periféricos. Como se vive? Co-

mo se sobrevive? O que se come? Onde são as diversões? Etc. Os pobres habitualmente importam mais como marginais ou drogados.

A paisagem de "Mirador" lembra um momento de "O Invasor". Só que o belíssimo filme de Beto Brant a única função da paisagem era abrigar um matador profissional. Em "Mirador" ela é o lugar onde vive Maycon, misto de lavador de pratos e lutador de boxe. Maycon é também pai. Pois, ao contrário do lugar comum (pai faz o filho e se manda), aqui é a mãe quem desapare-

ce e deixa Malu, a filha de dois anos, aos cuidados do pai. Se seguem então infundáveis duplas jornadas. Talvez triplas — no restaurante, com a filha, nos treinos da academia.

Existem momentos difíceis e outros felizes. Maycon é um homem comum, um personagem neorealista sem heróismo. Fazer uma mamadeira, levar Malu ao médico ou a um parquinho faz parte de sua rotina tanto quanto a batalha para emagrecer e entrar no peso que permita a ele lutar.

Em suma, Maycon não é um personagem interessante. Se "Mirador" como

um todo, ao contrário, é deve isso à paisagem, aos caminhos, à porta do mercado, à creche, ao jogo de truco dos amigos. É a sobrevivência cotidiana, com suas humilhações, suas fraquezas. Trata de um homem pobre, enfim.

É possível lembrar o belo "Arábia", no qual é tratada a trajetória de um operário. Mas o filme de Bruno Costa elide até mesmo o aspecto romântico. "Mirador" poupa o espectador dos momentos em que a felicidade se anuncia. Apenas algumas notações — será que a mulher vai voltar? Será que a briga que ocor-

reu no restaurante terá maiores consequências? Será que por falta de documentação ele perderá a guarda da filha?

Essas pequenas notações, ligeiros suspenses, talvez ajudassem a equilibrar esse mesmo filme, com a mesma capacidade de mostrar uma vida até pode olhar, quando passa por um bairro pobre a caminho do litoral, digamos, mas não vê. "Mirador", malgrado seu despojamento, possui essa inestimável virtude do cinema — mostrar o que os nossos olhos distraídos olham, mas não chegam a ver.

guiafolha

Veja 10 festivais de música para ir em SP neste ano e se programar

Eventos, alguns deles já com início neste mês, contam com nomes como Björk, Gal Costa, Emicida e Gorillaz

Laura Lewer

SÃO PAULO O Primavera Sound, festival que nasceu em Barcelona, na Espanha, e desembarca pela primeira vez em São Paulo em 2022, soltou seu aguardado lineup na semana passada com gigantes da música como Lorde, Björk e Gal Costa, que toca seu disco "Fátal - Gal a Todo Vapor", de 1971.

Mas o evento não é o único a acontecer na capital paulista neste ano. Há também festivais que miram o rap, as brasileiras clássicas e contemporâneas e o funk, por exemplo. Para quem quer economizar, também há opções gratuitas.

Abaixo, veja dez destaques marcados para este ano e saiba como conseguir ingressos.

Cena 2k22

Três dias de música formam a edição do Cena, que estava previsto para abril e acabou sendo adiado por causa do carnaval fora de época. Agora marcado para junho, o festival promete mais de 60 apresentações do mundo do rap — até agora estão confirmados nomes gringos como Trippie Redd e brasileiros como Racionais MC's e Tasha e Tracie. Distrito Anhembi — av. Olavo Fontoura, 1.209, Santana. Instagram @cena2k22. Sex. (17/6), às 19h, e sáb. (18/6) e dom. (19/6), às 11h. A partir de R\$ 90 em cena2k22.byniti.com

Coala Festival

Com ingressos já esgotados, o festival marcado para setembro aposta em uma mistura de nomes da música nacional. Aparecem na lista Maria Bethânia, Alceu Valença e Gal Costa, mas também Marina Sena, Black Alien e BK. Memorial da América Latina — av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda. Instagram @coalaFestival. Sáb. (17/9) e dom. (18/9), às 11h. Ingressos esgotados

Cultura Inglesa Festival

O evento, que já trouxe para o Brasil atrações como Lily Allen, começou nesta quarta (4) e vai até 4 de julho. Há apresentações de nomes como Anelis Assumpção, que cantará Bob Marley, e Filipe Catão, além de filmes e debates.

Vários endereços. Programação em culturalinglesfestival.com.br

Eisenbahn Craftgarten

O evento gratuito tem parte da curadoria assinada por Liniker. Neste fim de semana tocam Luedji Luna e Silva, além de Brisa Flow e Bebê Salvego. Garagem 55 — r. Borges de Figueiredo, 1098, Mooca. Sáb. (7) e dom. (8), às 15h. Ingressos em eisenbahncraftgarten.com.br. Grátis

Apresentação de Juliette ainda tem lugares vazios; veja como comprar

SÃO PAULO É na semana que vem que o paulistanos vai engolir o preconceito com farinha, como diz a letra de "Bença", música do primeiro EP de Juliette. A ex-BBB, vencedora do reality show no ano passado, se apresenta na próxima sexta, 13, na capital — e, apesar de xô do barulho da legião de fãs da parábata, há ingressos disponíveis em todos os setores. Juliette faz show no Espaço das Américas com a turnê "Caminho". A primeira apre-

Mbora Fest

O evento faz sua primeira edição com perfil tropical e volta ao funk. As atrações confirmadas são Heavy Baile, FBC, Nego Bala e as DJs Mari Mats, Odara Kadiegi e Evehive. Carioca Club Pinheiros — r. Cardeal Arcoverde, 2.899, Pinheiros. Instagram @mborafest. Sex. (3/6), às 21h. A partir de R\$ 40 em clubedodingresso.com/evento/mborafest

Mita

O festival ocupa na semana que vem a Spark Arena, na Vila Leopoldina. Pelos dois palcos passam nomes como Gilberto Gil, Marcelo D2, Black Alien, Luedji Luna, Marina Sena e Matuê, além de Gorillaz, Two Door Cinema Club, Rüfüs du Sol e Tom Misch. Spark Arena — av. Manuel Bandeira, 500, Vila Leopoldina. Instagram @mitafestival. Sáb. (14) e dom. (15), às 11h. A partir de R\$ 395 em eventim.com.br/mitafestival

Nômade Festival

O evento — mais um com ingressos esgotados — toma o Memorial da América Latina e também aposta nas brasileiras. É Caetano Veloso quem ocupa o lugar mais alto no lineup, que também tem Iza, Duda Beat, Gilsões e outros.

Memorial da América Latina — av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda. Instagram @nomadefestival. Sáb. (14/5), às 12h. Ingressos esgotados

Primavera Sound São Paulo

Aguardada primeira edição brasileira do festival espanhol soltou seu lineup com atrações como Lorde, Arctic Monkeys e Björk, além de brasileiros como Gal Costa, Hermeto Pascoal e Badista. Distrito Anhembi — av. Olavo Fontoura, 1.209, Santana. Instagram @primaverasound.saopaulo. Seg. (31/10) a dom. (6/11). A partir de R\$ 491 em eventim.com.br/primaverasound

Somos Rock

Em maio, nomes como Pitty, Nando Reis, Paralamas do Sucesso e Ira! ocupam dois palcos e uma programação que traz ainda Dire Straits Legacy.

Arena Anhembi — av. Olavo Fontoura, 1.451, Santana. Instagram @somosrockfestival. Sáb. (28/5). A partir de R\$ 140 em eventim.com.br/somos-rock

Turá

Em julho, o gramado do Auditório Ibirapuera recebe artistas nacionais que cantam em meio às árvores do mais famoso parque paulistano. As atrações vão do samba ao rap, com Zeca Pagodinho, Emicida, Duda Beat e Mart'nália.

Parque Ibirapuera — av. Pedro Álvares Cabral, s/nº. Instagram @ifestivaltura. Sáb. (2/7) e dom. (3/7). A partir de R\$ 216 em ticketsforfun.com.br

Juliette

Evento das Américas — r. Tagipuru, 795, Barra Funda. Sex. (13), a partir de 20h. Ingressos disponíveis a partir de R\$ 140 em tickets360.com.br



Luedji Luna sobe ao palco de dois festivais Raul Spinosa/Folhapress



Emicida, atração do Turá, em julho Julia Rodrigues/Divulgação



O saxofonista Kamasi Washington, que toca em SP Divulgação

Shows internacionais na cidade retomam o ritmo e têm agenda cheia em 2022

SÃO PAULO

Se a agenda de shows nacionais e de festivais já corre em ritmo parecido com o do pré-pandemia, as datas ocupadas pelas atrações internacionais em São Paulo ainda parecem ganhar confiança — principalmente após a experiência do Lollapalooza Brasil, primeiro grande evento musical na capital paulista desde 2020.

O calendário prevê nomes que já deveriam ter tocado no Brasil há um ou dois anos, não fosse a chegada da Covid-19. Mas há também novidades. São bandas clássicas, como Guns N' Roses e A-Ha, queridinhos do pop, como os ex-membros da boy band One Direction Harry Styles e Louis Tomlinson, e artistas nostálgicos, como o The Kooks, entre outros.

Confira, abaixo, o que São Paulo reserva para quem quer matar as saudades de um show gringo em 2022. LL

Alliant Parque

Até o fim do ano, o espaço tem uma série de atrações. No dia 24 de setembro, os veteranos do Guns N' Roses desembarcam no país pela décima vez. Nos dias 15, 16, 18 e 19 de outubro, é a vez do Goldplay. Já o canadense Michael Bublé toca no dia 6 de novembro, enquanto a sensação pop Harry Styles faz show no dia 6 de dezembro. Av. Francisco Matarazzo, 1.705, Água Branca, região oeste. Instagram @alliantparque. Agenda e ingressos em alliantparque.com.br/agenda

Audió

A agenda é diversa. Em maio, tocam a banda norueguesa de black metal Emperor, no dia 20, enquanto o jazz do americano Kamasi Washington sobe ao palco no dia 25. Av. Francisco Matarazzo, 694, Água Branca, região oeste. Instagram @audiopar. Agenda e ingressos em audiopar.com.br

Audio

A agenda é diversa. Em maio, tocam a banda norueguesa de black metal Emperor, no dia 20, enquanto o jazz do americano Kamasi Washington sobe ao palco no dia 25. Av. Francisco Matarazzo, 694, Água Branca, região oeste. Instagram @audiopar. Agenda e ingressos em audiopar.com.br

Carioca Club

Rock progressivo, metal core e death metal dominam o calendário de maio no Carioca Club. No dia 15, passa por lá a banda polonesa Riverside. O grupo ucraniano Finjer se apresenta em duas datas (19 e 21), e a austríaca Belphegor, que toca dentro do festival Kool Metal Fest, no dia 29. Em junho, fazem show a clássica banda de metal alemã U.D.O. No dia 12, e a bem menos barulhenta Boyce Avenue, no dia 24. R. Cardeal Arcoverde, 2899, Pinheiros, tel. (11) 3813-8598. Instagram @cariocacub. Agenda e ingressos em cariocacub.com.br

Espaço das Américas

A casa na Barra Funda é o endereço mais recheado de shows internacionais na capital paulista. Entre os destaques, aparecem a banda britânica McFly, que toca nos dias 17 e 18 de maio. O grupo de indie rock The Kooks faz show no dia 20, o ex-One Direction Louis Tomlinson se apresenta nos dias 28 e 29, e a cantora Joss Stone, em 1º de junho. O palco também recebe Khalid (23/6), A-Ha (18 e 19/6), Rosalía (22/8), Liam Neeson (9/9), Hanson (15/10) e Liam Gallagher (15/11).

R. Tagipuru, 795, Barra Funda. Instagram @espacosdasamericas. Programação e ingressos em espacosdasamericas.com.br

Tóquio Marine Hall

No antigo Tom Brasil, que agora foi rebatizado, a agenda gringa conta com Bonnie Tyler, que se apresenta com um clássico depois do outro mais para o fim do ano, no dia 12 de novembro. Completam a agenda Symphony X (30/7), Geoff Tate (6 e 13/8) e o pianista francês Richard Clayderman (30/10). R. Bragança Paulista, 1281, Chácara Santo Antônio. Instagram @tokiomarinellhows. Programação e ingressos em tokiomarinellhows.com.br

ESTREIAS DO CINEMA

Doutor Estranho no Multiverso da Loucura

O novo longa da Marvel estreia pelas mãos de um pioneiro no gênero — Sam Raimi, responsável pelos "Homem-Aranha" com Tobey Maguire. Agora, ele retorna ao posto num trama que mostra os perigos do multiverso, os diferentes mundos que coexistem, enquanto uma força maligna persegue a heroína nova-ate Americana Chavez. EUA, 2022. Direção: Sam Raimi. Elenco: Benedict Cumberbatch, Elizabeth Olsen e Kochiri Gomez. 14 anos

Francia, 2021. Direção: Catherine Corsini. Com: Marina Fois, Valeria Bruni Tedeschi e Pio Marmai. 12 anos

A Fratura

Neste drama com pitadas de comédia, a esfera pessoal e política da França se encontram. Numa briga entre duas namoradas, uma delas acaba quebrando o cotovelo e, no hospital, vai conversar com um manifestante dos coletos amarelos, enquanto a tensão aumenta nas ruas. Essa conversa, repleta de divergências, vai ocupar uma outra fratura, mais escondida, e que afeta todos aqueles personagens.

Francia, 2021. Direção: Catherine Corsini. Com: Marina Fois, Valeria Bruni Tedeschi e Pio Marmai. 12 anos

Klondike: A Guerra na Ucrânia

Um casal habita uma pequena casa numa fazenda e espera um filho. O cenário seria idílico, se não fosse a ameaça constante de bombas e de uma guerra de fundo imperialista envolvendo a Rússia e a Ucrânia. Este filme premiado em Sundance não fala do atual conflito, iniciado em março, mas encara seus primórdios, dando destaque para o ponto de vista de uma mulher.

Ucrânia, 2022. Dir.: Marina Er Gorbach. Com: Olena Cherashyna, Serguei Shadrin e Oleg Shcherbina. 16 anos

Mirador

Olonga nacional do estreante Bruno Costa, que teve boa recepção no Festival de Tiradenes, acompanha Maycon, boateador, pulsoiteiro e trabalhador que pula de bico em bico para dar algum sustento para a sua família. Com destaque para detalhes do cotidiano e pequenos suspense, o filme acaba escondendo muito do romantismo para exibir a vida tal qual ela é de verdade.

Brasil, 2022. Direção: Bruno Costa. Com: Edilson Silva, Maria Luiza da Costa, Stephanie Fernandes. 16 anos

turismo

Em Punta Cana, optar por sossego ou agito é o maior 'problema' que se tem

Destino na República Dominicana prevê receber 7 milhões de turistas neste ano de retomada



Vista geral do Caribe com o Grand Palladium Punta Cana, que funciona no sistema all inclusive e atende os hóspedes até na areia da praia *Divulgação*

Marcelo Toledo

PUNTA CANA. Praias paradisíacas, normalmente com águas calmas e milhares de coqueiros na fina areia, acompanhadas por bebidas e comidas (todas, de todos os tipos) e com concierge cuidando de tudo. Assim é a rotina de turistas que se hospedam em resorts de Punta Cana, na República Dominicana, destino que permite ao hóspede não deixar o resort para nada — para nada mesmo, já que até cassino e cabaré ele encontra no local. Não quer sossego e está cansado de ver garçons e mais garçons o tempo todo? Tudo bem também. Vá até a Isla Saona pelo mar do Caribe, ou se aventure em passeios mais radicais na própria praia de Bávaro, que concentra os gigantescos empreendimentos hoteleiros da badalada cidade.

Fato é que, independentemente da opção, a maior dificuldade que o visitante de Punta Cana terá ao se hospedar em seus resorts de luxo é escolher o que vai querer co-

mer ou beber, do café da manhã à hora de dormir. E, ainda assim, para resolver a questão basta acessar o app do resort e definir, caso opte por um a la carte.

Talvez escolher a piscina preferida ou qual espregueadeira ao redor dela ou na areia será utilizada também figure na lista de "dificuldades". Resorts como o Grand Palladium Punta Cana Resort & Spa, que funciona no sistema all inclusive, atendem os hóspedes até mesmo na areia. O frigobar é sempre reabastecido e algum restaurante sempre estará aberto.

Quando este jornalista disse ao funcionário do hotel à porta do quarto que gostaria apenas de um refrigerante e uma água para reabastecer o frigobar, ele se espantou e respondeu: "Só?". "Tem certeza, só isso mesmo?", insistiu.

Punta Cana concentra mais da metade dos hotéis da República Dominicana, país com cerca de 10 milhões de habitantes na América Central, e se vende mesmo como um

destino all inclusive, até porque o entorno dos resorts tem poucas opções em relação ao que se vê nos hotéis.

Fica numa ilha dividida com o pobre Haiti e, em fevereiro, começou a construir um muro que pretende cobrir quase a metade dos 392 quilômetros de fronteira com o país vizinho. A alegação é coibir a imigração ilegal.

O país espera receber 7 milhões de turistas estrangeiros

neste ano, o que representa alta de 9% em relação a 2019, último ano sem os impactos da pandemia no turismo mundial.

Naquele ano, 107 mil brasileiros estiveram no país, principalmente de janeiro a março e de novembro a dezembro, segundo o Escritório de Turismo da República Dominicana no Brasil. Vinte anos atrás, eram 4.000 turistas brasileiros.

As datas com maior fluxo turístico não são aleatórias e seguem o calendário dos furacões, que podem atingir a região normalmente de junho a outubro.

A hospedagem média dos brasileiros é de seis a sete dias no país, mais que os quatro ou cinco de turistas norte-americanos. A distância explica. A pandemia fez o número de brasileiros despencar para 41 mil em 2021, mas os grandes hotéis, como o Grand Palladium Punta Cana Resort & Spa já voltou aos níveis da pré-pandemia em termos de perfil de hóspedes, com predominância de turistas dos EUA, Canadá e europeus, seguidos pelos sul-americanos — além de brasileiros, argentinos e uruguaios.

Nele, o hóspede pode se arriscar num cassino ou curtir a noite no Chic, cabaré com menu de gastronomia e shows musicais com mais de duas horas de duração. São das poucas opções pagas à parte (de US\$ 35 a US\$ 135, dependendo do resort em que está) e o

cliente pode degustar pratos com vieiras, pato e short rib.

Punta Cana, porém, é mais do que os badalados resorts. Os atrativos fora dos hotéis têm o cenário natural como destaque, mas invariavelmente não são passeios baratos devido ao câmbio atual.

Um exemplo é a Isla Saona, que abriga apenas 300 moradores, e onde se chega após quase duas horas num catamarã que leva os turistas ao local pelo mar do Caribe, no embalo de músicas latinas e muito rum.

O passeio, de US\$ 100, inclui as bebidas e o almoço na ilha. Ao contrário dos resorts, a alimentação em Saona é muito simples, sem sofisticação alguma, servida com talheres e plásticos descartáveis.

Isso não impede curtir o principal roteiro oferecido no destino, que dura o dia todo e só pelo azul das águas já estaria pago. A volta marítima, com os turistas já cansados (bem cansados), é feita em lanchas, com uma parada em piscinas naturais caribenhas.

Outra opção é o parasailing, em que o turista, com uma espécie de paraquedas, é rebocado por uma lancha no oceano e chega a ficar a 80 metros da água. O custo pode variar de US\$ 60 a US\$ 100 (duas pessoas), para um passeio de cerca de 15 minutos.

O Coco Bongo, open bar no centro da cidade, oferece diversão noturna por cerca de cinco horas, com cerca de 50 artistas, como músicos e acrobatas, se revezando no palco.

Apesar de não ser necessário gastar dinheiro durante a estada, é recomendável levar pesos dominicanos, já que dificilmente o turista receberá troco em dólares. Nos passeios, o cuidado com o preço de souvenirs também é importante.

E, depois de um dia de descanso na praia ou de aventuras no mar, você ainda pode dar sorte de ver um casamento na areia, com o Grand Palladium, que tem quatro resorts numa mesma areia — um deles, o TRS Turquesa, exclusivo para casamentos, já que o local possui 15 restaurantes, 25 bares e tem banheiras de hidromassagem em todas as 1.993 suítes. Cada um dos restaurantes tem seu chef e outros dois assinam a coordenação geral do local, segundo Antonio Parrado, diretor geral dos hotéis.

O custo da hospedagem nos resorts varia conforme a categoria e o período do ano. Sete dias no Grand Palladium Bávaro, um dos que integram o complexo, pode custar R\$ 8,500 para dois adultos. É possível comprar passagens aéreas pela Copa Airlines por US\$ 600 por pessoa.

O jornalista viajou a convite do Grand Palladium Punta Cana Resort & Spa e TRS Turquesa Hotel



O Círculo Vicioso de Nova York

Não consegui entrar no clima da turma de Dorothy Parker nos loucos anos 20

Josimar Melo

Crítico de gastronomia, autor do "Guia Josimar", sobre restaurantes, bares e serviços em São Paulo.

Há poucas semanas, em Nova York, resolvi passar dois dias num hotel próximo à Times Square e que havia muito queria conhecer melhor — o The Algonquin, fundado em 1902. Não pelo hotel em si, mas pelo que ele representou para o jornalismo e a literatura dos Estados Unidos.

Em seu restaurante durante onze anos — de 1919 a 1930 — almoçava o grupo de intelectuais apelidado de Círculo Vicioso, ou também, Round Table (a tábua, ou mesa, redonda). Seu verdadeiro motor era a desbocada escritora Dorothy

Parker (1893-1967).

Lembrei da gostosa experiência (que já relatei aqui) que tive em Cartagena, na Colômbia, quando, hospedado no Sofitel Santa Clara, li "Do Amor e Outros Demônios", de García Márquez — cuja história ficcional se passa, séculos antes, no antigo e sombrio Convento de Santa Clara, onde hoje, lindamente restaurado, está o hotel.

Hospedei-me então no Algonquin, para ler in loco Dorothy Parker e seus companheiros. Mas o hotel me decepcionou. O restaurante Pergola havia virado um clube de jazz, o

Oak Room, que também não existe mais, nem o Blue Bar que o sucedeu. No espaço, sem mobiliário algum, agora há quadros no que hoje é uma patética galeria de arte do hotel.

O lobby ficou triste. Nas imagens antigas, tem colunas e sancas acobreadas e móveis coloridos dando vibração ao local. Agora, reformado durante a pandemia, colunas e teto são de um branco hospitalar. Ainda assim sentei-me ali para ler, tentando captar algo da atmosfera que alimentou aquelas mentes inquietas dos chamados loucos anos 20.

Mas como seria possível se nem o bar (cujo balcão foi transferido para o lobby) está funcionando? Como entrar no clima da Round Table, cenário de memoráveis libações (em plena Lei Seca), sem um copo na mão? Só para lembrar, é de Dorothy Parker a poética citação: "I like to have a martini / Two at the very most. / After three I'm under the table, / after four I'm under my host". (Gosto de um martini, no máximo dois; no terceiro estou debaixo da mesa, no quarto, debaixo do anfitrião.)

O grupo nasceu quando três

jornalistas da revista Vanity Fair, então vizinha do hotel, começaram a almoçar sempre ali: Parker, crítica de teatro, Robert Sherwood, de cinema, e o editor Robert Benchley. Logo outros foram se acendendo (inclusive Harold Ross, que fundaria a The New Yorker, e o comediante Harpo Marx, entre vários escritores e artistas).

Era um grupo de língua feroz e autorreferente, juntando perspicácia e sarcasmo, adepto a jogos internos e não raro irresponsáveis. Seu espírito transbordava para fora do círculo em seus escritos, chegando a influenciar novos escritores, como F. Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, na efervescente era do jazz da pós-guerra.

Para o público Dorothy Parker parecia uma alegre festeira — sempre bebendo, expelindo tiradas espirituosas, escrevendo livros e roteiros premiados. Mas era uma pessoa sofri-

da, vítima de depressão e tentativas de suicídio, excesso de álcool e amores perdidos, fora a perseguição política — era alvo do macarthismo por suas posições progressistas (além, ao morrer ela deixou seus bens para a entidade antirracista de Martin Luther King).

Não obstante, seus percalços pessoais nunca tiraram o brilho de seus trabalhos, e foram até neles incorporados. No Brasil saiu pela Companhia das Letras o livro de contos "Big Loira e Outras Histórias de Nova York", fora de catálogo. Uma pena, pois a Round Table acabou, o Algonquin fechou, mas a obra de Parker continua viva e vibrante.

Epílogo: das dezenas de grandes frases da autora, para mostrar sua mordacidade deixo esta: "Tell him I'm fucking busy. Or vice-versa." (Algo como: diga-lhe que estou foddidamente ocupada. Ou vice-versa.)

APOIO

**N NELSON
WILIANS
W GROUP**



De cima para baixo, as lombadas de "Quarto de Despejo" (líder em indicações), "Grande Sertão: Veredas" e "A Queda do Céu" (ambos em 2º), "Raízes do Brasil" (4º), "Casa-grande & Senzala" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (ambos em 5º), "Um Defeito de Cor" e "Macunaíma" (ambos em 7º) Gabriel Cabral/Folhapress

vulgação neste dia 5 de maio, quando se celebra o idioma.

A ideia de preparar um projeto com esse mote foi do empresário português José Manuel Diogo, fundador da Associação Portugal Brasil 200 anos. Em dezembro de 2019, ele iniciou os contatos para uma parceria com o Projeto República e, meses mais tarde, convidou a Folha para participar da iniciativa.

Há pouco mais de um ano, a comissão formada pelos três parceiros começou a discutir nomes — todos ligados a atividades intelectuais — para compor um conselho curador, cujas opiniões seriam a base desta lista. Decidiu-se, então, formar um painel diverso em raça e gênero, que contemplaria as cinco regiões brasileiras, além dos três países já citados.

Ao longo de 2021, 169 conselheiros enviaram suas indicações, que, enfim, dão origem ao resultado final.

"200 anos, 200 livros é uma fotografia, um daguerreótipo, um retrato em lombadas, que 'explica' um Brasil diverso, global, moderno, que tem uma consciência exata do seu passado, do lugar que hoje tem no mundo e dos seus desafios futuros", afirma Diogo.

O projeto é ainda, segundo o empresário, "uma verdadeira ação de celebração do bicentário da independência do Brasil, construída por meio da arte e da cultura, tendo expressão física e virtual".

Ao longo do seu desenvolvimento, a iniciativa ganhou o apoio da embaixada de Portugal no Brasil, do instituto Camões e da Universidade de Coimbra.

"Com quantos livros se conta uma história? E com quantas histórias se faz um país? São livros que dão voz a ideias, valores, sentimentos acerca da condição de ser brasileiro. As nações são imaginação, dizia Benedict Anderson, e se distinguem pelo estilo com que são imaginadas. Só que não é fácil imaginar: vai ser preciso construir uma imaginação que não repudie sua própria historicidade; vai ser preciso aproximar-se do Brasil, recolher os traços do país e de sua população para nele atuar", comenta a historiadora Heloisa Starling, coordenadora do Projeto República e professora da UFMG.

"Os livros representam o propósito de expor desenhos e projetos de Brasil ao mesmo tempo em que aguçam nossa imaginação sobre o brasileiro que um dia fomos ou poderíamos ser; ou sobre o brasileiro que ainda queremos ser".

O também historiador Danilo Araújo Marques, pesquisador do Projeto República, teve participação efetiva nos 200 anos, 200 livros.

"O projeto tem a relevância de reunir múltiplos olhares sobre o Brasil em um painel contemporâneo e, em muitos casos, surpreendente. Montar retratos do pensamento como esse estão entre as missões do jornalismo profissional", afirma Sérgio Dávila, diretor de Redação da Folha.

"Além disso, a iniciativa é uma demonstração de que parcerias de veículos da imprensa, como a Folha, com universidades e empresas podem ser bem-sucedidas", diz.

Como representantes do jornal, participaram da comissão Leticia Carvalho, gerente geral de marketing, Ana Paula Duarte, analista de projetos, e Naief Haddad, repórter especial.

Veja a partir da pág. 2 os critérios para a formação da lista e a relação dos 200 livros

Conheça 200 importantes livros para entender o Brasil

"Quarto de Despejo" (1960), de Carolina Maria de Jesus, é a obra mais indicada no projeto 200 anos, 200 livros, que reúne sugestões de 169 intelectuais, entre historiadores, sociólogos, antropólogos e romancistas

SÃO PAULO Quais são os 200 livros mais relevantes para entender o Brasil? Para buscar uma resposta a essa pergunta, motivada pelo bicentário da independência, surgiu o projeto 200 anos, 200 livros. Depois de um trabalho longo e minucioso, amparado em uma série de critérios, a As-

sociação Portugal Brasil 200 anos, a Folha e o Projeto República (núcleo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG) concluíram uma lista de 200 obras, divulgada nesta edição.

A relação se baseia em sugestões enviadas por historiadores, sociólogos, antropó-

logos, romancistas, economistas, juristas, entre outros profissionais — a grande maioria do Brasil, mas também alguns representantes de Portugal, Angola e Moçambique.

"Quarto de Despejo" (1960), de Carolina de Jesus, encabeça a lista, com o maior número de indicações. Depois, "Gran-

de Sertão: Veredas" (1956), de Guimarães Rosa, e "A Queda do Céu" (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert, ambos em segundo lugar.

O quarto livro mais recomendado é "Raízes do Brasil" (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Em quinto, duas obras, também empa-

tadas: "Casa-Grande & Senzala" (1933), de Gilberto Freyre, e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (1881), de Machado de Assis.

Além de suscitar reflexões de cunho histórico e sociológico, entre outras, a iniciativa é ainda uma homenagem à língua portuguesa, por isso a di-

Saiba como foram definidos os 200 livros

Comissão formada por Folha, Projeto República (UFMG) e Associação Portugal Brasil 200 anos recebeu indicações de 169 intelectuais, que compuseram o conselho curador do projeto

Entenda os verbetes

Colocação nº indicações

TÍTULO DO LIVRO

Nome do autor ou da autora
Ano de publicação no Brasil, editora que tem o livro no seu catálogo atualmente (em cerca de 10% dos 200 livros, as obras não estão no catálogo de nenhuma editora hoje em dia; aparecerá, então, a indicação "fora de catálogo"), número de páginas (esse item não aparecerá quando o livro está no catálogo de várias editoras e há, portanto, variação no número de páginas); categoria (ficção ou não-ficção), gênero (no caso de ficção, romance, poesia e novela; no caso de não-ficção, história, sociologia, antropologia, jornalismo, entre outros).
Breve apresentação do livro
Quem indicou
Nomes dos integrantes do conselho curador do projeto 200 anos, 200 livros que sugeriram essa obra como uma das mais relevantes para entender o Brasil.

SÃO PAULO Acompanhe o passo a passo do projeto 200 anos, 200 livros para chegar à lista final de obras para entender o Brasil.

1 Há pouco mais de um ano, uma comissão formada por profissionais da Folha, Projeto República (núcleo de pesquisas da UFMG) e Associação Portugal Brasil 200 Anos iniciou discussões para escolher um extenso grupo, que formaria o conselho curador do projeto;

2 O objetivo era convidar figuras de renome em diferentes áreas profissionais, desde que exercessem algum tipo de atividade intelectual. Também foi contemplada uma variedade de raças e gêneros. Do ponto de vista geográfico, a comissão priorizou brasileiros, considerando as cinco regiões do país, mas também foram chamados conselheiros de Portugal, Moçambique e Angola;

3 Pessoas com cargos políticos não foram convidadas, com exceção de Randolfe Rodrigues, presidente da Comissão do Bicentário da Independência do Brasil da Senado Federal;

4 Definidos os curadores, a comissão pediu que indicassem ao menos três livros importantes para

compreender o Brasil e uma justificativa para cada obra — uma pequena parte dos conselheiros sugeriu quatro ou mais livros;

5 Ao longo de 2021, a comissão recebeu sugestões de 169 curadores;

6 Apenas livros — de ficção ou não-ficção — foram contabilizados para a lista final. Letras de música não foram levadas em conta, a não ser que estivessem publicadas em livro, caso de "Sobrevivendo no Inferno"; dos Racionais;

7 Também foi desconsiderada a indicação quando o conselheiro recomendou um livro da sua própria autoria ou que tenha sido organizado por ele;

8 Foram excluídos ainda livros que não tenham sido publicados em língua portuguesa;

9 Ao fim dessa primeira e mais longa etapa do projeto, no término de 2021, a comissão havia recebido dos curadores sugestões de 366 obras;

10 Todos os livros que receberam pelo menos duas indicações entraram na lista final. Mesmo com a inclusão dessas obras, faltavam dezenas de sugestões para alcançar a meta de 200 livros;

11 Para a tarefa de avaliar apenas os livros que receberam uma única recomendação, a comissão escolheu quatro nomes em fevereiro deste ano. Wander Melo Miranda, professor emérito da Faculdade de Letras da UFMG, e o crítico literário e apresentador do programa "Arte & ComTexto", Manuel da Costa Pinto, analisaram as obras de ficção; Heloisa Starling, coordenadora do Projeto República e professora do departamento de história da UFMG, e Naief Haddad, repórter especial da Folha, avaliaram os livros de não-ficção;

12 Essas quatro pessoas — que, vale reforçar, avaliaram apenas os livros com uma indicação — se guiaram por critérios como: obras que tenham estabelecido um padrão de reflexão sobre o país; livros que buscassem um relato do passado brasileiro e que, de alguma forma, dialoguem com o presente; obras que se tornaram referência na imaginação cultural do país;

13 No último mês de abril, a comissão chegou, enfim, à lista final dos 200 livros para entender o Brasil, divulgada nesta edição;

14 No caso dos livros com o mesmo número de indicações, a sequência obedeceu à ordem alfabética.

Quem indicou

Adriana Calcanhoto
Cantora e compositora
Adriel Oliveira Crador do perfil Livros do Dri nas redes sociais
Alfonso Borges Jornalista e escritor, é curador do portal Mondovivo e colunista do jornal O Globo
Alfonso Reis Cabral Escritor português, é autor do romance "O Meu irmão"; vencedor do Prêmio Leya em 2014
Alê Santos Escritor e roteirista, foi finalista do prêmio Jabuti em 2020 com "Razões de Resistência"
Alejandro Chacoff Escritor, ensaísta e editor de literatura da psai
Alessandra Devulsky Advogada, é autora de "Colonismo" e professora de programação de mestrado em direito da Universidade de Québec
Aline Pachamama Historiadora e escritora, é autora de "Guerreras e Mulheres indígenas na Cidade; Mulheres Indígenas na Aldeia"
Amâncio Jorge de Oliveira Professor do Instituto de Relações Internacionais da USP e vice-diretor do Museu do Itapiranga
Ana Cecília Impellizzeri Editora da Bazar do Tempo
Ana Cristina Rosa Jornalista e colunista da Folha
Ana Flávia Magalhães Pinto Historiadora e professora do departamento de história da Universidade de Brasília (UnB)
Ana Luísa Escorial Designer, editora e escritora, autora da coletânea de crônicas "De Tudo um Pouco"
Anabela Mota Ribeiro Jornalista e autora portuguesa, foi programadora da Feira do Livro de Porto em 2007, 2011 e 2020
André Botelho Professor da UFMG, é presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs)
Angela Alonso Professora de sociologia da USP e colunista da Folha
Angela de Castro Gomes Professora titular aposentada da UFF (Universidade Federal Fluminense) e editora da revista Estudos Históricos
Antônio Risério Antropólogo e ensaísta, autor de "A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros"
Armínio Fraaga Economista e ex-presidente do Banco Central
Arnaldo Saraiva Ensaísta e poeta português, é professor de literatura brasileira da Universidade do Porto

Barbara Bulhões Editora portuguesa, fundadora da Tinta da China
Beatriz Milhazes Artista plástica
Bernardo Carvalho Autor de romances, como "O Último Gosto do Mundo"; é colunista da Folha
Bianca Santana Jornalista e doutora em ciência da informação pela USP e autora do livro "Quando me Descobri Negra"
Boris Fausto Historiador, é professor aposentado do departamento de ciência política da USP e autor de livros como "A Revolução de 1930"

Candido Bracher
Membro do conselho de administração do Itau Unibanco e colunista da Folha
Carlos Eduardo Lins e Silva Jornalista e professor de pós-graduação no Insper
Carmen Lúcia Antunes Rocha Ministra do STF
Célia Tupinambá Liderança indígena tupinambá, é cineasta e artista visual
Cida Bento Doutora em psicologia, é autora de "O Pacto da Branquitude" e colunista da Folha
Cidinha da Silva Escritora e fundadora do Instituto Vozes, é autora de "Um Eu em Nova York"
Conceição Evaristo Romancista, contista e poeta, é autora de livros como "Prona Vênicio" e "Olhos d'Água"
Cristovão Tezza Romancista e contista, é autor de "O Filho Eterno" e "A Máquina de Carnham"

Daniel Mundurukú
Escritor e professor, é autor de "Vozes Amazônicas: Descontos Indígenas"; entre dezenas de outros livros
Daniilo Santos de Miranda Sociólogo e diretor do Sesc São Paulo
Deifonso Netto Ex-ministro da Fazenda e professor emérito da Faculdade de Economia e Administração da USP
Denise Mota Jornalista, blogueira da Folha e autora do livro "Vozes Indígenas: Circulação Cinematográfica no Mercúrio"
Djamil Ribeiro Mestre em História da cultura, coordenador da coleção de livros Feminismos Plurais e colunista da Folha
Djueno Tilkuna Cantora, foi a primeira jornalista indígena formada no Estado do Amazonas
Dodô Azevedo Jornalista, escritor e blogueiro da Folha

1º lugar 29 indicações

QUARTO DE DESPEJO

Carolina Maria de Jesus
1960, 104, 264 págs., não-ficção, diário
Retrata o dia a dia de uma mulher negra, catadora de papel, que vive com seus filhos em uma favela paulistana nos anos 1950.

Quem indicou
Ana Cecília Impellizzeri, Ana Cristina Rosa, Cidinha da Silva, Denise Mota, Eliana Alves Cruz, Erica Pechan, Flávio Reis, Flávio Moura, Isabel Diegues, Itamar Vieira Junior, Jefferson Tenório, João Silvério Trevisan, José Vicente, Leda Maria Martins, Lia Vanier Schuchman, Lila Schwartz, Luciana Brito, Marcia Lima, Márcio Medeiros, Michael França, Mirian Cristina dos Santos, Orlando Marques da Costa, Paulo Roberto Prates, Silvio Almeida, Thyago Nogueira, Tiago Rogério, Wlamyra Albuquerque



A escritora mineira Carolina Maria de Jesus, autora de livros como "Quarto de Despejo", "Casa de Alvenaria" e "Diário de Bitita" Leia mais na pág. 12

2º lugar 20 indicações

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Guimarães Rosa
1956, Companhia das Letras, 560 págs., ficção, romance
No romance narrado em primeira pessoa pelo ex-jagunço Riobaldo, o autor mineiro apresenta uma epopeia sobre a complexidade humana e parte de expressões de origem regional para recrutar a linguagem

Quem indicou
Ana Luísa Escorial, Antonio Risério, Arnaldo Saraiva, Danilo Santos de Miranda, Eduardo Jardim, Fernanda Torres, Heloisa Starling, Lila Vanier Schuchman, Lila Schwartz, Luiz Elly Terena, Manuela Carneiro da Cunha, Marlene Felinto, Mauro Nuenes, Milton Hatoum, Natália Viana, Noemi Jaffe, Oscar Pilgallio, Rubens Valente, Wander Melo Miranda

A QUEDA DO CÉU

Davi Kopenawa, Bruce Albert
2015, Companhia das Letras, 768 págs., não-ficção, autobiografia, etnografia
Fruído de 30 anos de convivência do xamã Davi Kopenawa com o etnólogo Bruce Albert, o livro é um testemunho do porta-voz dos Yanomami e um manifesto contra as ações que oprimem os povos da floresta

Quem indicou
Aline Pachamama, Célia Tupinambá, Djuena Tilkuna, Eric Novello, Fernanda Damant, Graça Graúna, Itamar Vieira Junior, Joel Zito Araújo, José Celso Martinez Corrêa, Lia Vanier Schuchman, Lila Schwartz, Luiz Elly Terena, Manuela Carneiro da Cunha, Marcos Kambeba, Mauricio Terena, Milton Hatoum, Moara Tupinambá, Ricardo Tepperman, Sidulhi, Thyago Nogueira

4º lugar 17 indicações

RAÍZES DO BRASIL

Sérgio Buarque de Holanda
1936, Companhia das Letras, 256 págs., não-ficção, história, sociologia
Escrito como um longo ensaio, demonstra, entre outros aspectos, o peso da herança colonial no Brasil e como isso dificultou a consolidação de um ambiente democrático no país

Quem indicou
Adriana Calcanhoto, Alejandro Chacoff, Amâncio Jorge de Oliveira, André Botelho, Danilo Santos de Miranda, Eliane Potiguara, Flavia Reis, Lila Schwartz, Lúcia Guimarães, Luiz Davidovich, Sérgio Pilgallio, Petronio Domingues, Rosiane Rodrigues de Almeida, Sérgio Abranches, Sérgio Augusto, Uliatran Brasil, Zuenir Ventura

5º lugar 16 indicações

CASA-GRANDE & SENZALA

Gilberto Freyre
1933, Global, 728 págs., não-ficção, sociologia
Lançado em 1933, o livro causou grande impacto ao colocar como central a questão da mistura de raças e de culturas para investigar a composição do povo brasileiro
Quem indicou
Adriana Calcanhoto, Alessandra Devulsky, Amâncio de Oliveira, Angela Alonso, Antonio Risério, Danilo Santos de Miranda, João Silvério Trevisan, Lúcia Guimarães, Luiz Davidovich, Luiza Trajano, Petronio Domingues, Ronaldo Fraga, Rosa Weber, Silvio Almeida, Uliatran Brasil, Zuenir Ventura

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Machado de Assis
1881, Várias editoras, ficção, romance
Narrado em primeira pessoa por um defunto autor, apresenta um retrato irônico da elite carioca do Segundo Reinado
Quem indicou
Alfonso Reis Cabral, Alejandro Chacoff, Ana Luísa Escorial, Angela Alonso, Barbara Bulhões, Cristovão Tezza, Danilo Santos de Miranda, Fernanda Torres, Flávio Moura, Jefferson Tenório, Luiz Davidovich, Noemi Jaffe, Oscar Pilgallio, Ruy Castro, Sérgio Rodrigues, Silvano Santiago

7º lugar 15 indicações

UM DEFEITO DE COR

Ana Maria Gonçalves
2006, Record, 352 págs., ficção, romance
Acompanha a travessia de Kehinde, uma mulher negra idosa, pela África e pelo Brasil. Em busca do filho perdido há décadas, ela narra a história de sua vida, marcada por escravidão e violência.
Quem indicou
Ana Cristina Rosa, Bianca Santana, Erica Pechan, GGG, Isabel Diegues, Isabel Lúcia, Leda Maria Martins, Luiz Fernando Carvalho, Marcia Lima, Maria Mazzarello Rodrigues, Natália Viana, Noemi Jaffe, Tiago Rogério, Zélia Duncan, Zéze Motta

“Talvez o maior momento da prosa brasileira, essas ‘memórias’ de um morto sintetizam pela refinada percepção ficcional do seu tempo toda a gama de ocultações, ambiguidades e contradições que faz o Brasil ser o que é, refletido na vida cotidiana da cultura dominante”
Cristóvão Tezza, romancista, sobre “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis nesta página

Celebrar a literatura brasileira é enaltecer, também, a nossa literatura infantil. O Itaú Social disponibiliza oportunidades para que toda criança tenha acesso a leitura de qualidade.



Leia com uma criança



Escaneie o QR Code e acesse os conteúdos

Estante digital

Uma série de livros infantis gratuitos que cabem na bolsa, no bolso e até na palma da mão: fica dentro do celular. Assim, dá para ler para uma criança em qualquer momento e em qualquer lugar.

Livros acessíveis

Livros audiovisuais com múltiplos recursos de acessibilidade, como textos e ilustrações originais da publicação, narração em áudio, interpretação em Libras, descrição e animação das imagens.

Podcast

Conheça o podcast do *Leia com uma criança*, que reúne histórias, livros, conversas, leituras conjuntas e trocas de experiência voltadas para crianças, famílias, mediadores de leitura e educadores.



independência, 200 200 anos, 200 livros

MACUNAÍMA

Mário de Andrade
1928, Várias editoras, Ficção, Romance
A rapsódia experimental conta a história de Macunaíma, "o herói sem nenhum caráter", cuja saga é marcada pela busca do muiiraquitã, talismã dado por sua companhia e posteriormente perdido.

Quem indicou
Ana Luisa Escorrel, Bernardo Carvalho, Candide Bracher, Danilo Santos de Miranda, Eduardo Jardim, Fernanda Torres, Heloisa Buarque de Holanda, João Silvério Trevisan, Laerte, Maria Hermínia Tavares, Milton Hatoum, Noemi Jaffe, Petronio Domingues, Rosiane Rodrigues de Almeida, Sérgio Augusto

VIDAS SECAS

Graciliano Ramos
1938, Record, 126 págs., Ficção, romance
Conta a história de Fabiano, Sinha Vitória, seus dois filhos e a cachorrinha Baleia. São retirantes que, em meio a um sertão miserável, buscam constantemente melhores condições de vida

Quem indicou
Arminio Fraga, Cristóvão Tezza, Danilo Santos de Miranda, Denise Motá, Glória Kall, João Silvério Trevisan, Leda Maria Martins, Luiz Davidovich, Lucas Tragano, Mariana Carneiro da Cunha, Marcelo Barreto, Marilene Felinto, Michael França, Coelho Santiago, Wander Mello Miranda

10º lugar 14 indicações

BRASIL: UMA BIOGRAFIA
Líli Schwarz, Heloisa Starling
2015, Companhia das Letras, não-ficção, história

Uma relação cronológica, pesquisas e interpretações para contar mais de 500 anos de história, com um farto material visual

Quem indicou
Angela de Castro Gomes, Glória Kall, Itamar Vieira Junior, Janio de Freitas, Lívia Baidó, Lucas Guimarães, Luis Roberto Carvalho, Maria Alice Setubal, Maria Lima, Milton Hatoum, Petronio Domingues, Randolf Rodrigues, Ronaldo Fraga, Uiratran Brasil

11º lugar 12 indicações

OS SERTÕES

Euclides da Cunha
1902, Várias editoras, Não-ficção, História, jornalismo
Apresenta os registros de Euclides, jornalista e engenheiro, em sua viagem ao interior da Bahia para documentar a Guerra de Canudos. Divide-se em três partes: a terra, o homem e a luta

Quem indicou
Antonio Risério, Eduardo Jardim, Evandro Teixeira, Fernanda Diamant, Fernanda Torres, Janio de Freitas, José Celso Martinez Correia, José Eduardo Agualusa, Luis Antonio Simas, Natalia Pasternak, Silvio Almeida, Walnice Nogueira Galvão

12º lugar 10 indicações

O POVO BRASILEIRO

Darcy Ribeiro
1995, Global, 368 págs., Não-ficção, Antropologia, Sociologia
Por que o Brasil ainda não deu certo? Para tentar responder a essa pergunta, o autor recorre à antropologia em livro que investiga a formação étnica e cultural do povo brasileiro

Quem indicou
Adriana Calcinhotto, Adrieli Oliveira, Beatriz Milhazes, Daniel Mundurucu, Luiz Davidovich, Luiz Fernando Carvalho, Randolf Rodrigues, Reginaldo Prandi, Ronaldo Fraga, Uiratran Brasil

13º lugar 9 indicações

OS DONOS DO PODER

Raymond Faoro
1998, Companhia das Letras, 832 págs., Não-ficção, Ciência Política
Sugere um mergulho no passado brasileiro para discutir o patrimonialismo, refletindo sobre os limites entre público e privado

Quem indicou
Eválio Cabral de Mello, Janio de Freitas, José Murilo de Carvalho, Luis Roberto Barreto, Marcelo Coelho, Milton Hatoum, Oscar Vilhena Vieira, Otávio Marques da Costa, Randolf Rodrigues



'QUEDA DO CÉU' E 'GRANDE SERTÃO' EM 2º LUGAR
O livro de Davi Kopenawa (foto) e Bruce Albert recebeu 20 indicações, assim como o romance de Guimarães Rosa; veja sobre eles na pág. 2

Adriana Diamant/ISA

O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO

Abdias Nascimento
1978, Perspectiva, 232 págs., Não-ficção, Sociologia
A fim de desmontar o mito da democracia racial brasileira, o escritor e ativista denuncia o racismo insidioso que violenta as pessoas negras no país. O texto foi apresentado em 1977, durante o 2º Festival de Artes e Culturas Negras que ocorria em Lagos, na Nigéria

Quem indicou
Djamil Ribeiro, Flávia Rios, Flávio Gomes, Jaime Lauriano, Jurema Werneck, Kalaf Epalanga, Milton Hatoum, Tiago Rogers, Zezé Motta

15º lugar 8 indicações

VIVA O POVO BRASILEIRO

João Ubaldo Ribeiro
1984, Companhia das Letras (selo Allaguar), 672 págs., Ficção, Romance
O romance atravessa séculos de história do Brasil e apresenta uma possibilidade de constituição da identidade nacional, articulando diversos personagens em núcleos narrativos que têm como pano de fundo episódios como Canudos e a Guerra do Paraguai

Quem indicou
Barbara Bulhões, Isabel Diegues, José Eduardo Agualusa, Paulo Roberto Pires, Rodrigo Lacerda, Sérgio Augusto, Sérgio Rodrigues, Uiratran Brasil

16º lugar 7 indicações

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Alton Krenak
2019, Companhia das Letras, 104 págs., Não-ficção, Ensaio
Propõe uma parábola para os dias de hoje, articulando reflexões sobre a diversidade e a resistência a fim de frear a caminhada humana rumo ao Antropoceno, o desastre socioambiental de nossa era.

Quem indicou
Aline Pachamama, Lídia Tupinambá, Márcia Kambeba, Maurício Teixeira, Sabrina Fidalgo, Samela Awá, Sidiuhi

TRISTE FIM DE POLICARIO QUARESMA

Luis Barreto
1915, Várias editoras, Ficção, Romance
Ambientado no Rio de Janeiro do final do século 19, conta a história do major Policario Quaresma, empenhado de forma obstinada em valorizar a cultura do país

Quem indicou
Geovani Martins, Leda Maria Martins, Líli Schwarz, Luiz Fernando Carvalho, Marilene Felinto, Tom Farias, Wilmary Albuquerque

TRISTES TRÓPICOS

Claude Lévi-Strauss
1957, Companhia das Letras, 456 págs., Não-ficção, Antropologia
Condensa as observações do antropólogo francês sobre as regiões e os habitantes do Brasil central, entre eles, os povos indígenas caduveu, bororo, nhambiquara e tupi-caraiiba

Quem indicou
Fernanda Torres, Hugo Aguilanui, João Silvério Trevisan, Manuela Carneiro da Costa, Marcos Nobre, Marcos Tenen, Otávio Marques da Costa

19º lugar 6 indicações

CORONELISMO, ENXADA E VOTO

Victor Nunes Leal
1949, Companhia das Letras, 368 págs., Não-ficção, Ciência Política
O livro, considerado um dos fundadores da moderna ciência política no Brasil, analisa as disputas eleitorais na primeira metade do século 20, marcadas pelo coronelismo e pelos "votos de cabresto"

Quem indicou
Carmen Lucia Antunes Rocha, Fernando Limongi, Mário Medeiros, Reginaldo Prandi, Rosa Weber, Sérgio Albrancin

COLEÇÃO A DITADURA (5 VOLUMES)

Elio Gaspari
2016, Intrínseca, Não-ficção, Jornalismo, História
Reconstitui e analisa com profundidade as duas décadas de ditadura militar no Brasil

Quem indicou
Amancio Oliveira, Luis Roberto Barreto, Luiz Davidovich, Nadclia Viana, Randolf Rodrigues, Uiratran Brasil

ESCRavidão (VOLUMES 1 E 2)

Laurentino Gomes
2019, Globo Livros, 1.016 págs., Não-ficção, História
Dois volumes de uma trilogia em andamento contam a história da escravidão no Brasil, assunto reconhecido como "definidor da nossa identidade nacional" pelo autor. Ao longo de três séculos em meio, aportaram no país cerca de 5 milhões de cativos africanos

Quem indicou
Eduardo Vieira, Fernanda Torres, José Vicente, Lívia Baidó, Michael França, Randolf Rodrigues

FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Caio Prado Jr.
1942, Companhia das Letras, 464 págs., Não-ficção, História
O autor propõe pensar a historiografia brasileira a partir das relações entre nação e colônia, apontando desafios que permanecem presentes no século 20

Quem indicou
Danilo Santos de Miranda, Lídia Guimarães, Luiz Davidovich, Petronio Domingues, Silvio Almeida, Zuenir Ventura

Quem indicou
Dodô Azevedo, Eliana Alves Cruz, Kalaf Epalanga, Lu An-Zaila

FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL

Celso Furtado
1959, Companhia das Letras, 616 págs., Não-ficção, Economia
No intuito de explicar o Brasil para estrangeiros, o autor produziu uma obra que combina método histórico e análise econômica para investigar os cinco séculos de Brasil

Quem indicou
Luiz Davidovich, Marcos Nobre, Maria Hermínia Tavares, Michael França, Sérgio Albrancin

A HORA DA ESTRELA

Clarice Lispector
1977, Rocco, 88 págs., Ficção, Romance
O escritor fictício Rodrigo S. M. (a própria Lispector) nos apresenta a história de Macabéa, uma algaçoana orfã, virgem e solitária que é levada ao Rio de Janeiro por sua tia autoritária e moralista

Quem indicou
Cristóvão Tezza, Fred Coelho, Marilene Felinto, Milton Hatoum, Noemi Jaffe

25º lugar 4 indicações

O ABOLICIONISMO

Joaquim Nabuco
1883, Várias editoras, Não-ficção, Panfleto
Lançada antes da aprovação da Lei Áurea, a obra figura como um exemplo da campanha abolicionista no país e ajuda a compreender o período histórico entre o fim do Segundo Reinado e o início da República

Quem indicou
Arnaldo Saravia, José Murilo de Carvalho, Maria Paula Dallari, Oscar Vilhena Vieira

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Antonio Candido
1959, Fora de catálogo, 800 págs., Não-ficção, Literatura
Aborda o Arcadismo e o Romantismo, dois períodos da história da literatura brasileira considerados decisivos pelo autor para a formação do sistema literário nacional

Quem indicou
Danilo Santos de Miranda, Flávio Moura, Guilherme d'Oliveira Martins, Walnice Nogueira Galvão

A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES

Florestan Fernandes
1964, Contracorrente, 1.000 págs., Não-ficção, Sociologia
Tanto investiga a questão racial do Brasil por meio dos parâmetros da sociedade de classes e da sociologia histórica, quanto apresenta a emergência e as contribuições dos movimentos negros no país

Quem indicou
Flávia Rios, Marcos Nobre, Mário Medeiros, Silvio Almeida

METADE CARA, METADE MÁSCARA

Eliane Potiguara
2004, Grum, 164 págs., Ficção, Não-ficção, Poesia, História, Ensaio
"É uma mensagem para o mundo", como ressalta a sinopse do livro, escrito por uma autora indígena que fala sobre relações humanas, identidade, a condição feminina, ancestralidade e famílias

Quem indicou
Célia Tupinambá, Daniel Mundurucu, Márcia Kambeba, Moara Tupinambá

OLHOS D'ÁGUA

Conceição Evaristo
2014, Pallas, 116 págs., Ficção, Contos
Apresenta, pela perspectiva de personagens femininas, a miséria e a violência que vitima a população negra no Brasil

Quem indicou
Dodô Azevedo, Eliana Alves Cruz, Kalaf Epalanga, Lu An-Zaila

POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO

Lélia Gonzalez, Flávia Rios (organização), Márcia Lima (organização)
2020, Companhia das Letras (selo Zahar), 376 págs., Não-ficção, Sociologia
É um panorama da obra da filósofa, antropóloga e escritora Lélia Gonzalez, intelectual do século 20 engajada na luta contra o racismo estrutural e na articulação das relações entre gênero e raça na sociedade brasileira

Quem indicou
Denise Mota, Líli Schwarz, Rosane Borges, Stephanie Borges

Quem indicou

E
Eduardo Jardim: Filósofo e autor de livros como "Tu Sou Trezentos", "Mário de Andrade, Vida e Obra"
Eduardo Vieira: Executivo, e presidente do grupo Ami
Eliana Alves Cruz: Romancista, autora de livros como "Água de Barrela" e "Sotilina"
Eliane Potiguara: Escritora, poeta e ativista, é autora de "Metade Cara, Metade Máscara"
Erik Novello: Escritor, roteirista e tradutor de livros e quadrinhos, é autor da novela "Ninguém Nace Herói"
Erica Pecanha: Doutora em antropologia social pela USP; é autora de "Vozes Marginais na Literatura"
Eugênia Mello e Castro: Cantora e compositora portuguesa
Eugenio Bucci: Jornalista e professor da USP; e colunista do jornal O Estado de S. Paulo
Eválio Cabral de Mello: Historiador, é autor de livros como "A Outra Independência" e "Olinda Restaurada"
Evandro Teixeira: Fotojornalista com quase 30 anos de atividade, trabalhou no Jornal do Brasil por 47 anos

F
Fernanda Diamant: É uma das criadoras da editora Fozzato e da livraria Megafonia; foi curadora da Flip
Fernanda Torres: Ator, escritora e colunista da Folha
Fernando Limongi: Centrista político, é professor titular da USP
Ferreira Fernandes: Jornalista e escritor português
Flávia Rios: Professora de ciências sociais na UFF (Universidade Federal Fluminense), é uma das organizadoras do livro "Por um Feminismo Afro-Latino-Americano", com textos de Líli Gonzalez
Flávio dos Santos Gomes: Historiador e professor da UFPA, é um dos organizadores da "Enciclopédia Negra: Biografias Afro-Brasileiras"
Flávio Moura: Editor e um dos fundadores da Todavia; foi curador da Flip
Fred Coelho: Pesquisador, ensaísta e professor do departamento de Letras da PUC-Rio

G
Geovani Martins: Escritor, é autor de "O Sol na Cabeça", livro de contos
Giovana Xavier: Historiadora, é professora da Faculdade de Educação da UFPA e organizadora do catálogo "Intelectuais Negres Vivos"
Glória Kall: Jornalista, empresária e consultora de moda
GDC: Rapper e escritor
Graça Gralinda: Indígena potiguara, é poeta e crítica literária, autora de "Tessituras da Terra"
Guilherme d'Oliveira Martins: Jurista português, é administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

H
Helena Theodoro: Professora da UFPA e pesquisadora da história e da cultura afro-brasileiras
Heloisa Buarque de Holanda: Escritora e professora de teoria crítica da cultura na UFPA
Heloisa Espada: Doutora em artes visuais, é curadora do IMS (Instituto Moreira Salles)
Hugo Aguilanui: Diretor-presidente do Instituto Serrapilheira

I
Igmar de Loyola Brandão: Romancista e jornalista, é autor de livros como "Nós Vemos Nenhum País" e "Zero"
Isabel Diegues: Diretora editorial da Cobiogo
Isabel Lucas: Jornalista portuguesa, é autora de livros como "Viagem ao País do Futuro"
Itamar Vieira Junior: Romancista, é autor de "Torto Arado" e colunista da Folha

JeK
Jaime Lauriano: Artista visual e curador, é um dos organizadores do livro "Enciclopédia Negra: Biografias Afro-Brasileiras"
Janio de Freitas: Jornalista e colunista da Folha
Jefferson Tendi: Romancista, é autor de livros como "Estela sem Deus" e "A Volta da Rê"
João Silvério Trevisan: Escritor, jornalista e dramaturgo, é autor de livros como "Devoações no Paradoiso"
Joel Zito Araújo: Diretor de filmes como "A Negação do Brasil" e "As Filhas do Vento"
José Celso MartinezCorrêa: Diretor do Teatro Oficina
José Eduardo Agualusa: Jornalista e escritor angolano, é autor de livros como "Nação Croula" e "A Sociedade dos Sonhadores Involuntários"

[Carolina Maria de Jesus X](#)[Quarto de Despejo X](#)[Brasil: uma Biografia X](#)[Lília Schwarcz X](#)[Ana Maria Gonçalves X](#)[Heloisa Starling X](#)[Vidas Secas X](#)[Um Defeito de Cor X](#)[Graciliano Ramos X](#)[A Queda do Céu X](#)[Mário de Andrade X](#)[Guimarães Rosa X](#)[Davi Kopenawa X](#)[Macunaíma X](#)[Grande Sertão: Veredas X](#)[Raízes do Brasil X](#)[Machado de Assis X](#)[Sérgio Buarque de Holanda X](#)[Memórias Póstumas de Brás Cubas X](#)

No Dia da Língua Portuguesa, acesse a **Enciclopédia Itaú Cultural** para conhecer mais sobre a vida desses autores e suas obras que são fundamentais para a compreensão do Brasil, sua história, cultura e pensamento.



Escaneie o QR Code ao lado e confira um especial que fizemos sobre o tema.

enciclopedia.itaucultural.org.br

independência, 200 200 anos, 200 livros

REBELIÃO ESCRAVA NO BRASIL: A HISTÓRIA DO LEVANTE DOS MALÉS

João José Reis
1986, Companhia das Letras, 680 págs., Não-ficção, História
Cerca de 600 pessoas se rebelaram em Salvador na virada da noite de 24 para 25 de janeiro de 1835 pelo fim da escravidão. O autor conta a história dessa revolta, concebida e liderada por escravizados muçulmanos, e analisa o contexto que a justifica

Quem indicou
Ana Flávia Magalhães Pinto, Lília Schwarz, Luciana Brito, Luiz Fernando Carvalho

SOBREVIVENDO NO INFERNO

Racionais MC's
2018, Companhia das Letras, 160 págs., Ficção, Poesia, Música
Quarto álbum de estúdio do principal grupo de rap brasileiro, ali a consciência racial e consciência de classe para retratar a vida nas favelas brasileiras. Suas letras, reunidas aqui no livro homônimo, permanecem atuais. A obra ainda reúne um texto de apresentação e fotos clássicas e inéditas do grupo

Quem indicou
Erica Paçanha, Fred Coelho, Geovani Martins, Ricardo Teperman

33º lugar 3 indicações

TRILOGIA 1808; 1822; 1889

Laurentino Gomes
2007, Globo Livros, 1.176 págs., Não-ficção, História
Conta a história e as particularidades de três momentos fundamentais da formação do Brasil no século 19: a vinda da corte real portuguesa para o país, o processo de independência e a proclamação da república

Quem indicou
Edvaldo Vieira, Luis Roberto Barroso, Tair Bernardi

ÁGUA DE BARRELA

Eliana Alves Cruz
2016, Malé, 322 págs., Ficção, Romance
Cansada das lutas pela liberdade, Damiana, rodeada por sua família, relembra os tempos de lavadeira; o romance fala desse trabalho que garantiu sustento a diversas mulheres negras ao longo de gerações para recontar 300 anos de história de Brasil

Quem indicou
Luciana Brito, Mariana Maíra Soares Silva, Mirian Cristina dos Santos

A AMÉRICA LATINA: MALES DE ORIGEM

Manoel Bomfim
1905, Fora de catálogo, Não-ficção, História, Sociologia
A fim de se contrapor ao mito da inferioridade racial que vigorava à época, usado para explicar o atraso do desenvolvimento social e econômico do continente, o autor centra sua investigação, na obra, a partir dos males da colonização ibérica no território.

Quem indicou
Delfim Netto, Marco Luchessi, Newton Biggito

CASA DE ALVENARIA (3 VOLUMES)

Carolina Maria de Jesus
1961, Companhia das Letras, 752 págs., Não-ficção, Diário
Em dois volumes, reúne diários escritos entre 1962 e 1963, período em que a autora deixou a favela do Canindé para morar em Osasco (Grande SP) e nos bairros de Santana e Parelheiros

Quem indicou
Conceição Evarista, Jurema Werneck, Otávio Marques da Costa

“ ‘Um Defeito de Cor’ é uma leitura instigante, emocionante e envolvente. O livro conduz o leitor numa longa e voraz travessia sobre a tragédia escravocrata, demonstrando como a morte e a violência marcam a formação do Brasil

Márcia Lima, professora do departamento de sociologia da USP, sobre o romance de Ana Maria Gonçalves **pág. 3**

CIDADANIA NO BRASIL: O LONGO CAMINHO

José Murilo de Carvalho
2001, Record (selo Civilização Brasileira), 272 págs., Não-ficção, História
A obra reflete sobre os quase dois séculos de constituição da cidadania no país, da independência à Constituição Cidadã de 1988

Quem indicou
Luca Guimarães, Oscar Vilhena Vieira, Petronio Domingues

CLARO ENIGMA

Carlos Drummond de Andrade
1951, Record, 160 págs., Ficção, Poesia
Ao retomar formas da poesia clássica, Drummond fala sobre morte, memória, amor e Minas Gerais. Inclui “A Máquina do Mundo”, escolhido como o melhor poema brasileiro do século 20 por um grupo de críticos e especialistas consultados pela Folha em 2000

Quem indicou
Cristovão Tezza, Eugenio Buccì, Milton Hatsumi

GANHADORES: A GREVE NEGRA DE 1857 NA BAHIA

João José Reis
2019, Companhia das Letras, 456 págs., Não-ficção, História
Reconstrói o levante dos ganhadores, que reuniu homens negros escravizados, livres e libertos. Por meio de uma mobilização grevista, eles paralisaram o transporte de Salvador durante vários dias em 1857

Quem indicou
Manuela Carneiro da Cunha, Reginaldo Prandi, Wilmayra Albuquerque

GETÚLIO (3 VOLUMES)

Lira Neto
2012, Companhia das Letras, 1.760 págs., Não-ficção, Biografia
Em três volumes, o jornalista escreve a biografia do ex-presidente Getúlio Vargas, um dos principais nomes da história brasileira do século 20.

Quem indicou
Glória Kall, Luis Roberto Barroso, Marina Lima

UM GRANDE CERCO DE PAZ: PODER TUTELAR, INDIANIDADE E FORMAÇÃO DO ESTADO NO BRASIL

Antonio Carlos de Souza Lima
1995, Fora de catálogo, 335 págs., Não-ficção, Antropologia, Sociologia
Com base em documentos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), o autor apresenta uma análise das primeiras ações estatais dirigidas aos povos indígenas do país

Quem indicou
Luiz Eloy Terena, Mauricio Terena, Rosiane Rodrigues de Almeida

HOMENS LIVRES NA SOCIEDADE ESCRAVOCRATA

Maria Sylvia de Carvalho Franco
1969, Unesp, 253 págs., Não-ficção, Sociologia
Um estudo sobre a formação da sociedade e do Estado brasileiro a partir da análise do ciclo do café, tendo como base empírica a produção de café na Vale do Paraíba, durante o século 19.

Quem indicou
André Buzello, Ângela Alonso, Sérgio Abranches

MEMÓRIAS DO CÂRCERE

Graciliano Ramos
1953, Record, 686 págs., Não-ficção, Memórias
Publicado postumamente, reúne as memórias de Graciliano Ramos escritas durante o período que o autor, vítima da repressão do Estado Novo, passou na prisão

Quem indicou
Manuela Carneiro da Cunha, Máio Medeiros, Paulo Roberto Pires

O QUILOMBISMO

Abdias Nascimento
1980, Perspectiva, 392 págs., Não-ficção, Sociologia
Abdias retoma a experiência de quilombos e mocambos para propor, na década de 1970, um modelo de transformação sociopolítica contra o racismo institucionalizado no Brasil

Quem indicou
Bianca Santana, Lília Schwarz, Luciana Brito

RACISMO, SEXISMO E DESIGUALDADE NO BRASIL

Sueli Carneiro
2011, Summus (Selo Negro), 192 págs., Não-ficção, Sociologia
Reúne alguns dos textos publicados pela autora na imprensa brasileira entre 2001 e 2010, que analisam como o racismo e o machismo estruturam as relações no país

Quem indicou
GOG, Oscar Vilhena Vieira, Wilmayra Albuquerque

A SELVA

Ferreira de Castro
1930, Fora de catálogo, 263 págs., Ficção, Romance
Baseado nas experiências pessoais do escritor, apresenta a Amazônia seringueira do início do século 20 pelos olhos de Alberto, jovem monarquista português exilado em Belém

Quem indicou
Isabel Lucas, José Pinho, Maria Valéria Rezende

TENDA DOS MILAGRES

Jorge Amado
1969, Companhia das Letras, 320 págs., Ficção, Romance
Acontece em dois tempos: narra a visita do prêmio Nobel James Levenson à Salvador de 1968, em busca de livros que documentam a formação do povo baiano, e volta ao início do século 20 para contar a história do autor dessas obras, o boêmio Archangel, defensor ferrenho da miscigenação

Quem indicou
José Eduardo Aguiar, Luiz Antonio Simas, Reginaldo Prandi

TORTO ARADO

Itamar Vieira Jr.
2019, Todavia, 264 págs., Ficção, Romance
Livro mais vendido da Amazon brasileira em 2021, une os mundos real, ancestral e espiritual para narrar a história de duas irmãs ligadas por um acidente de infância, no sertão baiano

Quem indicou
Danilo Santos de Miranda, Eugenio Buccì, Luis Balão

AO VENCEDOR, AS BATATAS

Roberto Schwarz
1977, 34, 240 págs., Não-ficção, Ensaio
O livro, dedicado ao surgimento do romance no Brasil, começa com o ensaio “As ideias fora do lugar” e apresenta, nos dois textos seguintes, uma análise de Senhora, de José de Alencar, e dos primeiros romances de Machado de Assis

Quem indicou
Fernanda Torres, Luiz Fernando Carvalho, Marcelo Coelho

50º lugar 2 indicações

ASPIRO AO GRANDE LABIRINTO

Helio Oiticica
1986, Fora de catálogo, 136 págs., Não-ficção, Artes
Reúne textos de um dos nomes de destaque da história da arte brasileira, que, ao longo de sua produção, apostou em um intenso experimentalismo

Quem indicou
Helosa Espada, Jaime Lauriano

BECOS DA MEMÓRIA

Conceição Evarista
2006, Pallas, 200 págs., Ficção, Romance
Tem como base as lembranças da autora de sua infância e juventude na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte

Quem indicou
Ana Flávia Magalhães Pinto, Mirian Cristina dos Santos

OS BESTIALIZADOS: O RIO DE JANEIRO E A REPÚBLICA QUE NÃO FOI

José Murilo de Carvalho
2019, Companhia das Letras, 192 págs., Não-ficção, História
Obra sobre os primeiros anos da República no Brasil, que mescla história, antropologia urbana e análise política

Quem indicou
Ana Cecília Impelizeri, Rosa Weber

OS BRUZUNDANGAS

Lima Barreto
1922, Várias editoras, Ficção, Crônica
Publicado postumamente, as crônicas satíricas do livro reúnem as observações e críticas sobre um jovem país cheio de contradições e desigualdades.

Quem indicou
Não houve indicações

CARMEN

Ruy Castro
2005, Companhia das Letras, 632 págs., Não-ficção, Biografia
Não apenas conta, em detalhes, a história da cantora, atriz e dançarina como retrata Rio de Janeiro, Nova York e Hollywood na primeira metade do século 20

Quem indicou
Eugênio Melo e Castro, Ferreira Fernandes

CAPITÃES DA AREIA

Jorge Amado
1937, Companhia das Letras, 296 págs., Ficção, Romance
Na Salvador dos anos 1930, estão Pedro Bala, Pirulito, Sem-Pernas, Gato, Professor e Volta Seca, garotos abandonados que vivem num velho armazém à beira-mar e roubam para sobreviver

Quem indicou
Ana Cristina Rosa, Olívio Jekipe

CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS

Roberto DaMatta
1979, Rocco, 352 págs., Não-ficção, Sociologia, Antropologia
Carnavais, malandros e heróis: combinação que representa a aposta do antropólogo nessa reunião de ensaios que investigam os problemas e potencialidades do Brasil.

Quem indicou
Petronio Domingues, Sérgio Augusto

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha
1817, Várias editoras, Não-ficção, Cartas
O primeiro documento escrito da história do país, datada de 1º de maio de 1500. Na carta enviada a dom Manoel Iº, estão as impressões de Pero Vaz de Caminha sobre a terra que viria a se tornar o Brasil. Também publicada como “A Carta”, “A Carta de Achamento do Brasil”, entre outros nomes

Quem indicou
Adriana Calcanhotto, José Pinho

CIDADANIA E JUSTIÇA: A POLÍTICA SOCIAL NA ORDEM BRASILEIRA

Wanderley Guilherme dos Santos
1979, Fora de catálogo, 138 págs., Não-ficção, Ciência Política, Sociologia
Na obra, o cientista político apresenta o conceito de cidadania regulada, ressaltando a persistência de desigualdades como elemento que ajuda a diferenciar o processo de constituição da cidadania no Brasil do processo dos demais países ocidentais

Quem indicou
Mariana Hermida Tavares, Fernando Limongi

CIDADE DE DEUS

Paulo Lins
1997, Planeta (selo Tusquets), 400 págs., Ficção, Romance
Acompanha as transformações do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, por meio das histórias de personagens como Busca Pé, Inferninho e Zé Mido. Foi adaptado para o cinema em filme dirigido por Fernando Meirelles

Quem indicou
Erica Paçanha, Máio Medeiros

COMENTÁRIOS À CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA

Rui Barbosa
1911, Fora de catálogo, Não-ficção, Direito
A obra, dividida em seis volumes, reúne comentários do jurista à Constituição de 1891, a primeira do Brasil República, que instaurou a separação dos três poderes e marca a transição do país da Monarquia para o sistema republicano de governo.

Quem indicou
Carmen Lucia Antunes Rocha, Oscar Vilhena Vieira

A CONSTRUÇÃO DA ORDEM E TEATRO DAS SOMBRAS

José Murilo de Carvalho
1980, Record (selo Civilização Brasileira), 460 págs., Não-ficção, História
Primeiro apresentado como tese de doutorado do autor na Universidade Stanford, os textos reunidos no livro descrevem o Império brasileiro por meio da metáfora teatral, apresentando análises críticas das elites políticas do período

Quem indicou
Adriana Calcanhotto, Mariana Hermida Tavares

EM COSTAS NEGRAS: UMA HISTÓRIA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS ENTRE A ÁFRICA E O RIO DE JANEIRO

Manolo Florentino
1995, Unesp, 312 págs., Não-ficção, História
Por meio da perspectiva econômica e social, o historiador analisa dois dos cerca de três séculos de tráfico atlântico de escravos

Quem indicou
Boris Fausto, Maria Mazarello Rodrigues

CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL POR SUAS DROGAS E MINAS

André João Antonio
1837, Editora, 464 págs., Não-ficção, Economia
Descreve e analisa as principais riquezas brasileiras do século 18: a cana-de-açúcar, o tabaco, as minas de ouro, o gado e comércio de couros

Quem indicou
Delfim Netto, Lucia Guimarães

DIALÉTICA DA COLONIZAÇÃO

Alfredo Bosi
1992, Companhia das Letras, 424 págs., Não-ficção, Literatura, História
Colonização, culto e cultura são as três chaves usadas por Bosi nos ensaios dessa obra, que oferece uma possibilidade de interpretação da formação plural da cultura brasileira

Quem indicou
Graça Grauna, Silvio Almeida

DIÁRIO DE BITITA

Carolina Maria de Jesus
1986, Sesi, 206 págs., Não-ficção, Diário
A infância, a juventude e o início da vida adulta da escritora estão aqui retratados; são momentos marcados pela luta de uma família negra num país caracterizado pela injustiça social

Quem indicou
Ana Flavia Magalhães Pinto, Fred Coelho

DIÁRIO DO HOSPIÇO & O CEMITÉRIO DOS VIVOS

Lima Barreto
1919, Companhia das Letras, 308 págs., Não-ficção, Ficção, Memórias, Romance
Volume dividido em duas partes: o momento em que o escritor lembra o período em que passou internado no Hospital Nacional de Alienados e a passagem em que ele fictionaliza as narrativas de seu segundo período em internação

Quem indicou
Fernanda Diamant, Bernardo Carvalho

DOIS IRMÃOS

Milton Hatoum
2000, Companhia das Letras, 272 págs., Ficção, Romance
Parte da história de dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, para apresentar um drama familiar situado na cidade de Manaus, às margens do rio Negro

Quem indicou
Isabel Lucas, Yaguarê Yamã

A ELITE DO ATRASO

Jesé Souza
2017, Estação Brasil, 272 págs., Não-ficção, Sociologia
Coloca a escravidão no centro da análise que faz sobre as engrenagens do poder e a elite financeira do país. Em 2019, foi lançada uma edição revista e ampliada com o nome de "A Elite do Atraso: da Escravidão a Bolsonaro"

Quem indicou
Joel Zito Araújo, Petronio Domingues

ESCRITOS DE UMA VIDA

Sueli Carneiro
2019, Jandaíra, 296 págs., Não-ficção, Sociologia
Em seus textos, ela afirma que ser uma mulher negra é experimentar uma condição de "afixação social" proporcionada pelo racismo e pelo sexismo. A fim de enfrentar essas opressões, o livro reúne diversos artigos da autora que evidenciam seu pensamento feminista negro

Quem indicou
Cidinha da Silva, Djamilya Ribeiro

UM ESTADISTA DO IMPÉRIO

Joaquim Nabuco
1897, Fora de catálogo, Não-ficção, Biografia, História
Em três volumes, Joaquim Nabuco escreve sobre a vida do pai, o magistrado e senador Nabuco Araújo, e analisa as questões políticas durante o Império brasileiro

Quem indicou
Lucia Guimarães, Maria Hermínia Tavares

UMA HISTÓRIA FEITA POR MÃOS NEGRAS

Beatriz Nascimento
2021, Companhia das Letras (selo Zahar), 272 págs., Não-ficção, História, Sociologia
Reúne alguns dos principais artigos da historiadora, poeta e ativista, cuja produção foi marcada pela valorização da contribuição da pessoa negra na sociedade brasileira e pela demarcação do quilombo como um sistema social alternativo

Quem indicou
Cida Bento, Maria Alice Setúbal

IRACEMA

José de Alencar
1865, Várias editoras, Ficção, Romance
Símbolo do Romantismo, narra a história de uma mulher indígena que se apaixona por um homem branco, lenda ligada à história da fundação do estado do Ceará

Quem indicou
Afonso Res Cabral, Leda Maria Martins

LAVOURA ARCAICA

Raduan Nassar
1975, Companhia das Letras, 280 págs., Ficção, Romance
História de uma família de origem árabe, dona de uma propriedade rural no interior do Brasil. Filho de um pai autoritário e uma mãe amorosa, e cercado de irmãs e irmãos, o jovem André conduz a narrativa em primeira pessoa

Quem indicou
Isabel Lucas, Mbaté Pedro

LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL

ANTOLOGIA CRÍTICA
Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Soares Fonseca
2011, Fora de catálogo, 208 págs., Não-ficção, Literatura
Em quatro volumes, apresenta a diversidade de escritores e escritores negros no Brasil, destacando trechos de suas obras, informações sobre os autores e fontes de consulta

Quem indicou
Cidinha da Silva, Luis Augusto Fischer

MAKUNAIMÁ: O MITO ATRAVÉS DO TEMPO

Vários autores (Taurepang, Macuxi, Wapichana, Marcelo Ariel, Mário de Andrade, Deborah Goldberg, Theodor Koch-Grünberg, Iara Rennó)
2019, Elefante, 128 págs., Ficção, Teatro
A peça de teatro reúne as vozes indígenas pemón, taurepang, wapichana e macuxi para reinterpretar o Makunaimá de Mário de Andrade, que, por ser considerado este-reotipado pelos autores, na peça é contado de acordo com as histórias e culturas ancestrais desses povos.

Quem indicou
Celia Tupanambá, Soduhi

A MENINA MORTA

Cornélio Penna
1954, Faria e Silva, 400 págs., Ficção, Romance
Uma sinhozinha representava o único suspiro de alegria frente aos horrores da escravidão numa fazenda de café do interior fluminense. Quando ela morre, morre também a esperança dos escravos neste romance de Cornélio Penna.

Quem indicou
Isabel Lucas, Wander Mello Miranda

MEU VÔ APOLINÁRIO - UM MERGULHO NO RIO DA (MINHA) MEMÓRIA

Daniel Munduruku
2009, Studio Nobel, 40 págs., Não-ficção, Memórias, Infantil
Recupera as histórias dos espíritos ancestrais do povo munduruku, contadas por Apolinário, avô do autor. "Esse pouco de convivência [com ele] marcou profundamente minha vida, formou minha memória, meu coração e meu corpo de índio", conta Daniel Munduruku

Quem indicou
Marcia Kambéba, Yaguarê Yamã

MORTE E VIDA SEVERINA

João Cabral de Melo Neto
1955, Companhia das Letras (selo Alfaquara), 176 págs., Ficção, Poesia
Narra a jornada do retirante Severino, que parte de sua terra, o sertão do Nordeste, em busca de melhores condições de vida

Quem indicou
Candido Bracher, Luiz Fernando Carvalho

AS MULHERES DO TIJUCAPAO

Marilene Felinto
1982, Ubu, 240 págs., Ficção, Romance
Ao contar a história da viagem de retorno de Rísia a Tijuca, local fictício onde a mãe da personagem nasceu, a autora evoca a memória das mulheres guerreiras de Tejuapapo, em Pernambuco, que resistiram às invasões holandesas na região em 1646

Quem indicou
Fernanda Diamant, Stephanie Borges

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Mário Filho
1947, Mauad, 344 págs., Não-ficção, Jornalismo
Apresenta histórias de jogadores negros do futebol brasileiro e os efeitos do racismo no esporte

Quem indicou
Reginaldo Prandi, Sérgio Augusto

Quem indicou

José Murilo de Carvalho Historiador, e autor de livros como "Cidadania no Brasil: O Longo Caminho" e "Forças Armadas e Política no Brasil"
José Pinho Livreiro português, um dos fundadores do Brasil Ler Devagar, em Lisboa
José Vicente Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares
Julie Dorrico Escritora e pesquisadora de literatura indígena
Jurema Werneck Diretora da Anistia Internacional no Brasil
Kalaf Epalanga Escritor e músico angolano, e autor de "Também os Brancos Sabem Dançar"

L

Laerte Cartunista e chargista
Leda Maria Martins Pesquisadora, ensaísta e professora aposentada da UFMG, e autora de diversos livros sobre o teatro negro no Brasil
Lila Valner Schuchman Professora da UFSC e autora de "Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo"
Lilla Schwarz Historiadora e antropóloga, é professora da USP, colunista da Companhia das Letras e autora de mais de uma dezena de livros
Lira Neto Escritor e jornalista, é autor de livros como "Arrancados da Terra" e da trilogia biográfica "Getúlio"
Lúcia Bialão Doutora em Literatura, é idealizadora do museu virtual Rio Memórias
Lu Alin Zaila Pedagoga e escritora, e autora de "Sankofa: Breves Histórias sobre Afrofuturismo"
Lucia Guimarães Historiadora, é professora da Uerj
Luciana Brito Historiadora, é professora da UFRR (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Luís Augusto Fischer Professor de literatura brasileira da UFRRJ (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luís Roberto Barroso Ministro do STF
Luiz Antonio Simas Historiador, professor e compositor; é autor de livros como "Umbanda: uma História do Brasil"
Luiz Davidovich Físico, e professor emérito da UFRRJ e ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências
Luiz Elly Treyna Coordenador da assessoria jurídica da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)
Luiz Fernando Carvalho Diretor de cinema e TV, esteve à frente de produções como "Lavoura Arcaica" e "Capitu"
Luiza Trajano Empresária, presidente do conselho de administração da rede Magazine Luiza

M

Manuela Carneiro da Cunha Antropóloga, professora titular aposentada da USP e autora de "Cultura com Aspas" e "Negros, Estrangeiros"
Marcelo Coelho Jornalista e colunista da Folha
Marcia Kambéba Poeta, geógrafa e ativista indígena
Marcia Lima Professora do departamento de sociologia da USP e pesquisadora associada do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap)
Marco Lucchesi Poeta e romancista, é professor de literatura comparada na UFRRJ
Marcelos Nobre Professor de filosofia e incipiente e presidente do Cebap
Marcelo Tereza Escritor e líder indígena, é autor de "Cidadãos da Selva: A História Contada Pelo Outro Lado"
Maria Alice Setúbal Doutora em psicologia da educação, é socióloga e presidente da Fundação Tere Setúbal
Maria Hermínia Tavares Professora titular aposentada de ciência política da USP, pesquisadora do Cebap e colunista da Folha

100 ANOS DE CAPAS DA FOLHA CHEGANDO À SUA CASA DE UMA SÓ VEZ.

FRETE GRÁTIS

primeira página

APENAS 3x de R\$ 43,30

Feitas no calor da hora, as primeiras páginas dos jornais são o rascunho inaugural da história. Não por acaso, décadas depois, tornam-se um documento essencial para a compreensão do passado e dos fatos que mais intensamente marcaram o país e o mundo.

A mais nova edição do livro "Primeira Página" reúne as capas mais importantes da Folha nos últimos 100 anos e convida o leitor a viajar no tempo por meio das manchetes e entender o momento presente. Não perca.

folha.com/primeirapagina

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE



FOLHA
RUA DA PÁG 323 117

Preço: R\$ 129,90 (R\$ 43,30 x 3)

independência, 200 200 anos, 200 livros

PENSAR NAGÔ

Muniz Sodré
2019, Vozes, 240 págs.,
Não-ficção, Antropologia
Sugere uma proposta de
descolonização do pensa-
mento, ressaltando uma filo-
sofia baseada em experiên-
cias afro, às vezes em contra-
ponha, às vezes em consonân-
cia com a tradição europeia
Quem indicou
Helena Theodoro, Joel Zito Araújo

RACISMO
ESTRUTURAL

Silvio Almeida
2019, Jandaia, 256 págs.,
Não-ficção, Sociologia
Muito mais do que uma ação
individual, o racismo está na
estrutura das instituições e
da cultura brasileira. Na obra,
o advogado apresenta dados
e discute como isso ocorre
Quem indicou
Maria Paula Dallari, Preto Zeze

REBELIÕES
NA SENZALA:
QUILOMBOS,
INSURREIÇÕES,
GUERRILHAS

Clóvis Moura
2020, Anita Garibaldi, 444
págs., Não-ficção, História
Aborda a resistência negra à
escravidão em solo brasileiro,
com o objetivo de desmontar a
ideia do escravizado submisso
e valorizar a importância das
suas lutas para a consolidação
do processo abolicionista
Quem indicou
Cida Bento, Mário Medeiros

ROMANCEIRO DA
INCONFIDÊNCIA

Cecília Meireles
1953, Global, 360 págs., Ficção, Poesia
Juntos, os poemas formam
um épico que conta a histó-
ria de Tiradentes, már-
tir da Inconfidência Mineira
Quem indicou
Afonso Borges, Maria Hermínia Tavares

O RIO ANTES DO RIO

Rafael Freitas da Silva
2015, Relicário, 472 págs.,
Não-ficção, História
Publicado pela primeira
vez durante as comemora-
ções dos 450 anos do Rio de
Janeiro, o livro retorna aos
primórdios da capital flumi-
nense para contar as histó-
rias da Guanabara Tupinambá
e suas aldeias ancestrais
Quem indicou
Jurema Werneck, Reginaldo Prandi

SENTIMENTO
DO MUNDO

Carlos Drummond de Andrade
1940, Record, 96 págs., Ficção, Poesia
Reúne poemas do autor que
acabaram se tornando clás-
sicos, como o que dá título
ao livro, "Confidência do Ita-
birano" e "Poema da Necessi-
dade"; refletem, entre
outros aspectos, sobre a
relação entre o presente e
o passado, e a individuali-
dade e o mundo ao redor
Quem indicou
Alé Santos, Danilo Santos de Miranda

SOBRADOS
E MUCAMBOS

Gilberto Freyre
1936, Global, 976 págs.,
Não-ficção, Sociologia
Parte da chamada trilogia
Introdução à Sociedade Patri-
arcal no Brasil, aborda a deca-
dência do patriarcalismo
rural em meio ao desenvolvi-
mento das cidades no Brasil
Quem indicou
Angela Alonso, Evaldo Cabral de Mello



'RAÍZES DO BRASIL' EM 4º LUGAR
Lançada em 1936, a obra do historiador Sérgio Buarque de
Holanda recebeu 17 indicações; leia sobre o livro na pág. 2
Reprodução/Folhapress

SOBRE O AUTORITARISMO
BRASILEIRO

Lilia Schwarcz
2019, Companhia das Letras, 288
págs., Não-ficção, História
Examina as raízes do auto-
ritarismo no país por meio
de elementos como a natu-
ralização da desigualdade, o
racismo e o patriarcalismo
Quem indicou
Sérgio Augusto, Luiza Trajano

O TEMPO E O VENTO

Érico Veríssimo
1949, Companhia das Letras,
2.208 págs., Ficção, Romance
A saga percorre cerca de um
século e meio da história do
Rio Grande do Sul por meio
da trajetória dos persona-
gens de diferentes gerações
da família Terra Cambará
Quem indicou
Newton Bignotto, Rodrigo Lacerda

A TERRA DOS MIL POVOS

Kaká Werá Jekupé
1998, Piripetópolis, 130 págs.,
Não-ficção, História
Nesse livro, lançado às vésperas
dos 500 anos do descobrimento
do Brasil, o autor recupera as
tradições indígenas para lem-
brar a cultura desse vasto ter-
ritório antes da colonização
Quem indicou
Márcia Kambeba, Yaguari Yamá

ÚRSULA

Maria Firmina dos Reis
1859, Várias editoras, Ficção, Romance
Um dos primeiros romances
de autoria feminina no Brasil,
narra o amor impossível entre
Úrsula e Tancredo e discute
as mazelas sociais da escravi-
dão, ainda em vigor na época
Quem indicou
Rosane Borges, Tom Farias

A VIDA NÃO É ÚTIL

Alton Krenak
2020, Companhia das Letras, 128
págs., Não-ficção, Ensaio
Em um contexto marcado por
pandemia, ascensão de gover-
nos de extrema-direita e crise
climática, o líder indígena
reflete sobre as tendências des-
trutivas da civilização humana
Quem indicou
Aline Pachamama, Sioduhi

VENENO REMÉDIO: O
FUTEBOL E O BRASIL

José Miguel Wisnik
2008, Companhia das Letras, 448
págs., Não-ficção, Ensaio
A partir de contribuições da
filosofia, sociologia e psicaná-
lise, José Miguel Wisnik cen-
tra em meio de futebol, em si,
nesse ensaio crítico, destaca-
do a evolução do esporte
e a contribuição de seus cra-
ques ao longo das décadas.
Quem indicou
Carlos Eduardo Lins e Silva,
Rodrigo Cássio Oliveira

VERDADE TROPICAL

Caetano Veloso
1997, Companhia das Letras, 456
págs., Não-ficção, Biografia, Ensaio
Entre o ensaio e a autobi-
ografia, apresenta aspec-
tos da formação cultural do
compositor e reflete sobre
as suas criações, com des-
taque para a emergência
do movimento tropicalista
em plena ditadura militar
Quem indicou
Carlos Eduardo Lins e Silva,
Eugênia Melo e Castro

95º lugar

1 indicação

1968: O ANO QUE
NÃO TERMINOU

Zuenir Ventura
1988, Companhia das Letras (selo
Objetiva), 328 págs., Não-ficção, Jornalismo
Em 1968, o mundo assistiu a
vários movimentos estudan-
tistas contra a ordem em vigor.
A obra mostra de que modo
o espírito revolucionário che-
gou ao Brasil, numa trajetória
que se inicia com o assassinato
do estudante Edson Luis e cul-
mina na Passeata dos Cem Mil
Quem indicou
Ignácio de Loyola Brandão

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Nelson Rodrigues
1945, Ediouro (selo Nova Fronteira),
160 págs., Ficção, Teatro
A peça, que devido à cen-
sura levou mais de 20 anos
para estrear, desmonta a ima-
gem convencional da ins-
tituição familiar ao abor-
dar temáticas como trai-
ção, ciúme, morte e incesto
Quem indicou
Fernanda Torres

A ARTE SACANA
DE CARLOS ZÉFIRO:
SETE HISTÓRIAS
COMPLETAS

Joaquim Marinho (organização)
1983, Fora de catálogo, 32
págs., Ficção, Quadrinhos
Reúne algumas das histórias
em quadrinhos do artista,
reconhecido pela publicação
dos "catecismos" - revistas po-
nográficas famosas durante as
décadas de 1950 e 1970. O livro
ainda inclui um ensaio sobre a
relevância da obra de Zéfiro.
Quem indicou
Eugenio Buccì

ASFALTO SELVAGEM

Nelson Rodrigues
1959, Harper Collins Brasil, 512
págs., Ficção, Romance
Paixão, suspense, ero-
tismo e devoção religiosa
estão nesse romance sobre
a moralidade urbana brasi-
leira, originalmente publi-
cado em forma de folhe-
to no jornal Última Hora
Quem indicou
Ruy Castro

O AUTO DA COMPADECIDA

Ariano Suassuna
1955, Ediouro (selo Nova Fronteira),
208 págs., Ficção, Teatro
Inspirada pela tradição popu-
lar do cordel, a peça vai ao
interior da Paraíba para nar-
rar as diabruras de Chicó e
João Grilo. A história foi ada-
ptada para os cinemas
por Guel Arraes em 2000
Quem indicou
Jefferson Tenório

BARRA VELHA:
O ÚLTIMO REFÚGIO

Cornélio Vieira de Oliveira
1985, Fora de catálogo, 73
págs., Não-ficção, História
Narra as histórias de resis-
tência do povo Pataxó,
fruto do encontro do autor
com lideranças indígenas
da aldeia de Barra Velha,
em Porto Seguro (BA)
Quem indicou
Vazgoton Pataxó

BRASIL: MITO FUNDADOR E
SOCIEDADE AUTORITÁRIA

Marilena Chauí
2000, Fora de catálogo, 103
págs., Não-ficção, História
O Brasil existia muito antes
de 1500. No livro, a autora
parte desse pressuposto
para discutir a construção
do mito de fundação do país,
destacando como essa con-
cepção é fruto de constru-
ções históricas e culturais
Quem indicou
Conceição Evaristo

BRASIL: TERRA
DE CONTRASTES

Roger Bastide
1959, Fora de catálogo, 253 págs.,
Não-ficção, Sociologia
O autor francês, que lecion-
ou sociologia na USP, ana-
lisa parte da história do país a
partir da ideia de "constraste",
estruturadora, segundo ele,
da sociedade brasileira
Quem indicou
Ana Cecília Impelizeri

A BUSCA DE UM
CAMINHO PARA
O BRASIL: A TRIPLHA
DO CÍRCULO VICIOSO

Hélio Santos
2001, Senac São Paulo, 468 págs.,
Não-ficção, Ensaio, Sociologia
Investiga o círculo vici-
oso do racismo no país, pro-
pondo alternativas para
mudar essa realidade
Quem indicou
Giovana Xavier

CANTOS POPULARES
DO BRASIL

Silvio Romero
1883, Giranda Cultural, 320
págs., Não-ficção, Música
Publicado pela primeira
vez em Lisboa, o livro reúne
cantos populares dos esta-
dos de Pernambuco, Ser-
gipe, Alagoas, Bahia e Rio de
Janeiro, coletados pelo autor
em meados do século 19
Quem indicou
Marco Lucchesi

CAPÃO PECADO

Ferreiz
2000, Companhia das Letras,
144 págs., Ficção, Romance
Representante da literatura
marginal, a obra mostra a desi-
gualdade social por meio da
história de Rael, adolescente
que busca escapar do ciclo de
violência do lugar onde nasceu
Quem indicou
Mário Medeiros

O CARÁTER
NACIONAL
BRASILEIRO

Dante Moreira Leite
1959, Unesp, 458 págs., Não-ficção,
Sociologia, Psicologia
Discute a construção da ideia
de caráter nacional brasi-
leiro, com uma análise que
recorre à literatura, à sociolo-
gia e à própria história do país
Quem indicou
Sérgio Augusto

OS CARBONÁRIOS:
MEMÓRIAS DA
GUERRILHA PERDIDA

Alfredo Sirikis
1980, Record (selo BestBolso), 504
págs., Não-ficção, Memórias
O período de outubro de 1967
a maio de 1971 é contado pela
perspectiva de Sirikis, então
jovem secundarista que se
juntou à guerrilha urbana
contra a ditadura militar
Quem indicou
Mário Medeiros

CHOVE NOS CAMPOS
DE CACHOEIRA

Dalcídio Jurandir
1941, Pará graf, 364 págs.,
Ficção, Romance
Narra a jornada de Alfredo,
ribeirinho de Cachoeira
do Arari, na Ilha do Marajó
(PA), que parte para a cidade
grande em busca de melho-
res condições de vida
Quem indicou
Randolph Rodrigues

CINEMA:
TRAJETÓRIA NO
SUBDESENVOLVIMENTO

Paulo Emilio Sales Gomes
1996, Fora de catálogo, 111 págs.,
Não-ficção, Cinema, História
Reúne três ensaios do autor,
que destacam uma breve his-
toriografia do cinema brasi-
leiro e apontam o subde-
seenvolvimento como esté-
tica que marca a produ-
ção em solo nacional
Quem indicou
Helôisa Espada

COROGRAFIA
BRASILICA

Manuel Aires de Casal
1817, Fora de catálogo, 324 págs.,
Não-ficção, Geografia
É a primeira descrição his-
tórico-geográfica impressa
no Brasil, composta por
dois volumes que apresen-
tam todo o território brasi-
leiro, suas vilas e províncias
Quem indicou
Marco Lucchesi

CRÔNICA DA CASA
ASSASSINADA

Lucio Cardoso
1959, Companhia das Letras,
560 págs., Ficção, Romance
Diferentes narradores con-
tam a história de decadên-
cia do clã dos Meneses, uma
respeitada família mineira
Quem indicou
Stephane Borges

O DIABO E A TERRA
DE SANTA CRUZ

Laura de Mello e Souza
1986, Companhia das Letras, 408
págs., Não-ficção, História
O livro é resultado do primeiro
estudo feito no Brasil sobre a
feiticeira nos tempos da colô-
nia, um retrato da religiosi-
dade popular construída a
partir de contribuições euro-
peias, indígenas e africanas
Quem indicou
Bons Fausto

DICIONÁRIO DA HISTÓRIA SOCIAL DO SAMBA

Nei Lopes, Luiz Antônio Simas
2015, Record, 336 págs.
Não-ficção, Dicionário
Além de descrever os conceitos e apresentar os personagens históricos do universo do samba, traça a memória cultural do ritmo diretamente associado à identidade brasileira
Quem indicou
Eric Novello

DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO

Luís da Câmara Cascudo
1964, Global, 756 págs.
Não-ficção, Dicionário
Reúne milhares de verbetes sobre superstições, mitos e lendas que compõem o folclore brasileiro
Quem indicou
Arnaldo Saraiva

A DIPLOMACIA NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL: 1750-2016

Rubens Ricupero
2017, Versal, 784 págs., Não-ficção, Diplomacia, História
Trata-se de um panorama das relações internacionais que, desde 1750, constroem a posição do Brasil frente ao mundo
Quem indicou
Mariana Hermida Tavares

DISCRIMINAÇÃO E DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL

Carlos Hasenbalg
1979, Fora de catálogo, 316 págs., Não-ficção, Sociologia
Resultado de uma tese de doutorado defendida na Universidade da Califórnia, nos EUA, baseia-se nas questões raciais para pensar a estrutura de classes e a desigualdade brasileira
Quem indicou
Marcia Lima

DO MODERNISMO À BOSSA NOVA

Jornard Muniz de Brito
1966, Ateliê Editorial, 160 págs., Não-ficção, História, Ensaio
Propõe uma reflexão sobre a cultura brasileira do século 20, abordando modernismo, bossa nova e tropicalismo, seus processos de rupturas e formulações
Quem indicou
Rodrigo Cássio Oliveira

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Jorge Amado
1966, Companhia das Letras, 488 págs., Ficção, Romance
Um triângulo amoroso com o fim de partir do ponto de vista feminino. Dona Flor, Teodoro e Vadinho protagonizam essa história que tem como pano de fundo a vida noturna de Salvador
Quem indicou
Glória Kallil

DO PODER JUDICIÁRIO

Pedro Lessa
1915, Forense, 456 págs., Não-ficção, Direito
Reúne escritos do jurista mineiro, cujas ideias colaboraram para a consagração de diversos princípios republicanos e democráticos
Quem indicou
Carmen Lúcia

DOS MURAIIS DE PORTINARI AOS ESPAÇOS DE BRASÍLIA

Mário Pedrosa
1981, Perspectiva, 416 págs., Não-ficção, Artes
Há diversos exemplos da produção crítica do autor, ressaltando os diferentes momentos das artes visuais e da arquitetura no Brasil do século 20
Quem indicou
Helosa Espada

EM BUSCA DO POVO BRASILEIRO

Marcelo Ridenti
2000, Unesp, 464 págs., Não-ficção, História
Reconstruir o país após uma ditadura pressupunha reencontrar o povo brasileiro e suas aspirações. O livro recupera essa busca empreendida por intelectuais e artistas da época
Quem indicou
Rodrigo Cássio Oliveira

ENCICLOPÉDIA NEGRA: BIOGRAFIAS AFRO-BRASILEIRAS

Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano, Lúlia Schwarz
2021, Companhia das Letras, 720 págs., Não-ficção, Enciclopédia
Reúne 416 verbetes biográficos que apresentam personagens negros e negras da história do Brasil, do período da colonização aos dias atuais
Quem indicou
Alfonso Borges

A ENXADA E A LANÇA: A ÁFRICA ANTES DOS PORTUGUESES

Alberto da Costa e Silva
1992, Edicouro (selo Nova Fronteira), 952 págs., Não-ficção, História
Acompanha um longo período que vai da pré-história ao ano de 1500, época da chegada dos europeus ao continente americano. Com foco na África negra, descreve os povos, culturas e cidades daquelas civilizações
Quem indicou
Lúlia Schwarz

ESAÚ E JACÓ

Machado de Assis
1904, Varinas editoras, Ficção, Romance
Penúltimo livro do autor, o romance ambientado entre o fim do Império e o início da República conta a história da constante disputa entre os gêmeos Pedro, monarquista, e Paulo, republicano
Quem indicou
Anabela Mota Ribeiro

UM ESPAÇO PARA A CIÊNCIA

Simon Schwartzman
2001, Unicamp, 416 págs., Não-ficção, Sociologia, História
Apresenta e analisa os três séculos de construção da comunidade científica brasileira. Inclui ainda entrevistas com protagonistas do campo à época da publicação do livro
Quem indicou
Luiz Davidovich

O ESPELHO ÍNDIO: OS JESUITAS E A DESTRUIÇÃO DA ALMA INDÍGENA

Roberto Gambrini
1988, Fora de catálogo, 222 págs., Não-ficção, Sociologia, Psicologia
O autor parte da psicologia analítica para investigar o problema da pessoa indígena, aqui visto em suas dimensões histórica, social e psicológica. Baseia-se em uma leitura crítica das cartas dos jesuítas do início da colonização do Brasil
Quem indicou
Daniel Mundurucu

ESTAÇÃO CARANDIRU

Drauzio Varella
1999, Companhia das Letras, 368 págs., Não-ficção, Memórias
Lembra a sua atuação de dez anos como médico voluntário da Casa de Detenção de São Paulo, que integrava o complexo do Carandiru. A narrativa parte das histórias dos personagens e culmina no massacre ocorrido em 1992
Quem indicou
Fernanda Damant

ESTELA SEM DEUS

Jefferson Tenório
2018, Zouk, 208 págs., Ficção, Romance
Entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, durante a era Colôr, a garota Estela tenta conquistar maturidade frente ao abandono e aos demais problemas sociais
Quem indicou
Isabel Diegues

EVOCAÇÕES

João de Cruz e Souza
1898, Parzifal Publicações, 404 págs., Ficção, Poesia
Um dos representantes do simbolismo brasileiro, o poema em prosa aborda os problemas e os sentimentos do autor e da sociedade no período
Quem indicou
Rosane Rodrigues de Almeida

EXECUTIVO E LEGISLATIVO NA NOVA ORDEM CONSTITUCIONAL

Fernando Limongi, Argelina Figueiredo
1999, FGV, 231 págs., Não-ficção, Ciência Política
Investiga o funcionamento do Congresso e as relações entre os poderes Executivo e Legislativo, além de analisar o comportamento dos partidos nesses espaços
Quem indicou
Mariana Hermida Tavares

FELIZ ANO NOVO

Rubem Fonseca
1975, Edicouro (selo Nova Fronteira), 152 págs., Ficção, Contos
Sexo, repressão e conflitos sociais estão presentes nos contos do autor, que buscam evidenciar a violência nas cidades brasileiras. Foi censurado pela ditadura um ano após o seu lançamento
Quem indicou
Sérgio Rodrigues

FLORES, VOTOS E BALAS

Angela Alonso
2015, Companhia das Letras, 568 págs., Não-ficção, História
Recupera a história do movimento abolicionista no país, destacando associações, personagens e atos públicos que formaram um movimento antiescravista de caráter nacional, de 1868 a 1888
Quem indicou
Oscar Vilhena Vieira

A FORÇA DA ESCRAVIDÃO: ILEGALIDADE E COSTUME NO BRASIL OITOCENTISTA

Sidney Chalhoub
2012, Companhia das Letras, 352 págs., Não-ficção, História
Mostra os empecilhos vivenciados por negros livres e libertos durante o Segundo Reinado, experiência marcada por preconceito e descaço
Quem indicou
Ana Flávia Magalhães Pinto

GEOGRAFIA DA FOME

Josué de Castro
1946, Fora de catálogo, 320 págs., Não-ficção, Geografia
Organiza um mapa com indicações de concentração da fome no Brasil, apontando as causas políticas e sociais de sua ocorrência
Quem indicou
Ignácio de Loyola Brandão

HELLO, BRASIL!

Contardo Calligaris
1991, Fosforo, 320 págs., Não-ficção, Ensaio, Psicologia
Por que o psicanalista italiano se encantou com o Brasil a ponto de se mudar para cá? A autoanálise do autor se transforma numa própria análise do país, de sua cultura e de seus problemas
Quem indicou
Tati Bernardi

HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Francisco Adolfo de Varnhagen
1916, Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), 715 págs., Não-ficção, História
A independência do país conta sob o ponto de vista da cultura historiográfica oitocentista. A obra foi finalizada em 1875 e publicada apenas após três décadas
Quem indicou
Rosa Weber

HISTÓRIA DO BRASIL: 1500-1627

Frei Vicente do Salvador
1888, Versal, 179 págs., Não-ficção, História
Considerada a primeira história do Brasil escrita por um brasileiro. No livro, estão registrados os acontecimentos da colônia no período que vai de 1500 a 1627 (governo de Diogo Luís de Oliveira)
Quem indicou
José Murilo de Carvalho

HISTÓRIA DO BRASIL COM EMPREENDEDORES

Jorge Caldeira
2009, Fora de catálogo, 336 págs., Não-ficção, Economia
Uma visão do Brasil colonial centrada no empreendedor, figura que, na busca pelo crescimento do mercado, contribuía para a dinamização da economia do período
Quem indicou
Luís Augusto Fischer

HISTÓRIA NATURAL DA DITADURA

Teixeira Coelho
2006, Iluminas, 306 págs., Ficção, Romance
Romance-ensaio dividido em cinco partes, aborda a estrutura política do autoritarismo no século 20, passando à emergência do fascismo alemão, a ditadura argentina, o autoritarismo italiano e os movimentos estudantis de Paris
Quem indicou
Isabel Lucas

I-JUCA-PIRAMA

Gonçalves Dias
1851, Varinas editoras, Ficção, Poesia
Versos narram a história de um guerreiro tupi que é prisionado por um povo antropológico e que deve ser sacrificado durante um ritual
Quem indicou
Marcos Terena

Quem indicou

Maria Mazarello Rodrigues
Fundadora e diretora da Mazza Edições
Marta Paula Ballari
Professora da Faculdade de Direito da USP
Marta Valéria Rezende
Romancista, é autora de livros como "Jo Daz" e "Carra e Planha Louca"
Mariana Malara Soares Silva
Fotógrafa, atua na pesquisa da fotografia em movimentos negros de mulheres
Marilene Helinto
Escritora e tradutora, é autora de "As Mulheres de Tijuacop" e colunista da Folha
Marina Lima
Cantora e compositora
Mário Medeiros
Escritor e professor da Unicamp, autor de "Gosto de Amor"
Maurício Terena
Mestre em educação e assessor jurídico da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)
Maurício Munhoz Aragão, é diretor da Associação Casa Azul, entidade que organiza a FIP
Mhate Pedro
Poeta e autor moçambicano, é autor de livros como "Vícios"
Michael França
Pesquisador do Insper e colunista da Folha
Milton Hatoum
Romancista e tradutor; é autor de livros como "Dias Imortais" e "Pontos de Fuga"
Miriam Cristina dos Santos
Doutora em letras e estudos literários, é autora de "Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea"
Moara Tupinambá
Artista visual, curadora e ativista

N

Natalia Pasternak
Bióloga, é fundadora e presidente do Instituto Gostoso de Ciência
Natalia Viana
Diretora da Agência Pública e autora de "Dano Colateral: A intervenção dos Militares na Semana da Paz"
Newton Bignotto
Professor titular aposentado de filosofia da UFMG, é autor de "Golpe de Estado: História de uma ideia"
Noemi Jaffe
Escritora, professora e crítica literária, autora de livros como "O Que Ela Sussurra"

O

Olívio Ikepá
Escritor do povo Guarani, é autor de "Ajuda do Saci"
Oscar Pilgalljo
Jornalista, é autor de "História da Imprensa Paulista"
Oscar Vilhena Vieira
Doutor em ciência política, é diretor da FGV Direito SP e colunista da Folha
Otávio Marques da Costa
Publisher da Companhia das Letras

P

Paulo Roberto Pires
Jornalista, professor da UFRJ e editor da revista Serrote
Petronilo Domingues
Professor da UFS (Universidade Federal do Sergipe) e historiador
Pietro Zezi
Presidente da Central Única das Favelas (Cufa)

R

Ranaldie Rodrigues
Presidente da Comissão do Bicentário da Independência do Brasil do Senado Federal
Reginaldo Prandi
Sociólogo e escritor, é professor emérito da USP
Ricardo Teperman
Editor na Companhia das Letras e autor de "Se Lupa no Son"
Rodrigo Cássio Oliveira
Doutor em filosofia, é professor na Faculdade de Informação e Comunicação da UFG (Universidade Federal de Goiás)
Rodrigo Lacenda
Editor-executivo da Record e autor de livros como "A República das Abelhas"
Ronaldio Fraga
Estilista, designer e figurista
Rosaane Borges
Ministra do STF
Rosane Borges
Jornalista, escritora e professora do Celac (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação) da USP
Rosiane Rodrigues de Almeida
Antropóloga, é pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Antropologia Institucional de Confúcio da UFF (Universidade Federal Fluminense)
Rubens Valente
Colunista do UOL e autor de "Os Fuzis e as Flechas"
Ruy Castro
Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrinha e Nelson Rodrigues, e colunista da Folha

CORREALIZAÇÃO

independência, 200 200 anos, 200 livros

**A INCONSTÂNCIA
DA ALMA SELVAGEM****Eduardo Viveiros de Castro**

2002, Ubu, 480 págs.

Não-ficção, Antropologia

Reúne alguns dos principais textos do antropólogo, reconhecido por seus estudos em etnologia indígena

Quem indicou

Luiz Fernando Carvalho

**INSTITUIÇÕES
POLÍTICAS
BRASILEIRAS****Olíveira Vianna**

1949, Senado Federal, 591 págs.

2020, Perspectiva, 192 págs.

Não-ficção, Sociologia

Análisa a distância entre o país legal e o país real; de um lado, os juristas que estão entre as elites das cidades e, de outro, o povo brasileiro, à época ainda predominantemente rural

Quem indicou

Oscar Vilhena Vieira

**INTRODUÇÃO
AO BRASIL: UM
BANQUETE NO TRÓPICO****Laurence Dantas Mota**

1999, Fora de catálogo, 420 págs.

Não-ficção, Resenhas

Análisa em dois volumes obras clássicas que ajudam a explicar o Brasil. Entre os textos contemplados, estão "Os Sermões", de padre Antônio Vieira; "A Revolução Burguesa no Brasil", de Florestan Fernandes; e "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda

Quem indicou

Ignácio de Loyola Brandão

**INTRODUÇÃO CRÍTICA À
SOCIOLOGIA BRASILEIRA****Guerreiro Ramos**

1957, Fora de catálogo, 290 págs.

Não-ficção, Sociologia

A obra representa um esforço de desvendar a realidade brasileira de 1870 a 1957, com especial destaque ao "problema do negro", como diz o próprio autor, enfrentado no Brasil

Quem indicou

Rosiane Rodrigues de Almeida

**LIÇÕES DE RESISTÊNCIA:
ARTIGOS DE LUIZ GAMA
NA IMPRENSA DE SÃO
PAULO E RIO DE JANEIRO****Luiz Gama, Lúcia Fonseca****Ferreira (organizadora)**

2020, Sesc SP, 392 págs.

Não-ficção, História, Jornalismo

Os artigos reunidos no livro são um exemplo da produção jornalística de Luiz Gama, advogado e escritor proeminente na luta abolicionista, entre 1864 e 1882

Quem indicou

Oscar Vilhena Vieira

LIBERTINAGEM**Manuel Bandeira**

1930, Global, 128 págs.

Ficção, Poesia

Quarto livro de poesias do autor, reúne textos que, na esteira do movimento modernista de 1920, evocam a brasilidade e a cultura cotidiana, como "Vou-me Embora pra Pasárgada" e "Pneumotórax"

Quem indicou

Milton Hatoum

**LITERATURAS DA
FLORESTA: TEXTOS
AMAZÔNICOS E CULTURA
LATINO-AMERICANA****Lúcia Sá**

2004, Eduerj, 400 págs.

Não-ficção, Ensaio

Descreve as quatro tradições amazônicas que, segundo a autora, mais tiveram influência na produção de escritores sul-americanos: macrocaribe, tupi-guarani, sistema tukano-araucário do Alto Rio Negro e arauaque do Alto Rio

Quem indicou

Luís Augusto Fischer

MACHADO**Silviano Santiago**

2016, Companhia das Letras, 424 págs.

Ficção, Romance

Silviano ficcionaliza os últimos anos da vida de Machado de Assis, que se encontra vítima de fortes crises nervosas. Com o romance, o autor pergunta: estariam essas crises relacionadas com a produção de Machado?

Quem indicou

Schneider Carpeggiani

O MASSACRE DOS LIBERTOS**Matheus Gato**

2020, Perspectiva, 192 págs.

Não-ficção, História, Sociologia

Em 1899, uma multidão de pessoas negras protestaram em São Luís contra a proclamação da República, temendo que ela revogasse a abolição da escravidão conquistada no ano anterior. O autor parte desse acontecimento, que terminou em dura repressão, para analisar a perpetuação do racismo

Quem indicou

Flávia Reis

MARIA ALTAMIRA**Maria José Silveira**

2020, Instante, 280 págs.

Ficção, Romance

Narra a história de uma mãe e uma filha, testemunhas de dois desastres socioambientais: o soterramento da cidade de Yungay, no Peru, e a construção da Usina de Belo Monte, no Pará

Quem indicou

Maria Valéria Rezende

MARÍLIA DE DIRCEU**Tomás Antônio Gonzaga**

1810, Várias editoras, Ficção, Poesia

Dividido e publicado em três partes, o longo poema narra a paixão do autor por Maria Joaquina Doroteia Seixas, sua Marília, enquanto repercutiu os acontecimentos e as consequências da Inconfidência Mineira

Quem indicou

Mbate Pedro

**MEMÓRIAS DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS****Manuel Antônio de Almeida**

1854, Várias editoras, Ficção, Romance

Publicado originalmente em folhetins, o livro, representante do romantismo brasileiro, revive o Rio de Janeiro do início do século 19 ao contar a história de Leonardo, malandro que se tornou sargento de milícias

Quem indicou

Ruy Castro

AS MENINAS**Lygia Fagundes Telles**

1973, Companhia das Letras, 304 págs.

Ficção, Romance

Romance premiado com o Jabuti em 1974, narra a história de Lorena, Lia e Ana Clara, três jovens que residem num pensionato de freiras durante os anos de repressão da ditadura militar

Quem indicou

Ana Cecília Impelizer

**O MESSIANISMO
NO BRASIL E NO MUNDO****Maria Isaura Pereira de Queiroz**

1965, Alfa-Ômega, 442 págs.

Não-ficção, Sociologia

Discute como surgem os surtos messiânicos no Brasil, fato que começou a ganhar a atenção de intelectuais da década de 1950. Para isso, traça um panorama do messianismo nas civilizações ocidentais

Quem indicou

Reginaldo Prandi

**OS MEUS ROMANOS:
ALEGRIAS E TRISTEZAS DE
UMA EDUCADORA ALEMÃ****Ina Von Binzer**

1956, Record (selo Paz e Terra), 288 págs.

Ficção, Cartas

Em uma série de cartas, a autora, uma alemã contratada para educar os filhos de uma família no interior do Rio de Janeiro, compõe um retrato em primeira pessoa do Brasil da segunda metade do século 19

Quem indicou

Fernanda Torres

MORANGOS MOFADOS**Caio Fernando Abreu**

1982, Companhia das Letras, 192 págs.

Ficção, Contos

Atentos à "fidelidade aos sentimentos mais íntimos e mesmo os mais teríveis", como escreveu o crítico José Castello, os 18 contos refletem as angústias do autor em um país que ansiava pela redemocratização

Quem indicou

Schneider Carpeggiani

**A MORTE E A MORTE DE
QUINCAS BERRO D'ÁGUA****Jorge Amado**

1959, Companhia das Letras, 120 págs.

Ficção, Romance

Entre o fantástico e a realidade social de Salvador, narra as duas mortes de Joaquim Soares da Cunha, o Quincas Berro D'água, que deixa a nobre reputação de lado para se juntar à malandragem

Quem indicou

Isabel Diegues

UMA MULHER DIFERENTE**Cassandra Rios**

2005, Brasilense, 132 págs.

Ficção, Romance

O romance policial articula questões de gênero enquanto descreve o que provocou a morte de uma bela mulher loira encontrada boiando num rio

Quem indicou

Ignácio de Loyola Brandão

**A MULHER NA
SOCIEDADE DE CLASSES****Heleieth Saffioti**

1969, Expressão Popular, 528 págs.

Não-ficção, Sociologia

O livro tem papel pioneiro ao vincular a situação das mulheres à opressão da sociedade de classes, discutindo ainda caminhos para efetivar uma integração social feminina

Quem indicou

Flávia Reis

A MURALHA**Dinah Silveira de Queiroz**

1954, Insatante, 400 págs.

Ficção, Romance

Enquanto os bandeirantes partiam para explorar o território, as esposas cuidavam da casa. No romance, o Brasil do século 18 é reconstituído por meio das histórias de mulheres e homens

Quem indicou

Maria Valéria Rezende

NÃO VERÁS PAÍS NENHUM**Ignácio de Loyola Brandão**

1981, Global, 384 págs.

Ficção, Romance

Narra um futuro distópico, assolado pela crise climática e pelo controle da informação, por meio dos olhos de Souza, professor de história arbitrariamente afastado de seu cargo

Quem indicou

Luiz Neto

OLINDA RESTAURADA**Evaldo Cabral de Mello**

1975, Fora de catálogo, 384 págs.

Não-ficção, História

Obra que ajuda a compreender a história do Nordeste açucareiro, o livro apresenta o período de dominação holandesa no Brasil (1630-1654) e o impacto dos conflitos na sociedade da época

Quem indicou

Luiz Neto

ORIXÁS**Pierre Verger**

1981, Solidus, 308 págs.

Não-ficção, Fotografia, Antropologia

Fruto das viagens de Verger à África entre 1948 e 1965, reúne textos, fotos e ilustrações que registram o culto aos orixás

Quem indicou

Reginaldo Prandi

O PAÍS DISTORCIDO**Milton Santos**

2002, Fora de catálogo, 221 págs.

Não-ficção, Geografia

Reúne textos publicados pelo autor na Folha entre os anos de 1981 e 2001, apresentando as ideias do geógrafo sobre o país, a emergência da globalização e os desafios da cidadania

Quem indicou

Rosane Borges

PANAMÉRICA**José Agripino de Paula**

1967, Papagaio, 264 págs.

Ficção, Romance

Escrito em fragmentos reunidos ao longo de três anos, é uma epopeia que desconstrói figuras da cultura de massa, reunidas para uma filmagem de episódios da Bíblia. A obra é considerada fundamental para o desenvolvimento do tropicalismo

Quem indicou

Dodó Azevedo

PARABÉLUM**Gilmar de Carvalho**

1977, Armazém da Cultura, 264 págs.

Ficção, Romance

Com um herói que é tanto Jesus Cristo, quanto Che Guevara e, ainda, Lampião, o romance pós-moderno resgata mitos e ídolos da cultura popular nordestina numa verva revolucionária em plena ditadura militar.

Quem indicou

João Silvério Trevisan

**PEDAGOGIA
DA ESPERANÇA****Paulo Freire**

1992, Record (selo Paz e Terra), 192 págs.

Não-ficção, Educação

O livro do educador traça uma reflexão sobre as bases lançadas em "Pedagogia do Oprimido", livro de 1968, após as vivências de quase 30 anos em diversas partes do mundo.

Quem indicou

Maria Alice Setúbal

**PEDAGOGIA DA
INDIGNAÇÃO****Paulo Freire**

2000, Record (selo Paz e Terra), 160 págs.

Não-ficção, Educação

O livro é composto por cartas escritas antes de seu falecimento, em 1997, e reúne as últimas reflexões daquele que foi nomeado Patrono da Educação Brasileira.

Quem indicou

Gráça Graúna

**PEQUENA HISTÓRIA DA
REPÚBLICA****Graciliano Ramos**

1962, Record, 240 págs.

Não-ficção, Crônica, História

Pensada originalmente em 1939, mas publicada após mais de duas décadas no livro "Alexandre e Outros Heróis", aborda a queda do Império brasileiro frente à proclamação da República, destacando alguns aspectos da história do país

Quem indicou

Newton Bignotto

**PEQUENO MANUAL
ANTI-RACISTA****Djamila Ribeiro**

2019, Companhia das Letras, 136 págs.

Não-ficção, Sociologia

Em 11 capítulos, a autora apresenta lições para entender o racismo estrutural no Brasil e se engajar na luta contra a discriminação, passando por temas como branquitude e violência racial

Quem indicou

Pietro Zezé

**PESSACH:
A TRAVESSIA****Carlos Heitor Cony**

1967, Editora (selo Nova Fronteira), 336 págs.

Ficção, Romance

Durante a ditadura militar, o carioca Paulo Simões, no auge dos seus 40 anos, terá sua vida transformada completamente quando recebe o convite de um amigo para se juntar à luta armada.

Quem indicou

Ruy Castro

**PINDORAMA,
TERRA DAS PALMEIRAS****Marilda Castanha**

2002, Fora de catálogo, 47 págs.

Não-ficção, Infantil

A autora e ilustradora vai ao Brasil pré-1500 para apresentar as culturas, histórias e tradições dos indígenas que primeiro habitaram o território

Quem indicou

Gráça Graúna



**QUADRINHOS
EM DESTAQUE**
Duas HQs estão
nesta lista dos
200 livros para
entender o Brasil,
"Sábado dos
meus Amores"
(ao lado - pág.
11), de Marcelo
Quintanilha, e
"A Arte Sacana
de Carlos Zéfiro"
(pág. 8)

Divulgação

POEMA SUJO

Ferreira Gullar
1976, Companhia das Letras,
112 págs., Ficção, Poesia

Escrito durante o exílio do autor na Argentina, o poema apresenta uma subjetividade atormentada pelo período da ditadura militar. "O poema era sujo como o povo brasileiro", disse Gullar, certa vez, à revista Poesia Sempre.

Quem indicou
Miaze Pedro

POR QUE O BRASIL CRESCER POUCO

Marcos Mendes
2014, Fora de catálogo, 272 págs., Não-ficção, Economia

O economista propõe um diagnóstico para o baixo crescimento da economia brasileira, situação que, segundo o autor, coloca em risco as políticas sociais conquistadas após a Constituição de 1988.

Quem indicou
Arminio Fraga

PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO: RAÍZES E EVOLUÇÃO DO MODELO POLÍTICO BRASILEIRO

Sérgio Abranches
2018, Companhia das Letras, 480 págs., Não-ficção, Ciência Política

Apresenta e discute a relação entre os governos federais e as coalizões políticas, e analisa as crises resultantes da instabilidade desses acordos.

Quem indicou
Oscar Vilhena Vieira

PROJETOS PARA O BRASIL

José Bonifácio de Andrada e Silva
1998, Companhia das Letras, 376 págs., Não-ficção, História, Ciência Política

Textos expõem o pensamento daquele que é considerado o patriarca da Independência, com destaque para as ideias sobre o fim da escravidão, a reforma agrária e o acesso à educação.

Quem indicou
Delim Netto

QUINCAS BORBA

Machado de Assis
1891, Várias editoras, Ficção, Romance

Romance da fase realista do autor, narra a ruína do professor Rubião, que se muda de Barbacena (MG) para o Rio de Janeiro após herdar a fortuna de um amigo, o filósofo Quincas Borba.

Quem indicou
Milton Hatoum

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

Lima Barreto
1909, Várias editoras, Ficção, Romance

Depois de ler um artigo com ofensas às pessoas negras num jornal, Isaías Caminha viaja para o Rio de Janeiro disposto a combater o preconceito. Romance aborda a persistência do racismo nas instituições brasileiras, ambientando a temática numa Redação carioca do início do século 20.

Quem indicou
Ana Flávia Magalhães Pinto

ROMANCE DA PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAÍ-E-VOLTA

Arjano Suassuna
1971, Editora (foto Nova Fronteira), 800 págs., Ficção, Romance

Apresenta a história de dom Pedro Dinis Ferreira, o Quaderma, que se declara descendente dos reis brasileiros da Pedra do Reino do Sertão, família em relação com os "imperadores estrangeiros e falsificados da Casa de Bragança", como conta o narrador personagem.

Quem indicou
Alé Santos

SÁBADO DOS MEUS AMORES

Marcello Quintanilha
2009, Fora de catálogo, 64 págs., Ficção, Quadrinhos

Crônicas visuais inspiradas em trivialidades do cotidiano brasileiro, com histórias como a de um torcedor apaixonado. "Sábado dos Meus Amores" e "A Arte Sacana de Carlos Zéfiro: Sete Histórias Completas" são as únicas HQs desta lista de 200 livros para entender o Brasil.

Quem indicou
Laerte

SAGARANA

Guimarães Rosa
1946, Global, 344 págs., Ficção, Contos

Primeiro livro do autor, antecipa algumas das características da sua literatura que se tornariam marcantes, como o interesse pelo sertão e os sinais da oralidade no texto. Reúne nove contos, entre os quais "O Burrinho Pedrés" e "A Hora e Vez de Augusto Matraga".

Quem indicou
Candido Bracher

S. BERNARDO

Graciliano Ramos
1934, Record, 288 págs., Ficção, Romance

No fim da vida, Paulo Honório, fazendeiro do sertão de Alagoas, escreve um livro na tentativa de elaborar seu passado. Narrado em primeira pessoa.

Quem indicou
Milton Hatoum

O SELVAGEM

Couto de Magalhães
1876, Senado Federal, 194 págs., Não-ficção, Etnografia

Organizado em duas partes, representa a tentativa do autor (um desbravador de origem militar) de sistematizar as informações que possuía sobre os povos indígenas que habitavam o Brasil durante o Segundo Reinado.

Quem indicou
Marco Lucchesi

SERAFIM PONTE GRANDE

Oswald de Andrade
1933, Companhia das Letras, 216 págs., Ficção, Romance

"Romance-invenção", segundo o poeta Haroldo de Campos, é um retrato irrevolvente da burguesia paulista por meio de 203 fragmentos, que misturam ficção, sátira, poesia e memória.

Quem indicou
José Celso Martinez Corrêa

SONGBOOK TOM JOBIM (3 VOLUMES)

Almir Chediak
2011, Imaios Vitalis, 118 págs., Não-ficção, Música

Os três volumes reúnem 101 canções de Tom Jobim, um dos maiores compositores da história da música brasileira.

Quem indicou
Glória Kalil

REDONDEZA

Daniel Mundurukú, Roberta Assé
2010, Ciaidade Livros, 32 págs., Ficção, Infantil

Apresenta as culturas de crianças indígenas e a relação dos povos originários com a natureza.

Quem indicou
Julie Dorrico

REINAÇÕES DE NARIZINHO

Monteiro Lobato
1931, Várias editoras, Ficção, Infantil

O livro é o primeiro de uma série de aventuras protagonizadas pelos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, como Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília.

Quem indicou
Manuela Carneiro da Cunha

RELATO DE UM CERTO ORIENTE

Milton Hatoum
1989, Companhia das Letras, 168 págs., Ficção, Romance

Uma mulher regressa a Manaus disposta a encontrar a matrilinha de uma família libanesa que ali residia.

Quem indicou
Randolf Rodrigues

A REPÚBLICA DAS MILÍCIAS: DOS ESQUADRÕES DA MORTE À ERA BOLSONARO

Bruno Paes Manso
2020, Todavia, 304 págs., Não-ficção, Jornalismo

Mostra a formação das milícias brasileiras tendo os esquadrões de morte dos anos 1960 como ponto de origem. Vai até o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes.

Quem indicou
Natalia Viana

RETIRADA DA LAGUNA

Alfredo d'Escragnolle Taunay
1874, Várias editoras, Não-ficção, História, Memórias

Narra um dos momentos trágicos da Guerra do Paraguai. Em 1867, uma coluna de soldados brasileiros foi enviada ao Mato Grosso para frear o avanço inimigo. O episódio resultou em centenas de mortes.

Quem indicou
Marcos Tereza

A REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL

Florestan Fernandes
1974, Contracorrente, 432 págs., Não-ficção, Sociologia

O livro, publicado dez anos após o golpe militar de 1964, recorre à sociologia para explicar os fundamentos do Estado autoritário.

Quem indicou
Antonio Risério

RONDON, UMA BIOGRAFIA

Larry Rohrer
2019, Companhia das Letras (selo Objetiva), 584 págs., Não-ficção, Biografia

Mostra em detalhes a trajetória de Cândido Mariano da Silva Rondon, engenheiro militar e sertanista que conquistou o respeito de dezenas de populações indígenas. Seu extenso trabalho resultou num importante legado para as regiões Norte e Centro-Oeste.

Quem indicou
Natalia Viana

A ROSA DO POVO

Carlos Drummond de Andrade
1945, Record, Ficção, Poesia

Do Rio de Janeiro, o poeta escreve sobre o mundo atingido pela Segunda Guerra Mundial. Entre os poemas, estão "Procura da Poesia", "A Flor e a Náusea" e "Retrato de Família".

Quem indicou
Noemi Jaffe

TEXTOS INDIGENISTAS

Curt Nimuendajú
1982, Fora de catálogo, Não-ficção, Etnografia

São nove textos do etnólogo alemão, naturalizado brasileiro. Inclui relatórios, monografias e cartas publicadas entre 1910 e 1945 a partir das experiências de Nimuendajú com diferentes povos indígenas do país.

Quem indicou
Rubens Valente

TORNAR-SE NEGRO: OU AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO

Neusa Santos Souza
1983, Companhia das Letras (selo Zahar), 176 págs., Não-ficção, Psicologia social

O livro teve papel pioneiro ao conectar raça e psicanálise, trazendo, a partir de dez depoimentos, contribuições que discutem o efeito psicológico do racismo na população negra brasileira.

Quem indicou
Alé Santos

TRÊS MULHERES DE TRÊS PPPIES

Paulo Emilio Sales Gomes
1977, Companhia das Letras, 160 págs., Ficção, Novela

Composto por três novelas narradas pelo mesmo personagem, o rico Polydoro, o livro satiriza a alta sociedade paulistana.

Quem indicou
Ricardo Teperman

O TURISTA APRENDEZ

Mário de Andrade
1976, Iphan, 466 págs., Não-ficção, Diário, Crônica

Conta as experiências e descobertas do autor modernista nas viagens que fez pelo norte do país, alcançando ainda Peru e Bolívia.

Quem indicou
Maurio Munhoz

VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL

Jean-Baptiste Debret
1839, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 160 págs., Não-ficção, Iconografia

Album iconográfico do pintor e desenhista que, em 1816, desembarcou no Brasil como parte da missão artística francesa. Livro reúne gravuras, litografias e aquarelas.

Quem indicou
Manuela Carneiro da Cunha

VIÇÕES DO PARAÍSO

Sérgio Buarque de Holanda
1959, Companhia das Letras, 600 págs., Não-ficção, História

Originalmente defendido como tese na USP, discute o imaginário do colonizador da América, povoado por mitos e visões idílicas.

Quem indicou
Evaldo Cabral de Mello

VISTA CHINESA

Tatiana Salem Levy
2021, Todavia, 112 págs., Ficção, Romance

Em 2014, no Rio de Janeiro que se preparava para a Copa do Mundo, uma mulher é estuprada. A ficção parte de um evento real para discutir questões pessoais e políticas.

Quem indicou
Anabela Mota Ribeiro

Quem indicou

S

Sabrina Fidalgo
Cineasta e atriz, dirigiu filmes como "Alfama" e "Rainha".

Samela Awliá

Assista do movimento Fridays For Future Brasil e comunicadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib).

Schneider Carpegiani

Editor do Suplemento Pernambuco e da Cerebra Editora.

Sérgio Abranches
Centrista político, é autor de "Presidencialismo de Coalizão" e colunista da rádio CBN.

Sérgio Augusto
Jornalista e escritor, é colunista do jornal O Estado de S. Paulo.

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, é autor de "O Double" e "A Visita de João Gilberto aos Nove Baianos", e colunista da Folha.

Silviano Santiago
Ensaísta e romancista, é professor emérito da UFF e autor de livros como "Machado" e "Em Liberdade".

Silvio Almeida
Advogado e jornalista, é professor da Foz, presidente do Instituto Luta, Gama e colunista da Folha.

Siobhán
Indígena do povo Piratupá, é empreendedor e diretor criativo da marca Piratupá.

Stephanie Borges

Jornalista, poeta e tradutora, é autora de "Talvez Preciseiros: de um Nome Para Issa".

T

Tati Bernardi
Escritora e roteirista, é colunista da Folha.

Thiago Nogueira
Curador e editor, dirige o departamento de fotografia contemporânea do IMA e é editor-chefe da revista ZUM.

Tiago Rogério
Jornalista, é idealizador e apresentador dos podcasts Vidas Negras e Negra Voz.

Tom Fariás
Jornalista e escritor, é autor de "Carolina: Uma Biografia" e colunista da Folha.

U

Ubiratan Brasil
Editor no jornal O Estado de S. Paulo e colunista da Rádio Eldorado.

V

Vazilgton Pataxó
Médico de família e indígena do povo pataxó.

W

Waldiceu Nogueira Galvão
Professora emérita de teoria literária e literatura comparada da USP e ensaísta.

Wander Melo Miranda
Professor emérito da Faculdade de Letras da UFMG e ex-diretor da editora UFMG.

Whymyra Albuquerque
Hespanhadora, é professora da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e coautora de "Uma História da Cultura Afro-Brasileira".

Y

Yaguarê Yamô
Escritor, artista plástico e ilustrador.

Z

Zélia Duncan
Compositora e cantora.

Zezé Norta
Atriz e cantora.

Zuenir Ventura
Jornalista e escritor, é colunista do jornal O Globo e autor de livros como "1968 - O Ano que Não Terminou".

independência, 200 200 anos, 200 livros

‘Quarto de Despejo’ revela Brasil das maiorias

Livro da escritora mineira Carolina Maria de Jesus é o mais indicado entre as 200 obras para compreender o país



A escritora Carolina Maria de Jesus em 1960, ano em que lançou “Quarto de Despejo”, “obra fundamental”, segundo Fernanda Miranda

Arquivo UFF - 24 ago.1960 / Folha Press

Denise Mota

MONTEVIDÉU Passadas seis décadas de sua primeira publicação, “Quarto de Despejo” — Diário de uma Favelada — permanece intacto como um dos retratos mais verticais e descarnados do que é ser preto, pobre e mulher no Brasil.

O livro de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi o mais indicado por intelectuais no projeto 200 anos, 200 livros. Eles foram convidados a apontar as principais obras para entender o Brasil.

Editado em 1960 e com mais de 1 milhão de exemplares vendidos, o livro tirou do anonimato uma prolífica autora, que expressou nessa estreia a aridez do subsolo da pirâmide social: a pobreza vista

de frente, a sobrevivência a partir de restos recicláveis, a solidão de uma mulher negra em sua luta contra vulnerações a cada esquina e para criar com dignidade filhos aos quais não sabe se poderá garantir nem comida, quem dirá futuro.

“Quarto de Despejo” mostra o tempo todo uma mulher negra pensando, elaborando, expressando suas opiniões e experiências no mundo. É uma obra fundamental, um livro que está sempre vivo porque tudo o que houve ali permanece latente na nossa experiência social”, afirma a **Folha** Fernanda Miranda, doutora em letras pela USP e integrante do conselho editorial responsável pela publicação de obras de Carolina pela

Companhia das Letras.

Mais de meio século depois da primeira impressão, a partir da apresentação dos textos, por parte da escritora, ao jornalista Audílio Dantas — em uma parceria não isenta de conflitos, mas que levaria Carolina ao sucesso editorial no Brasil e no exterior —, o diário e esforços de reedição e edição de novos conteúdos vão revelando que o primogênito livro da mineira é também um portão para adentrar um rico universo que não dialoga só com a literatura.

Como uma espécie de “feminista negra avant la lettre”, a autora “voltou à cena crítica, que atualmente a coloca como protagonista das discussões também em outros debates, como meio ambiente, proble-

mas migratórios, urbanização e sobretudo relações de classe e etnias”, afirma o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, que trabalha no projeto de publicar “Quarto de Despejo” em versão integral e em três volumes, com análises e sem os cortes promovidos por Audílio Dantas na versão de 1960.

Trata-se “dos mais expressivos textos produzidos pela cultura popular e por isso imprescindível”, diz Meihy. “Novas edições completas exigirão novas soluções analíticas e certamente grupos atualizados hão de se valer de novas revelações que correm por conta da leitura política do livro, muito além do enquadramento literário”.

“É um livro perene, como

“Carolina tem uma frase que gosto de repetir: ‘Escreve quem quer’. Essa perspectiva é revolucionária quando pensamos no sistema das letras no Brasil, que sempre operou a partir de silenciamentos

Fernanda Miranda
doutora em letras pela USP e especialista na obra da autora

as maiores obras dos grandes autores internacionais ou nacionais que conhecemos”, complementa Tom Farias, autor de “Carolina, uma Biografia” (2018).

“Ela extrapola todos os parâmetros do que podemos pensar, pela falta de acesso à alta formação acadêmica e relacionamento aos meios culturais”, pondera. “Mesmo assim, consegue produzir uma obra original, transformando dor em protesto, angústia em arte literária, e se tornando uma das mais poderosas vozes no campo da literatura brasileira com forte projeto internacional”.

A recepção do relato da autora dentro e fora de casa — foi editado da Turquia ao Japão — encerra um “paradoxo”, classifica Meihy, ao refletir sobre os diferentes caminhos que a obra trilhou e sobre a amplitude de leituras existentes sobre Carolina, uma realidade mundial que só agora vem ganhando espaço local.

“No Brasil, na intermitência das diversas edições e na sucessão dos renascimentos do livro, o debate ficou muito por conta da leitura literária da obra, como se os diários fossem campo exclusivo da literatura. Tem demorado muito para que haja variação desse pressuposto”, diz ele.

“Apenas recentemente temos acatado os diários como documentos abertos, fonte para diferentes estudos. No exterior, a rota de ‘Quarto de Despejo’ seguiu outra orientação, mais aberta e variada, sobretudo sem interrupções”.

Autora do prefácio de “Quarto de Despejo” quando a obra saiu pela primeira vez em Portugal, em 2020, Miranda recorda que a mineira sempre “foi lida pelo mundo” porque “o mundo carece de elaborações assim, pungentes e refinadas como as dela”.

Também autora de “Silêncios Pré-escritos: Estudos de Romances de Autoras Negras Brasileiras”, Miranda destaca ainda o caráter “revolucionário” do legado de Carolina.

“Ela é paradigmática, um ponto de partida para uma outra experiência literária no Brasil. Carolina tem uma frase que gosto sempre de repetir: ‘Escreve quem quer’. Essa perspectiva é revolucionária quando pensamos no sistema das letras no Brasil, que sempre operou a partir de silenciamentos, de perspectivas que tornavam legítima apenas uma voz”, analisa.

“Carolina Maria de Jesus abre essa estrada no sentido de dizer que a literatura é um bem comum, o direito a significar, não só à escrita”.

Veja outras informações sobre “Quarto de Despejo” na pág. 2

Lista de 200 livros é um reflexo do peso cada vez maior da questão racial no país

ANÁLISE

Bernardo Aizenberg
Escritor, tradutor e letrado,
ex-embaixador da Folha

SÃO PAULO Listas costumam refletir o humor do tempo. Serão diferentes conforme a época, os debates em curso, os problemas agudos e prementes, as modas ou as menos preocupações mais ou menos pontuais nas áreas cultural, política, econômica e social.

Nesta relação de obras do projeto 200 anos, 200 livros, essa característica aparece de forma gritante.

Não estamos falando dos 200 melhores livros publicados em dois séculos no país, mas de obras que, na visão de especialistas, independentemente muitas vezes de seu mérito literário, conseguem expressar ou traduzir o que constitui esta nação, de qual barro ela é formada, como se desenvolveu essa construção inacabada, tortuosa, e qual o olhar de momento lançado sobre sua existência.

Não por acaso, o nome mais citado, de longe, é o de Carolina Maria de Jesus. Esse fato parece derivar do peso crescente que a questão racial adquiriu nos enfrentamentos públicos dos últimos anos no país — e no mundo —, o que explica em grande parte, também, a presença na lista de nomes atuais como Conceição Evaristo, Silvio Almeida, Sueli Carneiro, Jefferson

Tenório, Djamilia Ribeiro, Itamar Vieira Jr. ou Milton Santos e Abdias Nascimento, entre outros, além dos autores negros clássicos, como Lima Barreto, Cruz e Souza e Machado de Assis.

Essa saudável revisão histórica justifica também a quantidade expressiva de obras referentes à escravidão, ao abolicionismo, ao racismo estrutural, a rebeliões negras e às condições precaríssimas de vida típicas de uma parcela enorme da população.

Trata-se de uma questão urgente que tardou para receber o espaço merecido em qualquer discussão sobre a história e a formação do país.

A lista dá conta também de questões como violência urba-

na e vida nas favelas ou nas periferias urbanas de um modo geral, representadas por nomes como Paulo Lins ou Ferréz (além de Carolina) e pela poesia cortante dos Racionais.

O impacto das discussões do momento se apresenta, na forte presença de autores de origem indígena, com destaque para Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Daniel Munduruku. Com efeito, foi só nos últimos anos que a própria existência dessas obras ou desses autores chegou ao conhecimento do “grande público” e aos bancos acadêmicos.

O mesmo se pode dizer em relação à participação feminina. Embora ainda minoritária, ela é expressiva: 34 das

200 obras são de mulheres, fração provavelmente impensável se a escolha tivesse sido feita, digamos, 30 anos atrás. Sem considerar a temática do feminismo, presente com ênfase na lista.

Não deixa de ser curioso que mais de um terço das obras sejam de ficção, indicando o peso considerável da literatura na estruturação do país e sua imbricação na vida de seus habitantes — ou ao menos a busca, pelos autores, dessa aproximação. Jorge Amado e Graciliano Ramos comparecem com quatro livros cada um, por exemplo.

Nesse terreno, os especialistas sublinham também obras marcantes do modernismo e outras de traços intimistas da classe média urbana, como em Clarice Lispector, Lúcio Cardoso ou Oswald de Andrade.

Desse levantamento, que perfaz a bibliografia para um verdadeiro curso sobre o Brasil, fazem parte, ainda, obras

sobre futebol, artes plásticas, folclore, cinema, ciência, teatro, música, sincretismo religioso, vida rural, sistema prisional, o poder estrutural das elites, disparidades regionais, fluxos migratórios ou imigrações e as ditaduras vividas no país sob a República.

Diante de um território tão vasto e diversificado, talvez seja querer demais que uma seleção de conta de todos os pontos. Cabe registrar, de todo modo, a ausência de temas como arquitetura, imprensa, rádio e TV, igrejas — católicas, evangélicas ou pentecostais — ou de biografias de figuras que refletem intensamente uma ou outra época, como Oscar Niemeyer, Villa-Lobos, Luiz Gonzaga, Tiradentes, Xica da Silva, Pagu ou Carlos Marighella. Fica o registro.

Dica para editores: 27 dos 200 livros relacionados estão fora de catálogo; e 34 estão sob domínio público. Um pomar amplo e apetitoso para colher grandiosas frutas.

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

FOCO
NOS
BAIRROS
VILA MARIANA

Lazer
Confira bares,
restaurantes e
centros culturais
Pág. 4



Shutterstock

Qualidade de vida na Vila Mariana

Bairro nobre de São Paulo está ao lado do maior parque da cidade e ainda oferece infraestrutura, lazer e boa gastronomia

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo - caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007. Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Flápe Rocha. Jornalista responsável: Vagunaldo Manhães.

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

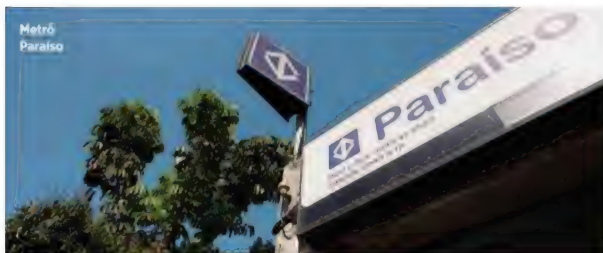
Eduardo Knapp/Folhapress



Vista aérea da região da av. 23 de Maio, sentido Ibirapuera

O melhor dos dois mundos

Região privilegiada entre Vila Mariana e Ibirapuera une serviços e qualidade de vida em São Paulo



Emiliano Capozzi/Estúdio Folha

Poder caminhar no parque antes ou depois de um dia intenso de trabalho é privilégio para poucos em uma cidade como São Paulo. No Ibirapuera, então, é ainda melhor.

Oásis paulista, o maior parque da América Latina conserva 178 hectares de áreas verdes, lagos, animais e alguns dos museus mais importantes do país como o MAM, o Museu Afro Brasil e o Museu de Arte Contemporânea.

É destino de 40 mil paulistanos todo fim de semana, que não só procuram se exercitar, mas também assistir espetáculos culturais, seja na Bienal, no MAM ou no Auditório, todos com curadoria impecável de shows e demais exposições artísticas.

Com pistas de ciclismo, corrida, espaços abertos para a prática de ioga ou demais exercícios, o parque é acessível para todas as idades.

Localizado ao largo da Vila Mariana, está tanto próximo da região central da cidade quanto da Zona Sul, com fácil acesso via transporte público ou particular. Além do parque, a Vila Ma-

riana une o que tem de melhor em São Paulo, isto é, o conforto de uma área residencial com a conveniência de serviços como centros de compras, bares e restaurantes.

Casa de alguns dos melhores hospitais da cidade como o Hospital 9 de Julho, o AC Camargo, a Beneficência Portuguesa e o Hospital São Paulo, a Vila Mariana também abriga faculdades como a ESPM e a Belas Artes. Outras instituições de ensino e colégios de ponta como o Colégio Bandeirantes e o Arquidiocesano também estão próximos ao bairro.

Tem, ainda, uma cena boêmia divertida e diversa, oferecendo comida e bebida para todos os gostos. Vale conferir a coxinha do Veloso, o hambúrguer premiado do Big Kahuna e experimentar a carta de cervejas artesanais na Let's Beer. Recentemente o bairro ganhou um bar de coquetéis com um bartender renomado, o Cariri, do paraibano Marquinhos Félix.

Além disso, o bairro possui centros culturais como o CCSP e o Sesc Vila Mariana.

É adjacente à Avenida Paulista, que possui um dos mini centros urbanos mais importantes da capital, com escritórios, cinemas, shoppings, restaurantes e áreas de recreação como parques e o programa de ruas abertas aos domingos.

Além de ser um pólo de qualidade de vida, a Vila Mariana tem uma localização ímpar com mobilidade urbana excelente, sendo próxima a avenidas arteriais da cidade como a 23 de Maio, a Vergueiro e a já citada Avenida Paulista. Do lado das linhas azul e verde do metrô, o bairro é ideal para quem busca qualidade de vida, lazer e também sossego.

Imagem Ilustrativa

Imagem Ilustrativa

Perspectiva Ilustrada da Fachada

LANÇAMENTO
OBRAS EM ANDAMENTO

park 183
IBIRAPUERA

A experiência de uma
vida contemporânea

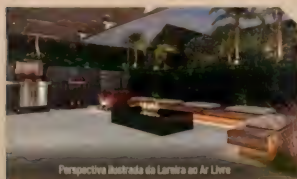
Perspectiva Ilustrada do Parkib.com Deck Terrace

47 e 52 m²
Garden e Triplex

1 ou 2
dorms.

1 e 2
vagas
de garagem

More entre o **Parque do Ibirapuera**
e o **melhor da Vila Mariana**, rodeado de verde,
praticidade, conveniência e conforto.



Perspectiva Ilustrada do Lazer ao Ar Livre



Perspectiva Ilustrada do Co-working



Perspectiva Ilustrada do Espaço Gourmet



Perspectiva Ilustrada do Mini Market

- 1 torre exclusiva
- 8 minutos até o Parque Ibirapuera
- 3 opções de plantas

park183ibirapuera.com.br

Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 183
Vila Mariana

4293.0482

Realização **solv.**

PARK 183 (LARGO VILA PARQUE) SPE LTDA - Incorporação registrada no 9º Oficial de Registro do Imóvel de São Paulo - SP, sob o número 9-4 da matrícula 123.535 em 24/03/2022. Todos os valores desta empresa são meramente ilustrativos, sujeitos a alteração. Os acionistas, quantidade de imóveis, equipamentos e conteúdos serão entregues conforme o Memorial Descritivo de empreendimento e projeto de decoração. Os imóveis e conteúdos são sugeridos de decoração com dimensões comerciais e não fazem parte do controle de entrega da unidade autônoma e áreas comuns do empreendimento. Os materiais de acabamento serão entregues conforme o memorial descritivo. A vegetação entregue será composta de plantas bem formadas, conforme especificação no projeto executivo de paisagismo, sendo suas imagens a representação da fase adulta dos espécimes, podendo apresentar diferenças de tamanho e porte. Integração: Kacimab Soluções Imobiliárias Ltda. Rua Caramuru, 427 - cj 83 - São Paulo - SP - Cep 04388-000 CNPJ: 24.541.094/0001-45 - CRI 02.78.839-2.

Estúdio **FOLHA** : APRESENTA

Let's Beer/Divulgação

**SESC VILA MARIANA**

Tradicional espaço cultural da cidade, o Sesc traz programação diversa a preços acessíveis. Vale conferir a agenda em www.sescsp.org.br/unidades. **R. Pelotas, 141; tel.: (11) 5080-3000**

CCSP

Espaço que abraça a juventude de São Paulo, o Centro Cultural São Paulo tem shows, eventos e até oficinas abertas para o público. **R. Vergueiro, 1000; tel.: (11) 3397-4002**



Emiliano Capozzi/Estúdio Folha

Para todos

Bairro oferece lazer e boa gastronomia a preços acessíveis

LET'S BEER

Bar de cervejas artesanais com vasta carta para consumo local e para levar. A casa também serve comida como hambúrgueres e porções. **R. Joaquim Távora, 961; tel.: (11) 93072-6192**

BAR VELOSO

Queridinho do bairro, o Veloso é um bar clássico e famoso por suas caipirinhas, coxinhas, e demais comidinhas de boteco. Perto do metrô Ana Rosa, convém chegar cedo. **R. Conceição Veloso, 54**

BAR CARIRI

O mais novo bar de coquetéis da região traz drinks assinados pelo bartender Marquinhos Felix. Vale experimentar o drink autoral que leva o mesmo nome da casa com cachaça, vermute, Cynar, limão cravo e bitter de aipo. **R. França Pinto, 1.140; tel.: (11) 98499-9153**

ESCONDERIJO JUAN CALOTO

Inspirado em clássicos do faroeste, o novo espaço da cervejaria Juan Caloto habita a Vila Mariana desde novembro do ano passado. Pequeno e aconchegante, o esconderijo oferece cervejas artesanais da marca e petiscos. **R. Gandavo, 398; tel.: (11) 97269-7085**

Bar Veloso/Divulgação

**MAM**

Dos museus mais importantes da cidade, o MAM traz exposições de arte moderna com arquitetura ímpar. Vale também conferir o restaurante. **Av. Pedro Álvares Cabral, s/n; tel.: (11) 5085-1300**

BIG KAHUNA

Clássica hamburgueria na Alameda Lorena tem tema inspirado em filmes do diretor Quentin Tarantino, a casa já ganhou dois prêmios de melhor hambúrguer da cidade. **Alameda Lorena, 53; tel.: (11) 3051-6268**

Estúdio **FOLHA** :Ateliê de produção de conteúdo em todas as plataformas | ESTUDIO.FOLHA.COM.BR | TEL.: 3224-4731

Estúdio**FOLHA** : APRESENTA



Lazer
Confira
opções de bares,
restaurantes e cultura
Pág. 4



Vista aérea
do Largo do
Arouche, na
República

Flavio Florido/Folhapress

República de oportunidades

Região no centro de São Paulo reúne cultura, investimentos,
gastronomia e comércio

Este é um exemplar cortesia da Folha de S. Paulo - caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei nº 14.570/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007. Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S. Paulo. Diagramação: Flávia Rocha. Jornalista responsável: Vagneraldo Maninho.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Tudo e mais um pouco

No coração de São Paulo, o bairro da República é uma das regiões mais expressivas da cidade

Um hub de negócios, turismo, investimentos e lazer. Assim é conhecida a República, região de São Paulo que passou por uma série de revitalizações na última década.

Com fácil acesso para tudo que a cidade tem de melhor, o bairro é conhecido por seus bares, seus centros comerciais e suas áreas de lazer.

É um lugar plural, diverso, vivo e pulsante, que recebe grande parte dos 2,5 milhões de estrangeiros que vêm à São Paulo anualmente.

Com localização central e uma mobilidade urbana impar, a República atrai tanto quem vem à cidade para fazer negócios como quem vem de fora para aproveitar os eventos que só São Paulo proporciona.

A Virada Cultural, a São Paulo Fashion Week, a Parada do Orgulho LGBT, a Bienal de Arte, a Bienal do Livro, o Salão do Automóvel, o Carnaval e o GP Brasil de Fórmula 1 são apenas alguns deles.

O bairro também fica próximo a museus e centros culturais importantes da cidade como a Pinacoteca, o MASP, o CCBB, o Farol Santander e outros.

É também um local de fácil acesso a grandes centros comer-

ciais como a José Paulino e a Rua 25 de Março, artérias do Brás, da Santa Ifigênia e do Bom Retiro.

Não à toa, a República é uma região ideal para quem quer aplicar em novos modelos de negócio, principalmente no que tange à indústria hoteleira.

É um ambiente propício para quem quer investir em conceitos como o de multipropriedade, um modelo diferente de aquisição de patrimônio em que o proprietário compra uma unidade hoteleira por determinada fração de tempo.

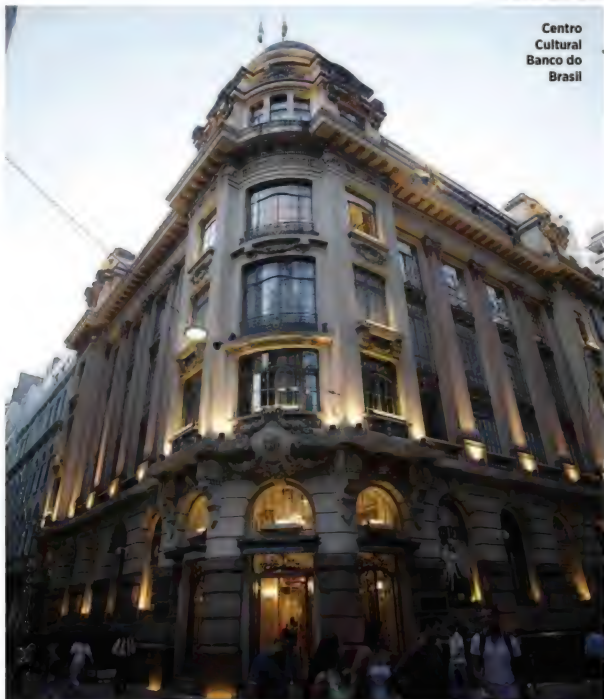
Futuro do mercado imobiliário, a multipropriedade está baseada no conceito de time sharing, onde o proprietário paga por uma parte de um imóvel para utilizá-lo por um determinado período de tempo.

O modelo, consagrado por grandes empreendimentos ao redor do mundo, permite que o proprietário utilize a unidade ao mesmo tempo em que obtém rendimentos com o lucro do hotel.

É um investimento moderno e prático, ideal para vários perfis de compradores: pessoas que viajam a negócios, comerciantes que querem obter rendimentos de maneiras variadas, nômades digitais e outros.

Lucas Lima/Folhapress

Centro
Cultural
Banco do
Brasil



All Ribeiro/Folhapress



Prédio da
Secretaria de
Educação do
Estado de São
Paulo, na praça
da República

GO TO THE FUTURE

OBRAS EM ANDAMENTO

O mundo mudou,
e a sua forma de investir, também.

GO INN

REPÚBLICA - SÃO PAULO

Seja dono de um imóvel
e faça seu dinheiro trabalhar
por você por apenas

R\$ 266,00 MENSAIS



Marca afiliada

Radisson

Hilton Garden Inn

RAMADA

Go Inn

GO INN



"Seja sócio do GO INN República-São Paulo e adquira a sua fração de uma unidade hoteleira, com escritura em seu nome. É a oportunidade de aumentar seu patrimônio e obter rendimentos com os lucros do hotel. Um negócio autorizado pela CVM e gerido pela *Atlantica Hotels*."

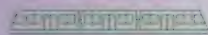
Bernardo Pasconitch

Entre em contato e saiba
tudo sobre esse novo
formato de investimento

(11) 3025.9210
Av. República do Líbano, 1214

Uma localização inteligente
para um investimento eficiente

Rua Aurora, 1011



A 150 metros do Metrô República

Realização:

Gafisa

A PRESENTE OFERTA FOI DISPENSADA DO REGISTRO PELA CVM. A CVM NÃO GARANTE A VERACIDADE DAS INFORMAÇÕES PRESTADAS PELOS OFERTANTES NEM JULGA A SUA QUALIDADE OU A DOS CONTRATOS DE INVESTIMENTO COLETIVO OFERTADOS. ANTES DE ACEITAR A OFERTA, LEIA COM ATENÇÃO OS FATORES DE RISCOS, O PROSPECTO RESUMIDO E O ESTUDO DE VIABILIDADE NO SITE GAFISA.COM.BR. *VALOR É DE VIABILIDADE (COM COMISSÃO E SEM MARGEM), PARA UNIDADES DE 18M² NA TABELA LONGA.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

LA CASSEROLE

Dos mais tradicionais restaurantes da cidade, o francês no Arouche é um ambiente propício para uma reunião de negócios ou um almoço em família. **Largo do Arouche, 346; tel.: (11) 3331-6283**

Z DELI

Sanduíches, hambúrgueres, cerveja artesanal e ambiente descolado são marca registrada do Z Deli. **R. Bento Freitas, 314; tel.: (11) 3129-3162**

CCBB

Inestimável patrimônio histórico da cidade, o Centro Cultural Banco do Brasil abriga exposições temporárias gratuitas ou com preços acessíveis. **R. Álvares Penteado, 112; tel.: (11) 4297-0600**

BAR DA DONA ONÇA

Reduto da boemia paulistana, reúne comida de boteco com alguns dos pratos mais característicos da cozinha brasileira. **Av. Ipiranga, 200; tel.: (11) 3257-2016**

PONTO CHIC

Com mais de 100 anos de história, a tradicional lanchonete da cidade é também conhecida como "o melhor sanduíche bauru de São Paulo". **Largo do Paissandu, 27; tel.: (11) 3222-6528**

FAROL SANTANDER

Ao lado do Mosteiro de São Bento, o espaço cultural reúne atrações sazonais e um acervo fixo de terça a domingo. **R. João Bricola, 24; tel.: (11) 3553-5627**

CAFÉ FLORESTA

Quase um patrimônio histórico da região, o Café Floresta é um pit stop obrigatório dos amantes do centro de São Paulo. **Av. Ipiranga, 200; tel.: (11) 3259-8416**

TÉRREO BAR

Hype sem ser pretensioso, o bar é famoso pela carta de coquetéis e o banheiro cenográfico. **Largo do Arouche, 77**

Le Casserole/Divulgação



Requinte e relax



A Casa do Porco/Divulgação

Confira opções de bares, restaurantes e programas culturais na região da República

A CASA DO PORCO

Restaurante onde o porco é protagonista, a casa oferece alta gastronomia a preços acessíveis. Considerado o 4º melhor restaurante da América Latina. **R. Araújo, 124; tel.: (11) 3258-2578**

Estúdio**FOLHA** : APRESENTA

FOCO

NOS
BAIROS
VILA MARIANAParque da
Aclimação

Vila Mariana

Johnny Mazzilli/Estúdio Folha

Sinônimo de morar bem

Bairro se destaca pela infraestrutura, com vasta oferta de comércio, serviços e opções de lazer, além da localização privilegiada e segurança

Morar

Empreendimento reúne tecnologia, praticidade e conforto

Pág. 4

Para comer

Bairro se destaca com restaurantes e bares que atendem aos mais variados perfis

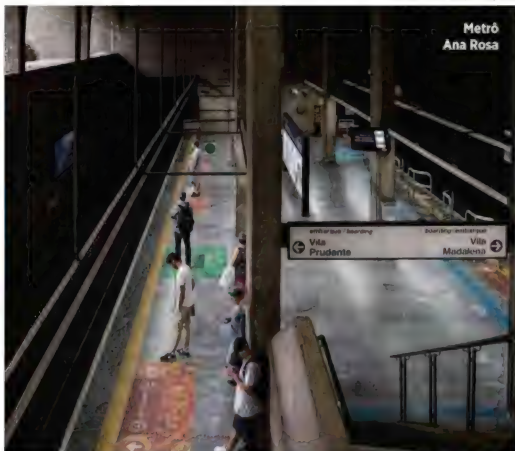
Pág. 6

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

Emiliano Capozoli/Estúdio Folha



Zanone Fraissat/Folhapress



Rivaldo Gomes/Folhapress

Bairro queridinho dos paulistanos



Av. 23 de Maio

Vila Mariana já se consagrou como um dos bairros mais seguros e tranquilos de São Paulo, com localização privilegiada, excelente mobilidade e vasta oferta de comércio e lazer

Um dos bairros mais queridos de São Paulo, a Vila Mariana é bem localizada, tem ruas e praças tranquilas, oferece diversas opções de lazer, gastronomia e serviços e está situada entre dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

Além de tudo isso, é considerado um dos mais seguros, de acordo com ranking do Instituto Sou da Paz.

Morar na Vila Mariana é ter a certeza de chegar com facilidade a diversos pontos da cidade, já que o bairro é servido por três estações de metrô (Paraisópolis, Ana

Rosa e Vila Mariana, que dão acesso às linhas 1-azul, 2-verde e 3-vermelha, 4-amarela e 5-lilás) e dezenas de linhas de ônibus.

Importantes vias como as ruas Sena Madureira, Domingos de Morais e Vergueiro e as avenidas Lins de Vasconcellos e 23 de Maio servem o bairro. O acesso à avenida Paulista e à Faria Lima, dois dos principais centros de comércio e negócios da capital, é fácil e rápido.

Com excelente infraestrutura de comércio e serviços, o morador da Vila Mariana consegue resolver todas as demandas do cotidiano sem sair do bairro.

A região abriga supermercados como Pão de Açúcar, Extra, Carrefour e Dia, empórios, padarias, pet shops, bancos e farmácias, entre outros serviços.

Os shoppings completam as ofertas de comércio. O Shopping Metrô Santa Cruz tem

mais de 120 lojas, dois ambientes de praça de alimentação e 10 salas de cinema em formato "all stadium", com capacidade para mais de 2.500 pessoas.

Localizado no início da avenida Paulista, o Shopping Pátio Paulista está muito próximo à Vila Mariana e pode ser acessado em poucos minutos de carro ou de metrô. Tem mais de 270 lojas, 51 restaurantes, sete salas Multiplex, a Rede Cinemark, e duas salas vip PlayArte Splendor, da Rede PlayArte.

CULTURA E LAZER

A Vila Mariana oferece ótimas atrações de lazer. A Cinemateca Brasileira é uma delas. Lá, é possível conhecer a memória do audiovisual brasileiro. No local costumam ser exibidos filmes raros e clássicos, além

de filmes brasileiros atuais. O acervo tem mais de 200 filmes, sendo os mais antigos de 1895.

Já o Sesc Vila Mariana abriga shows, peças teatrais e exposições. O Museu Lasar Segall conta com o acervo do pintor lituano, um dos primeiros artistas modernistas a expor no país, e oferece atividades educativas, culturais, exposições de filmes e biblioteca.

A poucos minutos do bairro estão alguns dos melhores museus da cidade, como o Masp, na Paulista, os Museus de Arte Moderna (MAM), de Arte Contemporânea (MAC), o Afro Brasil e a Fundação Bienal, palco de importantes exposições, no Ibirapuera.

A Japan House e o Centro Cultural São Paulo também estão localizados nos arredores da Vila Mariana.

Estúdio**FOLHA** : APRESENTAParque da
Aclimação

Daniel Verpa/Folhapress

Verde é o que não falta na Vila Mariana. Além de ser uma das regiões mais arborizadas de São Paulo, é cercada por dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

O parque Ibirapuera, um dos principais cartões-postais de São Paulo, proporciona lazer e contato com a natureza aos moradores do bairro, além de ser um dos destinos mais procurados pela população paulistana e uma das mais importantes áreas verdes, de cultura e de lazer da cidade.

O local, com 1,5 milhão de metros quadrados, é um espaço completo para entretenimento com lindas paisagens, ruas e trilhas para corrida, caminhada e passeios de bike, playgrounds, quadras, jardins e muitas outras atrações.

O Ibirapuera abriga importantes museus e espaços culturais, como o Museu de Arte Moderna (MAM), de Arte Contemporânea (MAC) e Afro Brasil, além da Fundação Bial.

O auditório Ibirapuera tem capacidade para receber 800 pessoas na plateia. Mas também consegue proporcionar espetáculos maiores graças a um mecanismo no fundo do palco, que o abre para o gramado.

Os prédios do parque são marcos arquitetônicos. Projetados por Oscar Niemeyer, os cinco edifícios culturais são conectados por uma marquise sinuosa, mantendo harmonia com o paisagismo. O pavilhão de exposições conhecido como Oca, com sua planta circular, destaca-se na paisagem.

Construção mais recente, o auditório Oscar Niemeyer, mais conhecido como auditório Ibirapuera, também tem arqui-



Junto à natureza

Parques do Ibirapuera e da Aclimação oferecem bem-estar e lazer aos moradores da Vila Mariana

tetura marcante, em formato triangular e branco, tem uma onda vermelha na entrada.

VERDE E LAZER

Com áreas verdes e belas paisagens, o Ibirapuera atrai também quem está em busca de descanso. O parque possui diversos espaços para contemplação, como o entorno do lago e as praças da Paz, do Porquinho e Burle Marx.

O Pavilhão Japonês, com seu belo edifício e lago de car-

pas, também é um ótimo local para quem quer fugir da cidade. Ele foi inspirado em uma residência de verão do imperador japonês, construída em 1620, em Quioto.

Diversos grupos se reúnem no Ibirapuera para aulas de ioga, mahamudra e tai chi chuan, entre outras práticas.

O Ibirapuera também é um ótimo destino para quem gosta de boa gastronomia.

O restaurante Prêt, no MAM, oferece um cardápio

contemporâneo com ótimos vinhos e sobremesas.

No Vista, localizado no MAC, o chef Marcelo Corrêa Bastos apresenta sabores de todos os cantos do país, utilizando ingredientes nacionais e apresentações únicas. O restaurante tem uma bela vista do parque.

ACLIMAÇÃO

Com seu icônico lago, o parque da Aclimação permite ao visitante contato com a natureza e momentos de calma durante o passeio por seus 112 mil metros quadrados.

Sua flora é composta por bosques que abrigam espécies como eucalipto, ipê-branco, jacarandá, cedro, pau-brasil e pinheiro-do-paraná.

Para quem quer apenas desfrutar de momentos de tranquilidade em meio à natureza ou relaxar lendo um bom

livro, o parque dispõe de um jardim japonês com espelho d'água e de uma biblioteca temática sobre meio ambiente.

O parque da Aclimação conta com atrações como lago, playground, espaço para piquenique, pista de corrida, concha acústica e campo de futebol.

Com uma área ampla, gramados convidativos, aparelhos de ginástica (barras) e pista para cooper e caminhada, o parque é muito procurado por moradores para a prática de corrida e de exercícios. Alguns grupos, orientados por professores, praticam atividades como ioga e meditação.

Há também um cachorródromo, um espaço exclusivamente reservado para os cães com uma extensa área composta por árvores para os animais brincarem, praticarem exercícios e se divertirem livremente.

Estúdio **FOLHA** : **Gafisa** APRESENTAM

Fotos Gafisa/Divulgação



Perspectiva
ilustrada do
decorado Evolve
Vila Mariana

Em uma localização privilegiada de São Paulo, o Evolve Vila Mariana reúne tecnologia, praticidade e muito conforto

Sofisticação, exclusividade e localização única se unem no novo empreendimento da Gafisa na Vila Mariana.

O Evolve Vila Mariana é um ícone que vai transformar o bairro, um dos mais valorizados da cidade, com apartamentos que reúnem tecnologia, praticidade e muito conforto. O Evolve Vila Mariana está localizado na rua Manoel de Paiva, 120, um endereço privilegiado, tranquilo e perto de tudo.

Com uma fachada imponente e moderna, marcada por suas linhas paralelas, o Evolve Vila Mariana será um marco em uma região que não para de evoluir.

As plantas terão 97 m², com três dormitórios (uma suíte) e



Fachada do Evolve
Vila Mariana

uma vaga de garagem, e 148 m², com três suítes, hall privativo e duas vagas de garagem.

O projeto de arquitetura é da KV - Königsberger Vannucchi; a decoração de interiores, da Basiches - Arquitetos Associados; e o paisagismo será feito pela Mera Arquitetura Paisagística.

Além de unidades residenciais sofisticadas e confortáveis, as famílias também poderão usufruir de áreas comuns e de lazer que

agregam conforto e comodidade.

O empreendimento contará com piscina e solarium, spa, lounge gourmet com terraço, salão de festas, playground e brinquedoteca.

Para solteiros ou casais sem filhos, o empreendimento terá também a opção de studios de 27 m². Para tornar o dia a dia mais prático e confortável, essa opção irá oferecer coliving, bicicletário, salão de

festas e terraço gourmet.

Além de tudo isso, a Gafisa inova e traz a opção de entregar todo o apartamento mobiliado e decorado, com o Gafisa Viver Bem. Esse é um serviço em que é possível personalizar a planta antes mesmo de pegar as chaves do apartamento. As modificações são executadas durante o período de construção e com a garantia da Gafisa. O serviço também oferece um clube de

compras exclusivo, com eletrodomésticos, decoração e muito mais com até 15% off.

O Evolve Vila Mariana está localizado a cerca de 4 minutos do parque da Aclimação, a 10 minutos do Shopping Pátio Paulista e a 15 minutos do Masp.

Ao redor, conta uma ampla oferta de comércio, serviços, lazer e áreas verdes que tornam a vida familiar ainda mais agradável.

Liderados por uma nova gestão e um time de excelência, vivenciamos um importante capítulo de transformação, iniciando uma nova fase em nossa história.

Acreditamos que sempre dá para ir além, para aperfeiçoar e surpreender. Temos a inovação e uma nova cultura como estratégias de transformação, com foco em resultados e na geração de valor para garantir a longevidade e a perpetuidade de nossos negócios.

Bem-vindo a uma **nova Gafisa**, ainda melhor e mais completa.

Reafirmamos nosso compromisso com as boas práticas ambientais, sociais e de governança e expandimos nossa política ESG, em linha com nossa vontade genuína de transformar vidas, bem como os lugares onde estamos inseridos, com transparência, credibilidade, responsabilidade e olhar para o futuro.



Para saber
mais, scaneie
o QRCode



INCORPORADORA • CONSTRUTORA • PROPRIEDADES • VIVER BEM • CAPITAL

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

Para todos os gostos

Vila Mariana é o endereço de restaurantes e bares que atendem aos mais variados perfis; rua Joaquim Távora é um dos points do bairro

PARALELO 12:27

A varanda é o local mais disputado do bar: dentro, o clima é mais sóbrio. O menu lista clássicos de boteco, como as fritas com queijo e bacon, e versões mais robustas, caso da linguça suína na chapa com queijo provolone. **R. Joaquim Távora, 1.227; tel.: 5579-1227**

DOM PANCHO

A comida tradicional do México é o foco desta casa cuja cozinha é capitaneada pelo mexicano Javier Valero. Com iluminação baixa, o local reúne pequenos grupos e casais. Dá para pedir pratos à la carte, como os tacos al pastor, com carne de porco, ou comer em sistema de rodízio. **R. Joaquim Távora, 1.315; tel.: 2538-7494**



Ligia Skowronski/Dom Pancho/Divulgação

BAR VILLA

Com clima aconchegante e decoração rústica, serve pratos à la carte, porções, petiscos, cervejas nacionais, importadas, artesanais e opções de drinks de ótima qualidade. Seja para o happy hour ou jantar, o Villa é ótimo para ir com os amigos e a família, a casa ainda conta com música ao vivo estilo pop & rock.

R. Joaquim Távora, 1.322; tel.: 95791-1137

ZINO ADEGA E RESTAURANTE

Ambiente acolhedor, com decoração rústica e quintal com mesas ao redor de um pé de carambola, serve delícias da culinária italiana. No menu se destacam as carnes, as massas e os risotos. Local ideal para jantar romântico a dois. **R. Joaquim Távora, 1.317; tel.: 99366-8070**



Bar Villa/Divulgação



Estúdio **FOLHA** APRESENTA

Leo Feltran/Veloso Bar/Divulgação

**VELOSO BAR**

Os lugares deste bar são disputados, o que faz com que surjam filas para entrar e provar a coxinha, estrela do local. Individual ou em porção, chega à mesa quentinha, com casquinha crocante e recheio cremoso de frango e Catupiry. Garçons circulam pelo salão servindo chope geladíssimo, que divide espaço com a seleção de caipirinhas, como a de tangerina com pimenta dedo-de-moça. **R. Conceição Veloso, 54**

GENUÍNO

Um dos bares mais disputados da Vila Mariana, acomoda os clientes em um quintal arborizado com teto retrátil. Chope Brahma e cervejas Colorado em garrafas de 600 ml fazem companhia para o bolinho de mandioca com costela. Queridinho, o escondidinho de carne-seca serve duas pessoas. **R. Joaquim Távora, 1.217; tel.: 5083-4040**

FORTUNATO BAR

Com decoração moderna, o bar oferece uma vasta carta de drinks, com opções como o Sage Bitter (rum, limão-siciliano, sálvia, bitter e açúcar). Para comer, serve de petiscos, como os croquetes de pernil e a polenta frita, a pratos sofisticados, caso do espagete com camarões. **R. Joaquim Távora, 1.356; tel.: 4680-2966**

CARLITOS PIZZARIA

A pizzaria mais tradicional do bairro, inaugurada em 1983, conta com mais de 60 sabores no cardápio. Serve também massa de longa fermentação. Entre as coberturas, há a Napoletana, com molho de tomate, mussarela fior di latte, alici, alho e orégano; e a Artesanal, com molho de tomate, mussarela fior di latte, linguiça e cebola-roxa. Para abrir o apetite, uma sugestão é o crostini com alecrim e sal. **R. Jorge Chammas, 364; tel.: 5579-7385**



Carlitos Pizzaria/Divulgação

BARXARÉU

Um dos picineiros da agitada rua Joaquim Távora, o boteco de esquina tem mesas na calçada e futebol na TV. As bebidas são variadas e o cardápio possui muitas opções de cervejas, servidas sempre geladas, além de uma grande variedade de petiscos e porções. Uma das especialidades é o de abóbora com carne-seca. **R. Joaquim Távora, 1.150; tel.: 5539-2444**




Barxaréu/Divulgação



EVOLVE
VILA MARIANA

UM ÍCONE QUE VAI TRANSFORMAR A VILA MARIANA



148M² - 3 SUÍTES  97M² - 3 DORMS.
(1 SUÍTE)

11 3025-9140
GAFISA.COM.BR/EVOLVE

 EVOLVE VILA MARIANA

RUA MANUEL DE PAIVA.129

REALIZAÇÃO

